

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**NICOLA JOSÉ FRATTARI NETO**

**EDUCANDÁRIO ESPÍRITA ITUIUTABANO:  
Caminhos cruzados entre a ação inovadora e sua organização  
conservadora. Ituiutaba, Minas Gerais (1954-1973)**

**(MESTRADO)**

**Uberlândia - MG  
2009**



**NICOLA JOSÉ FRATTARI NETO**

**EDUCANDÁRIO ESPÍRITA ITUIUTABANO:  
Caminhos cruzados entre a ação inovadora e sua organização  
conservadora. Ituiutaba, Minas Gerais (1954-1973)**

Dissertação apresentada como requisito parcial  
para a obtenção do título de mestre junto ao  
Programa de Pós-Graduação em Educação, sob  
a orientação do professor Dr. Carlos Henrique  
de Carvalho.

**Uberlândia - MG  
2009**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

F844e Frattari Neto, Nicola José, 1970-  
Educandário Espírita Ituiutabano : caminhos cruzados entre a ação  
inovadora e sua organização conservadora. Ituiutaba, Minas Gerais (1954-  
1973) / Nicola José Frattari Neto. - 2009.

202 f. : il.

Orientador: Carlos Henrique de Carvalho.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Progra-  
ma de Pós-Graduação em Educação.

Inclui bibliografia.

1. Educandário Ituiutabano – Educação - Teses. 3. Educação e espiritismo -  
Teses. 4. Espiritismo -Teses. I. Carvalho, Carlos Henrique de. II. Universidade  
Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. União  
da Mocidade Espírita de Ituiutaba. IV. Título.

CDU: 37.014.521

---

**NICOLA JOSÉ FRATTARI NETO**

**EDUCANDÁRIO ESPÍRITA ITUIUTABANO:  
Caminhos cruzados entre a ação inovadora e sua organização  
conservadora. Ituiutaba, Minas Gerais (1954-1973)**

Dissertação submetida à Banca de Defesa designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Uberlândia, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2009

**BANCA DE DEFESA**

---

Prof. Dr. Carlos Henrique de Carvalho – Orientador (UFU)

---

Prof. Dra. Maria Teresa Santos Cunha (UDESC)

---

Prof. Dr. Wenceslau Gonçalves Neto (UFU)



Dedico à Tia Diva,  
Minha primeira professora.  
Tânia Tiveron,  
A professora que me permitiu sonhar.  
E à “Mestra” Teresinha Carvalho,  
pelas aulas de vida.





## **AGRADECIMENTOS**

A Deus.

Ao meu orientador prof. Dr. Carlos Henrique de Carvalho, pela amizade e por me “ensinar” nas entrelinhas o que é “aprender”.

A prof. Dra. Maria Teresa Santos Cunha (UDESC), prof. Dra. Maria Helena Camara Bastos (PUC-RS) e prof. Dra. Sandra Cristina Fagundes de Lima (UFU), pelos apontamentos valiosos.

A prof. Dra. Lúcia Helena Medeiros de Oliveira (UEMG), prof. Antonio das Graças Almeida (Escola Polivalente), prof. Dra. Cida Satto (UEMG), prof. Dra. Sônia Maria dos Santos (FACED/UFU), prof. Suely Sônia Oliveira (UEMG), prof. Dra. Betânia de Oliveira Laterza Ribeiro (FACIP/UFU) e prof. Dr. Sauloéber Társo de Souza (FACIP/UFU).

Aos amigos da Pós-graduação: Cristiane, Maria Goreti, Sonaly e Sandra, pela alegria de partilharmos este caminho.

Aos amigos: Ivone, Roberta, Marielly, Rodrigo, Leonardo, Ana Emília, Andréia, Graça, Gracia e Claudinho, Marina, Marcelo, Marcio, Celiza, Nima e Inês, pela força em todos os momentos.

A meus pais, Maria José de Oliveira Fratari e Divino Fratari,

E aos familiares que torceram por mim.

A todos os entrevistados.

E a todos aqueles que de uma forma ou de outra, contribuíram para a efetivação desta pesquisa.



“A disciplina não é uma cela trancada; é a chave da porta, que lhe permite sair e voltar.”

Chico Xavier (2007)



## RESUMO

Este trabalho propõe uma investigação de uma instituição escolar, o Educandário Ituiutabano, instalado em Ituiutaba, Minas Gerais. A escola foi construída e mantida pela União da Mocidade Espírita de Ituiutaba (UMEI), por meio de campanhas. A UMEI constatou que, até 1954, não havia ensino ginasial gratuito na cidade, e 57% da população era analfabeta. Os marcos temporais foram delimitados entre 1954, início da construção do Educandário – por ser um momento cercado por lutas políticas e religiosas o de sua instalação – e 1973, por ser o ano do afastamento de seu segundo diretor, o professor Paulo dos Santos – figura central do desenvolvimento da instituição. Como a escola foi declarada leiga na imprensa local, na data de sua inauguração, objetiva-se encontrar vestígios que possam comprovar suas características religiosas ou não, principalmente pela forma com que foi instalada, mantida e dirigida. Segue a proposta da pesquisa histórica, focada em questões como temporalidade, globalidade, método e fontes. Foi utilizada documentação escolar, como atas, relatórios anuais e o processo de abertura; atas da Câmara dos Vereadores; imprensa local; fotos e entrevistas com ex-funcionários, ex-professores, ex-alunos, familiares de Paulo dos Santos e ainda aqueles que se opunham à escola. A movimentação entre o lastro teórico e as fontes permitiu a (re)construção do momento histórico pesquisado, encontrando-se vestígios do que se pretende, numa perspectiva crítica. Foi constatado que a escola se assemelhou a outras experiências educativas espíritas, sobretudo no Brasil. Apesar de propor, como objetivo principal, sanar uma carência educacional na cidade de Ituiutaba, apresentou, em sua proposta educativa, uma filosofia espírita, focada em conceitos de formação de homem integral e em postulados assistenciais, que fundamentou o trabalho da UMEI. Encontrou, também, em Paulo dos Santos, a figura central, capaz de articular um ensino nos moldes do Espiritismo: sem proselitismo, aberto a todos, voltado à formação moral do ser e fundamentado em práticas de caridade e assistência.

**Palavras-chave:** Instituições Educativas; Instituições Educativas Espíritas; Educandário Ituiutabano; Ensino Ginasial; Práticas Educativas; Professor Paulo dos Santos; Espiritismo; Allan Kardec; União da Mocidade Espírita de Ituiutaba; Ituiutaba.



## ABSTRACT

This work proposes an investigation into a school institution, the Educandário Ituiutabano, established in Ituiutaba city, in Minas Gerais State. The school was built and maintained by the União da Mocidade Espírita de Ituiutaba (UMEI), by means of campaigns. The UMEI verified that, until 1954, there was not free secondary school in the city, and 57% of the population were illiterate. The temporal landmarks were delimited between 1954, the beginning of the building of the Educandário – because the moment of its installation was one of religion and political fights – and 1973, the year of its second principal's dismissal, the Teacher Paulo dos Santos – the central personality in the development of the institution. As the School was declared secular, in the local press, in the date of its inauguration, the aim of this research is to find out vestiges which can prove or not religions characteristics, mainly by the way it was set up, supported and directed. The project of the historical research was carried on, focusing on questions as temporariness, globality, method and sources. It was used school documents, **such** as records, annual reports and the opening process; records of Ituiutaba City Council; local press; photographs and interviews with ex-employees, ex-teachers, ex-pupils, Paulo Santos' relatives and people who opposed to the School. The movement between the theoretical base and the sources made the (re)construction possible from the historical moment researched, finding out vestiges of what is intended to, in a critical perspective. It was confirmed that the School was like other educative experiences in Spiritism, especially in Brazil. In spite of proposing, as the main objective, to remedy an educational lack in Ituiutaba city, presented, in its educative proposal, the philosophy of Spiritism, focused on concepts of the development of an integral man, in assistance postulates; in which the work of UMEI was based on. The Institution has also met in Paulo dos Santos, the central figure, able to plan a teaching practice in the pattern of the Spiritism: without proselytism, open to everyone, related to a moral formation of the human being and based on assistance and charity practices.

**Key-words:** Educative Institutions; Spiritism Educative Institutions; Educandário Ituiutabano; Secondary Teaching; Educative Practices; Teacher Paulo dos Santos; Spiritism; Allan Kardec; União da Mocidade Espírita de Ituiutaba; Ituiutaba.





## LISTA DE QUADROS

|                                                                                                         |     |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Quadro 1 - Número de habitantes na década de 1950 .....                                                 | 61  |
| Quadro 2 - Principais atividades econômicas em 1950 .....                                               | 62  |
| Quadro 3 - Culturas agrícolas, em 1955 .....                                                            | 63  |
| Quadro 4 - Rebanhos, em 1955 .....                                                                      | 63  |
| Quadro 5 - Organização industrial, em 1955 .....                                                        | 64  |
| Quadro 6 - Alfabetização em Ituiutaba, em 1950 .....                                                    | 65  |
| Quadro 7 - Cursos completos em Ituiutaba, 1940 e 1950 .....                                             | 66  |
| Quadro 8 - Movimento educacional em Ituiutaba, 1953 .....                                               | 67  |
| Quadro 9 - População de Ituiutaba distribuída por religião - 1950 .....                                 | 71  |
| Quadro 10 - Evolução da matrícula nos cinco principais ramos de ensino superior entre 1932 e 1964 ..... | 93  |
| Quadro 11 - Recenseamento populacional de Ituiutaba .....                                               | 112 |
| Quadro 12 - Número de turmas no curso Ginásial do Educandário Ituiutabano .....                         | 112 |
| Quadro 13 - Número de alunos e porcentagem – 1º ciclo .....                                             | 113 |
| Quadro 14 - Número de alunos e porcentagem – 2º ciclo .....                                             | 113 |
| Quadro 15 - Número de alunos e porcentagem – 3º ciclo .....                                             | 113 |
| Quadro 16 - Número de alunos e porcentagem – 4º ciclo .....                                             | 114 |
| Quadro 17 - Escolas ginásiais públicas em Ituiutaba até a década de 1970 .....                          | 115 |
| Quadro 18 - Movimentação do Educandário Ituiutabano .....                                               | 116 |
| Quadro 19 - Demonstração do caráter seletivo da escola brasileira, 1957 .....                           | 135 |
| Quadro 20 - Currículo do ginásio do Educandário Ituiutabano, de 1958 até 1961 .....                     | 142 |
| Quadro 21 - Relação entre educação e Espiritismo .....                                                  | 144 |
| Quadro 22 - Relação entre Estado e educação .....                                                       | 147 |



## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 - Deputado Mário Palmério autografando seu livro na inauguração do Educandário Ituiutabano, sendo homenageado com o nome da Biblioteca da escola. Prova de reconhecimento pelo auxílio prestado. 1958. .... 77
- Figura 2 - Os integrantes da UMEI possuíam boas relações políticas. Na foto, Ângelo Tibúrcio D’avila e governador de Minas Gerais, Magalhães Pinto. Encontro que resultou na nomeação da professora Nair Gomes Muniz para diretora do curso primário do Educandário Ituiutabano (Ou Grupo Escolar Ituiutaba). 1958. .... 78
- Figura 3 - Na foto, o diretor Ângelo Tibúrcio D’Avila na inauguração do Educandário Ituiutabano (acima), o inspetor do ensino secundário Edelweiss Teixeira (abaixo), apoiando o ensino pela necessidade da instituição, a qual se engajaria tornando-se professor voluntário; e dedicatória de Germano Laterza ao construtor da instituição. 1958. .... 82
- Figura 4 - Plantio de “árvores da amizade” na inauguração do Educandário Ituiutabano por integrantes da UMEI, maçonaria e Rotary Clube. Comunidade empenhada na instalação da escola. .... 84
- Figura 5 - Símbolo da efetivação do trabalho de Paulo dos Santos, a Escola Estadual de Gurinhatã, Minas Gerais, foi fundada em 1966, para o primeiro curso Ginásial da cidade. 2008. .... 117
- Figura 6 - Praça em frente à Escola Estadual de Gurinhatã, que leva o nome de Paulo dos Santos, fundada em homenagem ao seu trabalho educacional; e placa. 2008. .... 119
- Figura 7 - Outra homenagem em Gurinhatã, Minas Gerais, é a Loja Maçônica Professor Paulo dos Santos, fundada em 1984. .... 119
- Figura 8 - Slogan da Loja Maçônica Professor Paulo dos Santos. 2008. .... 120
- Figura 9 - A bandeira, um dos símbolos do nacionalismo e do patriotismo que as leis orgânicas do ensino enfocavam, já nasceu com o Educandário. Foi desenhada por Ângelo Tibúrcio D’avila, primeiro diretor do Educandário Ituiutabano, em ata da UMEI, 1957. .... 148
- Figura 10 - Nas comemorações solenes do Educandário, tais quais as formaturas, a bandeira da escola estampava sempre o ambiente, no Auditório. Mostra da Influência da tradição patriótica herdada do Estado Novo. 1964. .... 148
- Figura 11 - Formatura do Educandário no Cine Ituiutaba, em 1967. A Bandeira Nacional e a fanfarra mostram os valores na exteriorização da escola. .... 150
- Figura 12 - Auditório lotado durante a visita de Francisco Cândido Xavier à COMMETRIM (Confraternização das Mocidades e Madurezas Espíritas do Triângulo Mineiro), realizada no Educandário, em Ituiutaba. 1973. .... 156
- Figura 13 - No detalhe do Auditório foto da Inspectora Federal do Ensino Izabel Bueno. 1973. .... 156

Figura 14 - A fanfarra com sua capa verde era símbolo de representação da escola na cidade e nas regiões, juntamente com os malabarismos realizados pelos alunos nos desfiles. 1962...158

Figura 15 - Para mostrar a inovação na fanfarra, este é apenas o bloco das flautistas que a compunha, pois, a partir desse ano, o Educandário foi a primeira escola a introduzir músicas em lugar dos tradicionais repiques, sendo a fanfarra campeã no desfile. 1960.....159

Figura 16 - Aqui, outra inovação na fanfarra: a vinda de alunos do Colégio Diocesano de Uberaba, que vinham num intercâmbio estudantil, desfilar junto com o Educandário. 1964. ....159

Figura 17 - Prática influenciada pela UMEI, aqui um grupo de alunos se preparando para um piquenique. Pelos chapéus, maleta com alimentação e brinquedos, constata-se que as caminhadas eram longas até os recantos e as serras. Apesar da alegria no rosto, um clima disciplinado na foto dos adolescentes. 1962.....161

Figura 18 - Aqui, um grupo maior se prepara no interior da escola para aula-passeio ou piquenique. Os mesmos cuidados com chapéu, lanches e brinquedos. Também o mesmo clima disciplinado entre os alunos. 1964.....162

Figura 19 - Grupo de alunos no topo da serra do Corpo Seco, município de Ituiutaba, no processo de investigação do cerrado e da cultura local. 1964. ....163

Figura 20 - Investigação e piquenique na Usina Hidrelétrica “Salto do Moraes”, no município de Ituiutaba. 1966. ....164

Figura 21 - Educandário Ituiutabano construído e pronto para inauguração. O local inabitado e distante dos bairros e do centro da cidade não intimidou a comunidade carente necessitada de escolarização. 1958.....170

Figura 22 - Formatura do curso de Bordado no Educandário, com mostra de peças produzidas. 1960. ....171

Figura 23 - Amostra feita no curso de Bordado do Educandário, em que as meninas aprendiam a pregar botões, fazer remendos, pontos de bordado, pregar fitas e colchetes, crochê, entre outros. 1960.....172

Figura 24 - Pelotão do curso de Corte e Costura no desfile de Sete de Setembro do Educandário. A exteriorização da escola apresentava toda sua produção. 1962.....172

## **LISTA DE MAPAS**

|                                                                                          |     |
|------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Mapa 1 - Ituiutaba demarcada no Estado de Minas Gerais .....                             | 59  |
| Mapa 2 - Cidade de Ituiutaba com delimitação dos principais bairros existentes em 1958.. | 168 |

## **LISTA DE SIGLAS**

UMEI – União da Mocidade Espírita de Ituiutaba.



## GLOSSÁRIO

**Médium:** (do latim *medium* = meio; intermediário, medianeiro). Pessoa que pode servir de intermediária entre os espíritos e os homens: aquele que em grau qualquer sente a influência dos espíritos de modo ostensivo (...) (PALHANO JUNIOR, 2004, p. 200).

**Mediunidade:** é uma faculdade inerente ao homem que permite a ele uma percepção, em um grau qualquer, da influência dos espíritos (...) (PALHANO JUNIOR, 2004, p. 205).

**Passe:** (Magnetismo). Originalmente, trata-se da ação magnética exercida por movimentos rítmicos das mãos que passam de cima para baixo, sobre os olhos ou do corpo do paciente (...) Acresce que no passe espírita, o magnetismo animal retirado do passista é aumentado pelo magnetismo espiritual, sendo também direcionado pelos espíritos para essa ou aquela função, daí a expressão *médium passista* (PALHANO JUNIOR, 2004, p. 235 e 236).

**Plano (Espiritual ou Material):** Designação vulgarizada no meio espírita para definir as esferas ou mundos espiritual e material. Mas não é um nome ideal para essa finalidade, porque não descreve nem por figuração a realidade dos lugares espirituais, embora tenha se tornado praticamente de uso constante dos espíritas. Deve se dar preferência ao termo Mundo Espiritual, Mundo Material, Mundo Corpóreo, etc (PALHANO JUNIOR, 2004, p. 243).

**Psicografia:** Os espíritos escrevem, impulsionando a mão dos médiuns, seja por forte intuição, por um controle parcial do centro motor e com ciência do médium ou por uma ação mecânica absoluta (PALHANO JUNIOR, 2004, p.252).





## SUMÁRIO

### INTRODUÇÃO

|                                               |    |
|-----------------------------------------------|----|
| ENTRE AS VOZES E OS SILÊNCIOS DAS FONTES..... | 27 |
|-----------------------------------------------|----|

### CAPÍTULO 1

#### INOVAÇÃO E LUTAS FRENTE A UMA SOCIEDADE CONSERVADORA (1954-1958).....

|       |                                                                     |    |
|-------|---------------------------------------------------------------------|----|
| 1.1   | CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....                                        | 35 |
| 1.2   | BREVE HISTÓRICO DO SURGIMENTO DO ESPIRITISMO.....                   | 36 |
| 1.3   | FILANTROPIA E ESPIRITISMO .....                                     | 44 |
| 1.4   | A PRESENÇA ESPÍRITA NO BRASIL.....                                  | 48 |
| 1.5   | A PRESENÇA ESPÍRITA EM MINAS GERAIS .....                           | 51 |
| 1.6   | A INSTRUÇÃO NA “CAPITAL DO ARROZ” .....                             | 57 |
| 1.7   | A PRESENÇA ESPÍRITA EM ITUIUTABA .....                              | 69 |
| 1.7.1 | Da ação social à educacional.....                                   | 72 |
| 1.8   | A TENSÃO: AS LUTAS PELA IMPLANTAÇÃO DO EDUCANDÁRIO ITUIUTABANO..... | 75 |
| 1.8.1 | Luta religiosa.....                                                 | 80 |
| 1.9   | CONSIDERAÇÕES PARCIAIS .....                                        | 84 |

### CAPÍTULO 2

#### PROFESSOR PAULO DOS SANTOS: “VENCER NA VIDA PELO ESTUDO E PELO TRABALHO!” .....

|       |                                            |     |
|-------|--------------------------------------------|-----|
| 2.1   | CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....               | 87  |
| 2.2   | O ALUNO SE FEZ PROFESSOR .....             | 88  |
| 2.3   | AS AULAS DE MORAL .....                    | 97  |
| 2.3.1 | Construindo lideranças .....               | 103 |
| 2.4   | CONSOLIDAÇÃO E RECONHECIMENTO SOCIAL ..... | 111 |
| 2.5   | O PENSAMENTO SOCIAL-EDUCACIONAL .....      | 124 |
| 2.6   | CONSIDERAÇÕES PARCIAIS .....               | 129 |

### CAPÍTULO 3

#### ORGANIZAÇÃO CONSERVADORA: DAS LEIS DO ENSINO ÀS PRÁTICAS EDUCATIVAS.....

|       |                                                       |     |
|-------|-------------------------------------------------------|-----|
| 3.1   | CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....                          | 131 |
| 3.2   | A IMPLANTAÇÃO DA LEI N. 4.024/61 .....                | 132 |
| 3.3   | DIVERGÊNCIAS E CONTRADIÇÕES NO CENÁRIO NACIONAL ..... | 135 |
| 3.3.1 | A Igreja Católica .....                               | 136 |
| 3.3.2 | Os Liberais .....                                     | 138 |
| 3.4   | ESTADO, EDUCANDÁRIO E ESPIRITISMO .....               | 140 |
| 3.5   | A PRESENÇA DA UMEI NO EDUCANDÁRIO .....               | 151 |

|                                        |                                            |            |
|----------------------------------------|--------------------------------------------|------------|
| 3.6                                    | SOCIEDADE, FILANTROPIA E EDUCANDÁRIO ..... | 166        |
| 3.7                                    | CONSIDERAÇÕES PARCIAIS .....               | 179        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>       |                                            | <b>181</b> |
| <b>REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO .....</b> |                                            | <b>187</b> |
| <b>FONTES DOCUMENTAIS.....</b>         |                                            | <b>195</b> |
| <b>ENTREVISTAS.....</b>                |                                            | <b>197</b> |
| <b>APÊNDICE</b>                        |                                            |            |
| <b>ROTEIROS PARA ENTREVISTAS .....</b> |                                            | <b>199</b> |

## INTRODUÇÃO

### ENTRE AS VOZES E OS SILÊNCIOS DAS FONTES

*O mais difícil, mesmo, é a arte de desler.*

Mario Quintana (1978)<sup>1</sup>

Como professor por vocação e escolha, deixamos há muito os caminhos da Engenharia Elétrica, em função da docência, no Ensino Médio, em escolas da rede pública e privada de Minas Gerais. E a experiência de pouco mais de uma década, em docência, nos faz pensar numa prática que auxilie os conflitos emergentes no momento educacional. Fomos despertados assim, para o trabalho com Instituições Escolares, durante as aulas do curso de especialização em Ação Multidisciplinar do Trabalho Pedagógico <sup>2</sup>. E nosso interesse, pelo Educandário Ituiutabano, surgiu desse anseio e por observarmos uma prática educacional diferenciada, enquanto pesquisamos sobre sua construção, neste curso de especialização. O que nos conduziu nova abordagem no Programa de Pós-graduação em Educação Mestrado, na Faculdade de Educação, FAGED, da Universidade Federal de Uberlândia, UFU, pela possibilidade de aprofundamento em várias interrogações e lacunas que ficaram.

Ao nos dispormos a pesquisar sobre o Educandário Ituiutabano, encontramos muitas *vozes* que vieram preencher nossa expectativa quanto à pesquisa. Mas, igualmente, significativos *silêncios*. Os *silêncios*, bem mais relevantes e instigadores, se apresentaram na quase ausência de identidade histórico-educacional da cidade, quanto a nosso objeto. Esteve presente na não valorização de uma experiência educativa, que possuiu caráter inovador. É notável que nenhum dos memorialistas da época, que citaram até a primeira escola da cidade em fins do século XIX, não tenham citado o Educandário Ituiutabano. Mas por Educandário também ouvimos outras denominações, em nossas entrevistas, como o termo *Escola dos Espíritos* ou *Escola dos pobres*, assim pudemos ter uma idéia sobre o porquê da ausência de suas informações nos cadernos dos memorialistas, membros em sua quase totalidade, de uma

---

<sup>1</sup> QUINTANA, Mario. Prosa e verso. Porto Alegre: Editora do Globo. 1978.

<sup>2</sup> Curso de Ação Multidisciplinar do Trabalho Pedagógico: gestão, orientação, supervisão e inspeção; realizado na UEMG, campus Ituiutaba, entre os anos de 2005 e 2006, o qual resultou na monografia **A construção do Educandário Ituiutabano (1954-1958)**.

elite católica e mais conservadora. Ao longo da pesquisa, as fontes foram se delineando e percebemos que conforme diz Saviani:

(...) objetos só adquirem o estatuto de fonte diante do historiador que, ao formular o seu problema de pesquisa, delimitará aqueles elementos a partir dos quais serão buscadas as respostas às questões levantadas. Em consequência, aqueles objetivos em que real ou potencialmente estariam inscritas as respostas buscadas erigir-se-ão em fontes a partir das quais o conhecimento histórico referido poderá ser produzido (SAVIANI, 2005, p. 6 e 7).

O que nos remete ao fato de que é o historiador quem dá vida a elas. E que é dessa maneira que documentos, fotografias, memórias e monumentos ganham o *status* de fonte, delineando a pesquisa, por meio do olhar do pesquisador. Compreendemos os *silêncios* que encontramos, tornando-os *vozes*, para o entendimento dessa experiência educativa no interior das Minas Gerais. Assim, outras *vozes* continuam a ecoar ainda hoje. No final de 2008 fomos convidados a discorrer sobre os primórdios da instituição, numa escola estadual da cidade, originada a partir do curso primário que existiu no Educandário. Os alunos, do Ensino Fundamental, nos fizeram perguntas sobre a origem daquela instituição. No final, uma aluna nos surpreendeu: “Professor, é verdade que lá foi a escola dos mortos?” Fiquei sem entender. Retribui com outra: “Onde você ouviu isso?”. E ela: “Foi minha mãe quem falou.” Voltei para casa com a dúvida. Será que por mortos ela não quis dizer escola dos *espíritos* ou dos *espíritas*? Mais uma vez as *vozes* se apresentavam.

Assim, em busca de tantos esclarecimentos, sentimos necessidade de levantar algumas questões que nos tocaram mais de perto, durante a elaboração de nossa monografia, no curso de especialização, quanto à construção do Educandário. E dentre as inquietações que nos levaram a refletir sobre esta instituição, merecem destaque as seguintes: o que levou os integrantes da União da Mocidade Espírita de Ituiutaba (UMEI) <sup>3</sup> a voltarem suas atenções à educação da cidade? Quem foram estes homens no contexto social, político e econômico de Ituiutaba? Qual foi a proposta do Educandário enquanto instituição de ensino? Se o Educandário Ituiutabano foi construído por meio de doações e campanhas, como foi feita sua manutenção no período de seu funcionamento? Quem foram os responsáveis por estas

---

<sup>3</sup> A UMEI foi fundada em 5 de maio de 1947, por um grupo de jovens, entre 15 e 20 anos, liderados por Germano Laterza. Foi registrada em cartório em 17 de junho de 1957. O propósito do grupo de amigos era o de estudar o Espiritismo, divulgá-la e trabalhar em benefício dos mais necessitados, visando inclusive o estudo do Esperanto. As reuniões possuíam um caráter dinâmico, pois além de campanhas assistenciais pela cidade e dos estudos referentes ao Espiritismo, faziam comemorações festivas, inclusive o teatro foi bem utilizado pelo grupo, tornando-se chamariz para os novos jovens que passavam a participar. Reuniam-se, à princípio, na sede do Centro Espírita Eurípedes Barsanulfo. A seguir, no Centro Espírita Amor Fraternal até a década de 1960, e em seguida contruindo sede própria.

doações? Os católicos também contribuíram? Algum tipo de política pública exerceu influência sobre a manutenção da escola? Seria sua origem espírita a real causa dos ataques sofridos durante sua construção, por alguns cidadãos? Quem eram os cidadãos que se opuseram a sua construção? O Educandário se assemelhou a alguma outra instituição educativa de cunho espírita? A direção do Educandário era autônoma? O Educandário Ituiutabano possuiu um projeto pedagógico capaz de manter a escola com um ensino diferenciado? O que seus professores ensinavam aos alunos? Qual a relação entre o professor Paulo dos Santos, seu segundo diretor, e o projeto educacional da UMEI? A escola manteve-se laica em todo seu período de funcionamento? Como seria constituído seu currículo? Qual a finalidade de ser gratuita? Seria uma estratégia?

Tendo em vista todos estes questionamentos, mantivemos por objetivo principal a necessidade de encontrar os vestígios de uma filosofia espírita, dentro do Educandário Ituiutabano, ou não, haja vista sua concepção, fruto do trabalho dos jovens da UMEI. E para isso nos propusemos a: 1) compreender o Espiritismo, em seus aspectos científicos, filosóficos e religiosos; 2) analisar o ambiente escolar externo, perceber o Educandário Ituiutabano como um fenômeno que foi construído em uma zona de tensão, marcada por angústias, conflitos e utopias, demarcando espaços próprios onde tanto as personagens que corroboraram com sua construção histórica, quanto aquelas detratoras, estiveram presentes; e 3) analisar o ambiente interno do Educandário, buscar em sua estrutura macro e micro, a possibilidade de dar vida e intensidade à história desta instituição, conferindo às suas diversas personagens: diretores, professores, alunos e demais membros da comunidade, a condição de sujeitos, explorando a grandeza dos pequenos atos, os gestos, as vozes pouco ouvidas, as práticas escolares, o currículo e o seu cotidiano.

Em busca da construção de uma interpretação historiográfica, a respeito da memória educacional de Ituiutaba, Minas Gerais, encontramos uma teoria dentro das pesquisas em Instituições Escolares, que nos alicerçou o trabalho de investigação, com relação ao Educandário, e consequentemente, com relação a nossos objetivos, principalmente aquela produzida por Aróstegui, Magalhães, Buffa, Nosella, Saviani, Nóvoa, Romanelli, entre outros, que compõem os estudos historiográficos em História da Educação e Instituições Educativas.

Nesta perspectiva, apreendemos que *método quer dizer o percurso de um “caminho”, o que, por uma associação simples e não forçada, nos leva à idéia de “processo”, “procedimento”, maneira ou forma de fazer algo* (ARÓSTEGUI, 2006, p.92). Assim, o trabalho de pesquisa com as instituições educativas, se encontra imerso no processo da pesquisa histórica, que por sua vez, possui seu método próprio, como enfatiza Aróstegui

(2006). Este método está ligado a muitas peculiaridades que não se apresentam da mesma maneira em outras ciências sociais. Peculiaridades tais como as questões relevantes: 1) à documentação, 2) à temporalidade e 3) à globalidade e o regionalismo. Assim, o método empregado na pesquisa histórica será *o conjunto de prescrições que devem ser observadas e de decisões que devem ser tomadas em certa disciplina para garantir, na medida do possível, um conhecimento adequado de seu objeto.*<sup>4</sup> (ARÓSTEGUI, 2006, p. 92)

Primeiramente buscamos na documentação, ou nas fontes, não a palavra final, mas uma movimentação necessária entre as mesmas e um cabedal teórico, para não cairmos num diálogo vazio. Assim a historiografia não será apenas uma reflexão da história, mas o fazer da história por meio de fontes. A questão das fontes faz-se primordial nesta análise, pois será a partir de um corpus documental encontrado e referenciado, que a pesquisa se disponibilizará: legislações, atas, relatórios anuais, reportagens, fotografias, lembranças, entre outras. Serão muitas as fontes e necessário, entre todas as disponíveis, haver uma dialética pertinente, capaz de relatar sobre o período histórico, o cotidiano daquela instituição, a metodologia e a prática educacional.

Ao voltar às fontes com questionamentos, estamos fugindo do papel positivista, que se lança ao passado apenas em busca de fatos. A volta ao passado histórico requer uma necessidade presente, uma questão haverá que instigue o homem a mergulhar nestes registros, para formar-se a representação do que foi e responder às inquietações do hoje. Outra necessidade no trabalho com as fontes será a separação de categorias de análise, pois a história da educação apresenta um grande campo de pesquisas e temáticas que fariam qualquer pesquisador caminhar por um labirinto, se este não possuir um fio que o ligue ao objeto. Assim, Buffa salienta sobre a importância de se “arranjar” as idéias e delimitar as propostas, dividindo o que se pretende buscar entre *espaço, tempo, conteúdos (cultura), avaliação e administração da escola (...)* (2005, p. 106), entre outros. Será dessa maneira que

---

<sup>4</sup> Complementamos, quanto à revolução dos métodos, utilizando as palavras de Cambi: “(...) reconhecemo-nos num tipo de trabalho histórico que se desenvolve em muitas histórias e segundo muitos métodos, desde a ‘história estrutural’, econômica, social, ‘das mentalidades’, até a dos eventos, a local, a oral-vivida, a psico-história, a etno-história, a história do cotidiano, etc.: são todos âmbitos diferentes de pesquisa que reclamam métodos *ad doc* e uma reflexão metodológica que exalte suas autonomias e sua variedade, além das intersecções e convergências na ‘história total’. A historiografia atual perdeu, portanto, a certeza *do* método, assumindo *a dos* métodos e dando vida a uma intensa dialética metodológica, a que se remetem os historiadores mais atentos dos últimos decênios, de Braudel a Ariès, de Stone a Le Goff, de Duby a Vilar, de Veyne a Koselleck. A história se fez pluralista e implicou uma transformação dos métodos que pusesse em relevo seu complexo jogo recíproco, feito de autonomia e de integração, e sua gestão reflexiva (metametodológica: reflexão em torno dos métodos, do seu estatuto, da sua função, da sua riqueza e variedade).” (CAMBI, 1999, p. 27)

descobriremos as sutilezas das diferentes instituições escolares nos seus diversos instantes passados entre os aspectos político, econômico e cultural <sup>5</sup>.

Assim dispomos-nos da documentação escolar encontrada no Arquivo da 16ª Superintendência Regional de Ensino de Ituiutaba. Ou pelo menos, sua parte que não foi incendiada, como disposto na pesquisa. Em um trabalho de seleção conseguimos separar atas, relatórios anuais e documentos que fizeram parte do processo de abertura da escola, tais como o Estatuto da UMEI, o Regimento Interno da instituição escolar e o Registro de Imóveis dos terrenos que foram destinados àquela instituição. No arquivo da Fundação Cultural de Ituiutaba, selecionamos na imprensa escrita Jornal Folha de Ituiutaba, entre as décadas de 1950 até 1970, as notícias e os destaques dados à educação ituiutabana, principalmente aquelas que destacaram o Educandário, desde sua criação até a saída do professor Paulo dos Santos, em 1973. As fontes iconográficas utilizadas foram conseguidas de vários acervos particulares e alguns públicos, muitas vezes lembranças esquecidas, foram capazes de auxiliar na (re)construção desta história educacional conferindo novos apontamentos junto à documentação encontrada. As atas da Câmara dos Vereadores foram igualmente importante veículo nesta (re)construção histórica, por encontrarmos ali momentos da história da educação local, que oportunizaram-nos entendimento maior quanto à instalação da instituição pesquisada. Por fim as entrevistas realizadas com ex-funcionários, ex-professores, ex-alunos, familiares de Paulo dos Santos e também com algumas pessoas que não simpatizavam com o trabalho do Educandário, nos serviram de ferramenta para esta (re)construção, juntamente com algumas anotações verbais colhidas em meio à pesquisa, de estimado valor para esta (re)construção.

Além do trabalho com as fontes, o segundo aspecto na pesquisa histórica, que deve ser observado, segundo Aróstegui (2006), trata da temporalidade na continuação da proposta de dar vida ao comportamento das sociedades e sua evolução no tempo. A delimitação de um determinado período não faz esgotar o manancial ali pesquisado, pois poderemos novamente

---

<sup>5</sup> No tocante às categorias de análise, podemos destacar, que Magalhães: “(...) afirma que as categorias de análise básicas da pesquisa sobre a história das instituições educacionais podem ser elencadas como: Espaço (local/lugar, edifício, topografia); Tempo (calendário, horário, agenda antropológica); Currículo (conjunto das matérias lecionadas, métodos, tempos, etc. ou racionalidade da prática); Modelo pedagógico (construção de uma racionalidade complexa que articula a lógica estruturante interna com as categorias externas que a constituem – tempo, lugar e ação); Professores (recrutamento, profissionalização; formação, organização, história de vida, itinerários, expectativas, decisões, compensações); Manuais escolares; Públicos (cultura, forma de estimulação e resistências); Dimensões (níveis de apropriação, transferências da cultura escolar, escolarização, alfabetização, destinos de vida).” E também que, Buffa e Nosela, “(...) explicitam ainda que estabeleceram como categorias de pesquisa o exame dos seguintes aspectos das instituições educativas: Origem, criação, construção e instalação; Prédio (projeto, implantação, estilo e organização do espaço); Mestres e funcionários (perfil); Clientela (alunos, ex-alunos); Saber (conteúdos escolares); Evolução; Vida (cultura escolar; prédio, alunos, professores e administradores, normas).” (GATTI JR, D; PESSANHA, E. C, 2005, p. 80 e 82)

referir-nos a ele por meio de fontes outras e com outro olhar para o objeto, colhendo novos resultados e observando diferentes movimentos.

O Educandário Ituiutabano foi construído entre os anos de 1954 e 1958 e funcionou entre os anos de 1958 e 1978, quando houve sua extinção. Relacionando seu período de existência com nosso objetivo de encontrar nesta instituição, vestígios de uma filosofia espírita, fomos encaminhados pelas fontes a delimitar a pesquisa entre os anos de 1954 e 1973. O marco inicial de construção, 1954, é pertinente pela influência de seus criadores, a UMEI, pois a filosofia de uma entidade fundadora geralmente se encontra presente na instituição criada. O outro marco delineado pelas fontes apontaram para a presença do professor Paulo dos Santos, segundo diretor daquela instituição e que esteve ali presente, entre os anos de 1960 e 1973, quando de seu afastamento.

Pela delimitação das fontes, a partir desta data, 1973, o Educandário Ituiutabano perdeu sua ligação com a filosofia que o regimentava, o que possivelmente teria ocasionado seu fechamento em 1978. Mas não nos ocupamos desta possibilidade na pesquisa, procurando apenas verificar sobre a filosofia que houve no período, entre 1954 e 1973. A diversidade de acontecimentos, traduziu-se pela multiplicidade de cursos oferecidos, e impossível seria instalarmos um diálogo crítico com todas as fontes disponibilizadas e sua respectiva movimentação escolar. Pois, como dito acima, para verdadeira localização do objeto faz-se necessário um lastro teórico que permita sua dialética com as fontes, e para dialogar com todo esse material, impossível seria fazer uma pesquisa em apenas dois anos. Aqui então, a temporalidade, citada por Aróstegui (2006), delimita o trabalho, num marco educacional que atenda aos objetivos propostos.

O terceiro aspecto da pesquisa histórica, citada por Aróstegui (2006) está ligado à globalidade do trabalho. Ao pesquisarmos no campo das Instituições Educativas, inviável seria a fragmentação da escola nela mesma. Embora o estudo de uma instituição represente um recorte feito entre tantas outras instituições e movimentos educacionais, este não deve perder a sua característica global. Ao fragmentarmos uma instituição, haverá perda da política existente, desaparecendo o caráter histórico que se deseja enfatizar. Então é necessário estabelecermos ligações entre a instituição e a história nacional e regional, alcançando verdadeira notoriedade.

Encontramos em Magalhães que:

A renovação historiográfica a partir de uma focalização na instituição educativa corresponde a um desafio interdisciplinar lançado pela sociologia, pela análise organizacional, pelo desenvolvimento curricular, entre outras



ciências da educação, mas também a uma corrente historiográfica que evolui dos Annales, pela Nova História, em busca da construção dos sujeitos, dos sentidos das suas ações, pela relação entre as estruturas, as racionalidades e as ações desses sujeitos históricos; recuperando informações e fontes da informação sobre quotidianos, suas práticas, representações e invenção (MAGALHÃES, 1998, p. 59).

Sobre esta metodologia no trato com instituições educativas, verificamos que devemos integrar todo este processo interno da instituição, a uma realidade mais ampla, no caso, o sistema educativo, contextualizando-a igualmente entre a comunidade e a região onde está localizada. É (re)escrevendo a vida num aspecto multidimensional, que lhe ofereceremos um sentido histórico. A hermenêutica surgirá do cruzamento entre as informações, na seleção das fontes, no aprofundamento desta descoberta ou (re)construção. O entrelaçamento das fontes neste processo investigativo garantirá a relação histórica da instituição com o meio que a envolve, fundamentando a estruturação do conhecimento (MAGALHÃES, 1998).

Enfim, buscamos compreender nosso objeto de estudo, como uma comunidade educativa em seu contexto histórico: social, cultural e organizacional; também seu projeto pedagógico e os reflexos político e econômico da época, para a sociedade ituiutabana. É o que tange quanto à relevância científica desta pesquisa, pois julgamos necessário historiar esta instituição educativa, pois contatamos a quase inexistência de trabalhos historiográficos, em relação ao nosso objeto, quer seja o Educandário Ituiutabano, quer seja a questão da Escola Espírita ou mesmo de investigação quanto ao aspecto religioso de uma instituição. Portanto acreditamos que este trabalho poderá contribuir para novos aprofundamentos realizados pela comunidade acadêmica local e regional, em função das contribuições que possam trazer às novas interpretações historiográficas, ligadas ao campo da História da Educação mineira e, porque não dizer, nacional.

Observando todos estes aspectos da pesquisa histórica e conseqüentemente da pesquisa em instituições educativas, apresentamos o resultado deste trabalho, disposto em três capítulos. O primeiro tem como objetivo principal as análises relativas ao exterior daquela instituição, analisando os aspectos políticos, econômicos, sociais, educacionais e religiosos no painel nacional, regional e local; mas com enfoque na construção e abertura da escola, entre os anos de 1954 e 1958. Neste momento a ação da UMEI possuiu caráter inovador no ensino de Ituiutaba, por não haver ensino ginasial gratuito na cidade, ocasionando uma série de ataques vindos de uma parte mais conservadora da sociedade local. Recuperaremos assim, pela contextualização, o sentido histórico daquele período, década de 1950.

O segundo capítulo tem como objetivo principal, encontrar vestígios religiosos no interior da escola, haja vista que a instituição foi declarada laica em sua abertura, nos jornais locais. Principalmente por meio da atuação do professor Paulo dos Santos, seu segundo diretor (1960-1973). Buscaremos recuperar os traços deste intelectual, que foi o responsável pela implantação da filosofia de ensino da escola, bem como alguns dispositivos que marcaram sua ação. Seu papel de educador e sua existência foram quase uma só, prolongando-se inclusive depois de seu afastamento do Educandário. Destacaremos os itens mais expressivos de sua atuação educativa, principalmente no tocante ao Educandário, como suas aulas de moral e o fomento às lideranças estudantis, que ganharam destaque no corpo da escola, por meio de sua influência.

E o terceiro capítulo é um desdobramento do segundo, pois continuaremos investigando o caráter filosófico do Educandário Ituiutabano, mas focados nas práticas escolares e no cotidiano daquela instituição. Instrumentos estes que somente alcançaram os objetivos previstos, pela ação do professor Paulo dos Santos. Nesse capítulo analisaremos essas práticas de uma maneira mais particular, compreendendo os vestígios da legislação educacional dentro da escola; a atuação da diretoria e do Conselho Diretor, que ganharam um tom mais conservador na escola, principalmente com relação a seu caráter confessional; e a análise das práticas. Por todos estes aspectos, julgamos que reside aí a relevância social desta pesquisa, pois ela vem retratar os anseios de uma parcela da sociedade ituiutabana, em (re)descobrir e (re)construir seu passado, por meio da compreensão de sua realidade.

## CAPÍTULO 1

### INOVAÇÃO E LUTAS FRENTE A UMA SOCIEDADE CONSERVADORA (1954-1958)

Será inaugurado solenemente no dia 9 o Educandário Ituiutabano, arrojada iniciativa de uma plêiade de homens amantes da cultura e do progresso, que contou com o apoio de toda a população de Ituiutaba, destinado a proporcionar ensino primário e secundário gratuito a nossa juventude desprovida da fortuna. A falta de um ginásio estadual, não obstante as promessas dos nossos homens públicos e as inúmeras oportunidades que temos perdido nesse particular, representa ele uma legítima aspiração de todas as nossas classes sociais, principalmente das famílias pobres locais, desde que, o afirmam publicamente seus diretores, o Educandário Ituiutabano tem suas portas abertas a todos, sem distinção de classe e cor, política e religiosa, haja vista o número de matriculados no estabelecimento que atinge no curso primário 598 e no de admissão ao ginásio a 30 alunos (...).

Folha de Ituiutaba (1958)<sup>6</sup>

#### 1.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Neste capítulo, além do painel político, econômico e educacional, nacional e local, evidenciaremos o painel Espírita no Brasil e em Minas Gerais, mais especificamente em Ituiutaba, onde se encontra o objeto, em sua implantação na década de 1950. Percebemos o caráter de inovação educacional ocorrido na cidade quando verificamos que Ituiutaba não possuía, até 1954, curso ginásial gratuito — havia apenas duas escolas confessionais católicas e uma particular que o ofereciam.<sup>7</sup> Os alunos pobres egressos dos grupos estaduais da cidade

---

<sup>6</sup> NO PRÓXIMO dia 9 a inauguração do Educandário Ituiutabano, **Jornal Folha de Ituiutaba**, Ituiutaba, 1 fev. 1958, p. 1.

<sup>7</sup> Encontramos três dissertações que falam dessas escolas particulares e confessionais de Ituiutaba; são elas: MORAES, Vera Cruz de Oliveira. **Tudo pela pátria**: a história do “Instituto Marden” (1933–1942). Dissertação de Mestrado em Educação, UFU. Uberlândia, 2004; OLIVEIRA, Lúcia Helena Moreira de Medeiros. **História e**

encontravam dificuldade de prosseguir seus estudos devido às altas mensalidades cobradas por tais escolas. E a ação dos espíritas da UMEI contrariou alguns segmentos sociais mais conservadores responsáveis pelo monopólio religioso, educacional e político da cidade. O texto foi direcionado apropriadamente pela bibliografia disposta, pelo trabalho dos memorialistas locais, pelas atas da Câmara Municipal, pelas entrevistas e fotografias e, principalmente, pelo jornal Folha de Ituiutaba, onde foram registradas as discussões e os ataques contra a abertura da instituição.

## 1.2 BREVE HISTÓRICO DO SURGIMENTO DO ESPIRITISMO

Para buscarmos os vestígios religiosos dentro da instituição escolar pesquisada, primeiramente buscaremos compreender o aspecto tríplice do Espiritismo, que são: ciência, filosofia e religião, por meio de seu surgimento na França, em 1857, com o lançamento da obra básica *O livro dos espíritos*. Não propomos uma crítica à sua origem ou fundamentação a princípio, mas colaborar para a compreensão de como essa religião é compreendida por seus adeptos. Suas raízes surgem na segunda metade do século XIX, na Europa, onde o progresso, a pressão social, o cientificismo, o evolucionismo e as correntes materialistas do pensamento ocuparam lugar destacado, contribuindo para um questionamento mais rigoroso da vida e dos princípios religiosos.

Assim, no século XVIII, verificamos que o Iluminismo, a Revolução Francesa e a Revolução Industrial contribuíram para a fundamentação do século XIX. Enquanto o Iluminismo foi a *linha filosófica caracterizada pelo empenho em entender a razão como crítica e guia a todos os campos da experiência humana* (ABBAGNANO, 2007, p. 618), essas duas revoluções, a Francesa e a Industrial, foram de grande contribuição para uma larga transformação política, confinada à França, e uma importante transformação industrial, associada à Inglaterra. Essas revoluções estruturaram transformações relevantes, sendo o poderio burguês e a plenitude do capitalismo suas marcas mais acentuadas. Segundo Hobsbawm (2005), o *avanço do Capitalismo industrial em escala mundial, da ordem social*

*que ele representou, das idéias e credos que pareciam legitimá-lo e ratificá-lo: na razão, ciência, progresso e liberalismo* (2005, p. 21) fez a história desse período.

Quanto ao liberalismo, Rémond (1974) discorre: *o movimento liberal é a primeira onda de movimentos que se desencadeia sobre o que subsiste do Antigo Regime, ou sobre o que acaba de ser restaurado* (1974, p. 25). O liberalismo perpassa todo o século XIX, mesmo após o movimento que o evidenciou na primeira metade desse século e chega até início do século XX. É considerado como uma filosofia global, pois visualiza toda a sociedade em seus múltiplos aspectos. É orientado pela idéia de liberdade e, em sua filosofia, há apontamentos para os diversos problemas apresentados pela coletividade social. Também é orientado pela idéia de liberdade em sua filosofia política no que tange a regimes e funcionamento de instituições. Coloca o indivíduo frente à *razão de Estado, dos interesses do grupo, das exigências da coletividade* (RÉMOND, 1974, p. 27), tratando-se, assim, de uma filosofia social igualmente. É também uma filosofia da história, mas opõem-se à história feita pela coletividade, acreditando na força dos indivíduos.

Mas, acima de tudo, é o *triunfo da idéia de progresso*, como afirma Nisbet (1985), que caracteriza o século XIX, quando a liberdade, a igualdade e a soberania popular passam a estar inseridas nessa idéia. Figuras notáveis como Condorcet, Comte e Marx demonstraram *que toda a história poderia ser vista como uma ascensão lenta, gradual mas contínua e necessária em direção a um fim determinado* (NISBET, 1985, p. 181). Tanto a filosofia quanto as ciências sociais passaram a se expressar com o mesmo movimento da *realidade “científica” do progresso humano e com as leis e princípios que tornam o progresso necessário* (NISBET, 1985, p. 182), exatamente como fizera Darwin, Wallace, Faraday e Maxwell. Esse processo de secularização da idéia do progresso, que vinha desde o século XVIII, ganhara força agora no século XIX, explicando os fatos pelas forças naturais e humanas, apartando-se da idéia de Deus pregada até então.

Numa reação objetiva,

A Igreja Católica Romana mostrava, aliás, uma hostilidade manifesta por tudo aquilo que o século XIX defendia firmemente. As seitas ou os heterodoxos poderiam ser liberais ou mesmo revolucionários, minorias religiosas poderiam ser atraídas pela tolerância liberal, mas igrejas ou ortodoxias nunca poderiam sê-lo. E, na medida em que as massas estavam ainda nas mãos dessas forças do obscurantismo, tradicionalismo e reacionarismo político, seu poder precisava ser destruído para que o progresso não fosse ameaçado (HOBBSAWM, 2005, p. 377).

Assim, alguns segmentos sociais começavam a descrer dos dogmas da Igreja, quer pelo abandono quanto aos seus problemas, quer pela efervescência de idéias geradas pelo progresso, seja o cientificismo, o positivismo ou a razão. O evolucionismo de Darwin distanciava-se dos textos *sagrados* do Catolicismo, impulsionando o homem ao raciocínio sob condições fundamentais da existência e o impulsionando igualmente à liberdade do pensamento e a doutrinas mais liberais por consequência.

Para Souza (2002), quando Darwin propôs um ancestral comum para homens e gorilas, houve uma má interpretação que fundamentou a rejeição da Igreja a suas idéias, uma vez que foram interpretadas como se ele afirmasse que a descendência humana provinha de gorilas, o que é muito diferente. Darwin demonstrava a evolução do homem, mostrando a vida humana como uma escalada calcada nas diferentes eras, estando entre os organismos biologicamente mais simples e o grau superior que ainda encontraria pela frente dos milênios. Para Nisbet (1985), as palavras progresso, evolução e desenvolvimento não possuíam diferenciação no século XIX ou, ao menos, não deveriam ter.

Sem a pretensão de contextualizar todo o século XIX, fizemos esses apontamentos, procurando, *grosso modo*, traçar uma linha de entendimento para delinearmos o surgimento do Espiritismo. Embora essas correntes materialistas do pensamento sejam contrárias aos fundamentos reencarnacionistas aceitos pelo Espiritismo, o momento impulsionou seu surgimento, pois estava contrário à ortodoxia cristã. O Espiritismo orientando-se por uma visão científica e filosófica e reunindo aspectos experimentais incorporados em sua prática despertou a atenção de uma parcela significativa da sociedade francesa, disposta a verificar, seja pelo lado curioso ou pela idéia não convencional, as idéias que apresentava.

1848 foi marco para o Espiritismo, pois, mesmo ante manifestações envolvendo comunicações sobrenaturais, os fenômenos de Hydesville, nos Estados Unidos da América, desencadearam o movimento que chegou à Europa, fundamentando, segundo os adeptos do Espiritismo, a base dessa religião: espíritos comunicavam-se por meio de médiuns, provocando batidas nas mesas, e estas foram decifradas em códigos simples de letras, formando palavras e textos. Assim, os anos de 1848 até 1850, nos Estados Unidos, foram preconizadores do Espiritismo, que surgiria na França, em 1857. Enquanto as irmãs Fox instituíram a chamada *telegrafia espiritual* e os princípios do Moderno Espiritualismo, difundido nos Estados Unidos até a atualidade, na Europa as *batidas* foram acompanhadas por um fenômeno denominado *mesas girantes* ou *mesas falantes*.

As idéias do que era chamado *modern spiritualism* chegaram até a Europa por diversificadas vias. Em fins de 1852, alguns médiuns americanos chegavam ao norte da

Escócia, espalhando-se por esse país e pela Inglaterra, principalmente pelo desenvolvimento dos trabalhos da senhora M. B. Hayden, juntamente com seu esposo, proprietário e diretor de um diário em Boston com grande circulação na Nova Inglaterra.

Na Alemanha, o doutor em medicina Justinus Kerner já desenvolvia um trabalho nesse campo desde 1824. Além de vários livros publicados sobre sonambulismo, magnetismo e intercâmbio com espíritos, ele possuía uma obra bastante conhecida, intitulada *A vidente de Prevorst*. As experimentações ocorridas nos Estados Unidos já eram feitas por Kerner em conjunto com outros estudiosos como Strauss, autor de *A vida de Jesus*, e do magistrado Pfaffen. Os jornais alemães começaram a noticiar as experimentações de Kerner a partir de 1853, com a chegada das notícias da América. Assim fizeram o jornal *Morgen-Blatt*, um periódico da Baviera, a *Gazeta de Augsburgo* e o *Courrier du Bas-Rhin*.

O fenômeno das *mesas girantes* foi muito difundido na Alemanha, tanto por pesquisadores como os professores da Universidade de Heidelberg, tais como Hittermaier, Henrique Zoepfl e Roberto de Mohl, como em bailes da sociedade, onde os fenômenos eram vulgarizados e tomados como diversão.

Rapidamente, a França de Napoleão III, também, conheceu as novas experimentações, que ganharam maior força na Alemanha. Mas as primeiras notícias chegavam apenas como anedotário. Em pouco tempo, as manchetes divulgadas no *Gazette des Hôpitaux*, de Paris, pelo doutor Eissen, e pela *Presse Religieuse*, traziam relatos de observação dos impressionantes fenômenos. As opiniões na França se divergiam, como ocorrera na América do Norte, na Inglaterra e na Alemanha, entre céticos e crentes. E toda a efervescência religiosa, científica e filosófica européia em fins do século XIX voltou suas atenções àquelas manifestações espiritualistas.

Muitos cientistas e filósofos europeus estudaram os fenômenos das *mesas girantes*, utilizando o método experimental que impulsionou as pesquisas na segunda metade do século XIX<sup>8</sup>. Conforme Cardoso (2006), podemos destacar: sir William Crookes (1832-1919), químico e físico inglês; sir Oliver Lodge (1851-1940), físico inglês; Gustave Geley (1868-1924), médico francês; sir Alfred Russel Wallace (1823-1913), naturalista inglês; Johann Karl Friedrich Zöllner (1834-1882), astrônomo e físico alemão; Aleksander Aksakof (1832-1903), médico e filósofo russo; Paul Gibier (1851-1900), médico e bacteriologista francês; Ernesto Bozzano (1862-1942), pesquisador italiano; sir Arthur Conan Doyle (1859-1930), escritor

---

<sup>8</sup> “Alguns destes cientistas publicaram seus trabalhos com relação aos fenômenos espirituais, tais como: **Fatos Espíritos**, de William Crookes, traduzido para o português em 1991. **Provas científicas da sobrevivência da alma**, de Zöllner, traduzido em 1996. **A nova revelação** e **História do Espiritismo**, de Conan Doyle, publicados respectivamente em 1918 e 1926.” (CARDOSO, 2006).

escocês; Eugène Auguste Albert de Rochas (1837-1914), engenheiro francês; Gabriel Delanne (1857-1926), cientista e pesquisador francês; Nicolas Camille Flammarion (1842-1925), astrônomo francês; Cesare Lombroso (1835-1909), criminalista italiano; Leon Dennis (1846-1927), comerciante, pesquisador e escritor francês; e Charles Richet (1850-1935), fisiologista francês.

Juntamente com os trabalhos de experimentação desenvolvidos por esses homens, o mundo conspirava a favor das ciências naturais, o que fez Hobsbawm considerar algumas doutrinas que se opunham à Igreja, relatando inclusive *a impressionante popularidade do espiritismo, que teve sua primeira voga em 1850* (2005, p. 378). Para Hobsbawm, o surgimento do Espiritualismo ganhou força graças a essas correntes experimentais, dentre outras que compunham o cenário do século XIX. Ao que relata quanto a esse pensamento:

Suas afinidades [do espiritismo] políticas e ideológicas se faziam com o progresso, a reforma e a esquerda radical, e não menos com a emancipação feminina, especialmente nos Estados Unidos, que eram o seu centro maior de difusão. Mas afora suas outras atrações, tinha a vantagem considerável de colocar a sobrevivência da alma após a morte dentro de um contexto de ciência experimental, talvez mesmo (como a nova arte da fotografia poderia demonstrar) no de uma imagem objetiva (HOBSBAWM, 2005, p. 378).

De acordo com os seguidores do Espiritismo, entre as personalidades preocupadas houve um professor que decidiu ir além nas pesquisas e começou a investigar aqueles fatos para descobrir o que realmente estava por trás daquela *dança das mesas*. Era o professor Rivail<sup>9</sup> (1804-1869), que levou adiante uma bem elaborada pesquisa. Passando-se a chamar Allan Kardec, ele codificou o Espiritismo, explicando que este *é uma ciência que trata da*

<sup>9</sup> “Seu nome verdadeiro era Hippolyte Leon Denizard Rivail, nasceu a 3 de outubro de 1804, em Lyon, França, filho de Jean Baptiste Antoine Rivail, juiz, e Jeanne Duhamel, sua esposa. Só mais tarde Hippolyte, após ficar sabendo que numa vida anterior, entre os druidas, havia se chamado Allan Kardec, adotou esse pseudônimo ao assinar *O Livro dos Espíritos*, visando dar um cunho impessoal à Doutrina dos Espíritos. O menino Rivail fez os estudos primários em Lyon e completou seus estudos em Yverdun, na Suíça, com o célebre professor Pestalozzi, de quem se tornou um dos mais eminentes discípulos. Por diversas vezes substituiu Pestalozzi na direção do Instituto de Yverdun. Ao completar os estudos, era bacharel em Letras e Ciências; poliglota, além do francês, falava corretamente o alemão, italiano, espanhol e conhecia bem o holandês. Isento do serviço militar, fundou em Paris, à rua Sévres, nº 35, uma escola semelhante à de Yverdun. Casou-se com a professora Amélie Gabrielle Boudet em 6 de fevereiro de 1832. Encarregou-se de escrita contábil de algumas firmas, fez diversas traduções de obras inglesas e alemãs, e ainda escreveu gramáticas, manuais de aritmética, livros para estudos pedagógicos para o ensino superior. Preparou os cursos de Levy Álvares, para alunos de ambos os sexos, organizou, em sua própria casa, à rua Sévres, cursos gratuitos de Química, Física, Astronomia, Anatomia Comparada, que funcionaram nos anos 1835-40. Foi premiado, por concurso, pela Academia Real D’Arraz, em 1831, ao apresentar a tese ‘Qual o sistema de estudo mais em harmonia com as necessidades da época?’ Entre seus trabalhos publicados constam *Plano para o melhoramento da instrução pública* (1828), *Manual de exames para obtenção dos diplomas de capacidade* (1846) e *Catecismo gramatical da língua francesa* (1848). Rivail foi professor do Liceu Polimático em 1849, sempre publicando obras de valor didático pedagógicas (...)” (PALHANO JR., 2004, p. 179 e 180).



*natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal* (1966, p. 6).

O educador fundou a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas e a *Revista Espírita*, além de lançar as obras básicas da chamada codificação: *O livro dos espíritos* (1857), *O livro dos médiuns* (1861), *O evangelho segundo o Espiritismo* (1864), *O céu e o inferno* (1865) e *A gênese* (1868). Mas não foi um trabalho que sua personalidade racional aceitou facilmente. Somente após comprovar, legitimado por muitas dúvidas, foi que Kardec aceitou conhecer os fenômenos, conforme escrito em *Obras póstumas* e além afirmando:

Há 50 anos atrás, se dissessem pura e simplesmente a alguém que se poderia transmitir um despacho a 500 léguas de distância e receber a resposta dentro de uma hora, a pessoa responderia com uma gargalhada e não lhe faltariam excelentes razões científicas para provar que o fato era materialmente impossível. Hoje, conhecida a lei da eletricidade, isto não espanta ninguém, nem mesmo um campônio. O mesmo acontece com todos os fenômenos espíritas. Para os que desconhecem a lei que os rege, eles parecem sobrenaturais, maravilhosos e, por isso, impossíveis e ridículos. Uma vez conhecida a lei, desaparece o maravilhoso. O fato nada mais apresenta que repugne à razão, porque compreendemos a sua possibilidade (KARDEC, 1978, p. 218).

Assim, Kardec passou a ser a figura central desse movimento, sem autodenominar-se chefe ou líder de nenhuma missão. Também, quanto à expansão do Espiritismo, Incontri declara:

(...) na França, cuja irradiação cultural alcança quase sempre os países latinos, entre eles e, sobretudo, o Brasil, a idéia ganhou outra característica, devido à atuação de Allan Kardec. Em torno de sua obra, desenvolveu-se um movimento que, embora derivado dos fenômenos mediúnicos e neles apoiado, desdobra-se em propostas filosóficas, sociais e pedagógicas e adota o neologismo, criado pelo próprio Kardec: Espiritismo (2004, p. 26).

Mas o método de Kardec não foi aceito em sua plenitude pela comunidade científica francesa, a não ser por poucos homens, já citados, que se encorajaram a seguir os mesmos passos dessa pesquisa. As críticas se embasavam no método das ciências naturais difundido até aquele momento, em fins do século XIX, e que não parecia poder explicar fenômenos considerados paranormais ou extrafísicos. Não bastaram as explicações de Kardec quanto à diferença, pois o método experimental positivo se divergia numa questão simples: não lidavam ali com fenômenos da natureza com suas reações provocadas a qualquer momento e repetições constantes, e sim contavam com a atuação de espíritos inteligentes, e os fenômenos eram provocados por eles dentro de condições especiais.

Enquanto o positivismo de Comte se remete aos três estados, o teológico, o filosófico e o científico, como sendo a evolução do pensamento humano, o Espiritismo toma caminho contrário, mas não a mostrar um descesso do pensamento, e sim um caminho evolutivo. O Espiritismo nasce com o processo científico nas experimentações dos fenômenos, de onde provêm os ensinamentos que fundamentam a filosofia espírita com uma nova postura e um código moral, culminando no processo religioso como um retorno às fontes cristãs.

A Doutrina Espírita abrange campos do conhecimento divididos epistemologicamente em três partes: ciência, filosofia e religião, que temos de compreender para entendermos sua ação.

1) O Espiritismo como ciência, embora tenha se utilizado da mesma orientação empirista que demarca o positivismo, o cientificismo, o darwinismo, o naturalismo e o marxismo no século XIX, para concluir suas experimentações iniciais, possuiu métodos próprios, conforme Kardec, uma vez que os fenômenos mediúnicos por ele estudados não se repetem a todo o momento, como as experimentações das ciências naturais, mas somente por ação do chamado Plano Espiritual, ou seja, da ação inteligente dos Espíritos. Podemos compreender que a parte científica é a pesquisa dos chamados fenômenos paranormais, dotada de métodos próprios, específicos e adequados ao objeto que investiga (...) (PIRES, 1982, p. 2).

Para Incontri, o objetivo principal da Ciência Espírita é o Espírito, que pode estar encarnado, constituindo-se uma pessoa humana com corpo e alma, ou desencarnado, que já perdeu o corpo físico e precisa de um médium para manifestar-se a nós encarnados (2004, p. 29).

Há aqui mais uma convocação à observação do método, ressaltando que o Espiritismo experimental estudou as propriedades dos fluidos espirituais e sua ação sobre a matéria (KARDEC, 1979, p. 47) desde os primeiros trabalhos com as mesas girantes, em que Kardec verificou não só a possibilidade daqueles fatos, mas os comprovou e classificou-os, dando origem, após, ao segundo aspecto da Doutrina Espírita, que é sua parte filosófica.

2) A filosofia espírita interpreta o trabalho realizado pela parte científica da doutrina. Vai além dos fenômenos espirituais e mediúnicos, pois encontra neles apenas o meio para se obter o pensamento dos espíritos. Explica, por meio de uma racionalidade argumentativa, a existência de Deus, a imortalidade da alma, as vidas sucessivas, a natureza do espírito e da matéria, a existência e a pluralidade dos mundos e a condição evolutiva dos seres. Está codificada no primeiro livro, das chamadas obras básicas, lançado na França no dia 18 de abril de 1857 e que se mantêm como pilar do Espiritismo: O livro dos espíritos. É dividido em

perguntas e respostas, didaticamente organizado como as demais obras e traz toda parte filosófica, exposta de forma clara.

3) Por fim, vejamos a parte moral ou religiosa. O evangelho segundo o Espiritismo foi a terceira obra básica lançada por Kardec. Segundo ele, essa obra somente fora lançada nessa sequência por aconselhamento dos próprios espíritos superiores que dirigiram a codificação do Espiritismo. Justamente porque este livro assumiria um papel divisor no surgimento do Espiritismo na França e, posteriormente, no mundo. Os fenômenos utilizados para sua codificação e a filosofia vinda destes foram mais debatidos pelos intelectuais e cientistas da época que quiseram comprovar os fenômenos, e muitos deles fizeram parte das reuniões e experimentações junto ao grupo de Kardec e a outros grupos formados na época.

Mas a questão religiosa foi debatida pela Igreja desde o lançamento dos primeiros livros espíritas, que, após, repudiou a nova religião. Com o lançamento de O evangelho segundo o Espiritismo, a questão se aprofundou. Essa obra trazia a parte moral, ou religiosa, e se apoiava justamente nos princípios cristãos como uma retomada ao cristianismo. Para Incontri,

O Espiritismo é uma revelação religiosa, porque pela mediunidade, os Espíritos propõem teorias teológicas e morais, filosóficas e cosmológicas. Também este conteúdo revelado pelos Espíritos passa pelos critérios da racionalidade filosófica e do referendado científico (2004, p. 30).

O Espiritismo não se apresentou como uma religião focada no inferno ou no céu teológicos, destinados ao sofrimento ou à contemplação eternos; mas compreendeu o ser como sendo evolutivo e reencarnacionista, capaz de influenciar em sua eternidade por meio das várias existências em que evolui, principalmente pela ação fundamental do seu trabalho, material e espiritual, causador do progresso. Assim, o homem deixou de ser considerado apenas homem e foi descoberto como espírito, ora sob vestes carnisais, ora liberto do corpo.

Esses princípios propostos por Kardec se delinearão pela pesquisa, principalmente porque o Educandário, nosso objeto, foi idealizado e instalado pela UMEI, com estatuto próprio e um Conselho Diretor composto apenas por espíritas, influenciando nas práticas e na filosofia interna da escola, embora não se fizesse proselitismo em seu interior, como averiguaremos em várias ocasiões.

### 1.3 FILANTROPIA E ESPIRITISMO

Segundo Abbagnano (2007), o conceito de filantropia se remete a Aristóteles e aos estóicos, significando a amizade de um homem com outro homem, constituindo um vínculo natural em que toda a humanidade está constituída. Já mais adiante Cícero aprofundou o conceito, explicando que a solidariedade deve existir entre os homens pelo simples fato de serem todos homens. Mas Platão haveria de desdobrar o conceito em três: saudação, ajuda e hospitalidade. Na modernidade, somente a palavra ajuda já designa a atitude de benevolência, podendo ser traduzida por altruísmo. O Dicionário de ciências sociais da Fundação Getúlio Vargas (1986) usa como sinônimo de filantropia a palavra beneficência. Nesse sentido, encontramos que beneficência é a capacidade de bem fazer e de auxiliar ao próximo, atenuando ou colocando fim a um estado de necessidade material ou moral. Sendo ainda sinônimo de assistência a palavra caridade. Conforme o Dicionário de ética e filosofia Moral:

O conceito de *cáritas* pertence ao campo semântico latino dos termos amor, *dilectio* e *amicitia*; na origem, ele designa o amor do homem por Deus, em oposição ao amor *naturalis*, considerando como uma tendência fundamental e natural do ser. Por sua raiz etimológica, *caro* (carne) designa também o aspecto afetivo do amor. Nesse sentido, a “caridade” pode, na teologia mística, servir para designar a ascensão da alma a Deus e a contemplação divina de Deus (2003, p. 1999).

Para Paulo de Tarso, a caridade é a virtude fundamental do cristianismo, ressaltando-a entre a fé e a esperança em suas cartas. Também a caridade se remete ao princípio de se fazer, aos outros, o que se gostaria que se fizesse a si, em atribuir às crenças e às linguagens alheias a mesma racionalidade e coerência que atribuímos, por direito, às nossas crenças e às nossas linguagens (ABBAGNANO, 2007, p. 136), ou seja, é uma condição de possibilidades de interpretação, maximizando ou minimizando o acordo entre os seres humanos.

Se a beneficência, ou caridade, atenua ou põe fim a um estado de necessidade material ou moral, de acordo com o Dicionário de Ciências Sociais, esta passa a ser instituição

(...) num dado momento histórico, formando um conjunto integrante de intenções e ações com as mesmas características já descritas. Esta organização, enquanto forma institucionalizada de solidariedade particular, atende a necessidades definidas (doenças, desemprego, velhice e outras). Assim, hospitais, asilos, orfanatos, por exemplo, são locais onde é praticado o bem-estar, na forma de auxílio concreto ou de serviços. Nessa perspectiva o enfoque institucional permite alargar o sentido próprio do termo concernente às condições nas quais é exercida a ação beneficente (1986, p. 119).

É assim que iremos observar a formação de instituições filantrópicas, em maior ênfase, com a passagem do feudalismo para o capitalismo, pois esta traçou, para a Europa, um caminho que chegou ao processo da industrialização e urbanização intensas, promovendo o acúmulo de pessoas nos centros urbanos vindas do campo. Como o mercado de trabalho não conseguia absorver aquele volume de trabalhadores, o resultado imediato foi a miséria, a formação de uma classe paupérrima que não podia se garantir, muito menos garantir a sobrevivência dos filhos. Além disso, as condições para aqueles que estavam empregados eram desesperadoras, pois não possuíam recursos legais que os amparassem, ficando à mercê do controle e da disciplina do patrão, aceitando trabalhar por horas e turnos e a receber castigos e multas. Nas fábricas, o trabalho estava pouco à frente dos escravos, pois freqüentemente recebiam seus pagamentos em mercadorias miúdas ou eram obrigados a morar em casas fornecidas pelo patrão.

O caos urbano e habitacional em que vivia a classe trabalhadora, o infanticídio, a prostituição, o suicídio e a demência têm sido relacionados com este cataclismo econômico e social. Associado ao problema do álcool e ao aumento de criminalidade e da violência, tudo levava à desmoralização da classe trabalhadora (FEITAL, 2004, p. 176).

De acordo com Leite (1996), foi assim que vimos surgir a Roda dos Expostos, na França e em Portugal, com maior ênfase, depois em vários países da Europa, sendo trazida para o Brasil no século XVIII. Foi criada na tentativa de salvar os recém-nascidos, pelos governantes, e garantir que estas crianças fossem encaminhadas mais tarde a trabalhos forçados na tentativa de se formar uma classe trabalhadora, afastando-as da vadiagem e da prostituição. A roda era uma prática muito discutida nos países em que existia, pois se acreditava que ela incentivava a irresponsabilidade dos pais, pois lhes permitia anonimamente abandonar as crianças, frutos de seu prazer. Nesse momento, a Igreja tomava conta desses princípios de caridade, tendo profunda atuação em sua manutenção, provocando o surgimento da consciência moral, para se pensar nessa exclusão social.

Até o início do século XIX, existia certa indiferença com relação à criança. O abandono e a imortalidade infantil eram vistos como práticas comuns na Europa, influenciadas por fatores econômicos, sociais e culturais como a própria questão da implantação da urbanização. Pouco a pouco, as questões educacionais modificariam esse painel. No Brasil, a situação agravou-se porque havia condições que iam além da miséria

européia nos séculos XVIII e XIX: a escravidão, a exploração sexual das escravas e da criança escrava foram aspectos capazes de manter a roda em atuação. E, de acordo com Leite,

Apesar das discussões sobre a imortalidade da instituição e a alta mortalidade dos internatos, que se prolongaram até o século XX, a instituição sobreviveu, com alterações internas e maior controle estatístico e sanitário de seu funcionamento até 1948, no caso de São Paulo (1996, p. 100).

Voltando ao século XVIII e XIX na Europa, com o efetivo crescimento das massas empobrecidas e, conseqüentemente, da mendicância, da prostituição e da mortandade infantil pelo advento da industrialização e urbanização aceleradas, foi necessário que o Estado voltasse suas atenções para o controle da ordem social, apontando o trabalho como único meio de garantia de vida ao indivíduo. Foi então que a filantropia começou a sair das mãos da Igreja, ganhando uma política social mais evidenciada na Inglaterra. A pobreza era vista como viciada, e as multidões eram tidas como perigosas, capazes de promover grandes desordens sociais e, também, revoluções. Foi instituída a pauperologia, ou ciência dos pobres, destinada a reverter esse quadro de miséria social ou controlá-lo. Médicos higienistas, juízes e advogados tornaram-se os atores sociais responsáveis por fazer a passagem da caridade (momento em que era controlada pela Igreja) para a filantropia (como foi designado) com a criação de instituições que fariam a higienização social: as workhouses ou asilos. Essa prática foi passada a toda Europa, principalmente para a França. Consistia em regenerar os pobres moralmente abandonados ou ainda disciplinar as classes perigosas (FEITAL, 2004, p. 177).

O pobre passou a ter, pela primeira vez, uma política voltada a sua assistência, com leis e decretos que impunha mais deveres que direitos, e sua vida passou a ser controlada pelo Estado. Para ser ajudado, o indivíduo precisava ter um atestado de pobreza, que o garantia merecedor e isento de envolvimento com a vadiagem. Surge então a Sociedade Filantrópica (1780), a Sociedade da Caridade Maternal (1788) e a Sociedade de Apoio Judiciário (1787).

De um modo geral, essas associações reportavam-se às classes indigentes, subsidiando a velhice trabalhadora, assistindo à maternidade, prevenindo os abandonos das crianças e defendendo na Justiça os direitos dos acusados necessitados. Para receber o auxílio era preciso ser trabalhador sem qualificação ou estar num estado de pobreza absoluta (“indigência constatada”) (FEITAL, 2004, p. 179).

Já exclusivamente no século XIX, a questão torna-se mais grave, e o Estado, na França, vê-se na obrigação de pensar em uma previdência. Os pobres se vêm na condição de

comercializarem as próprias produções, e, com a estagnação das fábricas, os investimentos diminuíram, reduzindo a admissão de trabalhadores. Os pobres agora se dividiam entre os aptos e os inaptos para o trabalho, havendo distinção entre a pobreza natural e aquela decorrente do mundo do trabalho. O Estado resumiu seus debates na reforma das Poor Laws, na Inglaterra, com emenda na Lei dos Pobres, de 1834, que chegou à França no século XIX. Essa lei estabeleceu as bases e foi o ponto de partida para o capitalismo moderno.

No surgimento do Espiritismo, na França do século XIX, todas essas discussões estavam em voga, e embora tenha surgido em meio a um caráter científico e filosófico, o Espiritismo possui um terceiro aspecto, o religioso. Voltado aos ideais cristãos de caridade, comungava dos ideais filantrópicos do Estado com pouca diferenciação para as correntes materialistas como o marxismo, que via as práticas espíritas assistencialistas como obscurantistas. Na visão espírita, o conceito de caridade amplia-se, havendo uma caridade material e outra moral, o que foi mal interpretado naquele momento, colocando-o nas mesmas medidas das outras religiões ou do Estado.

Para os espíritas, a caridade material é aquela feita na construção de instituições destinadas a cuidar dos desfavorecidos, como escolas, orfanatos e abrigos, mas que também pode ser realizada num âmbito mais particular, como a doação de donativos, remédios e cobertores, muito difundida nos centros espíritas da atualidade, em seus trabalhos assistenciais e visitas a lares necessitados. Já a caridade moral, consiste em soerguer o homem necessitado, vai além da assistência à pobreza, pois esta articula ajuda com qualquer indivíduo. Busca amenizar a dor moral e confortar as penas e desolações cotidianas. Essa prática hoje também é difundida nas casas espíritas por meio de trabalhos chamados de acolhimento fraterno ou atendimento fraterno. E, segundo o texto de Allan Kardec O evangelho segundo o Espiritismo, está na caridade moral o exercício do verdadeiro cristão, pois a caridade material é obrigação do homem, portanto do Estado, que deve suprir as necessidades básicas dos indivíduos, tais como alimentação, saúde e educação.

Como o Estado se opõe a essas práticas, na maioria das vezes sendo o sistema insuficiente para atender à demanda crescente de necessitados, o Espiritismo, ao longo do século XX, principalmente no Brasil, país em que mais se desenvolveu, “auxiliou” o Estado na construção de escolas, hospitais e asilos, colaborando no processo de higienização do país em momentos importantes de seu desenvolvimento, como veremos, principalmente neste capítulo 1, item 1.7.

## 1.4 A PRESENÇA ESPÍRITA NO BRASIL

Procuramos fazer uma análise da presença espírita no Brasil na década de 1950, momento da implantação do Educandário Ituiutabano, mas sem nos dispormos a (re)construir uma história do Espiritismo no Brasil, e sim a compreendermos o momento histórico que o Espiritismo atravessava, constatando a consolidação de uma corrente que, se não influenciou o país, conseguindo um grande percentual de adeptos, conquistou o respeito do povo brasileiro e também seus aspectos legais<sup>10</sup>, principalmente pela atuação espírita nos campos da assistência social e educacional, garantindo e mantendo esse painel até a atualidade. Consideramos o surgimento do Espiritismo na França, no século XIX, o primeiro momento de sua expansão e o Espiritismo no Brasil, o segundo momento.

Um dos princípios utilizados por Allan Kardec para a codificação do Espiritismo foi a comparação entre as mensagens ditadas pelos espíritos e recebidas por diferentes grupos espalhados por vários países. Dessa maneira, ele mesmo comprovou que o Espiritismo não foi dado de maneira completa a nenhum lugar, que essa não foi propriedade exclusiva de seu grupo de estudos e pesquisas, e sim de uma coletividade que o aprimorou. Explica que o Espiritismo:

(...) engloba um número tão grande de observações, assuntos tão diversos, que exigem ou conhecimentos e aptidões mediúnicas especiais, que seria impossível reunir num mesmo ponto todas as condições necessárias. Como o ensinamento deve ser coletivo e não individual, os Espíritos dividiram o trabalho disseminando os objetos de estudo e de observação, como, em certas fábricas, a confecção de cada parte de um mesmo objeto é repartida entre diferentes operários (KARDEC, 1966, p. 59).

Assim, Kardec deixa claro que o ensinamento espírita, pela vastidão de assuntos abordados, foi dividido e espalhado pelos diversos pontos de pesquisa, cabendo a ele apenas o papel de codificador. Acrescenta ainda que

---

<sup>10</sup> Houve uma contradição entre a Constituição de 1891, que apontava para uma liberdade religiosa, e o Código Penal de 1890, que considerava crime a prática do Espiritismo e de atividades de cura por pessoas sem habilitação formal. Tivemos dois casos famosos de perseguição a espíritos: o primeiro ocorreu entre 1904 e 1905, quando foi processado o então presidente da Federação Espírita Brasileira e o médium Domingos Filgueras, no Rio de Janeiro, por prática ilegal da medicina. Mas ambos foram absolvidos. E o segundo em 1917, quando Eurípedes Barsanulfo, em Sacramento-MG, também foi denunciado por prática ilegal da medicina; o inquérito policial acabou sendo arquivado. No Estado Novo, entre 1937 e 1945, a repressão ao Espiritismo sofreu grande aumento, mas foi na Reforma de 1940 do Código Penal que a prática do Espiritismo deixou de ser explicitamente criminosa. Um pouco mais tarde, a Constituição de 1946 garantiu plena liberdade religiosa, terminando os conflitos com a lei. (SANTOS, 1997)



A revelação foi assim feita parcialmente, em diversos lugares e através de um grande número de intermediários, e é dessa maneira que ela prossegue ainda neste momento, pois nem tudo está revelado. Cada centro encontra, nos outros centros, o complemento do que obtém, e é o conjunto, a coordenação de todos os ensinamentos parciais que constitui a doutrina espírita (KARDEC, 1966, p. 59 e 60).

Podemos compreender aqui mais um dos aspectos do Espiritismo que remete a sua forma construtiva. Kardec explica que essa religião não está encerrada a um lugar ou àquele lugar onde foi codificada, deixando margem para compreendermos o seu caráter de expansão, principalmente em conformidade com seus aspectos científicos e filosóficos. No Brasil, o desenvolvimento do Espiritismo ganhou maior vulto que em qualquer local do mundo, até mesmo a França. Seja pela presença do médium Francisco Cândido Xavier (1910-2002), que psicografou mais de quatrocentas obras espíritas, desdobrando o pensamento kardequiano, seja pelo grande número de seguidores. Mas nos ateremos apenas a essa movimentação nacional, e o caso Chico Xavier estará mais explicado no próximo item, garantindo aqui o pensamento de que ocorreu no Brasil o desdobramento do Espiritismo, como o próprio Kardec salientara essa possibilidade.

Assim, o Espiritismo vagarosamente conquistou espaço, desde a república brasileira, em meio a uma predominância católica, atravessando momentos de lutas, tensões e algumas vitórias. Vamos nos ater à compreensão do painel espírita nacional na década de 1950, período de instalação do Educandário Ituiutabano. Nesse momento, já na metade do século XX, o Espiritismo encontrava-se sedimentado e mais aceito por seus adversários. Para o pesquisador Silva, *por volta de 1950, o movimento espírita já havia, há um certo tempo, amenizado seus conflitos com o clero, já não tão ferrenhos como eram* (2005, p. 246).

Para compreendermos essa atuação espírita em 1950, definiremos, primeiramente, uma linha histórica para compreendermos o Espiritismo brasileiro, se assim podemos considerá-lo. No que veremos, o Espiritismo brasileiro é simplesmente a continuação da proposta de Allan Kardec, agora no Brasil, possuindo seu aspecto religioso dilatado pela maioria de seus adeptos, principalmente no que aponta para práticas mais filantrópicas. Vamos analisar o que algumas correntes propõem: 1) os que defendem que o Espiritismo brasileiro sofreu distorções de sua origem francesa; 2) os que defendem a idéia da originalidade de sua reconstrução no Brasil; e 3) a idéia de que o Espiritismo está no Brasil, obedecendo a um segundo momento de seu desenvolvimento.

Para o pesquisador Bigheto,

(...) o espiritismo perdeu o seu vigor filosófico e científico inicial. Os adeptos da doutrina de Kardec no Brasil, em sua maioria, foram pessoas cujos interesses se relacionavam pouco com as questões científicas, sociais, filosóficas e educacionais, seus interesses giravam em torno das questões religiosas (2006, p. 75).

A pesquisa de Bigheto refere-se ao Espiritismo na Primeira República brasileira, na análise que faz do Colégio Allan Kardec, em Sacramento, Minas Gerais, nos primórdios do Espiritismo no Brasil. Essa idéia confirma a hipótese de que, no Brasil, o Espiritismo sofreu uma deformação do Espiritismo francês. Mas, conforme Silva (2005), há outra hipótese a ser seguida: o Espiritismo poderia ser uma reconstrução original:

O Espiritismo no Brasil não é um simples desvio de uma doutrina racional de origem européia e que sofreu uma contaminação do mágico e do místico, graças a uma predisposição do povo brasileiro para o maravilhoso. É uma reconstrução original influenciada pela formação cultural brasileira que já possuía elementos que foram reinterpretados pelo Espiritismo, assim como ele foi reinterpretado por estes mesmos elementos: crenças indígenas, africanas e populares de origem européia. Dessa forma, acreditamos não ser possível ao Espiritismo manter uma “pureza” onde quer que fosse difundido (SILVA, 2005, p. 32).

Quando analisamos essas questões, ou essas duas hipóteses, encontramos que, na época da codificação kardequiana, foi necessária a ênfase filosófica e científica por dois aspectos distintos. O primeiro diz respeito à própria gênese do Espiritismo, que surgiu não entre a classe pobre ou a classe trabalhadora européia, mas entre os intelectuais, conforme apresentamos na introdução desta pesquisa. Esse caráter de análise científica foi decisivo em sua gênese pela necessidade de comprovação dos fatos que permitiram Allan Kardec codificar o Espiritismo em seu aspecto tríplice: ciência, filosofia e religião, da maneira como foi, ou seja, pela intervenção do chamado plano espiritual ou dos espíritos superiores, necessitando tal rigorismo empírico.

O segundo ponto relevante a ser analisado no momento histórico da codificação espírita e que deve ser constatado é o do predomínio do poder católico na França do século XIX e em toda Europa. Assim, o caráter científico e filosófico ganhou primeiro destaque, pois o próprio livro *O evangelho segundo o Espiritismo*, obra básica que apresenta sua parte moral ou religiosa, não foi a primeira a ser lançada ao público, compreendendo que esta seria a parte mais difícil da consolidação do Espiritismo pelas revelações teológicas, que chegariam até o clero da época como blasfêmia e heresia. Conforme escrito no livro *Obras póstumas*, somente com o lançamento de *O evangelho segundo o Espiritismo*, a nova religião se afirmaria como

uma tradição cristã. E, por essa afirmação, compreendemos o porquê dos ataques e as perseguições que tanto o Espiritismo quanto seus seguidores sofreram naquele primeiro momento, na França, e nos anos posteriores, para a sua implantação no Brasil.

Assim, o Espiritismo no Brasil não fugiu à tradição francesa, filosófica e científica, mas é uma expansão da própria codificação num segundo momento, apoiada, principalmente, pela presença do médium Francisco Cândido Xavier, que não só desdobrou a codificação espírita, para que esta não ficasse apenas entre os círculos de intelectuais, mas também garantiu a afirmação de seu caráter religioso, exemplificando a máxima do próprio *O evangelho segundo o Espiritismo: Fora da Caridade não existe salvação*, por meio de campanhas e distribuições a milhares de necessitados. A presença de Chico Xavier será mais definida no estudo sobre o Espiritismo em Minas Gerais.

## 1.5 A PRESENÇA ESPÍRITA EM MINAS GERAIS

Pretendemos aqui discorrer sobre alguns vultos que influenciaram o Espiritismo em Minas Gerais. Não na pretensão de ressaltar toda história dessa religião no estado, mas sim na tentativa de construir um painel sobre a implantação do Espiritismo em Minas Gerais, por meio de líderes e médiuns que se destacaram e por sua conseqüente influência na pequena Ituiutaba, o que será feito neste capítulo, no item 1.7.

Seria impossível discorrer sobre Espiritismo em Minas Gerais sem considerarmos, inicialmente, a presença de Eurípedes Barsanulfo (1880-1918). Quer por sua ação que auxiliou sobremaneira a consolidação do Espiritismo no Brasil, quer por seu trabalho na pequena cidade de Sacramento, nos campos assistencial e educacional. Além do receituário homeopático que fazia, fundou a primeira escola espírita do Brasil, quiçá uma das primeiras do mundo, o Colégio Allan Kardec, em 1908. Sobre o trabalho de Barsanulfo na educação, encontramos mais recentemente as dissertações de Alessandro César Bigheto e Anderson Cleytom Ferreira Brettas<sup>11</sup>. Aqui nos ateremos à influência de Barsanulfo em Minas Gerais num âmbito geral, mostrando sua atuação no movimento espírita.

---

<sup>11</sup> BIGHETO, Alessandro César. **Eurípedes Barsanulfo**. Um educador de vanguarda na Primeira República. Bragança Paulista, Editora Comenius. 2006. BRETTAS, Anderson Cleytom Ferreira. **Eurípedes Barsanulfo e o Colégio Allan Kardec**: capítulos de história da educação e a gênese do Espiritismo nas terras do Alto Paranaíba e Triângulo Mineiro (1907/1918). Dissertação de Mestrado. Uberlândia, UFU. 2006.

O trabalho efetivado por Barsanulfo, embora na Primeira República, influenciou e continua influenciando, sobremaneira, o Espiritismo em Minas Gerais e no Brasil, principalmente por sua atuação como médium curador e receitista. De acordo com Corina Novelino (2007), sua principal biógrafa e uma das continuadoras de seu trabalho, Barsanulfo rompeu com o Catolicismo dominante na pequena Sacramento assim que conheceu *O livro dos espíritos*. Barsanulfo era um educador católico e havia auxiliado a implantação da estrada de ferro como vereador. A partir de sua conversão ao Espiritismo, as perseguições se fizeram tão arraigadas por parte dos líderes católicos de Sacramento, que seu primeiro Educandário acabou fechado pela evasão dos professores e pela requisição do prédio por seus proprietários. Criou, então, o Grupo Espírita Esperança e Caridade, em 1905, e, a partir daí, uma farmácia e um laboratório alopático, mas também trabalhou com a homeopatia. Acima de tudo, a repercussão de seu trabalho ganhou o Brasil por utilizar sua farmácia e laboratório para aviar as receitas que recebia mediunicamente e, também, pelas centenas de curas que fazia por meio do passe.

A perseguição a Barsanulfo estendeu-se por muito tempo e, em 1917, ele foi denunciado por prática de espiritismo e curandeirismo, de acordo com o Código Penal de 1890. Denunciado pelo Círculo Católico de Uberaba, Barsanulfo foi apoiado pelos adeptos do Espiritismo e pelas centenas de simpatizantes, muitos deles acolhidos por ele quando doentes, tanto de Sacramento quanto de várias cidades interioranas da região. O inquérito seguiu por um ano até ser arquivado pelo juiz de direito de Uberaba, sem muito entusiasmo. Sua presença ficou marcada não só em Minas Gerais, seja por seus dons mediúnicos, seja por ser o fundador do primeiro colégio espírita do Brasil, influenciando confrades por todo o país. Sobre seu método educativo, teremos um desenvolvimento mais amplo no capítulo 2, item 2.2 (NOVELINO, 2007).

Além de Eurípedes Barsanulfo, a presença norteadora do Espiritismo no país no século XX foi, sem dúvida, a de Francisco Cândido Xavier. Nasceu a 2 de abril de 1910, na cidade de Pedro Leopoldo, em Minas Gerais. Passou do catolicismo, sua religião de berço, ao Espiritismo logo que sua irmã doente conseguiu cura no centro espírita de Pedro Leopoldo. De acordo com seus biógrafos, Chico Xavier já possuía visões desde os 4 anos de idade, estando em constante conflito com seus familiares e com os padres que o catequizavam. Aos 18 anos de idade, Chico Xavier já recebia suas primeiras mensagens psicografadas, lançando o livro *Parnaso de além túmulo*, um pouco mais adiante, em 1932. Esse livro causou grande movimentação no mundo das letras e da imprensa nacionais, pois nele havia poemas de poetas brasileiros e portugueses que já haviam “morrido”. O fato tornou-o um fenômeno, e a

pequena Pedro Leopoldo era visitada constantemente por jornalistas, críticos e eruditos que queriam conhecer aquele rapaz ignorante, atendente de balcão e com a 4ª série primária. Os jornais impressos noticiaram toda essa movimentação, principalmente o jornal *O globo*, do Rio de Janeiro, por meio do repórter Clementino de Alencar, por volta de 1935<sup>12</sup>.

Após um longo trajeto de livros que se seguiram, inclusive livros psicografados por Humberto de Campos, o médium foi processado pela família deste, que queria receber os direitos autorais do morto. O caso ganhou fama nacional, mas mesmo sendo arquivado mais tarde, em 1959, Chico Xavier transferiu-se para Uberaba, em Minas Gerais, dando continuidade ao trabalho espírita desenvolvido, tanto da psicografia quanto da assistência social, por meio de peregrinações e orientações que assistiam centenas de pessoas carentes. O médium ganhou mais notoriedade, pois, a partir dessa época, as cartas psicografadas por ele chamaram a atenção das famílias que haviam perdido filhos em acidentes automobilísticos ou por outras formas, atraindo para Uberaba, principalmente, pessoas que estavam em evidência no meio político e artístico brasileiros.

Para compreendermos o fenômeno Chico Xavier, procuramos observá-lo, primeiramente, por pesquisas acadêmicas realizadas em áreas distintas e, a seguir, pela exposição do pensamento de alguns indivíduos mais próximos de sua caminhada na cidade de Uberaba, para, enfim, obtermos uma compreensão mais elaborada de sua expressão, defensora do Espiritismo de Kardec e da religiosidade que está implícito neste.

Menezes (2006) analisou os espaços criados pelo Espiritismo por meio do médium Francisco Cândido Xavier em Uberaba, Minas Gerais, para compreender o que denominou de processo de sacralização, deste. Analisou seus espaços, como a casa e/ou museu (atualmente), a livraria, o centro espírita e o grupo espírita, espaços estes criados no entorno de sua expressão; e o mausoléu, construído após seu falecimento. A pesquisadora tratou o assunto seguindo correntes das ciências sociais e da geografia, apoiada no trabalho de campo que favoreceu o contato com os lugares e alguns *informantes-chave*, que estiveram na companhia do médium, como também de literatura específica.

Destacamos de sua pesquisa quatro pontos relevantes. 1) O catolicismo de Uberaba, com a vinda de Chico Xavier, em 1959, teve seus alicerces balançados pela presença deste e pela forte disseminação espírita, principalmente pelo trabalho assistencial do médium e pela apropriação de alguns valores católicos assumidos por ele, quer por sua formação católica original, quer por colocar o cristianismo e o respeito a todas as crenças em primeiro lugar. 2)

---

<sup>12</sup> Todas essas reportagens estão contidas em: ARANTES, Hércio Marcos Cintra (org.). **Notáveis reportagens com Chico Xavier**. Araras, Editora IDE. 2002.

Os seguidores<sup>13</sup> de Chico Xavier continuam atentos aos ideais, exemplificados por ele, de amor e de caridade acima de qualquer mácula ou contradição. 3) Os lugares apropriados por ele passaram a ser ponto de convergência dos ideais espíritas, pois, como salienta, *os lugares sagrados e institucionalizados para a difusão dos preceitos religiosos do Espiritismo em Uberaba possuem um papel, fundamentalmente, ético e moral do ponto convergente de organização e prática social* (2006, p. 31). 4) Seus espaços continuam representando *toda sua humildade, esperança e fé* (2006, p. 31) e permanecem difundindo ideais de caridade e imortalidade.

Já Lewgoy (2006) faz uma leitura antropológica, procurando estabelecer contatos entre Espiritismo e catolicismo, por meio de atributos que caracterizariam a “santidade”<sup>14</sup> do médium mineiro e estabelecendo que este fez a ponte simbólica do sincretismo existente entre as duas religiões. Considera Chico Xavier,

Personalidade singular, fundador de um modo próprio de conceber e viver o espiritismo, (...) fez uma original articulação entre o sistema personalista de valores, caro ao catolicismo luso-brasileiro, e o reencarnacionismo cármico de Allan Kardec. Em outras palavras, ele articulou crenças populares católicas com o rigorismo ético do espiritismo europeu (2006, p. 213).

Francisco Cândido Xavier, pela leitura de Lewgoy, também *amoleceu o anticatolicismo entre os kardecistas (...) enfatizando a conciliação e a caridade* (2006, p. 213). E é nessa perspectiva que o autor o coloca, sob a representação do modelo de santidade do século XX, que engloba a *renúncia, a caridade e a doação gratuita aos pobres – tal como Madre Tereza de Calcutá* (2006, p. 216). Outro aspecto importante é salientado quando o médium foi indicado ao prêmio Nobel da Paz, em 1981, valendo mais a indicação para a própria divulgação do Espiritismo.

Silva (2006) aponta como consenso a questão da prevalência do aspecto religioso do Espiritismo no Brasil, o que considerou como *um dos fatores centrais para disseminar o espiritismo no país* (2006, p. 241). Aponta para dois aspectos norteadores para essa centralidade: 1) a pobreza e a necessidade do próprio povo brasileiro, que buscou em Chico Xavier, como no costume antigo nas crenças mágicas e afro-brasileiras, a resolução para as

<sup>13</sup> Chico Xavier sempre se colocou em nome do Espiritismo e a serviço da doutrina espírita. Apesar das multidões que o acompanhavam e o seguiam, sempre se definiu como um trabalhador do Cristo ou simplesmente um “Cisico”, como ele mesmo dizia, sem nunca pretender lideranças.

<sup>14</sup> Para o Espiritismo, não há o conceito de “santidade” utilizado no catolicismo. Como são reencarnacionistas, acreditam na evolução do Espírito, que poderá chegar cada vez mais a maiores estágios de evolução. O símbolo máximo conhecido na Terra de Espírito evoluído é o do próprio Cristo, que seria o governador do planeta, também criado por Deus, sendo nosso irmão maior.

mazelas e dores do cotidiano; e 2) quando o espiritismo incorpora à sua prática valores da cultura religiosa ocidental como a santidade, assumindo um matiz perceptivelmente católico.

Como foi um homem que dedicou sua vida ao próximo desde a infância sofrida e pobre, em Pedro Leopoldo, foi natural, ante sua preocupação em servir, que, à sua volta, as multidões o acompanhassem, quer pelo sofrimento que envolve o povo brasileiro, pela necessidade material que o acompanha ou pelo desejo de orientações espirituais e psicografias. Pois os seus livros apontam para um Chico Xavier que fez prevalecer o desdobramento da obra kardequiana, continuando fiel aos mesmos ideais de instrução, filosofia e ciência, determinantes na obra básica de Allan Kardec.

Para seu grupo, em Uberaba, Francisco Cândido Xavier conseguiu unir, assim, os alicerces fundamentais do Espiritismo concretizados na trindade religião–ciência–filosofia, seja na obra psicográfica apresentada, seja na ação assistencial, por meio de peregrinações e distribuições de gêneros alimentícios, remédios, dinheiro e, principalmente, pelo exemplo ou pelo modelo de homem que foi, constatado por vários autores: modelo de filho, modelo de funcionário público, modelo de homem de bem, como enfatiza o Espiritismo. Por todos esses apontamentos, Chico Xavier é considerado como a expressão máxima, depois de Allan Kardec, no desenvolvimento do Espiritismo no Brasil, não por inovar, mas por dilatar o Espiritismo, fazendo-o chegar, por meio de seu trabalho ou sua condição de vida, a um maior número de pessoas.

Outro fenômeno em matéria de mediunidade que obteve grande destaque nacional e internacional foi José Pedro de Freitas, ou simplesmente Arigó (1921–1972), na cidade de Congonhas do Campo. Não poderia ser esquecido, quer por sua mediunidade diferenciada, quer pela projeção alcançada. Eurípedes Barsanulfo foi médium, trabalhou no receituário mediúnico e nos passes de cura e fundou a primeira escola espírita do Brasil. Francisco Cândido Xavier ficou conhecido pelas notáveis campanhas assistenciais, pelas cartas que recebia mediunicamente do chamado Além e, sobretudo, pelas obras espíritas psicografadas. E José Arigó, em sua trajetória, ficou conhecido pelo receituário mediúnico desafiador e pelas “intervenções cirúrgicas” tão temidas e comentadas, sem deixar nenhum legado educativo ao Espiritismo<sup>15</sup>, ganhando inclusive o apelido de “o médium da faca enferrujada”.

---

<sup>15</sup> Sobre o médium José Arigó, encontramos livros como: PIRES, Herculano. **Arigó: vida, mediunidade e martírio**. 4ª edição. Capivari/SP, Editora EME. 1998. VALÉRIO, Cícero. **Fenômenos parapsicológicos e espíritas**. São Paulo, Editora Piratininga, 1962. RIZZINI, Jorge. **José Arigó, revolução no campo da mediunidade**. São Paulo, Edição Cidade da Criança, s/d. LOPES, Jair Leonardo. **Em defesa de Arigó**. Belo Horizonte, s/e. 1965.

Arigó, como ficou conhecido, prescrevia, pelo receituário mediúnico, remédios em desuso ou em doses cavалares, contrariando o consenso médico com combinações inaceitáveis, às vezes colocando o nome de remédios que só seriam lançados mais adiante ou medicamentos que haviam sido condenados. Nas cirurgias espirituais, tomado pelo espírito do Dr. Fritz, utilizava-se de canivetes, facas ou qualquer coisa que lhe caísse às mãos, cravando o objeto no paciente e ocasionando curas consideradas como fantásticas, divulgadas e pesquisadas em países da Europa e na América do Norte, ficando os médicos brasileiros apenas com a preocupação de desmascarar suas “fraudes”. De acordo com Pires (1998), ninguém conseguiu provar fraude; aliás, conta-se que, quando a pessoa não alcançaria a cura, ele mesmo já dizia e não a operava.

Arigó contrariou até os preceitos espíritas de utilização da mediunidade. Arrastava uma multidão de seguidores contrários aos seus métodos, entre não espíritas e espíritas, dentre a multidão de doentes e curiosos que o seguia dia e noite em Congonhas. Foi preso duas vezes por utilização indevida da medicina. Na primeira prisão, em 1958, foi indultado por Juscelino Kubitschek, a pedido de pessoas importantes; na segunda, em 1964, não aceitou o indulto, dizendo nada ter feito de errado para ser perdoado, cumprindo uma pena de um ano e quatro meses. Durante o tempo que esteve preso, as multidões continuaram o seguindo. Ao sair, continuou seu trabalho, até falecer por acidente, em 1972.

Em vista do trabalho desenvolvido por esses três vultos aqui selecionados pela expressão nacional e internacional alcançadas, procuramos mostrar a influência do Espiritismo mineiro no painel nacional religioso. Longe de terem sido os únicos, pois sabemos da existência da União Espírita Mineira, em Belo Horizonte, atuando, desde 1904, no movimento espírita mineiro, e de centenas de grupos que se formaram ao longo do século XX por todo interior do estado, com a presença de outras importantes personalidades, embora circunscritas, em sua maioria, a um âmbito mais regional.

Assim, seja pelos fenômenos mediúnicos que chamaram a atenção não só do estado mineiro, mas também do Brasil, ou pela presença desses e outros médiuns, que, aproveitando sua notoriedade, difundiram os preceitos espíritas, e, diga-se de passagem, havendo sempre uma ruptura com o catolicismo; verificamos que o Espiritismo, na década de 1950, já era bem conhecido no país e bastante difundido, embora nem sempre aceito pela maioria católica. Conquistava respeito da população, que começava a diferenciá-lo, principalmente, dos cultos afro-brasileiros, ao qual era sempre comparado, pois, principalmente com Francisco Cândido Xavier, o Espiritismo tornou-se, além de conhecido, mais estudado e compreendido em suas características.



Em vista dessa conjuntura nacional e regional no aspecto espírita cristão, poderemos compreender melhor a atuação da União da Mocidade Espírita em Ituiutaba na instalação do Educandário. Faremos, primeiramente, uma abordagem geral do momento econômico, político e educacional da pequena cidade do Triângulo Mineiro para, então, compreendermos a atuação dos espíritas de Ituiutaba, que seguiam esses pressupostos tão bem demarcados no Brasil e em Minas, principalmente pela proximidade e pelo intercâmbio com o médium de Uberaba Francisco Cândido Xavier.

## 1.6 A INSTRUÇÃO NA “CAPITAL DO ARROZ”<sup>16</sup>

Os estudos em historiografia vêm desenvolvendo, desde os *Annales*, a possibilidade de trabalho realizado entre a história local e a história global, principalmente para se levar em consideração aspectos mais abrangentes das duas facetas, ampliando discussões e interpretações, interligando-as. Como discorreremos na introdução desta pesquisa, assim como uma instituição escolar está interligada com o painel educacional nacional, pois é regida por uma legislação que abrange todo o país e recebe influências culturais e sociais, uma cidade está interligada com o seu entorno e com o projeto da nação<sup>17</sup>.

No período de instalação do Educandário Ituiutabano (1954-1958), o Brasil vivia um momento conturbado politicamente: a transição do segundo governo de Vargas para o de Kubitschek. Após o suicídio de Vargas, o país passou por um curto governo transitório, findado por um golpe de estado, em que o general Henrique Teixeira Lott, ministro da Guerra, garantiu a posse de Kubitschek, contrariando as forças da UDN, que acreditava assumir o poder. E, mesmo apesar do inconformismo dos derrotados, o novo presidente estabeleceu a liberdade, não havendo presos políticos. Por meio de seu programa, houve um clima de paz social, aliado à melhoria das condições de vida, conciliando o modelo político-nacional-desenvolvimentista com o modelo econômico.

Havia predominância do capital estrangeiro para controlar o setor industrial, havendo assim aumento nas possibilidades de emprego, *mas concentrando os lucros marcadamente em*

<sup>16</sup> Ituiutaba ganhou o título de a “capital do arroz” do Triangulo Mineiro devido à sua forte produção desse grão e ao destaque atingido na economia brasileira entre as décadas de 1950 e 1970. A pequena cidade tornou-se pólo agropecuário, atraindo trabalhadores rurais e investidores para a pequena indústria derivada que se desenhou.

<sup>17</sup> Para nos aprofundarmos nos trabalhos desenvolvidos em história local e global, ver: CARVALHO, Carlos Henrique. A história local e regional: dimensões possíveis para os estudos histórico-educacionais. **Cadernos de História da Educação**, Uberlândia, n. 6, p. 51–69, jan. a dez. 2007.

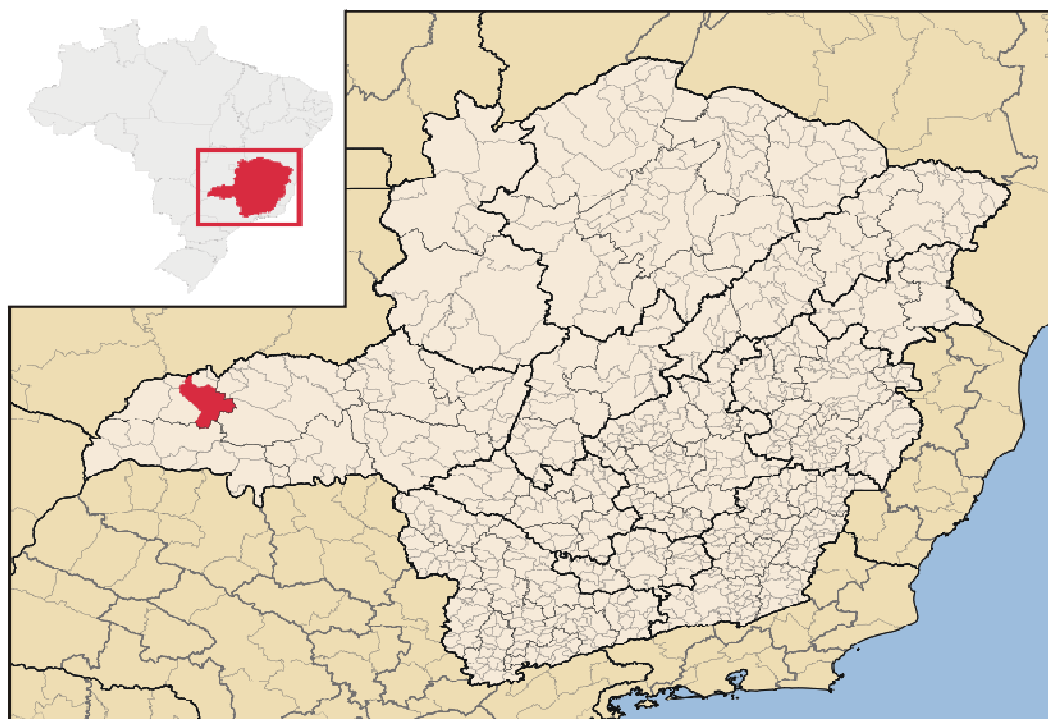
*setores minoritários internos e, mais que tudo, externos* (RIBEIRO, 1992, p. 135). Pelo seu plano de metas, Kubitschek buscou colocar o Brasil na modernidade, implementando a construção de usinas hidrelétricas, indústrias automobilísticas, abrindo rodovias como a Belém–Brasília e ampliando a produção de petróleo. O *presidente Bossa-nova*, como era chamado, pela valorização da cultura nacional, procurou colocar o Brasil na rota da modernidade em variados aspectos, mas é evidente que com uma política de caráter desnacionalizador, aumentando a dívida externa e deixando as portas do país abertas à entrada de empresas multinacionais. Os trabalhadores ficaram descontentes com o avanço de seu projeto, principalmente pelos baixos salários, pois a inflação estava elevada devido às obras públicas. Atrás da modernidade, do desenvolvimentismo industrial e do crescimento do Brasil, principalmente em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, milhares de trabalhadores do campo foram atraídos para as cidades em busca de melhores empregos e salários, trocando apenas a pobreza do campo pela exploração das cidades. Foi nesse viés que Ituiutaba ganhou o título de “capital do arroz” do Triângulo Mineiro, pois mesmo indo contra o projeto nacional industrial, estava na esteira desenvolvimentista de crescimento do país.

O objetivo aqui é visualizar esse momento econômico, político e educacional que a cidade passava no período de instalação do Educandário para compreendermos as lutas que seus fundadores enfrentaram e os elementos facilitadores que auxiliaram na instalação dessa escola, observando que Ituiutaba, com suas singularidades, estava incluída nesse contexto maior. Para isso, segue-se uma pequena introdução sobre os primórdios da cidade, chegando até a década de 1950, observando que Ituiutaba desenvolveu-se no entorno da fé católica.

A gênese dessa pequena cidade não fugiu à regra: esteve arraigada ao catolicismo, dominante e predominante durante quase um século, o que foi muito comum no início das cidades brasileiras. O professor Edelweiss Teixeira escreveu, na *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*, publicada em 1950, que Ituiutaba, cidade localizada no estado de Minas Gerais, não passou de um pequeno lugarejo nascido no entorno da capela fundada pelo padre Antônio Dias de Gouveia, em 1832, dono da sesmaria das Três Barras, próxima ao rio Tijuco. Em 1833, o primeiro capelão, padre Francisco de Sales Souza Fleury, chegou ao lugarejo que se formou em torno à capela, assentada como o casario, às margens do córrego Sujo, numa parte baixa do lugar. Foi o povo que resolveu instalar a capela numa parte mais alta, com maior visibilidade. Em 1839, surgiu a Paróquia de São José do Tijuco, criada pela lei 138, de 3 de abril de 1839. Essa paróquia

(...) compreendia os curatos do Carmo, de Morrinhos da Prata e de São Francisco das Chagas de Monte Alegre. Em 1840 foi tornada sem efeito a lei nº 138, e, em consequência, a criação da paróquia de Prata. Em 7 de novembro de 1866, foi, novamente criada a freguesia de São José do Tijuco, desmembrada de Nossa Senhora do Carmo do Prata, no local da antiga capela edificada em 1839, José Martins Ferreira e José Flauzino Ribeiro, à frente da população de São José do Tijuco, edificaram a matriz que concluíram em 1862 (ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS, 1959, p. 305).

Verificamos nesta passagem, numa breve explanação dos primórdios da cidade, que desde o seu surgimento Ituiutaba fundamentou-se, como inúmeras cidades brasileiras, sob a égide da igreja e da fé católica. Com a chegada do padre Ângelo Tardio Bruno, em 1833, a cidade tomou novo impulso, contando, em 1890, com 5.067 habitantes. Padre Ângelo também fundou a primeira escola da localidade, substituído por José Antônio Januzzi e, mais tarde, por João Teixeira. Em 1901, foi elevada à condição de município, pela lei 319, de 16 de setembro, passando a ser chamada Vila Platina. Em 1915, passou a chamar Ituiutaba. O topônimo “Ituiutaba”, etimologicamente, significa: I (rio), TUIU (tijuco, lodoso, sujo) e TABA (cidade). Portanto, assim criado por estar a cidade situada às margens do rio Tijuco (OLIVEIRA, 2003, p. 31). Esse nome foi dado pelo senador Camilo Chaves, espírita filho da região.



**Mapa 1** - Ituiutaba demarcada no Estado de Minas Gerais

Fonte: [http://commons.wikimedia.org/wiki/File:MinasGerais\\_Municip\\_Ituiutaba.svg](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:MinasGerais_Municip_Ituiutaba.svg)

Mas notamos que os primeiros espíritas, também, instalaram-se na cidade já no início do século XX, precedendo às instituições. Encontramos o depoimento do senhor Vicente Alves do Prado, nascido em 13 de julho de 1897, onde relata que, ao vir estudar na cidade de Ituiutaba, lia *O evangelho segundo o Espiritismo* para sua avó, tornando-se espírita desde muito novo, aproximadamente na década de 1920 (MALUF, 1992). Outro espírita importante desse período foi o capitão Jeronymo Martins de Andrade, nascido em Goiás, em 23 de dezembro de 1842. (...) *muito influenciou na formação do município. Sua personalidade elevou-o à liderança da população que o amava e respeitava. Foi um dos agentes executivos da então Sesmaria às margens do Tijuco* (MALUF, 1992, p. 54). Capitão Jerônimo havia convivido com Eurípedes Barsanulfo, em Sacramento, do qual era discípulo na divulgação do Espiritismo e também do receituário homeopático, auxiliando no processo contra Barsanulfo, colhendo assinaturas em Ituiutaba para sua defesa. Esses relatos nos confirmam que, mesmo a cidade não possuindo nenhum centro espírita, o Espiritismo já se encontrava entre algumas famílias no começo do século XX, embora de maneira muito acanhada ante a predominância católica.

Entre 1935 e 1945, houve um expressivo ciclo de garimpo de diamantes, e a cidade ficou conhecida como a “capital do diamante” do Triângulo Mineiro. Embora o garimpo fosse efêmero, firmando-se apenas por um período aproximado de dez anos, conseguiu reunir um número aproximado de dez mil garimpeiros vindos de todo o país, mas com ênfase em garimpeiros nordestinos, o que ocasionou o início de uma grande época social e econômica. Em 1941, as pedras preciosas tiveram receita de mais de 3 mil contos. Mas, com o declínio do garimpo, em 1945, os migrantes nordestinos se incorporaram ao contingente de trabalhadores rurais do município, pois a pecuária delineou-se no cenário econômico. E foi nesse período, entre a 1ª e a 2ª Grande Guerra, período entre o ciclo do diamante e a pecuária, na pequena Ituiutaba, que começou a abertura de estradas, a corrida migratória, a interiorização das indústrias de transformação, como charqueadas e máquinas de beneficiar arroz e feijão, motivos esses que auxiliaram o início da derrubada das matas na região, embora sem uma precisão cronológica rígida. E um novo ciclo, agora agropecuário, instalou-se em Ituiutaba, caracterizando a cidade pela monocultura do arroz sobretudo (CHAVES, 1985).

No campo econômico, em 1954, ano de início da construção do prédio do Educandário, Ituiutaba já ostentava o título de “capital do arroz” do Brasil, pela forte produção de grãos, que abastecia grande parte dos celeiros nacionais, não só com o arroz, mas também com milho, feijão e algodão. O progresso foi grafado nas páginas da *Enciclopédia de Municípios*, como se transcreve:

A principal atividade do município é a agricultura. As terras de Ituiutaba e do ex-distrito de Capinópolis são reputadas entre as mais ferazes do mundo, comparadas segundo Humboldt, Saint-Hilaire<sup>18</sup> e Edward Miliward, às da Ucrânia, na Rússia, e às do Vale do São Lourenço, no Canadá. O cultivo em toda a zona obedece a um alto nível de mecanização, possuindo Ituiutaba mais de meio milhar de tratores, bem como numerosas colhedeiras de arroz, o que lhe vale o título de “capital do arroz” (1959, p. 306).

A riqueza da terra fez próspera a cidade no estado de Minas Gerais, atraindo estudiosos do solo para pesquisas, como os citados acima. O crescimento nesse período foi acentuado em diversas áreas, pois, em decorrência da expansão agrícola, a pecuária e a indústria desenharam-se a partir de meados dos anos de 1950. A atividade agrícola e a industrial iniciante representaram significativo aumento no crescimento econômico da cidade, principalmente com relação a empregos oferecidos. Mesmo não indo ao encontro do desenvolvimentismo brasileiro promovido pelo governo Kubitschek, que visava à industrialização do país, Ituiutaba caminhava em franco desenvolvimento agrícola, o que perduraria até os primórdios da década de 1970, assegurando um dos períodos mais ricos que a cidade ostentou.

Para introduzirmos os valores estatísticos econômicos da cidade e suas respectivas análises, há necessidade de reconhecermos, primeiramente, os valores do recenseamento para, então, trabalharmos os índices econômicos e educacionais.

| Recenseamento                                                                                  | Número de habitantes | Data |
|------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------|------|
| Recenseamento Geral (Ituiutaba e seus distritos)                                               | 52.472               | 1950 |
| Departamento Estadual de Estatística de Minas Gerais (Ituiutaba sem o distrito de Capinópolis) | 37.245               | 1955 |

**Quadro 1** - Número de habitantes na década de 1950

Fonte: Enciclopédia dos Municípios Brasileiros. 1959. p. 305.

Percebemos significativo decréscimo na segunda contagem feita no município, durante a mesma década. Isso se deve ao desmembramento da cidade de Capinópolis, ocorrido logo

<sup>18</sup> Sobre esse naturalista, encontramos: “Entre os naturalistas estrangeiros, é importante mencionar aqui o francês Auguste de Saint-Hilaire. Saint-Hilaire viajou alguns anos pelo Brasil, entre 1816 e 1822, tendo escrito importantes livros sobre os costumes e paisagens brasileiros do século XIX. Durante sete anos percorreu o Sul, o Sudeste e o Centro-oeste do Brasil, em viagens muito penosas. Visitou os atuais estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, Goiás, São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul. Colecionou cerca de sete mil plantas, dois mil pássaros e seis mil insetos. Em todos os locais visitados, recolhia informações sobre o uso de plantas na medicina, na alimentação e na indústria.” (FELIPPE, Gil; MACEDO, Maria do Carmo Duarte. **Amaro Macedo, o solitário do cerrado**: um naturalista dos nossos dias. Cotia: Ateliê Editorial. 2009).

depois de 1950. Quanto ao caráter econômico da cidade, podemos observar, pelo quadro abaixo, a porcentagem da população distribuída nos principais ramos de atividades:

| Ramos de Atividade                                                      | População presente de 10 anos e mais. |               |                   |                       |
|-------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------|---------------|-------------------|-----------------------|
|                                                                         | Homens                                | Mulheres      | Números Absolutos | % sobre o total geral |
| Atividades domésticas, não remuneradas e atividades escolares discentes | 1.365                                 | 15.021        | 16.386            | 45,46                 |
| Agricultura, pecuária e silvicultura                                    | 13.016                                | 141           | 13.157            | 37,26                 |
| Prestação de serviços                                                   | 516                                   | 802           | 1.318             | 3,73                  |
| Indústria de transformação                                              | 922                                   | 21            | 943               | 2,67                  |
| Comércio de mercadorias (...)                                           | 503                                   | 28            | 531               | 1,50                  |
| Transportes, comunicações e armazenagens                                | 333                                   | 4             | 337               | 0,95                  |
| Atividades sociais                                                      | 77                                    | 93            | 170               | 0,48                  |
| Profissões liberais                                                     | 72                                    | 5             | 77                | 0,21                  |
| Comércio de imóveis                                                     | 69                                    | 2             | 71                | 0,20                  |
| Administração pública, legislativo e justiça                            | 43                                    | 8             | 51                | 0,14                  |
| Indústrias extrativas                                                   | 26                                    | -             | 26                | 0,07                  |
| Defesa nacional e segurança pública                                     | 16                                    | -             | 16                | 0,04                  |
| Condições inativas                                                      | 1.398                                 | 825           | 2.223             | 6,29                  |
| <b>TOTAL</b>                                                            | <b>18.356</b>                         | <b>16.950</b> | <b>35.306</b>     | <b>100,0</b>          |

**Quadro 2 - Principais atividades econômicas em 1950**

Fonte: Enciclopédia dos Municípios Brasileiros. 1959. p. 306.

Observamos, primeiramente, de acordo com esse recenseamento geral, que havia 17.166 crianças menores de 10 anos de idade que não foram contadas nos ramos de atividades. Encontramos a maior porcentagem da população entre aqueles que realizavam *atividades domésticas e atividades escolares discentes*, num total de 45,46% da população total. Mas esse índice é composto por 91,67% de mulheres, em detrimento de 8,33% de homens, comprovando que a maioria feminina estava cuidando do lar e/ou estudando. Em segundo lugar, encontram-se as atividades na *agricultura, pecuária e silvicultura*, com 37,26% da população total ituiutabana. Percebemos, nesse tópico, que a questão do gênero se inverte, pois há uma maioria de 98,92% de homens trabalhadores em detrimento de 1,08% de mulheres, distribuídos entre a agricultura e a pecuária, em sua ascensão. Nesses dois tópicos analisados, está contido 82,72% da população total acima de 10 anos de idade, o que permite uma sobra de apenas 17,28% distribuídos nas outras atividades. Esses dados comprovam que havia uma maioria de homens, dentre a população total, trabalhando na agricultura e na

pecuária da cidade, enquanto a maioria de mulheres se encontrava nos serviços domésticos e na escola.

Considerando que a principal atividade econômica do município nessa década era a agricultura, encontramos os dados dessa produção, a de 1955, que representava alto índice. Sobretudo com o grão, que dava título à “capital do arroz” do Brasil. Também apresentamos os quadros da pecuária e da indústria para compreendermos o momento econômico local. Vejamos as expressões:

| Culturas Agrícolas | Área<br>(hc) | Produção   |            | Valor         |                 |
|--------------------|--------------|------------|------------|---------------|-----------------|
|                    |              | Unidade    | Quantidade | Cr\$ 1.000,00 | % sobre o total |
| Arroz              | 38.720       | Saco 60 kg | 600.000    | 180.000       | <b>52,80</b>    |
| Milho              | 23.232       | Saco 60 kg | 400.000    | 48.000        | 14,07           |
| Algodão            | 16.940       | Arroba     | 200.000    | 32.000        | 9,38            |
| Mandioca           | 1.312        | Tonelada   | 44.000     | 26.400        | 7,74            |
| Feijão             | 8.712        | Saco 60 kg | 50.000     | 21.000        | 6,15            |
| Laranja            | 1.862        | Cento      | 300.000    | 9.000         | 2,63            |
| Banana             | 1.575        | Cacho      | 200.000    | 7.000         | 2,05            |
| Outras             | 1.190        | —          | —          | 17.685        | 5,18            |
| Total              | 95.552       | —          | —          | 341.081       | 100,00          |

**Quadro 3** - Culturas agrícolas, em 1955

Fonte: Enciclopédia dos Municípios Brasileiros. 1959. p. 306

| Rebanhos | Número de Cabeças | Valor          |                 |
|----------|-------------------|----------------|-----------------|
|          |                   | Cr \$ 1.000,00 | % Sobre o total |
| Aves     | 20                | 80             | 0,01            |
| Bovinos  | 200.000           | 360.000        | <b>75,39</b>    |
| Caprinos | 3.200             | 384            | 0,08            |
| Equinos  | 15.000            | 18.000         | 3,76            |
| Muare    | 2.500             | 3.000          | 0,62            |
| Ovinos   | 1.600             | 272            | 0,05            |
| Suínos   | 120.000           | 960.000        | 20,09           |
| Total    | —                 | 477.736        | 100,00          |

**Quadro 4** - Rebanhos, em 1955

Fonte: Enciclopédia dos Municípios Brasileiros. 1959. p. 307.

| Tipo de Indústria                                                   | Nº de estabelecimentos | Pessoal empregado | Capital empregado |                 | Força motriz  |                |
|---------------------------------------------------------------------|------------------------|-------------------|-------------------|-----------------|---------------|----------------|
|                                                                     |                        |                   | Cr\$ 1000,00      | % sobre o total | Nº de motores | Potência em CV |
| Indústrias extrativas de mineral                                    | 3                      | 17                | 340               | 0,26            | 2             | 21             |
| Indústrias de transformação e beneficiamento dos produtos agrícolas | 40                     | 312               | 68.653            | 53,24           | 50            | 2.525          |
| Indústria manufatureira e fabril                                    | 69                     | 526               | 59.988            | 46,50           | 115           | 1.228          |
| Total                                                               | 112                    | 855               | 128.981           | 100,00          | 167           | 3.774          |

**Quadro 5** - Organização industrial, em 1955

Fonte: Enciclopédia dos Municípios Brasileiros. 1959. p. 307

Os dados econômicos apontam a importância da cidade como produtora de gêneros agrícolas, o que lhe conferiu o título de “capital do arroz”, quando verificamos que 52,80% (Quadro 03) do valor total em cruzeiros, vindo da agricultura, provinha do arroz, também denotando expressivas produções de milho e algodão. Além de o arroz ser a locomotiva da produção em maior escala, seu preço unitário era maior que o dos outros grãos. Vejamos sobre a boa rentabilidade do arroz:

A maioria plantará arroz pratinho e amarelão, não só pelo elevado preço que o mesmo alcançou este ano, como pelo volume da sua produção, que é mais compensadora e menos sujeita às pragas, embora dependente do regime das chuvas. Este é plantado tanto nas baixadas como nos altos dos espigões do vale, levemente ondulados (CHAVES, 1985, p. 54).

Esse painel nos direciona para as facilidades naturais que auxiliaram na produção do arroz em Ituiutaba. Mas a criação bovina também garantia altos números entre os rebanhos, perfazendo 75,39% (Quadro 04) da renda total arrecada e ainda podemos levar em consideração que o gado bovino e suíno é de rápida engorda. Já na organização industrial, verificamos que a indústria desenhava-se lentamente nesse período, principalmente ao constatararmos a pouca empregabilidade (Quadro 05) que esta oferecia. Ao compararmos seus valores com a quantidade de trabalhadores que estavam na agricultura (Quadro 01), fica evidenciada a priorização do setor agrícola em detrimento do industrial, tanto no gênero de produto quanto no gênero de empregos. A relação de números de empregos no setor agrícola por estabelecimento é de 7,6 pessoas, enquanto na indústria extrativa é de 5,6 pessoas (Quadro 05).



Havia no município um posto agropecuário do Ministério da Agricultura e uma circunscrição do Serviço Rural de Defesa e Fomento da Secretaria de Agricultura do Estado de Minas Gerais. Toda essa produção de grãos ia para os centros compradores liderados por: São Paulo (capital), Distrito Federal (DF), Belo Horizonte (MG), Rio Preto (SP), Campinas (SP), Rio Claro (SP), Uberlândia (MG) e Barretos (SP). O que comprova o intercâmbio agropecuário e a repercussão desse momento em Minas Gerais e São Paulo.

Associando trabalho e educação, primeiramente vamos apresentar um quadro sobre a alfabetização da população ituiutabana em 1950. Dessa maneira, compreenderemos melhor a matriz dos problemas educacionais vigentes e que predominaram, culminando como resolução, na abertura do Educandário Ituiutabano.

| Discriminação |          | Pessoas presentes, de 5 anos e mais |                      |                          |                      |                          |
|---------------|----------|-------------------------------------|----------------------|--------------------------|----------------------|--------------------------|
|               |          | Números absolutos                   |                      |                          | % sobre o total      |                          |
|               |          | Total                               | Sabem ler e escrever | Não sabem ler e escrever | Sabem ler e escrever | Não sabem ler e escrever |
| Quadro urbano | Homens   | 4.032                               | 3.115                | 917                      | 77,25                | 22,75                    |
|               | Mulheres | 4.445                               | 2.931                | 1.514                    | 65,93                | 34,07                    |
|               | Total    | 8.477                               | 6.046                | 2.431                    | 71,32                | 28,68                    |
| Quadro rural  | Homens   | 18.300                              | 7.116                | 11.184                   | 38,88                | 61,12                    |
|               | Mulheres | 16.312                              | 5.218                | 11.094                   | 31,98                | 68,02                    |
|               | Total    | 34.612                              | 12.334               | 22.278                   | 35,63                | 64,37                    |
| Em geral      | Homens   | 22.332                              | 10.231               | 12.101                   | 45,81                | 54,19                    |
|               | Mulheres | 20.757                              | 8.149                | 12.608                   | 39,25                | 60,75                    |
|               | Total    | 43.089                              | 18.380               | 24.609                   | 42,65                | 57,35                    |

**Quadro 6** - Alfabetização em Ituiutaba, em 1950

Fonte: Enciclopédia dos Municípios Brasileiros. 1959. p. 308.

Pelo quadro, podemos, primeiramente, observar que 57,35% da população ituiutabana acima de 5 anos de idade em 1950 era analfabeta. Há outro dado que nos permite fazer nova observação sobre a localização dessa maioria analfabeta, concentrada no meio agrário. Na zona urbana havia apenas 28,68% de pessoas analfabetas, em detrimento da zona rural, que apresentava um índice de 64,37% de pessoas sem instrução mínima. Podemos deduzir, pelos altos índices, que há uma relação entre trabalho e analfabetismo, pois a instrução praticamente inexistia entre os trabalhadores da zona rural, envolvidos com pecuária e agricultura. Mesmo havendo 14 escolas criadas na zona rural do município, o índice de analfabetismo era muito alto, principalmente nesse meio rural. Compreendemos o porquê desses índices quando, em

1955, o vereador Antenor Tomaz Domingues apresentou um projeto para criação de escolas na região que foi combatido imediatamente. Vejamos a discussão na Câmara Municipal:

Com a palavra o vereador Daniel de Freitas Barros que baseado em informações prestadas pela Prefeitura Municipal de que existem 20 escolas paralisadas por falta de professores, acha desnecessário no momento, a criação de escolas, que viriam a onerar o Município. O vereador Antenor, com a palavra, presta esclarecimentos, justificando seu projeto. Usa da palavra Dr. Hélio Chaves, que acha justa a opinião do seu colega Dr. Daniel, porém mostra a dificuldade de se conseguir professoras para funcionarem na zona rural, motivo por que se encontram tantas escolas paralisadas (ATA DA CÂMARA DOS VEREADORES. N. 12. 17-11-1955, p. 53 e 54).

Verificamos, por essa discussão, que a demanda de alunos era superior ao número de docentes e que estes já estavam empregados na zona urbana, que contava com poucas instituições de ensino, ficando as escolas da zona rural sem condições de funcionamento, o que elevava os índices de analfabetismo.

Quanto ao ensino primário<sup>19</sup>, ginásial e secundário na cidade, pudemos verificar que algumas escolas já ofereciam essas modalidades de ensino ao povo, mas em caráter deficitário, como apontam os dados:

| Totais      |      |      | Pessoas de 10 anos e mais que possuem curso completo ou diploma de estudos do grau indicado |      |      |            |     |     |               |   |
|-------------|------|------|---------------------------------------------------------------------------------------------|------|------|------------|-----|-----|---------------|---|
|             |      |      | Grau elementar                                                                              |      |      | Grau médio |     |     | Grau superior |   |
| Total       | H    | M    | Total                                                                                       | H    | M    | Total      | H   | M   | H             | M |
| <b>1940</b> |      |      |                                                                                             |      |      |            |     |     |               |   |
| 519         | 284  | 235  | 354                                                                                         | 199  | 155  | 119        | 43  | 76  | 41            | 4 |
| <b>1950</b> |      |      |                                                                                             |      |      |            |     |     |               |   |
| 2969        | 1568 | 1401 | 2452                                                                                        | 1292 | 1160 | 451        | 213 | 238 | 63            | 3 |

**Quadro 7** - Cursos completos em Ituiutaba, 1940 e 1950

Fonte: IBGE, 1940 e 1950.

Podemos comparar o aumento vertiginoso de alunos com cursos completos em Ituiutaba entre as décadas de 1940 e 1950, constatando que, com o aumento populacional, houve um aumento de 572% no total geral de alunos. O que demonstra grande avanço de uma

<sup>19</sup> Em Ituiutaba, no momento da construção do Educandário Ituiutabano, em 1954, havia apenas dois grupos escolares instalados: Grupo Escolar João Pinheiro, decreto 2.327 de 22/12/1908, e Grupo Escolar Ildefonso Mascarenhas da Silva, decreto 2.395 de 31/01/1947. E quanto ao ensino primário de Ituiutaba podemos verificar mais em: FERREIRA, Ana Emília Cordeiro Souto. **Da centralidade da infância na modernidade à sua escolarização**: a Escola Estadual João Pinheiro, Ituiutaba (MG). Dissertação de Mestrado em Educação. UFU. 2007. RIBEIRO, Betânia de Oliveira Laterza; SILVA, Elizabeth Farias da. **Primórdios da escola pública republicana no Triângulo Mineiro**. Ituiutaba. EGIL. 2003.

década para outra, mas a situação ainda era precária se compararmos o resultado do Censo com o número de habitantes da cidade (Quadro 02), o que nos remete a um índice de 57,35% de analfabetismo. Outro fato curioso, a que o Quadro 07 remete, é o de que, quanto ao ensino elementar e médio, as taxas de matrículas estavam equilibradas entre homens e mulheres; mas, quanto ao nível superior, mesmo entre os baixíssimos índices, há quase inexistências de mulheres com o curso completo.

Encontramos um quadro bastante expressivo que também faz um apanhado do movimento educacional da cidade:

| Nome da Escola                               | Total de Alunos | Observação                                                   |
|----------------------------------------------|-----------------|--------------------------------------------------------------|
| Instituto Marden                             | 819             | Escola particular, primário, secundário e técnico            |
| Ginásio São José                             | 358             | Escola confessional católica, primário, secundário e técnico |
| Educandário Santa Tereza                     | 215             | Escola confessional católica, primário, secundário e técnico |
| Grupo Escolar Ildefonso Mascarenhas da Silva | 504             | Escola pública, primário                                     |
| Curso supletivo de adultos                   | 240             | Escola particular noturna, primário para adultos             |
| Escola Ruy Barbosa                           | 180             | Escola particular, primário                                  |
| Escola Santa Terezinha                       | 200             | Escola particular, primário                                  |
| Escola Anjo da Guarda                        | 114             | Escola particular, primário                                  |
| Escola José Dias Machado                     | 160             | *                                                            |
| Escola Álvaro Brandão                        | 35              | *                                                            |
| Escola Padre Vitório                         | 75              | *                                                            |
| Escola Paroquial da Vila Natal               | 37              | *                                                            |
| Escola Imaculada Conceição                   | 34              | *                                                            |
| Escola São João Batista                      | 31              | *                                                            |
| Escola Amor às Letras                        | 28              | *                                                            |
| <b>Total de Alunos</b>                       | <b>3.030</b>    |                                                              |

**Quadro 8** - Movimento educacional em Ituiutaba, 1953

FONTE: BRANT, Celso (Org.). Revista Acaiaca. Rio de Janeiro, Ed. Pernambuco; Belo Horizonte, Ed. Acaica. 1953. p. 174 e 175. \* Estas escolas ofereciam apenas a 1ª e a 2ª séries primárias, não possuíam documentação, e seu objetivo era apenas ensinar a ler, escrever e contar. Detalhamos sobre a Escola José Dias Machado mais à frente, no item 5.2 deste capítulo.

Esse quadro não está completo, pois faltam os dados do Grupo Escolar João Pinheiro, escola primária central que possuía expressivo número de alunos. E, como podemos verificar, os baixos índices de matrículas no ensino em Ituiutaba se justificam pela carência de ensino primário público, pelas constatações do número de analfabetos na cidade e, sobretudo, pela inexistência de ensino ginásial e secundário gratuito, pois estes eram apenas oferecidos pelas

escolas confessionais católicas Colégio Santa Tereza, Colégio São José e pelo Instituto Marden, líderes no ensino de qualidade, promovendo, além do curso primário, o curso ginásial e os cursos Normal e Técnico em Contabilidade. Até 1958, a cidade não possuía escola ginásial pública, e os poucos alunos carentes que se formavam nos grupos escolares estaduais se esbarravam nas dificuldades de acesso quanto a mensalidades para prosseguimento do estudo. Como podemos observar na *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*:

Em 1956 havia os seguintes estabelecimentos de ensino não primário: Instituto Marden (cursos Técnico de Contabilidade e Ginásio); Ginásio Escola Comercial São José (cursos Técnico de Contabilidade e Ginásio); Escola Normal Santa Tereza (formação de professoras); (...) Com isso, Ituiutaba atrai estudantes de todos os municípios limítrofes (1959. p. 308).

Dessa maneira, constatamos o painel do ensino da cidade de Ituiutaba em 1956, momento de construção do Educandário Ituiutabano. Até então, o ensino secundário obedecia às leis orgânicas, que haviam sido promulgadas pelo ministro Gustavo Capanema, no primeiro mandato do presidente Getúlio Vargas, entre 1930 e 1945, e também no governo provisório, pelo ministro Raul Leitão da Cunha. Entre todos os decretos de ensino que surgiram nesse período, 1942 até 1946, por meio do decreto-lei 4.244, de 9 de abril de 1942, promulgou-se a Lei Orgânica do Ensino Secundário, regularizando-o no país. É interessante constatar que essas leis consolidaram o capitalismo sob a ditadura de Getúlio Vargas. E o próprio currículo adotado para o ensino ginásial (secundário) foi desenvolvido para uma elite econômica, *formando assim as individualidades dirigentes, esclarecidas de sua missão social e patriótica, sendo eles os responsáveis pela missão ideológica desses princípios ao povo* (ZOTTI, 2004, p. 108), ao contrário do ensino profissionalizante, que permitiria a ascensão dos menos favorecidos.

Foi constatando esse quadro escolar que os integrantes da UMEI, apoiados em seus ideais liberais espíritas, resolveram construir uma escola gratuita que atendesse à população carente, não só crianças e jovens, mas também a madureza<sup>20</sup> analfabeta da cidade. De acordo com Saviani (2005), uma instituição não é criada para satisfazer necessidades momentâneas, e sim é construída, desde sua fundação material, para durar enquanto obedecer àqueles princípios para os quais foi criada. O processo de desenvolvimento de uma instituição caracteriza-se igualmente na ação. Ela não se constitui como algo pronto e acabado, mesmo

---

<sup>20</sup> A palavra madureza foi bastante utilizada para designar o adulto que voltava à escola; assim, era comum a expressão “curso de madureza” para educação de adultos.

após ser concluída. Na medida em que foi criada para suprir as necessidades do indivíduo, também se modifica em detrimento desse princípio.

Nem toda necessidade humana exige a criação de uma instituição. Mas as instituições nascem de determinada *carência humana*, de alguma necessidade que venha satisfazer o desenvolvimento da própria humanidade (SAVIANI, 2005). E foi nesse sentido que a UMEI constatou a realidade educacional do ensino ginásial da cidade. Mesmo havendo uma discussão presente na imprensa e na Câmara dos Vereadores quanto à implantação de um ginásio estadual, não havia ação política nenhuma a esse favor. Por um lado poderíamos associar esse fato ao descaso nacional, pois a falta de investimento no setor educacional nesse período era grande. Mas por outro verificamos que os integrantes da UMEI se apoiaram em políticos de outras localidades, que se comprometeram no empenho de verbas federais para a construção, uma vez que o município não ofereceu recurso algum<sup>21</sup>.

As lutas que os espíritas da UMEI enfrentaram para a implantação dessa escola serão apresentadas adiante, mas levantando-se anteriormente um painel da atuação da comunidade espírita em Ituiutaba, para constatação de sua ação, em 1950, para, enfim, compreendermos detalhadamente o surgimento do Educandário.

## 1.7 A PRESENÇA ESPÍRITA EM ITUIUTABA

Como no item 1.6 percebemos que o plural e o singular exercem influência constante um sobre o outro, apontamos agora uma consideração, antes de discorrermos sobre o Espiritismo em Ituiutaba. O que apresentaremos não será uma peculiaridade apenas dessa cidade, mas o reflexo de um trabalho que ocorreu em inúmeras cidades brasileiras, pois a ação espírita, principalmente nos anos de 1900 até 1960, destinou-se, também, a abrir casas assistenciais como sanatórios, orfanatos e escolas, na tentativa de minimizar o impacto que o desenvolvimentismo ocasionou, principalmente os efeitos da evasão em massa da zona rural.

Assim, na década de 1950, estava o Espiritismo mais desenvolvido em Ituiutaba, embora a população fosse constituída por uma maioria católica. Os primeiros espíritas que haviam chegado à cidade desde o início do século XX, como o capitão Jeronymo Martins de Andrade (1842-1927), considerado o pai do Espiritismo em Ituiutaba, davam mostras da

---

<sup>21</sup> Nas atas da Câmara dos Vereadores, entre 1954 e 1958, há vários pedidos de verbas da UMEI para a construção do Educandário, mas nenhum foi efetivado.

influência que o espírita Eurípedes Barsanulfo, de Sacramento, Minas Gerais, havia exercido sobre o Espiritismo mineiro e brasileiro. Capitão Jeronymo, como era popularmente conhecido, estava ligado ao movimento espírita nacional e influenciou Ituiutaba tanto no meio político como espírita. Foi um dos agentes executivos da então sesmaria às margens do rio Tijuco. E, quanto à sua relação com o Espiritismo, possuía as obras de Allan Kardec, de Camille Flammarion e de Leon Dennis, outros vultos espíritas ao tempo de Kardec. Era assinante de jornais espíritas como *O clarim*, fundado por Cairbar Schutell, em Matão, São Paulo. Distribuía esses jornais às pessoas sempre que vinha de suas viagens, pedindo para que lessem e depois passassem a outros (MALUF, 1992).

O próprio capitão Jeronymo tratava pessoas doentes em Ituiutaba, embora não fosse médico, com a homeopatia, ciência que estudara; mas fora influenciado a receitar pelo amigo Eurípedes Barsanulfo em sua convivência em Sacramento, pois Barsanulfo usava desse recurso para curar os doentes quando procurado. Os primeiros espíritas da cidade eram bastante influentes em vários campos. Como o capitão Jeronymo, temos o professor João de Deus e sua filha, também professora, Emília D'Afonseca e Silva (1870-1962), mais conhecida como dona Milota. Essa médium possuía sua casa cheia de doentes e necessitados que vinham encontrá-la por sua mediunidade de cura e pelo receituário psicográfico que recebia. O português senhor José Dias Machado (1874-1942), que também fora influenciado por Eurípedes Barsanulfo, possuiu uma pequena farmácia de medicamentos homeopáticos e fez questão que seu filho primogênito estudasse no Colégio Allan Kardec, em Sacramento. O senhor Machadinho, como era chamado, tornou-se conhecido em toda região por cuidar, principalmente dos doentes mentais, em sua própria residência e fazenda. Empenhou-se na fundação de um asilo espírita na cidade, junto a outros espíritas, mas não viu seu ensejo ser concretizado em vida.

Com a presença desses baluartes espíritas, principalmente do capitão Jeronymo, o Espiritismo em Ituiutaba já estava estabelecido durante a década de 1950. De acordo com os dados do IBGE, os espíritas eram o segundo grupo em números na cidade:

| RELIGIÃO                  | TOTAL  | HOMENS | MULHERES |
|---------------------------|--------|--------|----------|
| Católicos romanos         | 32.863 | 16.721 | 16.142   |
| Espíritas                 | 1.620  | 824    | 796      |
| Protestantes              | 321    | 173    | 148      |
| Ortodoxos                 | 55     | 27     | 28       |
| De outra religião         | 40     | 24     | 16       |
| Sem religião              | 146    | 91     | 55       |
| De religião não declarada | 7      | 6      | 1        |

**Quadro 9** - População de Ituiutaba distribuída por religião - 1950

FONTE: IBGE. 1950. p. 264.

Podemos apreender que o Espiritismo estava sedimentado, inclusive em sua organização, pois a própria UMEI (1947) era a constatação da força do movimento religioso espírita nessa década. Houve outra associação, embora mal documentada e sem registro civil, chamada Liga Espírita de Ituiutaba (não encontramos data de abertura). Ao que parece, foi formada pelos próprios integrantes da UMEI com o objetivo de unir os centros espíritas da cidade, mas se extinguiu em 1956, com a transferência de José Vieira do Rosário, gerente do Banco do Brasil, para outra cidade. E a terceira associação existente nesse mesmo período, década de 1950, foi a Sociedade de Senhoras de Amparo à Infância, criada a 26 de outubro de 1953, cujo objetivo principal de sua estruturação seria a fundação de um orfanato espírita (MALUF, 1992). Essas associações demonstram a movimentação e atuação espírita em Ituiutaba, principalmente na implementação de obras assistenciais.

Também na década de 1950 Ituiutaba já contava com a presença de cinco centros espíritas: Centro Espírita Eurípedes Barsanulfo (1938), Centro Espírita Vicente de Paulo (1940-1969), Centro Espírita Bezerra de Menezes (1940), Grupo Espírita Amor Fraternal (1950) e Centro Espírita Fé, Esperança e Caridade (1953).

O Espiritismo em Ituiutaba possuiu um de seus períodos mais fecundos durante as décadas de 1950 e 1960, por se consolidar na construção de algumas obras assistenciais que auxiliaram a promoção da própria cidade nos meios mais carentes. Além da expansão dos centros espíritas e das associações, houve profunda atuação nos campos social e educacional. Os espíritas cuidaram daquela parcela da população que não era percebida pelas autoridades políticas: os pobres, os doentes mentais, os anciões abandonados, os órfãos, os jovens e as crianças sem instrução. Compreenderemos a extensão da ação espírita efetuada nas décadas de 1950 e 1960 em Ituiutaba por meio de duas vertentes: ação assistencial e ação educacional, que se concretizaram na cidade por meio de algumas obras.

### 1.7.1 Da ação social à educacional

A primeira dessas obras, o Sanatório Espírita, nasceu com a proposta de José Dias Machado (1874-1942), que acolhia e tratava os doentes em sua própria casa. Ele doou o terreno para construção do primeiro centro espírita da cidade, o Eurípedes Barsanulfo, em 1938, e em seus estatutos deixou contida a idéia da construção do sanatório. Com o falecimento de Machadinho, como era conhecido, em 1942, a pedra fundamental do sanatório só seria lançada em 1951; em 16 de dezembro de 1956, ocorreu sua inauguração (ATA DO CENTRO ESPÍRITA EURÍPEDES BARSANULFO, n. 1).

Entre esse caminho de idealização e a inauguração do sanatório, encontramos, na ata do dia 17 de junho de 1954 do Centro Espírita Eurípedes Barsanulfo, a realização de uma reunião com os líderes espíritas da cidade denominada “Pacto áureo”. Essa reunião marcou o rumo do trabalho espírita efetuado na cidade, visando suprir a carência assistencial que a “capital do arroz” possuía. O senhor Jeronymo Márquez de Andrade, juntamente com o Centro Espírita Bezerra de Menezes, demonstrou o propósito de construir um *lar para os idosos*; o jovem Germano Laterza, presidente da União da Mocidade Espírita, realçou seus interesses na construção de um *educandário ginasial gratuito*; a senhora Antonia Coelho de Moraes falou em nome da Associação de Senhoras de Amparo à Infância quanto à necessidade de se construir um *orfanato* para acolher as crianças abandonadas. Nessa mesma reunião, considerada o “Pacto áureo”, os espíritas decidiram, primeiramente, unir esforços e terminar a construção do Sanatório Espírita. Essa primeira obra foi inaugurada dois anos mais tarde, em 16 de dezembro de 1956, sendo um marco em Ituiutaba, caracterizando a ação assistencial espírita, para depois prosseguirem os trabalhos com as outras três obras ali citadas e de extrema necessidade<sup>22</sup>.

A Casa dos Velhos Bezerra de Menezes foi a última obra do “Pacto áureo” a ser construída e a entrar em funcionamento. Foi inaugurada em 29 de dezembro de 1963, mas seus ideais de construção estavam dispostos há muito, com os integrantes do Centro Espírita Bezerra de Menezes, principalmente com Jeronymo Marques de Andrade (1892-1991), popularmente conhecido como seu Nhonhô, sobrinho do capitão Jeronymo. Com a formulação do “Pacto áureo”, essa casa de acolhimento aguardou a fundação do Asilo de

---

<sup>22</sup> O Asilo de Dementes, como era chamado, estava ligado ao Centro Espírita Eurípedes Barsanulfo, sendo um de seus departamentos. Em 5 de setembro de 1964, as diretorias do centro espírita e do asilo resolveram mudar o nome deste para Hospital Espírita José Dias Machado. E em 1980, o hospital tornou-se autônomo da instituição que o criou (MALUF, 1992).



Dementes para que todos os espíritas se juntassem em prol de sua construção. Destacaram-se, na construção da Casa dos Velhos, o senhor Youssef Gergi Sabbaghi e o Rotary Clube de Ituiutaba. Essa instituição foi construída em terreno de frente ao Sanatório dos Dementes, doado pela Sociedade de Senhoras, que resolveram fundar o Orfanato a que se pretendiam noutra localidade da cidade. E ainda hoje, como Hospital Espírita José Dias Machado, funciona em caráter gratuito, e não só para os carentes, mas também a população de Ituiutaba e região.

Já a ação educacional espírita em Ituiutaba teve seu primeiro esboço com a Escola José Dias Machado, fundada no Centro Espírita Eurípedes Barsanulfo. A escola fora instituída, pois constava do Estatuto do Centro Espírita, fundado em 1938, que dizia da fundação do Asilo dos Dementes e da escola. Mas seu período de funcionamento não consta em registro ou documentação. Por meio de entrevista, conseguimos, de uma de suas ex-professoras, um pequeno histórico de seu funcionamento<sup>23</sup>. Dona Jerominha, como é conhecida a ex-professora, acredita que a escola tenha funcionado desde o fim da década de 1940 até aproximadamente 1954, no salão do Centro Espírita Eurípedes Barsanulfo. A escola era subvencionada pela prefeitura apenas com o pagamento de duas professoras primárias, que dividiam o salão de reuniões do centro espírita: de um lado, uma professora ficava com a turma de 1ª série; de outro, outra professora ficava com a turma de 2ª série. No início, eram as professoras Iolanda Novaes e Piraçu que tomavam conta da alfabetização desses alunos. Mas, após um tempo, elas pediram demissão, e a escola continuou por um curto período, pois as professoras mais gabaritadas não podiam assumir o compromisso, visto que já trabalhavam no Grupo Escolar João Pinheiro.

A escola funcionava com móveis adequados e carteiras apropriadas, mas não havia registro dos alunos nem documentação, pois o objetivo era que os alunos apenas aprendessem a ler, pelo menos, pois o único grupo escolar da cidade não comportava todas as crianças, principalmente as carentes. A pequena escola funcionava como as escolas da fazenda daquele momento. Dona Jerominha conta que ensinava lá pelo mesmo método que ensinava no grupo estadual: *era a silabação e o mesmo programinha de segundo ano também* (MACHADO, 2008), mas de uma maneira bem diferenciada, pois o estudo era muito inferior ao do grupo e os alunos muito atrasados. A ex-professora arremata: *a gente dava aula de acordo com a necessidade do aluno, de acordo com a compreensão dele* (MACHADO, 2008).

---

<sup>23</sup> MACHADO, Jerônima Alves dos Santos (2008), nasceu em Gurinhata/MG, em 12 de julho de 1920. Reside atualmente na rua 18, 320, centro, Ituiutaba/MG, e é professora aposentada do estado. Foi professora do Grupo Escolar João Pinheiro e tornou-se espírita em meados da década de 1950.

O problema do lanche foi resolvido de uma maneira bem espírita, nos moldes da filantropia. Uma integrante do Centro Espírita Eurípedes Barsanulfo, Maria José Fratari, criou a “sopa fraterna” nas dependências do centro para servir aos alunos carentes que ali iam estudar. Com dificuldade, a sopa era feita no fundo do centro espírita, em fogão a lenha. Após o fechamento da escola, a sopa continuou a ser servida uma vez por semana, integrando-se aos trabalhos assistenciais da casa, e passou a se chamar “sopa fraterna Maria Rita”.

A última professora que ficou no cargo não era formada e instruída o bastante para “tocar” a escola, ocasionando o seu fechamento. Conta a ex-professora:

A Terezinha também abandonou porque arranhou um emprego, acho que ela era enfermeira. Eu sei que ficou só essa Alta. E a Alta, coitada, não tinha muita instrução, escrevia tudo errado, deixava escrito no quadro, aquelas coisas... Então o Seu Valter, não sei se o Seu Valter ainda era o presidente do centro nessa época, achou por bem fechar a escola, porque não estava tendo muito progresso. Estava, ao contrário, ensinando errado. Aí fechou a escola (MACHADO, 2008).

Com a precariedade do ensino, o não-incentivo do município e a falta de professorado, a experiência findou-se antes de 1954. Mas essa ação de ensino foi a mola mestra que impulsionou algumas senhoras espíritas ligadas a esse centro a oficializarem a Sociedade de Senhoras de Amparo à Infância. A Sociedade de Senhoras foi fundada em 26 de outubro de 1953 e reunia-se no Centro Espírita Eurípedes Barsanulfo. Seu objetivo principal era a construção do Lar da Criança, orfanato destinado a acolher a criança desvalida da região. A pedra fundamental do Lar da Criança foi lançada no dia 10 de janeiro de 1960, no antigo terreno, cedido posteriormente à construção da Casa dos Velhos Bezerra de Menezes, contando com representantes de destaque como o orador espírita baiano Divaldo Pereira Franco, a então inspetora regional de ensino Izabel Bueno, o deputado Daniel de Freitas Barros, representantes espíritas da cidade e região, além de representantes das lojas maçônicas. Mas um ofício do Departamento Nacional da Criança, datado de 23 de junho de 1960, interrompeu a obra, pois a localização em frente ao Asilo de Dementes não era aconselhada. Foi assim que o Lar da Criança começou a ser construído numa chácara que se encontrava nas imediações da cidade, oferecida pelo então prefeito municipal, douto David Ribeiro Gouveia. A obra só fora concluída em 1969.

Com o advento do “Pacto áureo”, a UMEI predisps-se à fundação do Educandário Ituiutabano, escola ginasial gratuita na cidade de Ituiutaba e que fora construída entre os anos

de 1954 e 1958<sup>24</sup>. Assim que o Asilo de Dementes foi inaugurado (em 1956), as campanhas a favor da construção dessa escola tiveram maior ênfase, fundamentando-se, principalmente, na renda vinda dos bailes da “Rainha do arroz”. Mas, no lançamento da pedra fundamental do Educandário, em 1954, a Sociedade de Senhoras de Amparo à Infância fez sua primeira doação, levando 200 terninhos de roupas infantis para serem distribuídas à população carente do bairro, conforme encontramos na *Folha de Ituiutaba*.

## **1.8 A TENSÃO: AS LUTAS PELA IMPLANTAÇÃO DO EDUCANDÁRIO ITUIUTABANO**

Entre os anos de 1954 e 1958 em Ituiutaba, de acordo com os entrevistados e alguns vestígios encontrados, alguns cidadãos ituiutabanos reagiram à iniciativa espírita de implantação do curso ginásial, oferecido gratuitamente no estabelecimento que era construído. Os fundadores da escola, membros da UMEI que tomaram frente no projeto Educandário, faziam parte da elite da cidade, pois eram profissionais liberais, industriais, proprietários de terras, maçons e possuíam boas relações políticas, mas se divergiam quanto às questões políticas e religiosas de boa parte dessa mesma elite.

Assim verificamos que houve discussões estabelecidas entre os espíritas fundadores do Educandário e alguns cidadãos, representantes de segmentos sociais, como a Igreja e o corpo de vereadores. Mas compreendemos que essas discussões, às quais apresentaremos alguns vestígios encontrados, foram realizadas por membros isolados que não simpatizavam com o trabalho da UMEI, uma vez que não encontramos pronunciamento oficial da Igreja e nem da Câmara Municipal contra a proposta espírita de instalação da escola.

Os espíritas pretendiam promover a construção de uma escola que obedeceria a um estatuto interno próprio, conforme indicavam as leis orgânicas do ensino secundário, não aceitando interferência religiosa nem mesmo política. Dessa forma promoviam uma inovação no ensino que, até a inauguração da escola, em 9 de fevereiro de 1958, somente era oferecido em caráter oneroso: seria a primeira escola ituiutabana onde não haveria a catequese católica, nem sequer a disciplina Religião ou Ensino Religioso.

A UMEI implantou uma educação aberta aos jovens, respeitando todas as formas de religião, compactuando com os pressupostos republicanos. Os espíritas de Ituiutaba

---

<sup>24</sup> Não vamos aqui nos ater ao Educandário Ituiutabano, uma vez que todo o trabalho é dedicado a ele.

impediram que os ideais católicos agregados à educação, perpetuassem-se por meio de sua escola, tão necessária e bem vista pela maioria da população. A força que garantiu essa inovação veio não só dos ideais educacionais espíritas e das propostas do estatuto da UMEI, que visava à construção de obras assistenciais na cidade, mas também desse movimento nacional que lutava pela implantação dos princípios liberais na educação em conformidade com as lutas que defendiam um ensino público e laico, gratuito e leigo, voltado ao fortalecimento do capitalismo no Brasil<sup>25</sup>.

Podemos observar, na imprensa local, as lutas que marcaram esse momento. Se, nos anos de 1950, o jornal não chegava a todas as camadas da sociedade, ele foi registro do pensamento de lideranças políticas e católicas, que fizeram dele instrumento de sua ideologia.

Esse primeiro momento de luta, despertado pela construção do prédio do Educandário, teve início em 1953, quando havia uma discussão em torno da instalação de um ginásio estadual na cidade. O *Folha de Ituiutaba* anunciou o aquinhoamento de um ginásio estadual, esclarecendo que este faria parte de uma campanha nacional, como segue:

E foi certamente partindo desse princípio humilde de observação do panorama do ensino em nosso país, que um advogado paraibano, de nome Felipe Tiago, fundou em 1943, em Recife, um grande movimento de âmbito nacional, visando dotar, se não a todos, pelo menos a maioria dos municípios brasileiros com educandários gratuitos. Esse movimento corporificou magnificamente, e, sob a denominação de campanha nacional do Ensino Gratuito, já disseminou 72 ginásios em 17 estados do Brasil. Minas Gerais conta atualmente com 8 estabelecimentos desse tipo, localizados, 4 em Belo Horizonte, 1 em Juiz de Fora, 1 em Uberaba, 1 em Santos Dumont e 1 em Carmo da Mata (AQUINHOADO o município com um ginásio gratuito. *Folha de Ituiutaba*, Ituiutaba, 3 mai. 1953, p.1).

Como o tão necessário ginásio estadual não foi implantado como previsto, no ano seguinte, 1954, a UMEI começou a própria campanha para construção do ginásio espírita. Na imprensa, a notícia de que o deputado federal Mário Palmério<sup>26</sup>, de Uberaba, aprovou a

---

<sup>25</sup> Essa discussão entre católicos e liberais pela implantação da 1ª LDB está no item 3.2 e 3.3 do capítulo 3.

<sup>26</sup> Nasceu em 1º de março de 1916, em Monte Carmelo/MG. Filho do italiano Francisco Palmério e de dona Maria da Glória Palmério, estudou no colégio Marista de Uberaba/MG e no colégio Regina Pacis em Araguari/MG. Aos 19 anos de idade, matriculou-se na escola militar de Realengo/RJ. Em 1936, foi trabalhar no Banco Hipotecário e Agrícola em São Paulo, onde fez magistério e foi professor de matemática da Faculdade de Filosofia da Universidade e casou-se. De volta a Uberaba, fundou o Liceu do Triângulo Mineiro, primeira escola mista de Uberaba, e construiu os prédios para essa escola e para a Escola Técnica do Comércio, com vistas à criação da universidade. Em 1947, o governo autorizou o curso de Odontologia e, em 1951, o de Direito. Em 1954, ainda contribuiu para a fundação da Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro. Fundou o Partido Trabalhista de Uberaba (PTB) e elegeu-se deputado federal aos 34 anos. Na Câmara, foi vice-presidente da Comissão de Educação e Cultura nesse primeiro mandato (1950-1954). Reeleito em 1954, passou a integrar a

emenda orçamentária de 100 mil cruzeiros para a construção, foi o marco do início das obras. Durante os três anos seguintes de construção, telegramas anunciaram outros recursos provindos do poder público federal pela intervenção desse deputado. Nesse momento, começaram discussões entre alguns grupos políticos em Ituiutaba, que ainda perduraram após o início do funcionamento da escola.



**Figura 1** - Deputado Mário Palmério autografando seu livro na inauguração do Educandário Ituiutabano, sendo homenageado com o nome da Biblioteca da escola. Prova de reconhecimento pelo auxílio prestado. 1958.

*Fonte: [http://www.uniube.br/memorial/quem\\_foi/quem\\_foi.php](http://www.uniube.br/memorial/quem_foi/quem_foi.php). Acesso em : 29 set 2006.*



**Figura 2** - Os integrantes da UMEI possuíam boas relações políticas. Na foto, Ângelo Tibúrcio D'avila e governador de Minas Gerais, Magalhães Pinto. Encontro que resultou na nomeação da professora Nair Gomes Muniz para diretora do curso primário do Educandário Ituiutabano (Ou Grupo Escolar Ituiutaba). 1958.

Fonte: Acervo de Ângelo Tibúrcio D'Avila.

Os integrantes da UMEI possuíam boas relações com alguns políticos, como o deputado Mário Palmério (Uberaba) e o governador Magalhães Pinto, o que facilitou a implantação do Educandário. Essas boas relações os fizeram deixar de lado os políticos locais, interessados na implantação do ginásio estadual, mas que nunca o faziam. Em 1956, ápice do movimento pró-Educandário Ituiutabano, a discussão foi parar na imprensa, mas a nota não estava de acordo com o projeto dos espíritas, pois afirmava que os integrantes da UMEI estariam dispostos a doar o prédio do Educandário ao estado para a implantação do ginásio estadual, projeto dos vereadores:

Pelo que fomos informados, o Estado contaria com todas as facilidades para atender à justa pretensão dos tijucanos [ituiutabanos], a começar pelo prédio destinado à instalação do estabelecimento, por isso que os organizadores do Educandário Ituiutabano, tendo em vista as incontáveis facilidades do Governo na manutenção da unidade escolar em perspectiva, bem assim considerando a perfeita identidade de propósito existente, que seria facilitar a extensão dos benefícios da instrução em grau médio a todas as camadas da população, estariam propensos a ceder à Secretaria da Educação o seu

magnífico edifício, ora em conclusão no extremo sul da avenida 24 (ITUIUTABA reivindica um colégio estadual. Folha de Ituiutaba, Ituiutaba, 12 mai. 1956, p.1).

Com a negativa da UMEI, publicada na edição imediata, de que nem sequer cogitou essa idéia, desfazendo o que seria um engano, instalou-se uma discussão municipal. Analisando o final do referido artigo, compreendemos o real interesse dessa manifestação. O jornal deixou claro que foi informado sobre a notícia no início sem evidenciar a fonte, mas expôs o interesse da parte de *alguns políticos* frente à obra tão importante:

Por isto, iniciada que foi [campanha de ginásios estaduais no Brasil], tendo à sua frente figuras da maior expressão dos nossos meios sociais, que solicitaram pelo menos temporariamente, a omissão de seus nomes, não entenderíamos, como a ninguém seria lícito compreender, que os nossos próceres políticos de maior evidência se ausentassem dessa campanha, por todos os títulos meritória, pela criação e instalação do colégio estadual deste município (ITUIUTABA reivindica um colégio estadual. Folha de Ituiutaba, Ituiutaba, 12 mai. 1956, p.1).

De acordo com um ex-membro da UMEI, essa publicação evidenciava o interesse dos políticos do município, notoriamente pela visibilidade que a construção e as campanhas atingiam e, conseqüentemente, prevendo a grande divulgação e o grande impacto no ato da inauguração do prédio no alto da cidade, caso os espíritas da UMEI o destinassem ao estado.

Para compreendermos melhor a importância política que a instalação de um curso ginásial gratuito traria, basta lembrarmos que a cidade só oferecia este em modalidade particular e em apenas três escolas. A discussão sobre a implantação de um ginásio estadual era fomentada na imprensa ituiutabana anualmente, tanto como promessa dos vereadores quanto como reivindicação das camadas sociais menos favorecidas. Nas atas da Câmara Municipal, encontramos a mesma discussão, compreendida desde o início da década de 1950, recebendo pedidos de instalação de um ginásio estadual. Mas, a partir de 1959, um ano após a inauguração do Educandário, os vereadores de Ituiutaba começaram a discutir a criação de um ginásio municipal, esquecendo momentaneamente o tão sonhado ginásio estadual. E para finalizar essa discussão ressaltamos que o ginásio do estado foi instalado em 1965, e o do município, em 1970.

Um fato pertinente, apresentado na justificativa que a UMEI publicou para a cidade, ao negar a entrega do prédio do Educandário ao estado, agitou igualmente alguns católicos, mais precisamente aqueles que cuidavam do ensino religioso nas escolas. É que os espíritas

lançavam as bases para sua proposta de educação, afirmando que o Educandário Ituiutabano seria dirigido por eles, ou seja, pelos espíritas, como disposto:

A União da Mocidade Espírita de Ituiutaba, entretanto, vem por meio desta informar a V. S. que jamais houve da parte de seus dirigentes, intenção outra que não seja a de levar a cabo a construção do Educandário, *sendo também seu firme propósito manter sempre sob sua orientação direta o funcionamento daquela casa de ensino* (grifo nosso). Não tem assim qualquer fundamento a informação prestada a V. S., por pessoa cujo nome a UMEI ignora, mas que de qualquer forma não estava credenciada para tratar do assunto, e a UMEI solicita ao seu prestigioso jornal, uma retificação dessa notícia, a fim de desfazer o equívoco (ITUIUTABA reivindica um colégio estadual: uma carta da União da Mocidade Espírita local. Folha de Ituiutaba, Ituiutaba, 26 mai. 1956, p.1).

A negativa de cessão do prédio desenhou-se no cenário ituiutabano como afronta aos políticos municipais, interessados em retomar o prestígio abalado pelo deputado federal uberabense. E ainda encontramos vestígios dessa discussão nas atas da Câmara dos Vereadores, em 18 de fevereiro de 1959: *Projeto CM/32/59, dos vereadores do PTB, solicitando seja enviado um ofício ao Sr. Governador do Estado e Secretário da Educação assinado por todos os vereadores, no sentido de pedir a Estadualização do Curso Ginásial do Educandário Ituiutabano* (ATA DA CÂMARA DOS VEREADORES, 1959, p. 40).

Mas, no mesmo ano, também encontramos, em 6 de abril, no mesmo livro de atas, a conquista do título de utilidade pública municipal concedido ao Educandário, com discurso do vereador senhor Rodolfo Leite, do PTB, a favor dos relevantes serviços prestados à instrução da cidade. Ao que parece a partir do funcionamento da escola essa discussão foi posta de lado, pois não encontramos mais vestígios no jornal e nem nas atas da Câmara. A partir de então, 1959, os vereadores iniciaram as discussões a favor da implantação de um ginásio municipal na cidade.

### **1.8.1 Luta religiosa**

Como constatamos, o Espiritismo firmava-se no cenário nacional e vinha ganhando força desde o fim da década de 1940, início da consolidação das bases espíritas nacionais. Em 1945, as entidades espíritas do estado de São Paulo se reuniram com o objetivo de criar uma estrutura de unificação em seu estado. Da projeção desse movimento, organizou-se, em 1947,



o I Congresso Espírita do Estado de São Paulo e, em 1948, o I Congresso Espírita Centro-Sulino, com a participação de 15 estados. Essa organização conseguiu interagir com a Federação Espírita Brasileira (FEB), em 1949, celebrando o que deram o nome de “Pacto áureo”, pelo qual a FEB ficava no centro do processo de unificação e aceitava a instalação de um Conselho Federativo Nacional com representantes dos estados<sup>27</sup> (SANTOS, 1997, p. 61).

Mas, mesmo ante a organização espírita, a reação da igreja católica era forte no Brasil, desejando continuar seu monopólio religioso. Embora a Constituição Federal de 1946 garantisse ampla liberdade religiosa no país, em 1948 os bispos brasileiros, por meio da CNBB, condenaram o Espiritismo. Ato este reiterado em 1953, pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

Em Ituiutaba os espíritas possuíam uma meta: concordavam que essa instituição deveria suprir a carência de ensino gratuito na cidade, promovendo a implantação do curso ginásial. Na análise do que representava a instalação de um curso secundário em 1954, ainda sob os pressupostos das leis orgânicas, promulgadas em 1942, vê-se que esse curso estava de acordo com os ideais propedêuticos do ensino e que a UMEI ambicionava formar o jovem pobre de Ituiutaba não com o ensino profissionalizante, destinado às classes trabalhadoras, mas com o curso ginásial, que assegurava sua cientifização e seu acesso a um nível superior de ensino.

---

<sup>27</sup> C.f. SANTOS “Unificar o movimento espírita sem criar uma religião hierárquica, foi um desafio para a estrutura montada pelo Pacto Áureo, mesmo porque as bases de práticas e concepções do Espiritismo sempre foram autônomas” (1997, p. 62).



**Figura 3** - Na foto, o diretor Ângelo Tibúrcio D'Avila na inauguração do Educandário Ituiutabano (acima), o inspetor do ensino secundário Edelweiss Teixeira (abaixo), apoiando o ensejo pela necessidade da instituição, a qual se engajaria tornando-se professor voluntário; e dedicatória de Germano Laterza ao construtor da instituição. 1958.

Fonte: Acervo Sônia Muniz Laterza.

Desde a República o Estado havia separado a Igreja da educação, o que só ocorria oficialmente, pois as escolas e grupos escolares continuavam permeadas por práticas católicas, como o uso da oração e do terço, crucifixos e imagens de santos católicos em sala de aula, missas, entre outros. Uma escola criada por espíritas não permitiria que o “olho” da Igreja continuasse vigilante na formação de uma parcela social significativa, como ocorria com outras escolas confessionais e particulares da cidade e até com os grupos estaduais. Embora o Educandário tenha sido declarado, na imprensa, como escola laica, aberta a todas as raças, todos os credos e todas as classes sociais, era evidente o controle dos espíritas nesse processo educacional. Essa defesa católica da “educação das almas” por meio da “liberdade do ensino” e dos “direitos da família” estava visível na tribuna jornalística, com frases que promoviam sua ideologia, em detrimento da *escola dos espíritas*, apresentadas em carta-ataque no *Folha de Ituiutaba* do dia 5 de fevereiro de 1958, pelo senhor Antônio Abraão. Vejamos alguns trechos a seguir:

Os católicos acreditavam que os espíritas desejavam arrebanhar fiéis: *Não têm eles outro intuito, outro objetivo, se não o de atrair as crianças católicas para o seu meio, e, depois, doutriná-las ao seu belprazer, tornando-as espíritas.* Demonstravam intolerância religiosa: *são verdadeiros lobos com pele de cordeiro, que querem devorar as pobres e*

*inocentes ovelhinhas do aprisco do Senhor*. E deixavam claro que o Educandário não aceitaria o catecismo católico: (...) *estariamos correndo o risco de ser mais tarde apunhalados pelas costas, com as pregações espíritas que provavelmente farão às crianças católicas em seu “Centro Educandário Espírita Ituiutabano”*. Como vemos esse cidadão percebeu que a escola espírita não cederia a contínua vistoria católica, principalmente no quesito da educação religiosa ministrada. Essa carta, publicada no jornal local, é uma expressão do que era dito nos sermões na Igreja, pelos padres, principalmente pelo padre João, de acordo com os ex-membros da UMEI entrevistados.

Mas a questão era mais política que religiosa, pois volta a carta-ataque à defesa dos políticos ituiutabanos, que não seriam homenageados na inauguração do Educandário. Apenas o deputado uberabense Mário Palmério havia conseguido verbas federais para a construção, e seu nome estava estampado nas manchetes. Prossegue a carta-ataque:

Como os senhores mascarados [os espíritas] bem sabem, o estado de Minas Gerais é o estado mais rico do Brasil, mas também é o que mais deve à União. Assim, bem se compara o Deputado estadual mineiro com o Vereador desta cidade, cuja prefeitura está sempre sem dinheiro, não podendo atender aos justos pedidos da edilidade. É o que ocorre com o deputado Omar de Oliveira Diniz que, apesar de seus reconhecidos esforços para conseguir verbas em benefício de nossa terra, não o consegue porque o estado de Minas se acha em precária situação financeira, não podendo solver as suas grandes dividas em atraso.

Com dinheiro ou sem dinheiro, com saúde ou sem saúde, sempre estaremos com os nossos representantes naquelas casas legislativas, mas que sejam filhos de Ituiutaba, porque somente eles poderão fazer alguma coisa para a nossa terra.

Os senhores mascarados fazem alusão ao fato de que Uberaba tem Universidade, querendo assim engrandecer ao Deputado Mário Palmério, mas também devo acrescentar, graças ao zebu Uberaba também tem o direito de gozar de todo o conforto, e não Ituiutaba, porque aquela cidade foi a que deu mais prejuízo ao Brasil, com célebres financiamentos pecuários (ABRAÃO, Antonio. Resposta aos mascarados da União Espírita de Ituiutaba Folha de Ituiutaba, Ituiutaba, 5 fev. 1958, p.2).

O autor da carta-ataque justifica os deputados ituiutabanos e afirma que o deputado Mário Palmério só conseguiu verbas por estar no segundo maior partido do Brasil naquele momento, em 1958, o PTB, com maior força política. A questão religiosa mesclou-se ao debate político, assim como a Igreja colocava o Legislativo a seu favor na votação da Lei de Diretrizes e Bases no plano nacional. Também é evidente a manipulação da fé em defesa dos interesses da Igreja que desejava continuar no comando da educação. Mas aqui a defesa vem a favor dos políticos locais que estavam fora das manchetes dos jornais, enquanto o deputado

uberabense ganhava todo o destaque na cidade, haja vista as verbas conseguidas por ele durante a construção da escola.

## 1.9 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Neste capítulo, compreendemos que a UMEI conseguiu efetuar seus objetivos de construção do Educandário por meio de alguns fatores determinantes presentes no cenário nacional, regional e municipal, tais como: 1) a necessidade expressiva da abertura de um curso ginásial gratuito na cidade de Ituiutaba; 2) a força que essa união espírita possuía não só em seus ideais e integração, mas também na economia e política; 3) o apoio majoritário da comunidade ituiutabana (Figura 04); 4) o Espiritismo já não estar mais tão combatido como no início da República, principalmente pela expressão de Francisco Cândido Xavier; 5) o momento político, econômico e educacional nacional estarem voltados ao nacionalismo e ao desenvolvimentismo, fatores que impulsionavam o progresso.



**Figura 4** - Plantio de “árvores da amizade” na inauguração do Educandário Ituiutabano por integrantes da UMEI, maçonaria e Rotary Clube. Comunidade empenhada na instalação da escola.  
Fonte: [http://www.uniube.br/memorial/quem\\_foi/quem\\_foi.php](http://www.uniube.br/memorial/quem_foi/quem_foi.php). Acesso em: 29 set 2006..

Estes fatores foram preponderantes na gênese do Educandário Ituiutabano. Pelas lutas enfrentadas no âmbito regional, percebemos que a laicização da escola foi extremamente propagada pela imprensa local no ato da instalação desse curso ginasial. Assim, a inovação ocasionada pelos espíritas deu-se pela construção dessa escola e por oferecê-la de forma gratuita à população, como também por assegurar um ensino sem a disciplina curricular Ensino Religioso, na tentativa de fazer uma escola mais aberta, o que a diferenciava do momento educacional brasileiro. Mas apenas a falta de uma disciplina no currículo não torna uma instituição laica e não a exime de ser confessional.



## CAPÍTULO 2

### PROFESSOR PAULO DOS SANTOS: “VENCER NA VIDA PELO ESTUDO E PELO TRABALHO!”

*Quando eu morrer...*

*Quando eu morrer, transforma-te ó matéria  
Numa ridente árvore copada,  
Erguendo os galhos à amplidão sidêrea  
Aos bafejos do sol da madrugada.*

*Não desejo ser árvore funérea  
Tal uma casuarina amargurada  
Que nos fale de luta e de miséria...  
Quero servir de abrigo à passarada;*

*Dar sombra e fruto aos pássaros cantores  
E verei compensadas as minhas dores,  
Quando tiver a fronde florescida...*

*E bendirei, então, a minha sorte...  
Quero ser útil, após a minha morte  
Já que tão pouco fiz durante a vida!*

B. Hte. Hospital Central da Sta. Casa.  
Em 12/5/1979

SANTOS, Paulo dos (1979)<sup>28</sup>

#### 2.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No capítulo anterior, verificamos a implantação do Educandário Ituiutabano numa zona de ataques políticos e católicos na tentativa de minimizar a ação da UMEI. Observamos que a urgência da implantação de um curso ginásial e o crescimento do Espiritismo na década de 1950 tornaram-se pontos positivos, favorecendo a construção da escola. Neste capítulo, iremos observar a prática do professor Paulo dos Santos, segundo diretor daquela instituição (1960-1973), com a qual ganhou vida o projeto educacional dos espíritas. O que apresentaremos, em sua vida e obra, direcionou a pesquisa para a compreensão de uma

---

<sup>28</sup> SANTOS, Paulo dos. **Quando eu morrer...** (mímio) Belo Horizonte, Minas Gerais. 1979.

filosofia educacional que se diferenciou, em parte, do ensino daquela época. Ao (re)interpretarmos as práticas desse professor, pudemos compreender um pouco mais o caráter confessional que a instituição ganhou, mesmo sem serem ministradas aulas de Ensino Religioso. Neste capítulo, as entrevistas<sup>29</sup> com familiares<sup>30</sup>, ex-alunos e ex-professores permitiram a (re)construção de algumas dessas práticas, apoiadas no manancial teórico. Também documentos da instituição, como os relatórios anuais e as atas do Grêmio Estudantil, fotografias e artigos de Paulo dos Santos, publicados no jornal *Folha de Ituiutaba*, auxiliaram essa (re)construção.

## 2.2 O ALUNO SE FEZ PROFESSOR

Como dissemos na introdução deste trabalho, a existência deste professor esteve estreitamente ligada a sua vida profissional, mais ainda no período em que esteve à frente da direção da instituição de ensino pesquisada. Fato este pertinente e que se justifica numa frase do próprio Paulo dos Santos, muito repetida quando questionado sobre seu estado civil e que foi colhida de sua sobrinha: *Casei-me nesta vida com o Educandário* (MELO, 2007)<sup>31</sup>. Outra frase sua bastante conhecida e que se tornou o lema da instituição foi: *Vencer na vida pelo estudo e pelo trabalho!* Repetida sempre em suas aulas de moral, nas conversas mais íntimas em seu gabinete ou quando chamado a discursar nos festejos. Aqui, o discurso positivista une-se às idéias de progresso do Espiritismo. A influência positiva na República brasileira traduz-

---

<sup>29</sup> No trabalho da pesquisa histórica, Aróstegui (2006) salienta as técnicas que são as que realmente devem se adaptar a cada caso, à natureza do objeto investigado, podem ser compartilhadas e são intercambiáveis entre diferentes disciplinas. “(...) Por exemplo, a prática da exploração do arquivo e de outros tipos de fontes não escritas” (p. 96). Nesse particular, aproveitamos como técnica as entrevistas realizadas com alguns dos ex-alunos, ex-professores e ex-funcionários do Educandário Ituiutabano e com familiares do professor Paulo dos Santos na tentativa de se (re)construírem algumas práticas pedagógicas e educativas que permearam aquela instituição. Também procuramos encontrar, entre atas, documentos pessoais e a pouca documentação acessível da escola, informações que possibilitem esta (re)construção dialética, possibilitando-nos encontrar vestígios de uma filosofia educacional mais voltada à filosofia espírita.

<sup>30</sup> SANTOS, Júlio Pereira dos (2007), nasceu em 23 de outubro de 1929, em São José da Bela Vista, estado de São Paulo. Reside atualmente na rua Goiás, em Uberaba, Minas Gerais, e trabalha na profissão de tapeceiro. É irmão do professor Paulo dos Santos. SANTOS, Dionísio Pereira dos (2008) nasceu em 9 de outubro de 1917, em São José da Bela Vista, estado de São Paulo. Reside na rua M. José Rufino, 1.175, Franca, São Paulo. É aposentado como alfaiate.

<sup>31</sup> MELO, Ana Maria Pereira dos Santos (2007) nasceu em 24 de fevereiro de 1946, em Franca, estado de São Paulo. Reside atualmente na avenida 16, n. 538, em Ituiutaba, Minas Gerais. É licenciada em Geografia, pela universidade que deu origem a UNESP, em Franca. Professora em escolas particulares e públicas, na atualidade esteve ligada ao Educandário Ituiutabano entre os anos de 1968 até 1973, lecionando Psicologia da Educação no Curso Normal como voluntária. É sobrinha do professor Paulo dos Santos e se declara espírita desde o nascimento.



se, entre outros, nos dizeres da Bandeira Nacional, com a frase *Ordem e Progresso*, disseminando a idéia de disciplina para o crescimento. No discurso espírita, também a mola mestra para a evolução, seja ela entendida no âmbito do Estado ou particular, está compreendida nessas idéias de trabalho, disciplina e ordem. Assim, partindo do lema repetido incessantemente por Paulo dos Santos e bem lembrado nas entrevistas, procuramos encontrar, em sua vida e trabalho, algumas singularidades e expressões mais próximas de sua figura que nos remetam à sua ação sócio-educacional.

O professor Paulo dos Santos nasceu no dia 2 de junho de 1927, sendo o quarto filho do casal Lindolfo Pereira dos Santos e Josefina Maria de Magalhães, em São José da Bela Vista, São Paulo. Nessa época, São José era um distrito da cidade de Franca. Ao todo, foram sete irmãos, e sua família, apesar de dizer-se católica, não freqüentava religião alguma. Seu pai *tocava* lavouras de café no interior do estado de São Paulo, arrendando terras de fazendeiros locais. Formava o cafezal, colhia e vendia; e assim criava a família e os filhos pequenos. Ainda em sua primeira infância, a família mudou-se para a estação de trem Mandiú, pois em volta da estação surgia um pequeno arraial, em meados dos anos de 1930, também próximo à cidade de Franca. Ali, moraram numa casa geminada a uma escola municipal. O lar e a escola estavam instalados num mesmo espaço. Possivelmente, essa imagem retida faria Paulo dos Santos, no futuro, reproduzir, em seus ideais educacionais, essa junção entre educação e família, fazendo do Educandário Ituiutabano uma quase-escola-lar.

Foi alfabetizado nessa escola municipal conjugada ao seu lar, por volta de 1934, e prosseguiu a primeira série num grupo escolar na cidade de Restinga, próxima dali, também no interior de São Paulo. Ia e voltava das aulas no trem, junto com sua irmã mais velha. Iam pela manhã e só voltavam no fim do dia. O então garoto Paulo dos Santos era muito nervoso e fechado, com poucos amigos, mas acatava sempre as ordens dos pais, sendo um filho obediente, apesar de muito agitado. O irmão mais velho, ao lhe ensinar as tarefas escolares, percebeu sua excelente facilidade no aprendizado, na memorização, na matemática e nos pontos decorados, o que o diferenciou desde pequenino dos outros irmãos. Era amigo dos livros, gostando muito de ler e estudar.

Após este curto período, em 1934 sua família se mudou para Ribeirão Preto. Seu pai procurou Manoel Branquinho, amigo de infância, que residia nessa cidade e dirigia o Asilo de Dementes, fundado e mantido pelos espíritas de Ribeirão Preto. O senhor Lindolfo passou a ser representante de um jornal espírita, vendendo assinaturas pelo interior de São Paulo e, ao mesmo tempo, arrecadando fundos para a manutenção do asilo. Foi nessa mesma época que o irmão mais velho de Paulo se tornou espírita, graças a uma tia perturbada que obteve cura em

um centro espírita na cidade de Franca. A novidade logo se espalhou pela família, que aprovou e adotou a nova religião. Paulo dos Santos havia começado a segunda série do curso primário em Ribeirão Preto, mas, com o falecimento do pai, em 1935, quando contava 8 anos de idade, não quis mais estudar. O pequeno Paulo queria trabalhar como os irmãos para auxiliar nas despesas da casa. Foi advertido pelo irmão mais velho, que não permitiu que abandonasse os estudos. Após esse fato, em Ribeirão Preto terminou o curso primário e fez o curso preparatório para admissão ao ginásio, sempre sob a influência do irmão mais velho, que assumira a responsabilidade do pai na educação dos irmãos menores. Prosseguiu o curso ginasial como um dos melhores alunos do Colégio Moura Lacerda, escola particular, sempre conquistando destaque. Trabalhava numa loja do comércio durante o dia e estudava à noite, para pagar as mensalidades da escola e, ainda, auxiliar nas despesas do lar.

Seu irmão Dionísio, alfaiate, mudou-se para São Paulo em 1937, a fim de conseguir um melhor emprego. Paulo o acompanhou, em 1938, concluindo o último ano do curso ginasial na capital e, a seguir, concluindo o curso técnico em contabilidade, em 1941, numa escola particular próxima à Estação da Luz. Trabalhou, em sua chegada, numa firma prestadora de serviços a um grande hotel da cidade de São Paulo. Passou por algumas indústrias até que se firmou numa grande empresa de representações. Paulo era o encarregado direto do dono da empresa e empregado de absoluta confiança. Vistoriava o trabalho dos vendedores pelo norte do Brasil, viajando de avião por todos os estados daquela região. Nesse meio-tempo, toda a família fora residir na capital com Paulo dos Santos, pois seu irmão Dionísio se casou e foi residir em Franca. Dezesseis anos haviam se passado desde o falecimento do pai, quando sua mãe veio a falecer, em 1951, na cidade de São Paulo.

Paulo mudou-se, então, já como experiente contador, para Uberaba, Minas Gerais, levando consigo os irmãos Júlio, Antônio e Benedito, para trabalharem numa tapeçaria que abrisse junto com um de seus poucos amigos de infância. Em 1952, estavam instalados na rua Sacramento. Durante esse período, entre 1952 e 1959, Paulo dos Santos foi proprietário de uma oficina de tapeçaria em sociedade e da qual tomava conta da parte administrativa. Também foi o período em que cursou Direito naquela cidade e começou a ensaiar sua vocação de professor, ministrando aulas de Português em escolas públicas de Uberaba. Participou, na faculdade de Direito, do Diretório Acadêmico Leopoldino de Oliveira como membro titular, participando de vários encontros de estudantes, dentre os quais, o XVII Congresso Estadual dos Estudantes de Minas Gerais, sediado em Lavras, entre 21 e 27 de setembro de 1958.

Nesse período, entre 1952 e 1959, foi convidado para instalar um colégio na cidade de Campo Florido, Minas Gerais, o Colégio Padre Júlio. Também fundou a primeira guarda

mirim de Uberaba, um projeto assistencial que colocava jovens carentes nas ruas vigiando os carros estacionados. E ainda concluiu o curso de Português numa cidade do sul de Minas, oferecido na Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário, a CADES, curso este de curta duração e de treinamento aos leigos para emprego no ensino secundário. *Durante vários anos, a CADES empenhou-se em prover o ensino médio brasileiro de boa parte de seu pessoal docente* (ROMANELLI, 2006, p. 125). Somente dessa maneira obteria o registro do Ministério da Educação e estaria autorizado a dirigir esta instituição, conforme as leis orgânicas do ensino previam<sup>32</sup>.

O intercâmbio com as lides espíritas e educacionais da cidade favoreceram a amizade entre Paulo dos Santos e a então inspetora seccional do ensino secundário de Uberaba<sup>33</sup>, dona Izabel Bueno, espírita que o convidou para auxiliar os trabalhos educacionais a que dona Aparecida inauguraria no Hospital do Pênfigo, em 1959<sup>34</sup>. A escola era sediada nas dependências do próprio hospital, instalada para atender os doentes que vinham de várias partes do Brasil e ficavam retidos por lá durante muitos meses, uma vez que o tratamento do pênfigo, naquele momento, era extremamente demorado. A escola seria indicada a adultos e crianças doentes numa sala multisseriada, mas também àquelas que vinham acompanhando as mães e que ali ficavam aguardando. O professorado lecionou nesta escola como voluntariado, em anos de funcionamento. Ao que tudo indica, Paulo dos Santos teve uma rápida passagem por essa instituição, auxiliando dona Izabel Bueno na instalação da escola, em 1959, pois já em 1960 os integrantes da UMEI solicitaram à dona Izabel, na qualidade de inspetora seccional do ensino secundário, que os auxiliasse, pois o então diretor do Educandário Ituiutabano Ângelo Tibúrcio D'avila estava deixando o cargo para se mudar da cidade. O convite foi realizado pela inspetora a Paulo dos Santos, que o aceitou prontamente; em 1960, ele já havia se instalado em Ituiutaba como professor de Português e Educação Física e diretor daquela instituição.

Enquanto Paulo dos Santos chegava a Ituiutaba para dirigir o Educandário, que contava com dois anos de funcionamento e ainda sofria alguns embates provocados por um setor da comunidade católica, considerada como mais conservadora e elitista, o Espiritismo estava, mais uma vez, na imprensa brasileira. Ocorria que Francisco Cândido Xavier havia se mudado, em 5 de janeiro de 1959, de Pedro Leopoldo para Uberaba, o que ocasionou grande

<sup>32</sup> É interessante ressaltar que, em sua carteirinha de registro, n. 41.729, havia uma observação: "P/ Est. Minas Gerais exceto onde haja Faculdade de Filosofia". O que define o registro da CADES como um atenuante à falta de professorado nacional.

<sup>33</sup> Representante da regional do Ministério da Educação e Cultura, sendo a titular daquela repartição pública.

<sup>34</sup> Sobre este trabalho escolar realizado no Hospital do Pênfigo, em Uberaba, Minas Gerais, ver: BUENO, Izabel; XAVIER, Francisco Cândido. **Uma vida de amor e caridade**. Belo Horizonte, Fonte Viva. 1992.

movimentação no meio espírita do Triângulo Mineiro, com caravanas que se organizavam para visitá-lo. Mas essa mudança também provocou a oposição de alguns clérigos uberabenses, que faziam pregações acirradas contra Chico Xavier e o Espiritismo. Como vemos, a perseguição ao Espiritismo ainda persistia, mesmo os espíritas possuindo seus direitos assegurados no Código Penal e na Constituição Brasileira e esta perseguição sendo menos ostensiva.

Mas a mudança de Chico Xavier para Uberaba auxiliou a consolidação das bases espíritas no Triângulo Mineiro, contribuindo, pela divulgação causada, principalmente, na imprensa, para um entendimento maior e uma conseqüente aceitação dessa religião, o que auxiliou a direção de Paulo dos Santos a prosseguir sem maiores perturbações nesse sentido, uma vez que, em Ituiutaba, os ataques também foram abrandados pela expressiva divulgação do Espiritismo e pelo respeito adquirido. A chegada daquele professor enérgico, amigo e conhecedor profundo não só das disciplinas ministradas, mas também de todo o funcionamento da escola, com uma dinâmica pedagógica que permitia a efetivação do projeto da UMEI fez ressurgir a esperança nos dirigentes desta quanto a um profissional capacitado para assumir a direção daquela instituição; além disso, a escola teria um diretor espírita.

Paulo dos Santos, aceitando aquele convite, por intermédio de sua amiga, a inspetora seccional do ensino secundário dona Izabel Bueno, igualmente resolvia outro problema do Educandário: a falta de profissionais capacitados e documentados, principalmente para assumir a direção, pois no interior do estado de Minas Gerais não havia Faculdades de Filosofia instaladas, mesmo já havendo um considerável índice destas no Brasil. O índice alarmante do analfabetismo nas décadas de 1950 e 1960 não estava atrás da precariedade de profissionais docentes.

É interessante compreender o painel nacional quanto à formação de profissionais da educação no período analisado, pois, para Romanelli (2006), embora a evolução da procura por cursos de profissões prestigiosas como a das faculdades de Direito, entre 1932 e 1964, as faculdades de Filosofia se multiplicavam, mas simbolizavam apenas um curso Normal mais requintado para ingresso no magistério. Instalou-se, então, uma contradição na formação dos professores, como segue o raciocínio: por um lado, poderíamos constatar um aumento das faculdades de Filosofia no Brasil em locais mais populosos, como fica explícito no quadro abaixo:

| Anos | Ciências Contábeis | Direito | Engenharia | Filosofia | Medicina |
|------|--------------------|---------|------------|-----------|----------|
| 1932 | 222                | 6.262   | 2.203      | 59        | 7.197    |
| 1940 | 774                | 5.793   | 2.172      | 1.622     | 5.548    |
| 1951 | 3.020              | 13.810  | 6.907      | 7.275     | 9.208    |
| 1960 | 7.934              | 23.293  | 10.821     | 20.270    | 10.316   |
| 1964 | 14.360             | 30.974  | 20.728     | 32.396    | 14.183   |

**Quadro 10** - Evolução da matrícula nos cinco principais ramos de ensino superior entre 1932 e 1964

FONTE: Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, n. 101, pp. 122/123 apud ROMANELLI, O. de O. História da Educação no Brasil. 29ª ed. Petrópolis. Vozes. 2006. p. 120.

Por outro, esse aumento demonstrava apenas a distorção e o crescimento desordenado a que acorriam as faculdades de Filosofia desde a década de 1930. Tais faculdades agregavam cursos de Ciências, Letras e Filosofia. E o fato se justificou porque os cursos eram organizados com as finalidades de formarem alunos para carreiras ligadas à pesquisa e também para o magistério secundário; o que acabou não alcançando nenhum dos dois objetivos. Primeiramente, porque não haviam profissionais de pesquisa qualificados e muito menos o equipamento necessário. Também o baixo nível de salários para o magistério brasileiro interferia na escolha da carreira. Os professores atraídos para o magistério eram:

(...) salvo honrosas e brilhantes exceções, sobretudo dois tipos de clientela – aquele cujo ingresso é barrado em escolas de cursos mais disputados (Medicina e Engenharia, por exemplo), ou que realmente não tem condições pessoais de concorrer às carreiras técnicas e científicas, e aquele tipo que não necessita adquirir *status*, mas deseja apenas ou dar mais brilho ao *status* adquirido, ou titular-se para um mais vantajoso casamento, como é o caso de parte da clientela feminina (ROMANELLI, 2006, p. 121).

Dessa maneira, quando os índices apontavam para um crescimento oneroso de profissionais da educação, entre as décadas de 1930 e 1960, devemos levar em conta estes pressupostos de má-formação de saberes, de profissionais apenas formados que não exerciam a profissão e também devemos levar em consideração que a procura maior por esses cursos era para as áreas de filosofia, ciências sociais e pedagogia, em detrimento das ciências naturais e exatas. Assim, verificamos em que direção este aumento encaminhou a formação dos professores no Brasil. *Os dados revelam-nos que, em 1958, “sobre 4.149 professores registrados no Ministério da Educação para o exercício do magistério secundário, somente 724 eram portadores de diplomas por Faculdades de Filosofia”* (ROMANELLI, 2006, p. 124). O que demonstra, além da precariedade, um contra-senso em relação à quantidade de faculdades de Filosofia que se instalavam.

A precariedade de profissionais docentes era maior em regiões mais distanciadas dos grandes centros urbanos, onde, em geral, as faculdades estavam. A cidade de Ituiutaba havia conseguido seu primeiro curso ginásial gratuito naquele período, 1958, e a instalação de uma faculdade ainda estava muito distante de sua realidade. O “Certificado de registro de diretor de estabelecimento de ensino médio”, do professor Paulo dos Santos, foi emitido com o n. 70, o que lhe confere ser um dos primeiros diretores do estado, haja vista a falta de instituições naquele momento. Dessa maneira, a formação docente de Paulo dos Santos, sobretudo sua autorização pela CADES, no Ministério da Educação, como dito antes, foi de grande importância para sua contratação como diretor em 1960, haja vista os problemas que o país enfrentava quanto à formação de profissionais da educação e sua escassez no mercado de trabalho.

Outro aspecto relevante da caminhada de Paulo dos Santos são sua cultura e sua formação educacional, pois estas, ao que parece, ocasionaram a execução, com excelência, do projeto pedagógico da UMEI e o colocaram como um dos profissionais mais capacitados da cidade e da região. Como já relatado, concluiu seus cursos primário, ginásial e contabilidade em cidades distintas no interior e na capital de São Paulo. Graduou-se em Direito, em Uberaba, Minas Gerais, foi autorizado a lecionar Português, pela CADES; além disso, logo que assumiu o cargo de diretor do Educandário, começou a fazer o curso de Psicologia em Uberaba, passando temporadas intercaladas nas duas cidades até sua formatura. Foram distintas formaturas em diversos ambientes educacionais, contato com culturas diferenciadas, conseguidas em distintos graus de maturidade em sua vida profissional. Gradativamente, transformou-se o aluno alfabetizado numa escola geminada a seu próprio lar num professor que era formado, também, em Direito e Psicologia.

Quanto aos saberes adquiridos por Paulo dos Santos no momento em que assumiu a direção do Educandário, 1960, observamos sua maturidade pedagógica e intelectual nos servindo de uma teoria da atualidade para encontrarmos seus vestígios. Tardif (2006) propõe um modelo para identificação e classificação dos saberes dos professores, fazendo uma mescla entre o pluralismo do saber profissional e os lugares onde os professores atuam. Ainda relaciona a evidência das fontes de aquisição desses saberes com sua integração ao trabalho. São três os saberes relacionados que podem ser adquiridos antes do profissional atuar em sala de aula: 1) os *saberes pessoais* dos professores, encontrados na família, no ambiente da vida, na educação em sentido lato; esses saberes são incorporados ao trabalho docente por meio da própria história de vida e por uma socialização primária; 2) outra forma de saber é a *proveniente da formação escolar* anterior à formação docente, feita da escola primária aos

estudos secundários e pós-secundários; estes são integrados à docência pela formação e pela socialização pré-profissionalizante; e 3) são os saberes provenientes da *formação profissional para o magistério*, adquiridos nos estabelecimentos de formação de professores, nos estágios, nos cursos de reciclagem; são integrados ao trabalho docente pela formação e socialização nas instituições de formação de professores.

Juntando a esses conhecimentos encontrados de forma natural na formação de vida e profissional de Paulo dos Santos, e que podem ser transferidos para qualquer professor, é necessário fazermos um acréscimo quanto ao seu autodidatismo, tão lembrado pelos entrevistados, principalmente seus familiares e aqueles que conviveram mais com ele. Seu irmão o definiu como uma *enciclopédia ambulante, profundo conhecedor de português, matemática, história, religiões e geografia, mas a geografia do mundo todo* (SANTOS, 2007), salientou. Também pela experiência acumulada no magistério, Paulo dos Santos já possuía, como aponta Tardif, saberes *provenientes dos programas e livros didáticos usados no trabalho e saberes provenientes de sua própria experiência na profissão, na sala de aula e na escola* (2006, p. 63). Assim, são várias as fontes de saberes na profissão docente *e vários deles são de certo modo “exteriores” ao ofício de ensinar, pois provêm de lugares sociais anteriores à carreira propriamente dita ou situados fora do trabalho cotidiano* (TARDIF, 2006, p. 64).

Assim, a casa, a família, as diversas escolas por que passou nas diversas cidades, a atuação – em São Paulo e Uberaba – como contador, a formação superior em Direito e Psicologia, o magistério exercido e seu autodidatismo permitiram a Paulo dos Santos uma cultura privilegiada até aquele momento, 1960. Também o conhecimento da doutrina espírita deu ao professor Paulo dos Santos uma gama de conhecimento capaz de fazê-lo dirigir aquela instituição, proporcionando uma práxis educativa diferenciada das demais, mas que se aproximou de outras experiências educativas espíritas no Brasil. Sua ação pedagógica assemelhou-se aos trabalhos desenvolvidos por Anália Franco (1853-1919), no interior do estado de São Paulo, e pelo professor Eurípedes Barsanulfo (1880-1918), em Sacramento, Minas Gerais. Ambos os expoentes realizaram seus trabalhos calcados no conhecimento do Espiritismo, embora nem sempre o ensino do Espiritismo marcasse suas práticas.

Incontri (2004), no mapeamento das experiências educativas espíritas que faz no Brasil, denomina Anália Franco como uma ativista social. Destaca o trabalho dessa professora, sobretudo no estado de São Paulo, onde começou a recolher, desde muito jovem, crianças negras filhas da Lei do Ventre Livre em orfanatos e jardins. Anália Franco foi uma pioneira na abertura dessa modalidade de ensino. Foi auxiliar de sua mãe, também professora,

até os 15 anos de idade, tornando-se autônoma a seguir. Aos 24 anos de idade, matriculou-se na Escola Normal em São Paulo, com uma formatura louvável, digna de nota no jornal *A Província de São Paulo*, de 28 de dezembro de 1877. De acordo com Monteiro (2004), a profusão de instituições educativas abertas por Anália foi notória, pois estão registradas mais de cem casas de ensino infantil em São Paulo, dentre orfanatos, escolas de alfabetização, escolas profissionalizantes, escolas para mães solteiras e outras. Formou a primeira banda musical feminina do país, corais, grupos de teatro e escolas de arte, com contribuições relevantes na imprensa, no Espiritismo e na participação de movimentos a favor da mulher.

Em seu trabalho educativo, não fazia proselitismo religioso, buscando uma formação moral voltada às necessidades do homem e a formar um caráter com sentimentos mais altruístas. Assim, suas escolas sempre estiveram abertas a todos, principalmente necessitados e carentes, pois sempre esteve na vanguarda de um movimento voltado aos excluídos. Considerava essa formação moral a principal para o homem bem viver num mundo mais igualitário; em contrapartida, dava subsídios favoráveis como escolarização, profissionalização, contato com as artes, com sentimentos novos e com uma cultura diferenciada a quem nada possuísse. Munia seus alunos e acolhidos com uma educação que os auxiliaria a enfrentar a própria existência mais adiante. Assim, é possível encontrar algumas semelhanças entre o trabalho desenvolvido por Anália Franco e o trabalho feito por Paulo dos Santos, mesmo que num contexto diferenciado.

Também o trabalho do educador Eurípedes Barsanulfo contribuiu para as práticas desenvolvidas por Paulo, pois o Colégio Allan Kardec, em Sacramento, foi conhecido, sobretudo, no meio espírita. Quer por ter sido a primeira escola genuinamente espírita brasileira, quer pelo trabalho educativo desenvolvido por Barsanulfo, considerado, por Bigheto (2006), *como um educador de vanguarda na Primeira República*. Brettas (2006) discorre sobre o ensino no Colégio Allan Kardec. Os alunos eram avaliados mensalmente, sendo considerados aptos ou não para prosseguirem os cursos. No fim do ano, vinham professores e visitantes até de outras localidades para os exames finais. A escola se transformava, e, durante alguns dias, os alunos eram argüidos, numa verdadeira demonstração de cultura. A cidade quase toda ia ver os exames finais do Allan Kardec, pois havia apresentações teatrais e musicais realizadas pelos alunos. Durante o ano, as aulas tradicionais eram acrescidas do ensino do Espiritismo, da astronomia e da botânica, cursos esses diferenciados da educação da época, realizados de forma prática e muito apreciados pelos alunos. As comemorações artísticas, igualmente, eram muito valorizadas e estavam incluídas, sendo o método intuitivo bem desenvolvido ali.



Essas são apenas rápidas pinceladas do cotidiano e da metodologia educacional de experiências espíritas que foram mais conceituadas e divulgadas no expoente brasileiro. Demonstram, acima de tudo, que essa modalidade de ensino vem sendo elaborada desde o surgimento da própria religião, em fins do século XIX, sendo implantada e acrescida ao longo do século XX no Brasil. Vamos agora discorrer sobre a prática educativa do professor Paulo dos Santos, destacando algumas nuances, sabendo que ele era conhecedor dessas experiências educativas. Teremos como fonte principal para essa (re)construção a entrevista, utilizada aqui como ferramenta. Para isso, procuramos confrontar algumas opiniões e colher e apresentar impressões daqueles opositores e detratores do trabalho efetuado por esse professor para buscarmos um consenso mais aproximado de suas reais atividades.

### 2.3 AS AULAS DE MORAL

É interessante observar que a condução moral dos alunos, principalmente durante as aulas de Paulo dos Santos, foi desenvolvida por ele da mesma maneira com que Anália Franco havia ministrado a educação moral e religiosa na parte complementar de seu método de ensino. Anália Franco não o fez *com o papagueamento usual das escolas portuguesas, mas trata(ou) de infiltrar sucessivamente nos corações os preceitos e conselhos por meio dos atos diversos da vida, e segundo a oportunidade das circunstâncias* (MONTEIRO, 2004, p. 40 e 41). Os temas mais desenvolvidos por Anália Franco estavam voltados à higienização do corpo e ao desenvolvimento de habilidades físicas e artísticas, formando *boas donas de casa, esposas e mães* (MONTEIRO, 2004, p. 41), e também à formação profissional. Paulo dos Santos procurava, em sua prática, orientar da mesma maneira seus alunos, formando-lhes habilidades que poderiam ser aproveitadas onde quer que estivessem, mas com o cuidado de não conectar a mulher apenas ao casamento e à formação do lar.

A facilidade em entender os princípios da UMEI, dispostos no regimento interno do Educandário, não ocasionou transtornos, pois Paulo era espírita e possuía vasto cabedal intelectual. Para uma de suas ex-alunas<sup>35</sup>, a personalidade de Paulo dos Santos estava sempre fundida à do professor, como podemos constatar:

---

<sup>35</sup> ALECRIM, Lazara Nunes (2007) nasceu em Santa Juliana, Minas Gerais, em 12 de janeiro de 1951. Reside atualmente na rua Joaquim Antônio de Moraes, 669, em Ituiutaba, Minas Gerais. É professora aposentada, sendo formada em Pedagogia e especialista em Psicopedagogia. Estudou no Educandário Ituiutabano entre 1963 e

Ele era exigente, cobrava muito, ajudava a todos e em troca não admitia faltarmos às aulas. Não podíamos tirar nota vermelha, tínhamos que ser alunos exemplares e era rigoroso. Mas era aquela pessoa que gostava de pegar os “vidas-tortas” da cidade e consertar, colocava todo mundo na linha. Então, a primeira coisa que ele fazia era colocar pra estudar e, depois, batalhava um emprego pra essas pessoas na comunidade e no comércio. A pessoa tinha que saber que o estudo era o primeiro passo. E eu nunca esqueci o que ele nos falava em toda aula: “Nós só vencemos na vida pelo estudo e pelo trabalho!”. E isso marcou tanto a minha vida, e acho que a de todos os educandarianos, que, quando eu fui fazer a minha monografia, terminando o curso de Psicopedagogia, eu a dediquei a ele e citei isso porque ele foi fundamental na minha vida. “Vencer na vida pelo estudo e pelo trabalho!” era o seu lema. (...) Ele fez muitas pessoas, como prostitutas, saírem da prostituição e ir pro colégio estudar e mudar de vida. Ele era uma pessoa assim, que gostava de tirar as pessoas dos caminhos difíceis e fazê-las chegar à conclusão de que existia uma maneira melhor nessa vida para ser feliz (ALECRIM, 2007).

Praticamente, todos os entrevistados aludiram dessa maneira, com poucas diferenciações, ao professor Paulo: trazendo-o à memória sempre num caráter saudosista, exaltando sua personagem que parece ir além do professor e do diretor, fundindo-se na figura de um amigo incondicional e, muitas vezes, como se fosse o *conselheiro* de uma comunidade, como veremos em outros trechos à frente. Aqui, verificamos que sua prática educativa rompia os conteúdos programáticos e a sala de aula. Buscava formar um caráter moral nos alunos, preparando-os para a vida, em vez de dar ênfase a conteúdos escolares. Não sabemos até que ponto essa singularidade interferiu em sua prática ou até que ponto conseguiu influenciar outros professores, pois, ao mesmo tempo, havia crítica dentro e fora da escola com relação ao ensino, como relata um ex-professor e ex-aluno<sup>36</sup>:

A escola era muito deficiente, mas deficiente não por falta de cultura, não por falta de boa vontade ou de interesse do Paulo. Era deficiente porque, dos professores que lá estavam, muito poucos tinham condição de lecionar. Eu fui professor no curso de Contabilidade, mas eu não tinha condição de ser professor. Fui exclusivamente para ajudar, não ganhava um tostão. Então, nesse setor, ela foi deficiente. Não só pelos professores, mas também pela organização, pois lá no Educandário havia salas com 120 alunos... Mas também havia outros professores muito bons. (...) O próprio professor Paulo lecionava às vezes, cobrindo a falta de algum professor, pois o Educandário

---

1964, fazendo o curso Ginásial e, depois, o Técnico em Contabilidade, de 1965 até 1967. Além de estudante, foi professora na própria instituição enquanto aluna. Por se destacar nas disciplinas, era sempre convidada a substituir os professores no curso Técnico em Contabilidade.

<sup>36</sup> COELHO, Sebastião Benedito Faria (2008) nasceu dia 10 de novembro de 1926, em Ituiutaba, e reside hoje na rua 22. Fez o curso de Madureza do Educandário, o curso Ginásial e o Técnico em Contabilidade, formando-se em Odontologia, em Uberaba, mais à frente. Hoje é aposentado como dentista.

não tinha dinheiro pra nada. Num colégio com quase dois mil alunos que não recebia verba de ninguém, o que se podia fazer? (COELHO, 2008).

Verificamos que as dificuldades influenciavam a aprendizagem, quer pela falta de professores especializados, quer pelo número excessivo de alunos, obrigando professores voluntários a assumirem turmas de disciplinas diferentes que as de sua formação. *Tudo isso fazia correr na cidade uma “fama” de que a escola não era boa, de que era só se matricular e passar...* (COELHO, 2008). Havia a crítica quanto ao ensino ministrado no Educandário, fundamentada na falta de docentes, e que era feita, geralmente, por pessoas que não faziam parte da comunidade escolar. Mas o trabalho de Paulo dos Santos não era questionado em particular, quer por ser um maçom muito respeitado e conhecido na cidade, quer por sua cultura ou pelo bom relacionamento no meio educacional, pois também foi professor de Português no Instituto Marden e auxiliou na fundação do ginásio estadual, em 1965, inclusive sendo professor dessa escola.

Outra narração, de um ex-professor de Ciências<sup>37</sup>, deu-nos outro ângulo de visão do trabalho de Paulo dos Santos no âmbito filantrópico:

O professor Paulo esteve numa dimensão completamente diferente. Eu já lecionei na escola estadual Israel Pinheiro, que a direção era outra, mais severa ainda, era a dona Vânia, que foi outra diretora excelente porque ela também corrigia essa meninada. E tanto é que o colégio dela, na época, brilhou. Mas o professor Paulo foi grande em outro ângulo, no ângulo da filantropia, no ângulo da miséria que ali tinha e que na outra escola não tinha. Ele trabalhou com a miséria para tirar o indivíduo dessa situação. Então isso aí é um mérito do professor Paulo: soerguer o indivíduo que estava lá em baixo. Ele não tinha amparo da família, aquelas crianças, aqueles estudantes não tinham o respaldo direto da família, e o Paulo passou a ser esse respaldo. O ângulo dele foi o combate à miséria, à pobreza, à falta de instrução, à ignorância, que era muito grande em Ituiutaba. Então, temos aí elementos que ainda nos procuram, lembram quando lecionamos no Educandário e vêm mostrar o que eles são hoje. Se não fosse o Educandário, não saberiam como estariam. Talvez num mundo de miséria, numa profissão simples de “cavuqueiro”, de carroceiro... Eles saíram desse nível, todos que passaram por lá saíram. As moças também se formaram professoras, elas se destacaram na cidade e se destacam ainda. Nós tivemos vários médicos que foram alunos do Educandário, engenheiros, dentistas... (FRATARI, 2007).

---

<sup>37</sup> FRATARI, Eurípedes Luiz (2007) é residente na rua 24, n. 1.377, em Ituiutaba. É dentista aposentado, formado pela Faculdade de Odontologia do Triângulo Mineiro, atual UNIUBE, Uberaba, Minas Gerais, e licenciado em Matemática, pela FEIT, Ituiutaba. Atualmente, é professor de Física na UEMG, campus Ituiutaba, e em escola da rede pública estadual. Trabalhou no Educandário Ituiutabano como professor de Ciências Físicas e Biológicas, no curso Ginásial, de 1959 até 1969, depois lecionou também Biologia, no curso Técnico em Contabilidade, no primeiro ano.

A diferenciação do trabalho de Paulo dos Santos se acentuou, divergindo, sobremaneira, do ensino em Ituiutaba. Seu caráter filantrópico marcou a escola, mas não apenas na tentativa de atenuar necessidades puramente materiais ou assistencialistas, mas também na formação moral dos indivíduos que buscavam naquela instituição uma possibilidade de mudança, um degrau que os levasse ao mundo do trabalho ou a frequentar um curso de graduação, bem como estava em seu lema: *Vencer na vida pelo estudo e pelo trabalho!* As dificuldades listadas pelo ex-professor diferenciavam o ensino do Educandário do de outras escolas, pois lá se matriculavam os desvalidos economicamente, os filhos de famílias muito pobres, muitas delas com desequilíbrios. Como apontou a ex-aluna, outros já estavam marcados por uma vida cercada de dificuldades e problemas sociais. Ao que parece, Paulo dos Santos foi o responsável pela condução de boa parte desses alunos a uma vida mais equilibrada, à busca de um crescimento diferenciado da realidade que os envolvia. Notamos, assim, que sua atuação não se restringiu ao assistencialismo, paternalista e ingênuo em ações, não permitindo que a *esmola* fosse considerada como resolução de conflitos sociais e educacionais.

A prática espírita de caridade está calcada em preceitos como *Amai-vos e instruí-vos*, preceito este voltado à promoção integral do homem e que se diferencia, na ação, de boa parte de seus adeptos. De acordo com os espíritas, a prática de assistência tem que visar dar o pão e a letra. Assim, nas distribuições de *enxovalzinho infantil*, por exemplo, é comum as mães receberem instruções sobre puericultura e higiene. As práticas espíritas de caridade como as visitas aos lares de doentes, a distribuição da “sopa fraterna”, pão e demais práticas visam colocar o grupo espírita em contato com os sofredores para auxiliá-los muito mais no lado moral, procurando verificar e sanar os problemas que estão por trás da aparente miséria, como doença, desemprego, desequilíbrios mentais, morais, dentre outros. No Brasil, ao tempo do Educandário, a ação determinante de Francisco Cândido Xavier mudou o patamar assistencial, pois, ao mesmo tempo em que suas distribuições nos bairros carentes de Uberaba, Minas Gerais, socorriam milhares de pessoas com donativos de toda sorte, ele psicografava livros, os mais diversos, sendo alguns de valor científico, preocupado com a formação do homem integral. Nesse particular, entre assistência e educação, também podemos recorrer aos exemplos de Anália Franco e Eurípedes Barsanulfo, que já citamos.

Prosseguindo a análise da prática do professor Paulo dos Santos, com seu caráter modelador e disciplinador, buscando a formação de homens para a vida, um tópico nos aponta um momento importante dessa prática, que seriam suas aulas de Português. O momento garantia a receptividade da turma inteira para suas intervenções sobre boa conduta. No trato

geral da escola, ele aproveitava os casos isolados e particulares para conduzir seus alunos à reflexão e mudança, da mesma maneira com que lhes favorecia instrumentos como o próprio acesso à escola e o encaminhamento ao trabalho. Mas, na sala de aula, o diálogo era franco e aberto, como recorda outra sua ex-aluna<sup>38</sup>, também professora primária, aposentada na atualidade:

Tem gente que até achava que ele não preocupava tanto com a matéria. Não, ele preocupava mais com passar sociabilidade para os alunos. Ele chegava à vontade, às vezes dava uma escoradinha na mesa, às vezes punha a perna na mesa e começava a contar coisas assim de história geral, de bom proceder... Ele não preocupava tanto com a matéria, com escrever, não... E a gente gostava muito da conversa dele. E depois copiava a parte da matéria. Naquele tempo tinha também o livro, às vezes ele passava no quadro, às vezes usava o livro (CLAUDINO, 2008).

Prossegue a ex-aluna quanto às aulas do professor Paulo:

Nós não tínhamos aula de religião, tinha mais era religiosidade. Ele explicava através daquelas histórias ou histórias de exemplos e casos. Ou então contava coisas até lá dos outros países, dentro das aulas dele. Mas o que ele mais gostava mesmo era da formação do caráter do aluno, ele gostava mais de ensinar isso daí. Ensinar o bom viver pros alunos. Dentro da sua própria aula de Português, chegava, começava a conversar e, dentro da própria aula, falava isso e ensinava a matéria. Era muito interessante, ele devia mesmo ser muito estudado e prático, porque ele também não perdia tanto tempo, perder tempo entre aspas [risos], falando apenas de uma coisa... Aí ele ia encaixando a matéria, o que tinha que ensinar como as boas maneiras, e ia encaixando, e dava tudo certo. E, no final, a gente aprendia o Português também. Ele gostava de ensinar Português (CLAUDINO, 2008).

Ainda em suas aulas sobre discriminação religiosa, especificamente, comenta a ex-aluna:

Não, lá dentro não tinha isso de jeito nenhum. Ele ainda falava que religião cada um tem a sua e o importante é amar a Deus e amar ao próximo, pois não é religião que salva ninguém. Tinha uma filosofia religiosa por trás, mas não tinha uma religião declarada, não tinha. Sei que o Educandário era espírita, mas não havia discriminação... (CLAUDINO, 2008).

Assim como nos casos individuais, em que acolhia os alunos buscando solucionar os problemas de toda ordem que os afligia, principalmente os sociais e familiares, Paulo dos

---

<sup>38</sup> CLAUDINO, Nauri Sônia Melo (2008) nasceu em 4 de setembro de 1944, na zona rural do município de Ituiutaba, Minas Gerais. É professora primária aposentada, formada em Pedagogia pela UEMG, campus Ituiutaba. Reside na rua 38, n. 1699, em Ituiutaba. Fez o curso Ginásial e o curso Normal no Educandário, entre os anos de 1960 e 1967.

Santos aproveitava suas aulas de Português para aprofundar temas diversos com os alunos, vislumbrando a formação não só intelectual, mas também humanista e livre de proselitismo. Suas *aulas de moral* não remetiam à religião alguma, ao contrário das aulas de Ensino Religioso ministradas nas escolas confessionais católicas da cidade e no Grupo Escolar João Pinheiro. Justamente para não haver dissensões e discriminações.

Pela fala dos entrevistados, percebemos que esse momento ocorria, também, nos intervalos e em horários vagos, quando faltava algum professor. Paulo dos Santos assumia a direção da turma e começava a dialogar com os alunos, procurando apresentar sempre uma visão de mundo diferenciada da que eles conheciam, tentando sempre demonstrar os princípios espíritas de amor e caridade aplicados ao cotidiano, mas sem falar em religião. Assim, suas aulas ganhavam outra conotação, pois os alunos o ouviam atentamente, conforme os relatos, aprendendo sobre boa postura, sobre a influência moral que todo ser humano deve possuir, sobre respeito próprio, auto-estima, respeito à família e temas que envolviam sexualidade, principalmente aqueles mais voltados ao namoro e casamento. Era o momento de instrução para a vida. A ex-aluna Claudino (2008) disse que se estabeleceram laços tão fortes entre os alunos e o professor Paulo dos Santos, que era comum as pessoas buscarem a escola para exporem seus problemas pessoais, quer sejam da comunidade escolar ou não; e que ela mesma, após o casamento, buscava o professor para conversar sobre a criação de seus filhos, mesmo já não sendo aluna do Educandário.

Dessa maneira, Paulo dos Santos dava vida à promessa da UMEI disposta na imprensa, na abertura da escola: não se falava em Espiritismo abertamente, mas por outro lado não se descuidava da formação moral dos alunos. Aqui, outro aspecto espírita é ressaltado: o de não se fazer proselitismo. Para os espíritas, sua religião deve ser divulgada por meio do trabalho desenvolvido, principalmente o que chamam de *trabalho moral*, que reúne além do socorro aos necessitados o testemunho com o próprio exemplo, dando mostras de resignação e paciência ante os conflitos; e não por pregações aos não-espíritas. Um dos dispositivos de Paulo dos Santos para vivenciar essa prática educativa foi a fomentação de líderes entre os alunos nos diversos campos da atuação escolar, como nas artes, nos esportes, na política gremista, e também na escolha daqueles que, de uma maneira mais próxima, auxiliavam a parte administrativa, as campanhas para término da construção e manutenção da escola, os serviços gerais e até a docência. A idéia de que a escola fosse um bem de todos foi experienciada encontrando soluções para conflitos e um avanço no sentido educacional.

### 2.3.1 Construindo lideranças

Para Candido (1978), a estrutura de uma escola deriva de sua existência como grupo social, escapando até mesmo da legislação e das normas administrativas, pois estas ganham novo significado na dinâmica do todo escolar. Por isso, mesmo sob a mesma regimentação, encontramos escolas tão diferentes. Dessa realidade, nasce a necessidade da observação do grupo ou dos vários grupos formados no âmbito escolar, observando sua vida profunda e total, bem mais que a única análise dos mecanismos de direção escolar. Propõe o autor que, quando o educador conseguir analisar a escola nesse todo, e não apenas como cumpridora de uma legislação, encontrará sua autonomia. Conseqüentemente, *a adoção desse ponto de vista alarga e aprofunda a visão do educador, permitindo-lhe uma ação educacional também mais larga e compreensiva* (CANDIDO, 1978, p.108). E, nesse sentido, continua:

(...) é preciso dar atenção ao que há de específico na sociabilidade da criança e do adolescente em face do adulto; aos tipos de agrupamento por eles desenvolvidos; ao mecanismo de seleção dos líderes; ao conflito com os padrões sociais impostos pela educação, etc. (CANDIDO, 1978, p. 110).

Dessa forma, a escola se torna um ponto de tensão, representando os padrões da própria sociedade num jogo que deve ser compreendido pelos educadores para uma atuação melhor entre os alunos. Há, então, variadas divisões que devem ser identificadas na tentativa de se melhorar a atuação. Pelos grupos de alunos formados na escola, verificamos o surgimento de diversos líderes, baseadas principalmente no prestígio, que é uma condição de seu exercício, junto com a idade e o sexo. Na liderança de alunos, o elemento pessoal sobrepõe-se ao elemento institucional, ao contrário da liderança exercida pelos educadores. Vejamos de forma mais ampla a questão:

A liderança de alunos constitui uma das vias principais de manifestação dos tipos de personalidade, sendo além disso fator importante de integração grupal, visto como o líder encarna ou impõe valores ligados à dinâmica da vida social da escola. A sua conduta sugere aos demais os tipos de comportamento fundamentais a esta, seja no plano dos agrupamentos e das normas oficialmente estabelecidas e sancionados, seja no plano dos agrupamentos e das normas desenvolvidos à sua margem, ou em oposição a elas (CANDIDO, 1978, p. 123).

Dessa forma, a liderança entre alunos no Educandário Ituiutabano sempre foi instigada, desde os primórdios da escola, principalmente por meio do grêmio estudantil, que

nasceu com ela, além das lideranças naturais que se formaram espontaneamente entre os alunos nas salas de aula. O Grêmio Lútero-educativo do Educandário foi fundado em 8 de março de 1958, com a presença de seu patrono, o inspetor federal do ensino secundário doutor Edelweiss Teixeira, o presidente da UMEI e orientador Germano Laterza e o diretor da instituição, Ângelo Tibúrcio D'avila. Nesse primeiro ano de funcionamento do grêmio, somente os 27 alunos do 1º ciclo ginasial participaram, pois os outros quase 500 alunos estavam matriculados no ensino primário, sob a responsabilidade da diretora Nair Gomes Muniz. Após a formação da diretoria, composta pelos alunos, chamou-nos a atenção o fato de o inspetor federal apresentar o nome de alguns poetas e literatos, sugerindo Bernardo Guimarães para o nome do grêmio. Segue pequena biografia apresentada pelo então inspetor Edelweiss Teixeira:

Entretanto entre outros nomes apontava o de Bernardo Guimarães como o mais ligado às atividades literárias do Triângulo Mineiro: nascido em Ouro Preto, viera ainda criança para Uberlândia onde o pai passou a exercer a função de Juiz de Direito. Estudou no Seminário de Campo Belo hoje Campina Verde. Escreveu solene, cenas e fatos do Brasil Central. Foi Juiz Municipal em Catalão. O seu conto “Jupira” prende-se a um fato de Campina Verde. Foi o introdutor do sertanismo na literatura brasileira. Por todos estes títulos merece ser conhecido e cultuado pela mocidade do Triângulo Mineiro (ATA DO GRÊMIO ESTUDANTIL, 15 de março de 1958).

É interessante como o aspecto literário esteve marcado nos primeiros anos de funcionamento do Grêmio Estudantil Bernardo de Guimarães. Nas atas das reuniões do grêmio, que vão de 1958 a 1965, vimos mudar o perfil das reuniões e dos alunos militantes. Entre 1958 e 1960, as reuniões eram realizadas semanalmente, ainda que a ênfase desses encontros fosse no primeiro semestre. Verificamos que o grêmio era o momento do encontro literário, pois os alunos declamavam poemas e apresentavam biografias de poetas e literatos ilustres. Também o inspetor Edelweiss Teixeira apontava os erros mais comuns no falar cotidiano. Esse momento era dedicado, igualmente, à leitura das normas, dos direitos e deveres dos alunos, ao entoamento do Hino do Educandário, no início das reuniões, e do Hino Nacional, ao seu término.

A pauta da reunião do dia 12 de abril de 1958 marcou detalhadamente a recepção do Ministro da Educação Clóvis Salgado na cidade e, também, as comemorações em função do Dia de Tiradentes, com apresentações artísticas desenvolvidas pelos alunos, tais como teatros, declamação de poemas e cantos. A presença nacionalista estava nas reuniões do grêmio, nos hinos, nos “vivas” dados ao Brasil e no estudo dos poetas e literatos brasileiros



principalmente. Percebemos, por meio das atas, que, embora houvesse uma diretoria estudantil, os temas para as pautas eram indicados pelo inspetor Edelweiss Teixeira e pelo orientador Germano Laterza, cabendo aos alunos do grêmio apenas o cumprimento das ações propostas.

Encontramos, nessas ações da UMEI no grêmio estudantil, a compactuação com a idéia de construção de uma nova identidade nacional coletiva, sedimentada na educação, desde os anos de 1930, pelo Estado Novo e que permeou as escolas até a década de 1960. Essa formação integradora estava presente no ensino de História e Educação Moral e Cívica, enfatizada nas leis orgânicas do ensino, mas, sobretudo, com o objetivo de formar um caráter cidadão nos alunos, buscando, nos exemplos dos grandes homens brasileiros, defensores da pátria, e no apoio moral católico, a nova identidade brasileira, cívica e patriótica. Essa educação neutralizaria os regionalismos e a fragmentação política, formando uma nova consciência nacional indissolúvel. As comemorações cívicas nesse período se tornaram importantes mediadores para a nova visão de mundo e da história:

Celebrações cívicas e estímulos aos sentimentos patrióticos são especialmente úteis e eficazes no jogo político, pois lidam com a história e com a memória. Numa perspectiva mais geral, as festas são vistas como momentos propícios à afirmação de identidades, crenças e valores, à rememorações de tradições, à legitimação de hierarquias sociais. Ainda que se constitua em lugar de memória, a festa cívica dedica-se, antes de tudo, à exaltação da nacionalidade, e na maioria das vezes o seu principal objetivo é a comemoração de um episódio ou de um personagem vistos como significativos da história da nação ou como símbolos de valores relevantes para a consolidação de uma identidade nacional (FONSECA, 2005, p. 46).

Assim, compreendemos que o Grêmio Estudantil Bernardo de Guimarães se fundamentava, entre 1958 e 1960, em alguns pressupostos dessa educação, que tentava garantir um novo sentimento de nacionalismo aos alunos em busca dessa identidade nacional, sendo direcionado pelo inspetor federal e pelo orientador. E, ainda, em meio aos relatos cívicos, encontramos registros de brincadeiras realizadas por seus membros, como entrevistas com professores, alunos e convidados, todas num clima mais descontraído; apresentações de poesias e crônicas pelos alunos; apresentação de um jornal narrado, mais voltado aos comentários juvenis da escola, como anúncio de aniversários, recados, datas de festas e outros.

Mas, a partir da chegada do professor Paulo à escola, as reuniões deixaram o tom nacionalista e ocuparam-se de problemas mais próximos da instituição, como o engajamento do grêmio nas campanhas de manutenção e ampliação da escola. E as brincadeiras deram

lugar a algumas montagens teatrais, sempre num sentido mais contextualizado com a realidade dos alunos. Apesar de, entre os anos de 1961 e 1965, os registros serem poucos, quase limitados a simples troca de diretoria, colhemos algumas manifestações do grêmio com relação a campanhas em prol da manutenção e reforma da escola; participação no cenário estudantil da cidade, com a inteiração de alunos educandarianos nas chapas concorrentes ao Grêmio Estudantil Municipal; participação nos bailes de Rainha Estudantil e Rainha da Primavera; organização de bailes e eventos outros para arrecadação de recursos financeiros em prol do grêmio e da própria escola. Também nesse período, apesar dos poucos registros, havia concorrência de chapas para eleição, o que não havia no início do grêmio, quando os integrantes eram escolhidos pelos dirigentes da escola.

O caráter solene e literário das reuniões dos primeiros anos do grêmio estudantil cedeu lugar a discussões mais voltadas aos problemas da instituição e ao engajamento nas forças estudantis da cidade, com a presença de líderes que iam se formando e despontando na escola, assumindo compromissos em áreas distintas como as artes, o esporte e a política estudantil, o que aconteceu justamente a partir da presença do professor Paulo. Esse aspecto da liderança entre os alunos foi um processo bastante fomentado por Paulo como diretor, em sua prática pedagógica, em sua capacidade de perceber e despertar tais lideranças. Sua rapidez de raciocínio e senso psicológico o capacitava para a integração dos alunos nas diversas tarefas que a escola poderia oferecer, não permitindo que os líderes ficassem apenas no âmbito dos grupos por afinidade, mas que, igualmente, fizessem parte na condução da escola. De maneira geral, como nos relataram os entrevistados, os alunos assumiam as tarefas por gosto por dada prática ou certo trabalho, despertados por um convite que era dirigido, principalmente, àqueles mais atuantes e noutros casos, àqueles mais *indisciplinados*,

Daí a atenção que lhe dá sempre a administração, procurando selecionar líderes de acordo com os seus interesses e, graças a um sistema de destaque e recompensas, servir-se deles para os seus desígnios pedagógicos. É antiga a prática de escolher decuriões, chefes de batalhão, entre os alunos mais ajustados ao que se poderia chamar a ideologia oficial da escola, propondo-os ao mesmo tempo como modelos e como auxiliares da direção e do ensino (CANDIDO, 1978, p. 123).

De acordo com um ex-aluno<sup>39</sup> que se tornou professor, o professor Paulo era hábil em descobrir essas habilidades:

---

<sup>39</sup> JORGE, Marcial Reges (2008) reside atualmente na rua Vicente de Paulo, n. 228, na cidade de Gurinhatã, Minas Gerais. É professor aposentado como diretor escolar, tendo ocupado algumas vezes a cadeira de vereador dessa cidade. Fez o 4º ano primário na Escola Ituiutaba, em 1958, anexa ao Educandário, depois prosseguiu no

Como espírita, ele não era radical e não olhava muito o problema de religião, olhava o potencial, queria descobrir o que aquele aluno poderia *oferecer* à sociedade ou poderia *exercer* na sociedade. Quer dizer: ele nos preparava. Eu acho que ele era um autêntico educador, autêntico pedagogo (JORGE, 2008).

Nesse sentido, Paulo dos Santos desenvolveu inúmeras ações no Educandário Ituiutabano, visando ao melhor aproveitamento das habilidades dos alunos. E foi assim que incentivou o grêmio estudantil e a participação dos alunos em vários setores da escola. Também incentivava quem se destacava no esporte, principalmente no futebol de salão, que competia em torneios locais e regionais, e os músicos da fanfarra.

Quanto ao auxílio à própria instituição, a participação dos alunos era fundamental, como relata a ex-aluna:

Às vezes, nós fazíamos festivais para obter alguma renda para a escola. Festival do Bom Bril, festival do sorvete... E a gente ajudava na limpeza sim, normalmente tinha dois serviços. Mas quando estava tudo muito apertado, a gente aproveitava o horário da educação física e lavava os banheiros, varria a quadra. Quando tinha que reformar, fazer pintura, os alunos, os homens principalmente, ajudavam. Faziam mutirão. Os pais que queriam ajudar iam, e os alunos participavam (ALECRIM, 2007).

Assim, a participação dos alunos começava pela própria necessidade com relação à manutenção da escola. O grêmio estudantil estava sempre à frente nos movimentos pró-Educandário, como os relatados acima. E já nesta fala observamos a participação do alunado nas tarefas da escola, como os serviços gerais. Também as podas e o plantio de jardins, serviços de instalação elétrica e até mesmo aulas foram ministradas pelos alunos. Relata outra ex-aluna:

Alguma vez a gente podia sair de uma sala e dar aula na outra. Acontecia, mas era coisa esporádica. Teve uma vez que o professor Paulo arranhou para a gente lecionar quando dos primeiros anos do colégio estadual. Cada turma dava aula de uma matéria, tudo gratuito, como voluntário. Era eu, a Sebastiana Dutra, a Regina Marques... Era só para ensinar aqueles alunos, pois eles tinham que passar para a 5ª série, era o curso de admissão ao Ginásio (CLAUDINO, 2008).

Aqui chama a atenção a questão dos próprios alunos ministrarem aulas na escola para turmas mais novas. Como no caso da ex-aluna Claudino, outros ex-alunos também o

afirmaram. Isso se deve à falta de professorado voluntário, já relatada. Algumas vezes, os professores assumiam as aulas no “papel”, para que a documentação conferisse. Mas, por encargos outros, às vezes se afastavam e, na falta de outro profissional, eram convidados os alunos mais adiantados das séries finais, que despontavam vocação para a docência. Os alunos eram preparados pelo professor Paulo, conforme relatou um ex-aluno nessas condições. Em pouco tempo, as críticas se estabeleceram na cidade quanto ao ensino ministrado no Educandário, muitas vezes fundamentadas nessa prática, juntando-se ao caráter do aluno pobre e de periferia que ali estudava. Ao levar os primeiros textos desta pesquisa para uma revisão, ao saber sobre qual escola se tratava a pesquisa, a mãe da professora falou:

Por que você não arruma uma escola melhor para pesquisar? Aquilo lá era escola de gentinha, de prostituta... Deus me livre! Os professores de lá eram os próprios alunos e aqueles que tinham diploma tiravam por correspondência... ninguém estudava lá não, meu filho. Moça nenhuma ia pra lá. Por que você não fala sobre o Marden, a escola que eu estudei? (Senhora X, 2007)<sup>40</sup>.

Outra professora universitária, também, nos confidenciou, ao longo da pesquisa: *Do Educandário, só lembro dos desfiles de Sete de Setembro. Eu desfilava pra minha escola, o Marden, e todo ano era aquela guerra: a escola dos ricos contra a escola dos pobres [risos]. Ninguém se misturava, era muita rivalidade* (Senhora Z, 2008)<sup>41</sup>. Pudemos perceber, nesses dois fatos espontâneos, uma visão dos alunos de uma escola particular sobre o Educandário e seu ensino. A visão quase romanceada dos entrevistados que fizeram parte do projeto entra em conflito com o que era dito no exterior da escola. Para alguns entrevistados, as escolas particulares não simpatizavam com o Educandário porque ele ganhava os desfiles de 7 de setembro; sua fanfarra era a melhor da região; aludem ao fato de que seu time de futebol de salão *sempre era campeão. Sempre que a escola se exteriorizava era sucesso* (ALECRIM, 2008).

O professor Álvaro Brandão de Andrade, dono e diretor do Instituto Marden, apoiou o Educandário desde sua inauguração, sendo um dos palestrantes convidados na cerimônia de abertura da escola. Encontramos vários documentos do Educandário timbrados com o nome do Instituto Marden acima e carimbo do Educandário Ituiutabano abaixo, pois eram doações feitas por ele em momentos em que essa escola não podia gastar com serviço de gráfica. Para um professor entrevistado, Álvaro Brandão apoiava a escola porque ela foi um alívio para ele:

---

<sup>40</sup> Informação verbal.

<sup>41</sup> Idem.

agora não precisava mais dar bolsas para os alunos carentes que o procuravam em sua instituição.

Comenta um ex-funcionário e ex-professor<sup>42</sup> quanto às críticas recebidas:

O pessoal da cidade dizia: “É, às vezes a escola não é boa”. Mas eu costumo dizer o seguinte: o aluno faz a escola, a escola às vezes não faz o aluno. Talvez um rapazinho ou uma mocinha que estudou no Marden não tiveram a mesma sorte daquele que estudou no Educandário, porque eu vi sair de lá o doutor Manoel e o doutor Reinaldo, advogados, outros médicos que estudaram ali, engenheiros. Eu gosto de citar aquele cirurgião plástico famoso, o doutor Anésio, inclusive foi meu aluno. Para você ver o quanto os ex-educandarianos são representativos na sociedade hoje. Saíram de lá muitas pessoas que são bem-sucedidas na vida e temos que agradecer à disciplina da direção. E ali era ele, ele e ele [risos] (LIMA, 2008).

Aqui constatamos que o lema *Vencer na vida pelo estudo e pelo trabalho* foi realmente considerado pela comunidade escolar. Os entrevistados aludiram, muitas vezes, aos alunos terem sido destaque profissional na cidade e ainda o serem.

Tornemos ao embate entre a visão da sociedade e a de quem fez o projeto do Educandário acontecer. Encontramos, no depoimento de uma ex-aluna, uma fala balanceada:

Estudei no Educandário apenas na 5ª série ginásial, pois não tinha condições financeiras de ir para uma escola particular quando saí do Grupo João Pinheiro, em 1966. Quando terminei, minha madrinha, que era muito rica, me deu uma bolsa pra eu terminar o ginásio até a 8ª série no Colégio São José. Ela falou pra minha mãe que aquilo lá não era escola. Que o ensino lá era muito ruim e tinha má fama, eu não podia ficar lá. Realmente, no ano seguinte, tive muita dificuldade na 6ª série no Colégio São José, comecei como uma aluna fraca. Mas as coisas que tinham no Educandário eu nunca vi lá, as viagens, a fanfarra era uma coisa de sonho, os alunos ajudavam na escola, trabalhavam lá na secretaria. O professor Paulo era realmente tudo aquilo e muito mais. Foi um ano maravilhoso. Só depois de adulta fui entender por que minha madrinha me tirou do Educandário, dizia que não era escola pra moças (GONÇALVES, 2008).

Nos dois últimos depoimentos, embora seja novamente levantada a questão do ensino, vemos fundir-se a prática do professor Paulo dos Santos: a idéia de transformar os alunos em cidadãos bem-sucedidos por meio de uma orientação moral direcionada e um encaminhamento da vocação, principalmente por meio da formação e da liderança. Dessa maneira, a escola foi fundamentada sobre o bem-estar dos alunos e a oportunidade do próprio

---

<sup>42</sup> LIMA, João Raimundo (2008) reside na rua Zacarias Damaceno, 461, Gurinhata, Minas Gerais. É formado em Pedagogia, foi secretário de Educação por 17 anos no município de Gurinhata e é secretário da Saúde. Fez o primário na Escola Ituiutaba, anexa ao Educandário Ituiutabano, depois fez neste o curso Ginásial e Técnico em Contabilidade. Também foi funcionário da instituição, começando como *office-boy* e, depois, passando a secretário e diretor do curso Técnico em Contabilidade.

ensino que lhes era oferecido. Quanto a essa formação de líderes, observa outro ex-aluno e ex-professor:

O professor Paulo começou a despertar lideranças porque era uma escola assim, de periferia, tinham os alunos, como se diz, de toda formação, muita gente com problema financeiro. Ele começou a despertar no aluno a participação. Ele tinha esse dom de despertar lideranças. Então, de acordo com que o aluno ia se destacando, ele ia aproveitando (JORGE, 2008).

O ex-aluno que se tornou professor ainda nos relatou que se destacava muito na escola na parte esportiva. Era bom jogador de futebol de salão, chegando a ser diretor esportivo do grêmio estudantil e a viajar com o time, junto com o professor Paulo, por várias cidades da região, em torneios e competições. Ao voltar de Brasília, após servir o exército, tornou ao Educandário, onde fez o curso Técnico em Contabilidade e começou sua carreira docente como voluntário:

Eu ministrava aulas de Educação Física. Dei aula no Educandário, em 1966, um ano mais ou menos. Eu era o responsável pela parte de educação física total, tanto masculino quanto feminino, e tinha a autorização do MEC. Para você pegar a autorização, fazia curso. Ele fez até isso por mim, me deu apoio para eu fazer o curso em Uberaba. O inspetor federal de Educação Física era amicíssimo dele, do professor Paulo. Então, para economizar, eu fiquei na casa da irmã dele pra fazer o curso. Aí, depois eu dei aula no Educandário. Aí, ele me convidou para vir pra cá [Gurinhata], para dar aula, quando fundou o colégio, e eu comecei aqui também como professor de Educação Física. Então, ele me ajudou muito. Olhou meu potencial e viu que eu era um atleta, que eu gostava daquilo. Depois, as outras coisas foram despertando (JORGE, 2008).

Com esse depoimento, verificamos a ênfase dada à vocação do aluno e ao despertar de suas potencialidades e habilidades. Mesmo sendo o ensino ministrado com todas as dificuldades apontadas, falta de professores voluntários, alunos ministrando aulas e salas superlotadas, ficou claro que os alunos eram encaminhados para o campo profissional, pois essa formação passou a ser de maior interesse para a escola.

De acordo com Bigheto (2006), também no Colégio Allan Kardec, na experiência educativa implantada por Eurípedes Barsanulfo, as aulas de moral eram aplicadas da mesma forma, de uma maneira que levava os alunos à prática, à vivência e ao desabrochar de suas potencialidades e vocações. Dessa maneira, tanto Barsanulfo como Paulo dos Santos não remetiam às aulas de moral os ensinamentos cívicos, tão em voga pela lei educacional. Como podemos verificar na experiência de Barsanulfo:

(...) seus métodos se baseavam sempre na liberdade e levavam a criança à plena expansão das suas potencialidades. O desenvolvimento da moral não se resumia à aquisição de um conjunto de regras transmitidas pelos educadores doutrinariamente, pois educação não era mera instrução; educação moral não era enquadramento das crianças e dos adolescentes às normas de convivência, mas sim a construção de valores e o despertar dos interesses dos alunos em fazer o bem (BIGHETO, 2006, p. 221).

Embora a experiência de Barsanulfo fosse considerada como de vanguarda na Primeira República e efetivada noutro contexto socioeducacional, em alguns pontos essas práticas se entrelaçam, pois mesmo Paulo dos Santos estando no contexto do desenvolvimentismo e sendo diversas as necessidades dos alunos, os fundamentos espíritos foram os mesmos na questão da formação de homens de bem.

## **2.4 CONSOLIDAÇÃO E RECONHECIMENTO SOCIAL**

A consolidação do trabalho de Paulo dos Santos em Ituiutaba deu-se em meio a lutas para manutenção do Educandário e instalação de novas escolas na região. O tão sonhado colégio estadual, motivo de tantas promessas feitas pelos políticos ituiutabanos à comunidade, instalou-se, enfim, em 1965, quando o trabalho no Educandário se desenvolvia com problemas de superlotação e falta de verbas. Sete anos haviam transcorrido desde sua inauguração, mas os problemas educacionais estavam longe de ser resolvidos. Aproximava-se o fim da época dourada da produção de arroz no município, e as famílias da zona rural haviam se mudado para a cidade, havendo maior crescimento populacional na zona urbana. Outro fator corresponde à crise do ensino ginasial, pois, no fim da década de 1950 e no transcorrer da de 1960, foram instalados outros grupos escolares na cidade, havendo maior acesso do aluno ao ensino primário. Terminado o 4º ano primário, as escolas públicas da cidade, o Educandário e agora o colégio estadual, não comportavam o número de alunos que buscavam o curso Ginasial. Vejamos os dados:

| População Rural |       | População Urbana |       | População Total |        |
|-----------------|-------|------------------|-------|-----------------|--------|
| 1950            |       |                  |       |                 |        |
| 43.127          | 81,1% | 10.113           | 18,9% | 53.240          | 100,0% |
| 1960            |       |                  |       |                 |        |
| 39.488          | 55,6% | 31.516           | 44,4% | 71.004          | 100.0% |
| 1970            |       |                  |       |                 |        |
| 9.268           | 12,2% | 66.651           | 87,8% | 75.819          | 100,0% |

**Quadro 11** - Recenseamento populacional de Ituiutaba  
Fonte: IBGE. 1950, 1960 e 1970.

Por esse quadro, verificamos que a década de 1960 foi quando a transferência populacional da zona rural para a urbana já demonstrava elevado índice, comparando-se com a década anterior, ficando a população dividida quase por igual entre as duas zonas. Os índices da década de 1970 demonstram que essa transferência foi maciça, constatando-se o fim do ciclo do arroz e da pecuária, que promoveu uma procura maior pelo ensino na cidade e ocasionou uma superlotação no Educandário Ituiutabano, haja vista ainda a falta de escolas no município. Com o aumento de escolas públicas oferecendo o curso primário, houve um significativo aumento no número de matrículas, chegando ao ápice de 23 turmas no ano de 1969, como podemos constatar:

| ANO  | QUANTIDADE DE TURMAS | 1º CICLO |   |   |    | 2º CICLO |   |   |   | 3º CICLO |   |   |   | 4º CICLO |   |   |   |
|------|----------------------|----------|---|---|----|----------|---|---|---|----------|---|---|---|----------|---|---|---|
|      |                      | D        | V | N | T  | D        | V | N | T | D        | V | N | T | D        | V | N | T |
| 1961 | 04                   | 1        | - | - | 1  | 1        | - | - | 1 | 1        | - | - | 1 | 1        | - | - | 1 |
| 1962 | 06                   | 2        | - | 1 | 3  | 1        | - | - | 1 | 1        | - | - | 1 | 1        | - | - | 1 |
| 1963 | 08                   | 2        | - | 2 | 4  | 1        | - | 1 | 2 | 1        | - | - | 1 | 1        | - | - | 1 |
| 1964 | 12                   | 1        | - | 5 | 6  | 1        | - | 1 | 2 | 1        | - | 2 | 3 | 1        | - | - | 1 |
| 1965 | 10                   | 1        | - | 3 | 4  | 1        | - | 1 | 2 | 1        | - | 1 | 2 | 1        | - | 1 | 2 |
| 1966 | -                    | -        | - | - | -  | -        | - | - | - | -        | - | - | - | -        | - | - | - |
| 1967 | -                    | -        | - | - | -  | -        | - | - | - | -        | - | - | - | -        | - | - | - |
| 1968 | 22                   | 1        | 1 | 8 | 10 | 1        | - | 4 | 5 | 1        | - | 3 | 4 | 1        | - | 2 | 3 |
| 1969 | 23                   | 4        | 1 | 5 | 10 | 2        | - | 3 | 5 | 2        | - | 2 | 4 | 1        | - | 3 | 4 |
| 1970 | 18                   | 3        | 1 | 4 | 8  | 1        | - | 4 | 5 | 1        | - | 2 | 3 | -        | - | 2 | 2 |
| 1971 | 15                   | 1        | 1 | 4 | 6  | 1        | - | 3 | 4 | 1        | - | 1 | 2 | 1        | - | 2 | 3 |

**Quadro 12** - Número de turmas no curso Ginásial do Educandário Ituiutabano

Fonte: Relatórios anuais do Educandário Ituiutabano de 1961 até 1965 e de 1968 até 1971. Arquivo da 16ª SRE de Ituiutaba.

Até 1961, ano em que se formou a primeira turma ingressante, a escola recebeu apenas uma turma por ano. O ensino noturno passou a funcionar em 1962 e o turno vespertino, em 1968 — este apenas recebeu alunos do 1º ciclo. Gradativamente, pelo número de turmas



totais, verificamos o aumento das séries, com maioria de 1º ciclos, até o ano de 1969, quando houve um ápice de turmas, com queda a partir de então. Esse movimento poderá ser compreendido se o relacionarmos com a abertura de escolas ginasiais a partir de então, pois, se em 1965 houve a inauguração do ginásio estadual, em 1970 foi inaugurado o ginásio municipal. Vamos verificar quatro quadros que são o desdobramento do que foi exposto acima, acompanhando a taxa de matrícula e evasão. Esses apontamentos completam as percepções sobre o movimento do alunado na escola nos quatro anos do curso:

|              | 1961 |   | 1962 |      | 1963 |      | 1964 |      | 1965 |      | 1968 |      | 1969 |      | 1970 |      | 1971 |     |
|--------------|------|---|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|-----|
|              | D    | N | D    | N    | D    | N    | D    | N    | D    | N    | D    | N    | D    | N    | D    | N    | D    | N   |
| T. de alunos | 76   | - | 83   | 42   | 85   | 90   | 50   | 193  | 50   | 139  | 78   | 299  | 181  | 210  | 173  | 173  | 90   | 188 |
| Aprovados    | 57   | - | 64   | 28   | 77   | 60   | 44   | 159  | 46   | 131  | 52   | 144  | 94   | 110  | 125  | 121  | 66   | 141 |
| %            | 75   | - | 77,1 | 66,6 | 90,5 | 66,6 | 88   | 82,3 | 92   | 94,2 | 66,6 | 48,1 | 51,9 | 52,3 | 72,2 | 69,9 | 73,3 | 75  |
| Reprovados   | 08   | - | 05   | 03   | 06   | 14   | 02   | 13   | 03   | 06   | 13   | 90   | 38   | 48   | 28   | 32   | 11   | 19  |
| Desistentes  | 08   | - | 13   | 11   | -    | 11   | 01   | 18   | 01   | 02   | 13   | 65   | 49   | 52   | 20   | 20   | 13   | 28  |
| Transferidos | 03   | - | 01   | 02   | 05   | 03   | 03   | -    | -    | -    | -    | -    | -    | -    | -    | -    | -    | -   |
| %            | 25   | - | 22,9 | 33,4 | 9,5  | 33,4 | 12   | 17,7 | 8    | 5,8  | 33,4 | 51,9 | 48,1 | 47,7 | 27,8 | 30,1 | 26,7 | 25  |

**Quadro 13** - Número de alunos e porcentagem – 1º ciclo

FONTE: Relatórios anuais do Ginásio do Educandário Ituiutabano. Arquivo da 16ª SRE de Ituiutaba.

|              | 1961 |   | 1962 |   | 1963 |    | 1964 |      | 1965 |    | 1968 |      | 1969 |      | 1970 |      | 1971 |      |
|--------------|------|---|------|---|------|----|------|------|------|----|------|------|------|------|------|------|------|------|
|              | D    | N | D    | N | D    | N  | D    | N    | D    | N  | D    | N    | D    | N    | D    | N    | D    | N    |
| T. de alunos | 38   | - | 50   | - | 50   | 71 | 60   | 72   | 50   | 50 | 39   | 153  | 80   | 119  | 54   | 122  | 55   | 166  |
| Aprovados    | 35   | - | 40   | - | 48   | 59 | 58   | 66   | 40   | 47 | 33   | 119  | 52   | 67   | 40   | 77   | 43   | 127  |
| %            | 92,1 | - | 80   | - | 96   | 83 | 96,6 | 91,6 | 80   | 94 | 84,6 | 77,7 | 65   | 56,3 | 74   | 63,1 | 78,1 | 76,5 |
| Reprovados   | -    | - | 06   | - | 02   | 12 | 01   | 05   | 09   | 03 | 06   | 29   | 20   | 20   | 06   | 28   | 01   | 09   |
| Desistentes  | 01   | - | 04   | - | -    | 01 | -    | -    | 01   | -  | -    | 05   | 07   | 32   | 08   | 17   | 11   | 27   |
| Transferidos | 02   | - | -    | - | -    | -  | 01   | 01   | -    | -  | -    | -    | 01   | -    | -    | -    | -    | 03   |
| %            | 7,9  | - | 20   | - | 04   | 17 | 0,4  | 8,4  | 20   | 03 | 15,4 | 22,3 | 35   | 43,7 | 26   | 36,9 | 21,9 | 23,5 |

**Quadro 14** - Número de alunos e porcentagem – 2º ciclo

FONTE: Relatórios anuais do Ginásio do Educandário Ituiutabano. Arquivo da 16ª SRE de Ituiutaba

|              | 1961 |   | 1962 |   | 1963 |   | 1964 |      | 1965 |    | 1968 |     | 1969 |      | 1970 |      | 1971 |      |
|--------------|------|---|------|---|------|---|------|------|------|----|------|-----|------|------|------|------|------|------|
|              | D    | N | D    | N | D    | N | D    | N    | D    | N  | D    | N   | D    | N    | D    | N    | D    | N    |
| T. de alunos | 21   | - | 43   | - | 50   | - | 43   | 73   | 50   | 50 | 36   | 100 | 80   | 81   | 44   | 87   | 50   | 56   |
| Aprovados    | 21   | - | 38   | - | 49   | - | 41   | 67   | 47   | 47 | 35   | 75  | 56   | 60   | 43   | 76   | 39   | 45   |
| %            | 100  | - | 88,3 | - | 98   | - | 95,3 | 91,7 | 94   | 94 | 97,2 | 75  | 70   | 74,1 | 97,7 | 87,3 | 78   | 80,3 |
| Reprovados   | -    | - | 03   | - | -    | - | 01   | 05   | 02   | 03 | -    | 05  | 08   | 05   | 01   | 06   | -    | 04   |
| Desistentes  | -    | - | 02   | - | -    | - | -    | 01   | 01   | -  | 01   | 20  | 14   | 14   | -    | 05   | 10   | 07   |
| Transferidos | -    | - | -    | - | 01   | - | 01   | -    | -    | -  | -    | -   | 02   | 02   | -    | -    | 01   | -    |
| %            | -    | - | 11,7 | - | 02   | - | 4,7  | 9,3  | 06   | 06 | 2,8  | 25  | 30   | 25,9 | 2,3  | 12,7 | 22   | 19,7 |

**Quadro 15** - Número de alunos e porcentagem – 3º ciclo

FONTE: Relatórios anuais do Ginásio do Educandário Ituiutabano. Arquivo da 16ª SRE de Ituiutaba

|              | 1961 |   | 1962 |   | 1963 |   | 1964 |   | 1965 |      | 1968 |      | 1969 |      | 1970 |      | 1971 |      |
|--------------|------|---|------|---|------|---|------|---|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|
|              | D    | N | D    | N | D    | N | D    | N | D    | N    | D    | N    | D    | N    | D    | N    | D    | N    |
| T. de alunos | 14   | - | 21   | - | 47   | - | 57   | - | 42   | 56   | 34   | 71   | 35   | 88   | -    | 81   | 36   | 91   |
| Aprovados    | 13   | - | 19   | - | 45   | - | 56   | - | 42   | 54   | 32   | 65   | 34   | 79   | -    | 72   | 29   | 74   |
| %            | 100  | - | 90,4 | - | 95,7 | - | 98,2 | - | 100  | 96,4 | 94,1 | 91,5 | 97,1 | 89,7 | -    | 88,8 | 82,8 | 81,3 |
| Reprovados   | -    | - | 01   | - | 01   | - | -    | - | -    | 02   | 01   | 02   | -    | 03   | -    | 08   | 02   | 06   |
| Desistentes  | -    | - | -    | - | -    | - | 01   | - | -    | -    | 01   | 04   | 01   | 06   | 0    | 01   | 04   | 11   |
| Transferidos | -    | - | 01   | - | 01   | - | -    | - | -    | -    | -    | -    | -    | -    | -    | -    | -    | -    |
| %            | -    | - | 9,6  | - | 4,3  | - | 1,8  | - | -    | 3,6  | 5,9  | 8,5  | 2,9  | 10,3 | -    | 11,2 | 7,2  | 18,7 |

**Quadro 16** - Número de alunos e porcentagem – 4º ciclo

FONTE: Relatórios anuais do Ginásio do Educandário Ituiutabano. Arquivo da 16ª SRE de Ituiutaba

Esses quadros demonstram a movimentação ocorrida em cada ciclo do ginásio no período delimitado. A predominância da maioria dos alunos no ensino noturno pode ser compreendida por dois fatores. O primeiro é que, nos turnos diurno (matutino) e vespertino, as salas da escola abrigavam alunos do ensino primário e de cursos extracurriculares oferecidos à comunidade e, mais à frente, pelas crianças da creche; o segundo é que o Educandário era procurado, na maioria, por jovens que trabalhavam durante o dia e necessitavam de escola noturna.

Para a questão das aprovações e retenções, notamos que, no 1º ciclo, o número de reprovações e desistências era muito alto, principalmente no ensino noturno, chegando a um ápice, em 1968, de 51,9% de alunos reprovados, desistentes e transferidos. Em parte, o alto índice revela-se pela relação proporcional de 1º ciclo, que somava, em média, um terço do total de turmas; também denota que a maioria dos alunos do noturno abandonava a escola em função do trabalho. Mas, nas séries seguintes, do 2º ao 4º ciclo, constatamos que não havia um índice tão elevado de reprovações e desistências, embora a proporção de turmas diminuísse relativamente.

Nesses quadros, colocamos os alunos que fizeram exames de 2ª época junto com alunos aprovados, pois não há registro de aluno reprovado em 2ª época. Encontramos, nos relatórios anuais do Ginásio do Educandário Ituiutabano, exames de 2ª época sendo aplicados até o ano de 1962, sempre para poucos alunos. As reprovações ocorriam no fim do ano letivo, sem o concurso da 2ª época. Após esse período, somente no ano de 1971 encontramos um aluno que passou pela 2ª época. Outro fato importante observado é o número de turmas, que vai diminuindo a cada novo ciclo. O alto índice de reprovações e desistências no 1º ciclo garante uma queda vertiginosa no ciclo seguinte com relação ao número de matriculados, e assim sucessivamente. Devemos levar em consideração que, ainda nos anos de 1960, havia predominância da cultura de que apenas bastava erradicar-se o analfabetismo para tornar-se escolarizado. Juntando-se, ainda, a questão do alunado pobre do Educandário necessitar

trabalhar e que, para os trabalhos rudes que a cidade oferecia, principalmente em decorrência do período agrícola, não era necessário grau de estudo avançado.

Mesmo com a forte evasão na escola, verificamos que a procura pelo curso ginásial do Educandário era grande, e as salas lotadas foram uma constante na voz de ex-alunos e ex-professores que relataram existir salas com até cem alunos. O quadro a seguir mostra que escolas ginásiais públicas que foram abertas em Ituiutaba até a década de 1970 não supriram a necessidade da cidade, pois foram poucas se comparadas com o seu crescimento na zona urbana.

| Nome da Escola                          | Natureza            | Criação                                                                                                                                                                                                                                                                                                      | Observação                                                                                                                                                                             |
|-----------------------------------------|---------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Ginásio do Educandário Ituiutabano      | Particular/gratuito | Portaria de autorização 442/58 de 10/05/58                                                                                                                                                                                                                                                                   | Extinto em 1978                                                                                                                                                                        |
| Ginásio Estadual                        | Estadual            | Lei n. 3.936 de 23/12/1965                                                                                                                                                                                                                                                                                   | Funcionou um anexo 1 dessa escola dentro do Educandário Ituiutabano entre os anos de 1971 e 1973, pela ordem n. 1.467 de 7/12/71                                                       |
| Ginásio Agrícola Municipal de Ituiutaba | Municipal           | Lei municipal 1.338, de 23/10/70                                                                                                                                                                                                                                                                             | Zona rural                                                                                                                                                                             |
| Ginásio Municipal                       | Municipal           | Lei municipal 1.254, de 1968; autorização de funcionamento pela portaria 78/69, publicada no “MG”, de 8/3/69; em 1973, implantação do regime instituído pela lei federal 5.692, de 11/8/71, modificando o regimento conforme resolução 146/72, aprovada em 22/6/72, pelo Conselho Estadual de Educação (MG). | O Ginásio Municipal começou a funcionar em 1970, sendo essas leis responsáveis pela junção de várias escolas, que formaram a atual Escola Municipal de 1º e 2º graus Machado de Assis. |
| Escola Estadual Polivalente             | Estadual            | Pelo decreto-lei n. 16.654/74 em 15/10/1974                                                                                                                                                                                                                                                                  |                                                                                                                                                                                        |

**Quadro 17 - Escolas ginásiais públicas em Ituiutaba até a década de 1970**

FONTE: Projeto político-pedagógico das escolas: Escola Estadual Israel Pinheiro e Escola Municipal de 1º e 2º graus Machado de Assis; Relatório anual do ginásio do Educandário Ituiutabano, 1961; FERREIRA, A. C. S. **Da centralidade da infância (...)**, 2007.

Mesmo havendo ampliação no ensino com as novas escolas ginásiais durante a década de 1960 e 1970, a procura pelo ensino era sempre maior pelo crescimento populacional e pela transferência para a zona urbana. As salas estavam superlotadas, tanto no Educandário quanto nas outras escolas ginásiais. Os problemas educacionais se agravavam, faltavam professores

formados; e, se havia poucas escolas que ofereciam o curso Ginásial, a situação do ensino secundário gratuito era inexistente. Assim, Paulo dos Santos, além de construir outra ala para salas de aula no Educandário, por meio de inúmeras campanhas, instalou, em 1965, o curso Normal, para atender aos alunos que saíam do Ginásio e não tinham como continuar sua formação. Seguiu-se, em 1967, a implantação do curso Técnico de Contabilidade.

| INÍCIO | CURSO                    | CARACTERÍSTICA                                                       | ENCERRAMENTO | OBSERVAÇÃO                                                  |
|--------|--------------------------|----------------------------------------------------------------------|--------------|-------------------------------------------------------------|
| 1958   | Ginasial                 | Ginásio do Educandário Ituiutabano                                   | 1978         | Portaria de autorização 442/58 de 10/5/58                   |
| 1965   | Normal                   | Colégio Normal do Educandário Ituiutabano                            | 1972         | Decreto n. 8.331 de 20/5/65, publicação da portaria 21/5/65 |
| 1967   | Técnico em Contabilidade | Curso de 2º grau Técnico de Contabilidade do Educandário Ituiutabano | 1978         | Portaria de autorização n. 121 de 5/4/67                    |

**Quadro 18** - Movimentação do Educandário Ituiutabano

FONTE: Relatórios de final de ano do Educandário Ituiutabano (1958 até 1974)

Assim, mesmo ante os problemas no ensino, a proposta educacional do Educandário estava sedimentada na década de 1960, assegurando a presença do alunado pobre nos níveis técnicos do ensino secundário. Novamente, o Educandário inovou no ensino, sendo o primeiro a implantar cursos técnicos gratuitamente. O painel escolar local continuava o mesmo, com as duas escolas confessionais, Colégio Santa Tereza e Colégio São José, e uma particular, o Colégio Marden, oferecendo os cursos Ginásial, Técnico em Contabilidade e Normal. Mas todos particulares.

A direção do Educandário, agora com a implantação dos novos cursos técnicos, era compartilhada por outros diretores, pois, em 1966, Paulo dos Santos foi convidado pelo então prefeito da cidade de Gurinhatã, Minas Gerais, senhor Adalardo a abrir um colégio estadual ginásial nessa cidade. A falta de profissionais licenciados e aptos a organizarem a documentação de abertura de uma escola ainda era realidade no interior de Minas. A partir de 1966, o professor Paulo dos Santos passou a dirigir essas duas instituições de ensino, o Educandário Ituiutabano e o Colégio Estadual de Gurinhatã, alternando os dias em cada uma das cidades. Confiou os serviços e a direção da escola à sua equipe, enquanto passava os dias entre as duas cidades.



**Figura 5** - Símbolo da efetivação do trabalho de Paulo dos Santos, a Escola Estadual de Gurinhatã, Minas Gerais, foi fundada em 1966, para o primeiro curso Ginásial da cidade. 2008.  
Fonte: coleção particular do autor.

Paulo dos Santos passou a ser o diretor-geral do Educandário, nomeando João Raimundo de Lima para diretor do Colégio Comercial ou curso Técnico de Contabilidade, uma vez que era secretário da instituição e possuía a documentação necessária para assumir tal cargo; dona Nair Gomes Muniz, diretora do Grupo Escolar Ituiutaba, que também funcionava nas dependências do Educandário, foi nomeada diretora do curso Normal, a fim de que Paulo dos Santos tivesse mais liberdade para dirigir as duas escolas. Assim relatou-nos o ex-secretário:

Ele me nomeou porque estava vindo para Gurinhatã fundar a escola de 5ª a 8ª série, isso foi mais ou menos em 1966. Ele veio a convite do prefeito Adalardo. Naquela hora até me convidou para vir junto, mas eu estava preso a Ituiutaba e não pude. Vieram outros como o Reinaldo, o Oleir, o Zezinho... O professor Paulo então, nesse período, ia e voltava para Ituiutaba. Enquanto estava tudo bem aqui, ele ia pra lá. Em Ituiutaba, ficavam eu e o Valsir, tomando conta da escola (LIMA, 2008).<sup>43</sup>

<sup>43</sup> Lima (2008) foi outro dos líderes que Paulo dos Santos cultivou: foi ex-aluno do curso primário oferecido pelo Grupo Escolar Ituiutaba, que funcionava nas dependências do Educandário, depois seguiu no curso Ginásial e, aos 13 anos de idade, passou a trabalhar como *office-boy* na instituição, principalmente para recolher as doações dos contribuintes mensais. Um pouco mais, foi trabalhar na secretaria da escola, formou-se em contabilidade e fez o curso de Pedagogia mais à frente. Ministrou aulas de Geografia no Educandário, foi diretor do curso Técnico de Contabilidade, auxiliou na abertura do Ginásio Municipal de Ituiutaba, em 1968. Foi secretário na

A partir de então, 1966, Paulo dos Santos fundou a Escola Estadual de Gurinhatã, implantando seus princípios como educador e dirigente. Encaminhou alguns alunos e professores do Educandário para lecionarem, pois a falta de corpo docente era uma constante. Mas o prefeito de Gurinhatã havia escolhido Paulo dos Santos porque a tarefa ia além do processo documental e da própria direção escolar. Havia uma cultura de desvalorização do ensino na pequena cidade, e Paulo teria que conquistar os pais, mostrando a importância de matricularem seus filhos no ensino ginásial. Foi assim que ocorreu esta situação numa reunião para abertura da escola:

O professor Paulo incentivava os alunos a estudarem para podermos abrir o ginásio aqui em Gurinhatã. Inclusive, eu presenciei um caso numa reunião que ele, incentivando os alunos para se matricularem, ouviu de um assim: “Eu não preciso estudar porque meu pai é rico, eu não preciso de estudo.” Aí, o professor Paulo falou: “Olha, eu não conheço seu pai. Ele pode ser muito rico, mas eu vou te adiantar uma coisa, juntando todo o dinheiro que ele tem, ele não consegue comprar o que está aqui dentro dessa cabeça!” [apontando à cabeça]. Depois, esse rapaz até foi pra escola, mas estudou muito pouco, não gostava muito não. Toda vez que o vejo hoje, mais de idade, lembro dessa história. O professor Paulo era muito objetivo, ele orientava, dava condição... Ele, além de implantar a escola, ia buscar os alunos; isso eu aprendi com ele aqui, quando eu assumi a direção do colégio. Hoje, passado muito tempo, passou por freira, passou por outro diretor... Depois que o professor Paulo saiu, começou a entrar em decadência, eu consegui levantar a escola. E aí eu aprendi isso com ele, de buscar o aluno, incentivar (JORGE, 2008).

Dessa maneira, o professor Paulo havia auxiliado a implantação do Educandário Ituiutabano e, agora, prosseguia formando uma cultura escolar na cidade de Gurinhatã. Sua projeção como professor e diretor escolar já era notória. E foi com a efetivação de seu trabalho que esteve em evidência no cenário educacional local, recebendo o título de Cidadão Honorário de Ituiutaba pelos serviços prestados à causa da instrução.



**Figura 6** - Praça em frente à Escola Estadual de Gurinhatã, que leva o nome de Paulo dos Santos, fundada em homenagem ao seu trabalho educacional; e placa. 2008.

Fonte: Coleção particular do autor.



**Figura 7** - Outra homenagem em Gurinhatã, Minas Gerais, é a Loja Maçônica Professor Paulo dos Santos, fundada em 1984.

Fonte: Coleção particular do autor.



**Figura 8** - Slogan da Loja Maçônica Professor Paulo dos Santos. 2008.

Fonte: Coleção particular do autor.

Embora o professor Paulo possuísse amigos em todos os seguimentos sociais da cidade, principalmente por fazer parte da Loja Maçônica Estrela Ituiutabana, desde 16 de novembro de 1962, houve resistência política à indicação do título. Encontramos, nas atas da Câmara Municipal, uma discussão ocasionada no momento dessa indicação, pois havia um vereador contrário ao ensejo: *vereador Fued declara que, a seu modo de pensar, devem desaparecer as concessões de títulos honoríficos e que certas honrarias não se devem prestar a pessoas vivas (...)* (ATA DA CÂMARA DOS VEREADORES, 1967, p. 122), ocasionando, assim, a oposição ao ensejo. Após a defesa, realizada pelo vereador autor do projeto, foi colocada em votação, pelo presidente da Câmara, a cessão do título, sendo vitoriosa por 13 votos contra 1. Assim, o título de Cidadão Honorário de Ituiutaba foi cedido a Paulo dos Santos em 23 de dezembro de 1967. O vereador autor do projeto e o prefeito ressaltaram que o professor Paulo era um dos grandes contribuintes da formação cultural e educacional da cidade de Ituiutaba. As palavras simples do professor foram transcritas:

Em “Palavra Franca”, usou da palavra o senhor Paulo dos Santos, que disse que, em 1960, ao se dirigir a esta cidade, para assumir a direção de um estabelecimento de ensino, o faria por pouco tempo. Mas, disse, quando terminou, aqui, a sua missão, em virtude de se sentir integrado a esta comunidade, não retornou mais à sua cidade natal. Disse não ter palavras para agradecer a insigne honra por ser homenageado por esta cidade, mas



agradecia com simples palavras, fez um agradecimento ao edil Moreira, autor do projeto (ATA DA CÂMARA DOS VEREADORES, 1967, p. 70).

Com a sedimentação do Educandário Ituiutabano, os cursos Ginásial, Normal e Técnico em Contabilidade implantados e a direção da escola compartilhada com uma equipe de confiança, que garantiria a mesma disciplina e os mesmos princípios educacionais propostos pela UMEI, Paulo dos Santos passou a dividir seu tempo entre Ituiutaba e Gurinhatã, perfazendo, quase semanalmente, os 74 quilômetros em estrada de terra na sua perua Kombi, a mesma utilizada para as campanhas do Educandário.

Ao que parece, Paulo dos Santos sedimentou-se em Gurinhatã, pois lá empregou o dinheiro que possuía aplicado desde a época de São Paulo e o que recebia como diretor estadual do ginásio de Gurinhatã. Comprou alguns lotes e uma chácara. A chácara foi batizada com o nome de André Luiz<sup>44</sup> e adquirida em 1970; serviu para vários piqueniques dos alunos do Educandário e do ginásio estadual de Gurinhatã. Estava sempre de portas abertas aos amigos e a quem necessitasse de algum auxílio. Nos fins de semana, os amigos se reuniam nela para festejos e reuniões do Culto Cristão no Lar. Toda plantação produzida na chácara era revertida para o Educandário, para as famílias carentes dos alunos e outros. Paulo dos Santos preparava-se para construir um albergue para idosos num de seus terrenos, em Gurinhatã, como conta o depoente:

Ele era dono dessa chácara aqui em frente, esses terrenos eram todos dele. Esse terreno da minha casa foi ele que me deu. Chamou eu e minha esposa e falou: “Vamos ali escolher um terreno para vocês”. (...) Esse terreno aqui estava destinado a ser um abrigo de idosos, já tinha até um cômodozinho. Então ele falou: “João, a única coisa que eu quero é que você ajude a fazer um abrigo de velhos depois”. Aí nós fizemos um lá em cima. Uma mulher havia construído um prédio grande para um motel e não deu resultado nenhum. Daí ela procurou vender para a prefeitura. Então, eu falei para o prefeito: “Adalardo, porque é que nós não compramos aquele prédio para fazer o abrigo. Lá não tem escada, vai dar certinho”. O prefeito ligou para o Samir Tannús, que era secretário de Estado, do Trabalho e Ação Social, nos encontramos numa reunião da AMVAP, e o Samir nos entregou o cheque de Cr\$ 100.000,00 para pagar o prédio. E hoje é o abrigo dos idosos, uma semente que o professor Paulo plantou (LIMA, 2008).

Por esse trecho, percebemos que muitos alunos formaram uma família ao lado do professor Paulo, pois foram ajudados e encaminhados por ele no ensino, no trabalho e na vida,

<sup>44</sup> André Luiz foi o codinome utilizado por um médico que, após seu desencarne, passou a escrever obras literárias e científicas por meio da psicografia de Francisco Cândido Xavier. Escreveu 14 livros romanceados e centenas de mensagens esparsas, algumas catalogadas em outras obras do médium. Seu livro mais conhecido chama-se *Nosso lar*, obra em que conta os transtornos que passou no Além após seu próprio desenlace e a descoberta da imortalidade da alma.

bem ao gosto de seu lema. Alguns ficaram, outros passaram. Sua popularidade na pequena Gurinhatã, os bons relacionamentos políticos e a assistência silenciosa praticada aos carentes da cidade fizeram com que um grupo de amigos o convidasse para se candidatar a vereador. Foi eleito no mandato entre 1970 e 1971 e a seguir, no mandato entre 1972 e 1976<sup>45</sup>. Não encontramos nenhum ato político seu que tenha deixado um nome escrito na cidade, mas os amigos daquele momento apontaram sua atuação política como uma extensão de sua prática social já costumeira, dedicando-se aos desvalidos com remédios, alimentação, artigos de necessidade e sempre a preocupação com a escolaridade e a profissionalização de seus tutelados e alunos.

Em Ituiutaba, já nos anos de 1990, uma ex-aluna do Educandário conseguiu reunir mais de mil assinaturas para nomear uma rua com seu nome, entregando o documento para a Câmara de Vereadores. Conseguiu apenas uma rua mais distanciada num bairro sem expressão, e o acontecimento não ganhou nenhuma festividade. A Escola Estadual Professora Maria de Barros, que se instituiu no mesmo prédio do Educandário, alugado da UMEI, colocou, em sua biblioteca, o nome desse educador em homenagem ao seu trabalho. E também há um bairro mais distanciado com seu nome, mas apenas no registro da Secretaria de Planejamento, pois, nos mapas da cidade, vigora o nome antigo do bairro, sendo o fato ignorado pela população por falta de divulgação.

Durante as entrevistas realizadas, encontramos dificuldade para separar o homem Paulo dos Santos do educador, do espírita ou do que denominamos ser o conselheiro de uma comunidade. As entrevistas, remetem-se a um homem multi: contador, advogado e psicólogo; professor que dominava todas as disciplinas e todos os conteúdos escolares, que possuía uma visão educacional diferenciada daquele contexto, sendo inovador em alguns métodos; que colocava sua condição não de espírita, mas de ser humano que deve auxiliar as necessidades sociais como dever comum a todos; e que, indistintamente, possuía uma visão cultural e educacional privilegiada. Algumas entrevistas nortearam outros fatores importantes e incompreendidos, principalmente sua saída da instituição e o porquê do esquecimento de sua figura, haja vista que, mesmo a escola sendo vítima de preconceitos, seu valor no contexto educativo e suas boas relações na região poderiam ter conservado seu nome com maior destaque, principalmente em Ituiutaba, como os nomes de Edelweiss Teixeira e Álvaro Brandão de Andrade, lembrados constantemente na atualidade.

---

<sup>45</sup> Ver o livro do memorialista: JORGE, Marcial Reges. **Gurinhatã, a história de um tempo**. Birigui: Cartonagem Jofer Ltda. 1989.

No início dos anos de 1970, uma parte do Conselho Diretor, composto por membros da UMEI e espíritas locais, começou a discordar da direção de Paulo dos Santos e seus métodos com relação ao ensino no Educandário. Nesse momento, o professor Paulo estava sem o resguardo político que sempre aprovara seu trabalho, pois dona Izabel Bueno, inspetora do ensino federal e responsável pelo Educandário, em Uberaba, já havia se afastado. Paulo dos Santos não se atinha a muita burocracia; com o respaldo que possuía com Izabel Bueno, tinha autonomia completa sobre o colégio, o que muito incomodava as outras escolas da cidade e alguns membros do conselho, que passaram a desejar a direção do estabelecimento. O professor Paulo, nesse momento, passava boa parte de seu tempo em Gurinhatã, quer pela direção da escola, quer pelo cargo de vereador.

Formou-se, dentro do Conselho Diretor, um grupo contrário ao trabalho desenvolvido até então que pretendia mudar a estrutura funcional e educacional do Educandário. No novo projeto a ser implantado, o professor Paulo dos Santos seria afastado da direção num primeiro passo, pois ele, supunham, não aceitaria a nova proposta; num segundo passo, o prédio do Educandário seria doado ao Estado para que este assumisse as despesas e nomeasse novo diretor, pois havia um membro do conselho com boa influência política e que já estava preparado para ser nomeado. Como essa parte do conselho não conseguiu força para derrubá-lo da direção, pois isso não era opinião de todos os membros, deu-se início a uma série de boatos difamatórios contra o professor Paulo, conduzidos abertamente por seus opositores: pedofilia, descaso com a escola e agressão a menores foram temas utilizados para afastá-lo da direção, aproveitando sua ausência ocasionada pelo trânsito entre Ituiutaba e Gurinhatã. Um ex-membro do conselho nos esclareceu que nunca houve nenhum fato comprovando essas acusações, não havendo julgamento interno nem legal por falta de provas e testemunhas. Mas a idéia funcionou. Ao tomar conhecimento dessas acusações, em 1973, o professor Paulo afastou-se do cargo, após uma grande discussão. A parte do conselho favorável à sua permanência fez uma ação entre amigos, pagando-lhe uma quantia satisfatória como encargos, uma vez que Paulo jamais recebera salário em seus 13 anos de contribuição àquela instituição.

Após seu afastamento, os opositores, numa direção transitória, queimaram os arquivos da escola. As pastas de fotografias festivas e que comprovavam seu trabalho foram as primeiras a ganharem a fogueira; em seguida, as pastas dos alunos e dos professores. A nova ordem era esquecer ou desaparecer com a presença do professor Paulo, que ainda continuaram a denegrir. Quase 80% da documentação da escola foi destruída nesse período imediato a sua saída. Os professores, para se aposentarem mais à frente, tiveram que recorrer à assinatura no ponto e aos quadros de fotos de formaturas. A maioria dos alunos que estudavam naquele

momento prossegue até hoje sem documentos ordenados. Muitos, por meio de diplomas, carteirinhas estudantis e outras formas, tais quais os quadros de fotos de formandos, conseguiram organizar sua documentação escolar, ficando outros sem comprovação alguma de que estudaram. A queima só teve fim quando um grupo, ao saber do fato, que durou alguns dias, ocorreu até as dependências da escola impedindo a queima do pouco material que faltava. Ainda segundo os entrevistados, os novos diretores e o conselho não conseguiram manter o Educandário, que funcionou apenas até 1978, fechando por falta de condições financeiras, pois a UMEI não permitiu que a escola fosse doada ao estado como pretendiam os opositores.

Após 1973, Paulo dos Santos se instalou definitivamente em Gurinhatã. E pelo seu caráter mais apaziguador e conselheiro, foi convidado pelo prefeito da cidade a exercer o cargo de delegado de polícia, pois também no ginásio de Gurinhatã surgiram novos opositores. Relataram os entrevistados que, como a escola era estadual e Paulo ocupava o cargo remunerado de diretor, surgiram documentos “adulterados” com relação ao número de alunos, o que culminou num processo e na exoneração do professor.

Após as lutas educacionais e políticas, Paulo dos Santos travou luta contra a própria saúde: a diabete atacou sua visão, que foi perdendo lentamente, junto com problemas renais que o levavam semanalmente a Uberlândia para fazer hemodiálise. Paulo dos Santos era auxiliado na profissão de delegado pelo seu amigo Lima, pois não deixava ninguém perceber que já possuía as vistas comprometidas. Muitos fatos curiosos foram relatados por seus parentes nesse período, pois Paulo chegava para visitas e falava sempre sobre algo da casa, como uma planta ou um móvel, porém já sem enxergar, acreditando que os parentes não o soubessem. Também morou sozinho, falecendo no banho ao se preparar para um dia útil de trabalho, 23 de abril de 1982, em Gurinhatã.

## **2.5 O PENSAMENTO SOCIAL-EDUCACIONAL**

De toda ação educacional, moral e social do professor Paulo dos Santos, destacamos, para encerrar sua pequena biografia, tão marcada pela luta pró-ensino em Ituiutaba e região, alguns artigos seus publicados na imprensa local. Estes demonstram sua preocupação com a educação realizada pela família num plano mais geral, mas também na instrução ministrada na escola, que faz diferenciações. Encontramos o pensamento espírita influenciando em sua

práxis, com os princípios norteadores que alicerçaram sua proposta pedagógica. Encontramos semelhanças com algumas propostas de educação espírita, principalmente aquelas mais voltadas ao âmbito da assistência social. Também na práxis de Paulo dos Santos há uma fundamentação no pensamento espírita de valorização do contato da criança e do jovem com a família. Como poderemos constatar, esses fundamentos de educação e família já vinham sendo difundidos por Kardec antes mesmo de codificar o Espiritismo, enquanto era professor e dono de escola na França:

A fonte das qualidades morais se acha nas impressões que a criança recebe desde o seu nascimento, talvez mesmo antes, e que podem agir com mais ou menos energia sobre o seu espírito, para o bem ou para o mal. Tudo o que ela vê, tudo o que ela ouve, a faz experimentar impressões. Ora, assim como a educação intelectual consiste na soma das idéias adquiridas, a educação moral é o resultado de todas as impressões recebidas. Cada objeto, que a criança vê, lhe dá uma idéia, e cada palavra, que ela escuta ou cada ação de que ela é objeto ou testemunha, a faz experimentar uma impressão; a mesma impressão, mantida durante um certo tempo e freqüentemente repetida, fá-la contrair um hábito (RIVAIL, 1999, p. 16 e 17).

Kardec aqui, ainda assinando com seu nome verdadeiro, expõe conceitos que serão fundamentais para a proposta espírita de educação, logo mais à frente, quando codifica o Espiritismo<sup>46</sup>. Como podemos verificar, seu pensamento educativo continuou o mesmo, no que podemos constatar abaixo, ao discorrer sobre a arte da educação:

Essa arte, porém, exige muito tato, muita experiência e profunda observação. É grave erro pensar-se que, para exercê-la com proveito, baste o conhecimento da Ciência. Quem acompanhou, assim o filho do rico, como o do pobre, desde o instante do nascimento, e observar todas as influências perniciosas que sobre eles atuam, em consequência da fraqueza, da incúria e da ignorância dos *que os dirigem*, observando igualmente com quanta freqüência falham os meios empregados para moralizá-los, não poderá espantar-se de encontrar pelo mundo tantas esquisitices. Faça-se com o moral o que se faz com a inteligência e ver-se-á que, se há naturezas refratárias, muito maior do que se julga é o número das que apenas reclamam boa cultura, para produzir bons frutos (KARDEC, 2004, p. 353; grifo nosso).

A prática de Paulo dos Santos está apoiada nesses pressupostos espíritas, fundamentados por Kardec com relação ao caráter moral da educação, adquirido principalmente em tenra idade, na formação de hábitos conjugados no lar, pelos pais ou tutores. Sua práxis esteve permeada por esses princípios, conferindo ao aumento das

<sup>46</sup> Para Incontri (2004), a influência pestalozziana sobre Rivail foi profunda, pois, além de aluno do Colégio de Yverdon e auxiliar de Pestalozzi, Rivail ou, mais tarde, Allan Kardec, foi professor divulgador de seu método durante 35 anos de docência na França. Incontri uniu em sua tese pontos interessantes de ambos os pensamentos.

potencialidades humanas uma de suas maiores propostas na formação de bons sentimentos no cidadão. Assim, vejamos os conceitos de educação e instrução de Paulo dos Santos para fundamentar seu pensamento:

Desde os primórdios da humanidade, os grupos humanos dentro da concepção da época cultuavam determinadas regras e costumes que constituíam seu patrimônio cultural, e que, transmitidos eram o objeto da instrução, que por sua vez modificavam hábitos, criando uma nova vivência que caracterizava a educação conhecida. Desde eras remotas em que a família humana ainda habitava as cavernas, vivendo de recursos os mais primitivos, que o lar representado pela associação do casal e seus descendentes, tem um papel importante no culto da Educação e da Instrução, que pela evolução através dos tempos, e pela contribuição dos povos, formam hoje o nosso patrimônio da civilização (SANTOS, Paulo dos, Educação e Instrução: 1ª parte. Folha de Ituiutaba, Ituiutaba, 2 set. 1967, p. 5).

Paulo dos Santos ainda desdobra os conceitos de educação e instrução para melhor definição dos termos:

A Instrução consiste na transmissão de conhecimentos que uma pessoa faz a outras; esta transferência de conhecimentos inicia-se no lar quando os pais ensinam a cada momento alguma coisa desconhecida para o filho. Educação consiste na aquisição de hábitos que burilam os costumes, refinando cada ação, modificando a personalidade para melhor (SANTOS, Paulo dos, Educação e Instrução: 1ª parte. Folha de Ituiutaba, Ituiutaba, 2 set. 1967, p. 5).

Aqui se diferenciam os aspectos educação e instrução, que fundamentam sua práxis, motivo que o impelira ao convívio mais acirrado com a família, promovendo visitas aos lares e orientações outras no sentido de formar uma consciência educativa que contribuísse para a formação moral dos educandarianos. Por trás das visitas às famílias de alunos com problemas sociais de toda ordem, sempre estavam o encaminhamento e a orientação necessária à resolução de conflitos. À família carente, a cesta básica, conseguida nas campanhas realizadas pelos próprios alunos; mas, por trás da cesta básica, o encaminhamento ao trabalho, o direito à instrução escolar, as longas conversas que direcionavam alunos e familiares aos bons princípios, bem ao modo da filantropia espírita.

Paulo dos Santos destina sua práxis a outros propósitos que não o simples acúmulo de conhecimentos, acreditando que a educação deve preparar o homem para a existência, como fundamenta o Espiritismo, que em si possui uma filosofia de educação do ser para a existência. Suas ações com relação à família foram assim categorizadas e observamos em âmbito mais diverso. Fez cumprir o projeto da UMEI, promovendo, no interior do

Educandário, no período vespertino, cursos de bordado e costura para as alunas interessadas e, também, a suas mães. Os pais sempre estavam presentes no colégio, seja nas comemorações, nos mutirões, nos cursos ou nos encontros promovidos. A maneira pela qual sua ação como gestor conduziu a escola, os alunos e as famílias caracterizou seu pensamento quanto à educação:

A aquisição da Instrução depende do cultivo do intelecto, e para isso há as instituições especializadas na transmissão de conhecimentos; já a aquisição da Educação depende do trabalho dos pais auxiliados por educadores profissionais, *tendo como fator as qualidades inatas que o educando traz embrionárias na alma* (grifo nosso) (SANTOS, Paulo dos, Educação e Instrução: 1ª parte. Folha de Ituiutaba, Ituiutaba, 2 set. 1967, p. 5).

O pensamento espírita-educacional fica evidenciado mais uma vez nesse trecho: *que o educando traz embrionárias na alma*, revelando sua concepção de homem integral, reencarnacionista, que traz os germes de suas potencialidades como resultado de sua evolução espiritual ou como fruto de experiências pregressas, tal qual explica o Espiritismo:

A infância tem ainda uma outra utilidade: os Espíritos não entram na vida corporal senão para se aperfeiçoar, se melhorar; a fraqueza da pouca idade os torna flexíveis, acessíveis aos conselhos da experiência e daqueles que os devem fazer progredir. É quando se pode reformar seu caráter e reprimir-lhes as más inclinações; tal é o dever que Deus confiou aos pais, missão sagrada aos quais deverão responder. Por isso, a infância não é somente útil, necessária, indispensável, mas ainda ela é a consequência natural das leis que Deus estabeleceu e que regem o Universo (KARDEC, 2004, p. 180).

Para o Espiritismo, a criança é vista como um espírito reencarnado, e não como tábula rasa, vazia de experiências. Traz em si mesma as potencialidades para sua evolução, como virtudes ou vícios que adquiriu nas existências pregressas. Então, a necessidade de educação faz-se, principalmente na infância, pelos pais, como salienta Kardec (2004), aproveitando o momento onde o espírito, no período infantil, estaria mais aberto às sugestões de progresso e melhoria íntima. Resumindo: *a infância é um estado de abertura do Espírito, para que possa absorver novas experiências e conhecimentos* (INCONTRI, 2004, p. 163).

Dessa maneira, Paulo dos Santos diferenciava o lar da escola, a importância de cada um, mostrando que a educação ocorre dialeticamente, na permanência do educando nesses dois ambientes:

O lar continua e continuará sendo a primeira escola para o educando. O colégio burila a educação que ele traz do lar já iniciada. A criança e o adolescente têm uma facilidade muito grande para assimilarem os hábitos e

os exemplos dos pais e de outras pessoas mais velhas que com elas convivem. Se os hábitos e exemplos são positivos, seu reflexo na alma do educando será positivo; se são contrários à boa formação, irão dificultar ao educando a seleção de hábitos bons e a sua adoção, destruindo muito o trabalho diuturno do colégio (SANTOS, Paulo dos, Educação e Instrução: 2ª parte, Folha de Ituiutaba, Ituiutaba, 16 out. 1967, p. 11).

Aqui podemos compreender sua práxis, suas aulas de moral, a formação das lideranças, sua preocupação com a formação intelectual e moral dos alunos e o pensamento educativo espírita. O que culminou na publicação do que chamou de *filosofia educacional* na imprensa local, empregada no Educandário durante seus anos de trabalho, entre 1960 e 1973, misto não só de sua prática ou do pensamento espírita, mas também da influência de pensadores educacionais e programas de educação já existentes no período. Assim, vejamos:

1º) Muito amor e respeito ao estudante. 2º) Considerá-lo o elemento mais importante da escola. 3º) Pugar por todos os meios para proporcionar-lhe uma educação sadia pautada na verdade e na liberdade. 4º) Ensinar-lhes a cultivar os hábitos e costumes condizentes com uma sociedade equilibrada e moralizada. 5º) Pregar e praticar a fraternidade cristã respeitando o credo religioso de cada um para termos o nosso respeitado. 6º) Amparar os órfãos e os necessitados de recursos, dentro das possibilidades a fim de que tenham condições de acesso através dos postulados ensinados pela instituição (SANTOS, Paulo dos, Ainda o Educandário Ituiutabano em foco. Cidade de Ituiutaba, Ituiutaba, 10 fev. 1974, p. 7).

Na data dessa publicação no *Cidade de Ituiutaba*<sup>47</sup>, em 1974, Paulo dos Santos já estava afastado do Educandário Ituiutabano, mas prosseguia com seu trabalho educacional na região, agora empenhado na construção da Creche Espírita Josefina de Magalhães e no projeto social da Guarda Mirim, que serão mais bem comentados no capítulo 3, item 3.6. E, novamente, referimos-nos a Eurípedes Barsanulfo, pois em muito as experiências se assemelham. Bigheto (2006) relata que Barsanulfo *achava que o colégio tinha que ter um ambiente de felicidade, de vida, de acolhimento que contribuía para o desenvolvimento dos alunos* (BIGHETO, 2006, p. 210). Ambas as experiências observaram com cuidado a questão da criança e da família, enxergando-as à luz dos postulados espíritas. Procuravam recriar um ambiente familiar para que os alunos se sentissem à vontade para a aprendizagem, mas também seguros e confiantes. *Os ex-alunos [do Colégio Allan Kardec] contam que se sentiam em casa no colégio, ajudavam em diversas tarefas, colaboravam mutuamente, viviam como numa grande família. As crianças conviviam com Eurípedes como se ele fosse um pai* (BIGHETO, 2006, p. 210). Bem ao modo de Paulo dos Santos, que procurou dar aos alunos

<sup>47</sup> Aqui notamos que o Jornal *Folha de Ituiutaba* trocou o nome para *Cidade de Ituiutaba*.



carentes do Educandário um referencial de respeito e amor, na tentativa de consolidar esses ideais em seu caráter como forma de progresso na vida, fundamentando em sua prática o *Vencer na vida pelo estudo e pelo trabalho!*

## 2.6 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

A contribuição deste capítulo para a pesquisa está focada na presença do professor Paulo dos Santos e em compreender como ele pôde transferir sua cultura para a formação de um caráter confessional na instituição. O professor Paulo deu vida ao projeto da UMEI, garantindo a todos os carentes o acesso ao ensino ginasial e, mais tarde, ao complemento no secundário, por meio de ações filantrópicas que garantiram o término das obras do prédio e sua manutenção. Fez parte da ação conservadora do Conselho Diretor, pois foi indicado pela inspetora do ensino federal porque, além de possuir os registros necessários para administrar a escola, era espírita. As boas relações entre os componentes da UMEI e a inspetora Izabel Bueno garantiram o cumprimento do Regimento Interno do Educandário, atendendo ao requisito de que o diretor da instituição deveria ser espírita, como veremos no próximo capítulo.

Paulo dos Santos efetivou o trabalho com experiências que se assemelharam ao trabalho de Eurípedes Barsanulfo e Anália Franco, mesmo que em contextos diferenciados. Suas aulas de moral garantiram a palavra de ordem de seu discurso, remetendo à formação de homens de bem de potencialidades e vocações; e sua práxis remeteu os alunos a um ambiente mais voltado ao lar, onde as diversas atividades no colégio garantiam um clima de felicidade, tornando as aulas mais aconchegantes, e o desejo dos alunos de participarem daquele movimento com estudo e com trabalho. Essa experiência educativa está de acordo com os pressupostos de formação de homem de bem que o Espiritismo enfoca: daquele que procura, no trabalho, colaborar para o progresso da nação e para seu progresso íntimo, seja como melhor estudante, melhor profissional, melhor filho ou melhor ser humano.



## CAPÍTULO 3

# ORGANIZAÇÃO CONSERVADORA: DAS LEIS DO ENSINO ÀS PRÁTICAS EDUCATIVAS

*Hino do Educandário*

*Lá no alto do calvário  
Não existe mais a cruz  
E ergueu-se o Educandário  
Com os ensinamentos de Jesus  
Já não somos mais escravos  
Das velhas ilusões  
Celebramos Cristo vivo  
Em nossos corações  
Nossa vida tornou-se mais bela  
Nosso mundo ficou diferente  
Enxergamos nos céus mais estrelas  
Mais beleza no céu esplendente*

D'Avila, Ângelo Tibúrcio (1957)<sup>48</sup>

### 3.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao verificarmos a vida de Paulo dos Santos e sua atuação no Educandário Ituiutabano no capítulo anterior, constatamos que ele foi o impulsionador do projeto da UMEI, promovendo algumas ações que possibilitaram o desenvolvimento de uma filosofia própria de ensino. Esta foi apoiada nos valores morais, na formação do ser integral, destinado a dilatar suas potencialidades e seus sentimentos, algo muito similar ao trabalho propagado pelo Espiritismo. Neste capítulo, pretendemos demonstrar, no campo das instituições escolares, a possibilidade do emprego dessa mesma filosofia nas práticas educativas desenvolvidas na escola, percebendo a influência não só do professor Paulo dos Santos, mas também da própria instituição fundadora e mantenedora do Educandário, a UMEI, e as influências sociais, políticas e educacionais que esta escola recebeu durante seu funcionamento, mais especificamente entre os anos de 1958 e 1973. Utilizamos parte da documentação da escola

---

<sup>48</sup> Composto por Ângelo Tibúrcio D'Avila e Maestro Argentino Corsino. 1957.

encontrada, principalmente os documentos que compõem o processo de abertura do Educandário, tais como o Estatuto da UMEI e o Regimento Interno. Também as leis orgânicas do ensino secundário, entrevistas, fotografias e atas da Câmara Municipal foram utilizadas para dar voz a esta (re)construção.

### 3.2 A IMPLANTAÇÃO DA LEI N. 4.024/61

Como o período que compreende esta pesquisa perpassa vários momentos importantes, vamos ressaltar o momento educacional havido entre a transição das leis orgânicas do ensino e a promulgação da primeira LDB nacional, a lei n. 4.024/61, por ser esse o clima educacional que o Brasil atravessava na instalação da escola. Recorremos aos trâmites nacionais entre 1946 e 1961 para compreendermos as conquistas que essa nova lei trouxe ao ensino brasileiro, período de lutas durante sua tramitação. Lembrando que, após o golpe de estado ocasionado pelo regime militar, em 1964, ocorreram mais duas reformas, a lei n. 5.540/68 e a lei n. 5.692/71, que não serão nosso objeto de estudo.

Observamos que o início desse trâmite deu-se com a Constituição de 1946, que garantiu o direito à educação, cabendo à União legislar sobre suas diretrizes e bases. Essa Constituição *fugiu à inspiração da doutrina econômica liberal dos séculos anteriores para inspirar-se nas doutrinas sociais do século XX. Nisso ela se distanciava da ideologia liberal-aristocrática esposada pelas nossas elites, no antigo regime* (ROMANELLI, 2005, p. 171). E foi apoiado nessa doutrina, em 1947, que o ministro da Educação, Clemente Mariani, propôs a reforma geral da educação nacional, constituindo uma comissão de educadores para estudar e propor um novo projeto, que chegou à Câmara Federal em 29 de outubro de 1948. Após sua tramitação pela Comissão Mista de Leis Complementares, foi arquivado no Senado por um parecer contrário do então deputado Gustavo Capanema, ex-ministro da Educação do governo Vargas e autor das leis orgânicas do ensino<sup>49</sup>.

Mais adiante, em 1951, a Câmara solicitou o desarquivamento desse projeto, mas o Senado respondeu que ele havia sido extraviado, dando início a sua reconstituição e

---

<sup>49</sup> Em 14 de julho de 1949, o relator e deputado Gustavo Capanema fez um discurso no Senado onde “fulminou o caráter descentralizador do projeto considerando-o contrário ao espírito e à letra de Constituição. Para ele a palavra ‘diretrizes’ tem um significado que inclui leis, regulamentos, programas e planos de ação administrativa, orientações traçadas pelos chefes e subchefes de serviços para a execução dos mesmos. Essa interpretação do termo ‘diretrizes’ reforçada pelo acréscimo da palavra ‘bases’ no texto constitucional ensejou uma concepção centralizadora da organização da educação nacional” (SAVIANI, 1999).

tramitação na Comissão de Educação e Cultura por cerca de cinco anos e meio. Assim, o deputado Lauro Cruz somente apresentou o relatório da subcomissão encarregada em 1956, e a discussão na Câmara só começou em 1957, quando o projeto da 1ª LDB foi retomado. Dessa forma, em 1958, foi apresentado o “substitutivo Lacerda”, de autoria do próprio deputado Carlos Lacerda. Esse substitutivo privilegiou os proprietários das escolas particulares e foi baseado no III Congresso Nacional de Estabelecimentos Particulares de Ensino. Para Saviani, *tudo indica que o interesse de Carlos Lacerda no projeto de lei de diretrizes e bases da educação nacional se deu, inicialmente, por motivação tipicamente partidária* (1999).

Em meio a esse trâmite, dois grupos foram se formando. Por um lado, os defensores do patrimônio nacional desejavam defender o ensino público, que apresentava significativa expressão pelo seu crescimento. Eram eles mais democráticos. Por outro lado, os proprietários de escolas particulares, aliaram-se ao ensino confessional para justificar a defesa do ensino privado. Ambos os lados lutaram para impregnar a nova legislação educacional, que seria processada no Parlamento, com argumentos que defenderiam suas posições e seus interesses. Os empresários que defendiam a privatização do ensino levantaram uma bandeira liberal, com raiz nitidamente conservadora e contrária aos preceitos liberais clássicos.

Assim, um fator importante auxiliou aqueles que defendiam um ensino público gratuito e laico. Veio a público, em 1959, o 2º Manifesto dos Educadores, redigido por Fernando de Azevedo e que remanesceu do 1º Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, de 1932. Esse manifesto de 1959 uniu conservadores, educadores e intelectuais liberais, liberais progressistas, socialistas, comunistas e nacionalistas em favor da escola pública. Sua argumentação era a de que deveriam existir as duas redes de ensino, particular e pública, mas que as verbas do Estado deveriam servir somente à rede pública e, ainda, que as escolas particulares deveriam se submeter à fiscalização oficial. Por outro lado, o “substitutivo Lacerda” apoiava a liberdade de ensino em favor da privatização da educação. Foi dessa forma que os autores do 2º Manifesto dos Educadores, também, apresentaram um substitutivo, levado pelo deputado Celso Brant à Câmara. Esse substitutivo se aproximou muito do projeto original. Apesar da Comissão de Educação e Cultura da Câmara nomear uma subcomissão para examinar os dois substitutivos, o primeiro, vindo de Lacerda, conseguiu manter seus pontos fundamentais.

Essa luta demonstra que as velhas forças do poder católico estavam em alerta, procurando recuperar o que haviam perdido com a Proclamação da República. A Igreja apoiava-se nas encíclicas papais, transformando-as na tão almejada “liberdade de ensino”, que

fazia parte de seus pressupostos, garantindo, assim, a exclusividade do ensino à igreja católica. E outro agravante seria levado a cabo caso houvesse apoio maior ao ensino público, gratuito e obrigatório, destinado às camadas sociais mais pobres. É que haveria *possibilidade de participação política mais consciente e de bases mais amplas, o que vinha a minar pela base, o sustentáculo político das velhas elites* (ROMANELLI, 2005, p. 178).

Foi assim, na luta daqueles que apoiavam o ensino público e laico com aqueles que lutavam por um ensino privado e confessional, que a lei n. 4.024 foi aprovada, em 20 de dezembro de 1961, fazendo prevalecerem as velhas situações. Não houve grandes modificações com relação ao sistema educacional brasileiro, mas um problema surgiu com ela, pois essa lei não supriu as necessidades que o desenvolvimentismo exigia da educação em 1961; não irrigou o sistema escolar como se esperava. O título “Da liberdade do ensino” demonstrou uma vitória da iniciativa privada e o título “Dos sistemas de ensino” tinha a precedência da iniciativa do poder público. *O texto da Lei 4.024/61 conciliou os dois projetos garantindo à família o direito de escolha sobre o tipo de educação que deve dar a seus filhos e estabelecendo que o ensino é obrigação do poder público e livre à iniciativa privada* (SAVIANI, 1999, p. 19). O texto, pelas cessões feitas a fim de agradar a ambos os lados, manteve a estrutura das leis orgânicas, porém as flexibilizou.

Dessa forma, o ensino secundário passou a possuir sete anos, divididos em dois ciclos. O primeiro ciclo, ginásial, durava quatro anos; dividido entre secundário, normal e técnico, o segundo durava três anos cada. O ensino técnico ainda foi subdividido em industrial, agrícola e comercial. Com a nova lei, houve maior flexibilidade, pois, se antes apenas pelo ensino secundário o aluno poderia acessar o ensino superior, agora qualquer curso garantia esse acesso; o aluno também poderia aproveitar seu curso caso se transferisse de um ramo a outro.

O mais importante sobre esses resultados é que o entusiasmo de alguns e a decepção de outros com relação à promulgação da 1ª LDB só puderam realmente ser considerados após sua aplicação efetiva nas escolas. Os fins dessa lei são genéricos, universalmente adotados e (...) *aplicam-se a qualquer realidade, porque, na verdade, embora sejam incontestáveis em termos axiológicos, em termos práticos têm pouca objetividade* (ROMANELLI, 2005, p. 180). E, nesse particular, muitos campos da lei foram efetivados em detrimento de outros, e estes só poderão ser constatados por meio de estudos historiográficos que persistam no cruzamento crítico das fontes que se remetam à lei e a instituições escolares espalhadas pelo Brasil que sofreram a influência dessa Carta.

Mas o caminho que verificamos é que, embora a 1ª LDB brasileira impulsionasse o ensino público em alguns aspectos, na realidade a consolidação do ensino estava a desejar no

país, notoriamente pela falta de escolas e, principalmente, pelos dados que apontam os índices de matrícula para o ensino nacional às vésperas de sua efetivação:

| Série   | Elementar | Médio<br>1º ciclo e 2º ciclo |        | Superior |
|---------|-----------|------------------------------|--------|----------|
| 1ª      | 2.664.121 | 230.567                      | 88.472 | 21.928   |
| 2ª      | 1.075.792 | 174.892                      | 61.426 | -        |
| 3ª      | 735.116   | 128.947                      | 42.255 | -        |
| 4ª      | -         | 95.548                       | -      | -        |
| 4ª e 5ª | 466.957   | -                            | -      | -        |

**Quadro 19** - Demonstração do caráter seletivo da escola brasileira, 1957.

FONTE: TEIXEIRA, Anísio S. apud XAVIER, Maria Elizabete; RIBEIRO, Maria Luiza; NORONHA, Olinda Maria. História da educação: a escola no Brasil. São Paulo. FTD. 1994. p. 168.

De acordo com esse quadro, os índices nacionais apontam uma minoria de alunos ocupando os bancos escolares e uma alta porcentagem de alunos que ia gradativamente deixando a escola. Notamos que, no ensino elementar, o índice de evasão estava em torno de 50% nas mudanças de uma série para outra e que o índice total de alunos que chegavam até o 5º ano somavam apenas 18,5% em relação aos alunos que o iniciavam. Desses últimos, apenas a metade dos alunos iniciava o 1º ano do 1º ciclo secundário, caindo, na finalização do curso, para apenas 41,4% de alunos matriculados, comparados com a matrícula inicial. A situação para o 2º ciclo secundário era ainda mais caótica, pois, do total de ingressantes, apenas um pouco menos que 50% do total se formava. Para a 1ª série do ensino superior, apenas a metade dos recém-formados no ensino secundário se matriculavam. Em resumo: a situação em 1957 quanto ao ensino evidenciava que apenas 0,8% do total de alunos ingressos na 1ª série do curso elementar chegavam aos cursos superiores.

### 3.3 DIVERGÊNCIAS E CONTRADIÇÕES NO CENÁRIO NACIONAL

A carência educacional no Brasil era grande na década de 1950, e a necessidade de leis que fundamentassem o ensino de forma que o ampliasse e regulasse era urgente. Mediante esta compreensão, ao historiar o conflito escola pública e privada na tramitação da 1ª LDB brasileira, compreendemos que dois grupos se formaram em torno de seus interesses

ideológicos<sup>50</sup>. O primeiro grupo era composto pelos donos de escolas privadas que se uniram à igreja católica, por falta de doutrina própria, e estavam em defesa de um ensino confessional e particular apoiado financeiramente pelo governo. O segundo era composto por intelectuais liberais defensores de uma escola para todos e que ainda se dividia em três grupos inspirados por ideologias diferentes, conforme Buffa (1979). Esse grupo de liberais defendia uma escola pública laica e gratuita, financiada pelo governo e que a lei abrangesse os dois sistemas, público e particular, mas que somente o primeiro fosse apoiado pelo governo. Cada grupo zelava por seus interesses, caracterizando esse conflito educacional nacional.

Mas é preciso observar as divergências e as contradições mantidas para compreendermos como esse debate fundamentou o período em que a lei n. 4.024/61 esteve percorrendo os trâmites legais até sua publicação. E, a partir dessas constatações, compreender mais à frente, no aspecto regional, quais foram os conflitos ocorridos em decorrência dessa disputa na implantação do Educandário Ituiutabano. Passaremos, então, à análise dos pontos de vista de cada grupo.

### 3.3.1 A Igreja Católica

No período anterior à criação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), de 1945 a 1952, a Igreja esforçou-se para relacionar-se com o governo nas questões sociais, procurando formar uma parceria convidando o Estado a cooperar com os projetos da comunidade eclesial. Em 1952, a CNBB manteve-se aberta aos problemas sociais e políticos, tornando-se canal de mediação entre o eclesiástico e o político, aproveitando os serviços do Estado para levar a *mensagem evangélica da renovação e salvação a toda a sociedade* (LUSTOSA, 1991, p. 63). No governo Kubitschek, iniciado em 1955, a CNBB fortaleceu seus laços ainda mais, aproveitando o período do desenvolvimentismo. Mas sua política não foi totalmente favorável aos interesses do país.

---

<sup>50</sup> Apesar de não ser nosso objetivo nos aprofundarmos na questão da ideologia, para ficarmos no campo das discussões mais políticas desse movimento histórico, vamos apontar a ela um significado. Para Abbagnano, ideologia é “(...) toda crença usada para o controle dos comportamentos coletivos, entendendo-se o termo crença, em seu significado mais amplo, como noção de compromisso da conduta, que pode ter ou não validade objetiva” (2003, p. 533). Nesse sentido, o que a validaria “seria a capacidade de controlar os comportamentos de determinada situação” (2003, p. 533). Buffa amplia esse conceito apontando formas para sua observação histórica: “(...) a ideologia é um conjunto de normas, de princípios e objetivos que vão orientar a ação. Entendida dessa forma, a ideologia tanto pode ser uma interpretação camufladora quanto uma interpretação explicitadora da realidade, o que fica evidenciado quando se faz sua historização” (1979, p. 107 e 108).



Em 1955, a igreja católica promoveu, no Rio de Janeiro, o XXXVI Congresso Eucarístico Internacional, demonstrando união e fé. Houve também a criação do Conselho Episcopal Latino-americano (CELAM), voltado para as necessidades sociais continentais. Havia um impulso reformista no ar, relativo à questão social, mas também havia ausência da sólida mentalidade cristã. A Igreja estava ligada à criação da SUDENE, SUDAN e SUPRA, participando com suas idéias de reformas sociais, em parceria com o Estado, que entrava com a parte técnica, de acordo com o desenvolvimentismo proposto pelo governo Kubitschek.

Mesmo com todo esse ganho de espaço no cenário político e empenho em suas propostas renovadoras de crescimento, havia divergências na política educacional entre o Estado e a Igreja, que iam desde a formação religiosa até as exigências financeiras. A Igreja desejava orientar as diretrizes educacionais do país na linha da encíclica *Divini illius Magistri*, de Pio XI, que enfatizava o ensino católico aliado ao Estado, garantindo a fortificação de ambos na formação de um bom cidadão, obediente ao Estado e à Igreja. Colocando-se ao lado do poder dominante, a Igreja procurou se manter em seu *status quo*.

É interessante salientar que esse período, entre 1948 e 1961, em torno das lutas pela implantação da 1ª LDB ganhou tal proporção graças ao art. 5º da Constituição de 1946<sup>51</sup>. Por seu intermédio, a disputa pela implantação das ideologias dos grupos que concorriam em suas posições diferenciadas fortificou-se. Os defensores do ensino privado estavam unidos aos ideais da igreja católica para manterem seus interesses na nova lei. Desejavam, juntamente com a Igreja, garantir a liberdade do ensino no Brasil para sua livre implantação, inclusive com auxílio financeiro do Estado. Afirmavam que *somente a educação cristã era adequada e perfeita, que a educação pertence de modo sobreeminente à Igreja e à família, que ao Estado cabe suprir as deficiências da família, sendo injusto e ilícito o seu monopólio educacional* (BUFFA, 1979, p. 101-102). Garantindo esse discurso a favor da Igreja, os donos de escolas privadas se uniram aos católicos, assegurando supremacia sobre o ensino confessional e particular em detrimento da escola pública. Com relação à postura católica, afirma-nos Lustosa:

Em uma leitura política, é de admirar que, apesar do bom relacionamento entre as instituições civil e eclesiástica (período do governo Juscelino Kubitschek), a Igreja tivesse montado a sua estratégia de defesa da liberdade do ensino (contra a ação monopolizadora do Estado), de defesa da escola particular (contra a

---

<sup>51</sup> Conforme a Constituição dos Estados Unidos do Brasil, promulgada a 18 de setembro de 1946, no Capítulo I, Das disposições preliminares, encontramos: “Art. 5º. Compete à União: (...) XV – legislar sobre: (...) d) diretrizes e bases da educação nacional.” (FÁVERO, 2005, p. 310)

unidade da escola pública), de defesa de equitativa distribuição das verbas públicas para o ensino em geral, apoiando-se não no Executivo direta e explicitamente, mas nos homens do Legislativo, deputados e senadores católicos (padres e leigos) (1991, p. 67).

Dessa forma, fica definido que o Legislativo serviu de mediador para a satisfação das diversas correntes em luta. Foram os *representantes do povo*, conforme salienta Lustosa, que cederam às pressões dos grupos que lutavam por seus interesses, tanto ideológicos quanto financeiros, e que provocaram a movimentação ocorrida pela promulgação da 1ª LDB. Essa disputa ideológica teve como agentes da ação nossos deputados e senadores católicos que pretendiam, em nome da encíclica papal de formação das almas, oferecer o ensino confessional no Brasil, garantindo seu engessamento ao capital público. De forma contrária, pensavam os intelectuais liberais dispostos a fundamentar uma 1ª LDB que garantisse uma escola pública que fosse laica e gratuita, aberta a todos os brasileiros, apenas restringindo a ação católica e dos donos de escolas particulares no tocante que esses não deveriam receber apoio financeiro do governo. Vejamos o que pretendiam esses intelectuais, uma vez que a proposta liberal é apoiada, também, pelos espíritas desde o século XIX em seu ensejo de abertura de escolas gratuitas e leigas para suprir a carência educacional por que o Brasil passava na década de 1950 e também além.

### 3.3.2 Os Liberais

Ao compreendermos o significado e a importância dessas divergências políticas no cenário brasileiro entre 1948 e 1961, compreendemos também a formação desses dois grupos que lutaram por seus interesses na implantação da lei n. 4.024/61: os católicos, atrelados aos donos de escolas privadas, e alguns segmentos liberais, defensores do ensino público. A luta desse segundo grupo visava, sobretudo, à laicidade educacional com gratuidade e queria assegurar o caráter público escolar, justamente para coibir a intenção do grupo católico de monopolizar o ensino, mesmo que fosse por meio do ensino religioso. E, ainda mais, utilizando o dinheiro público para continuar formando a elite minoritária do país em detrimento do povo que estava com baixo índice de instrução e sem escolas. Como também salienta Chaves, (...) o liberalismo luta para preservar esse espaço privado do indivíduo, seja

contra a sua invasão por outros indivíduos, seja contra a sua restrição ou eliminação pelo Estado (2007, p. 8).

Nessa perspectiva, confirma-se a idéia de defesa do bem público por meio do grupo liberal. Para Buffa (1979), esses intelectuais procuravam assegurar o direito à educação pública, gratuita e leiga, para evitar que a exclusão continuasse a ganhar espaço e na tentativa de se aumentarem os números de matrículas e o número de escolas. Suas divergências com os católicos vinham no sentido de não continuar com a tradição de ensino propedêutico, voltado apenas à elite, relegando o ensino profissionalizante às camadas sociais mais carentes. Assim, esses defensores do ensino público subdividiram-se em três grupos em torno das discussões em questão, formando os liberais idealistas, os liberais pragmáticos e os de tendência socialista, como poderemos constatar.

O primeiro grupo, os liberais idealistas, possuía como fundamentação a teoria responsável pela iluminação da pedagogia. Essa ideologia reunia aspectos do liberalismo, da filosofia kantiana e do idealismo alemão em geral. Trata-se, pois, *da idéia de homem e não do homem concretamente existindo em dado contexto histórico* (BUFFA, 1979, p. 99). Assim, era destinada a uma classe dominante em sua caracterização humanística, “desinteressada” e destinada à sociedade como um todo. Para eles, a educação devia garantir a individualização do ser, sua originalidade e autonomia ética.

O segundo grupo, os liberais pragmáticos, estava preocupado com a ação pedagógica. Defendia os interesses práticos do país, levando em consideração a realidade social em que vivia o alunado, preocupando-se, acima de tudo, com a adaptação desse indivíduo a sua realidade. Acreditava que o conhecimento só seria verdadeiro na medida em que fosse útil, chegando ao êxito da eficácia. Esse grupo recebeu influência direta de Dewey, que entende a educação como reconstrução da experiência, não alcançando fins últimos. Para o pragmatismo, ao contrário do idealismo, é levada em conta a realidade social, pois forma o homem para o mundo moderno, utilizando-se do saber prático para uma ação eficiente e produtiva.

O terceiro grupo de liberais fugia aos liberalistas, que enfocam tanto a teoria quanto a prática pedagógica, pois os dois primeiros grupos configuram-se em pólos opostos a ele. Esse grupo é representado por Florestan Fernandes e *defende a escola pública, na medida em que somente esta pode se configurar como um instrumento eficaz na superação do subdesenvolvimento político, econômico, social e cultural em que vivem os brasileiros* (BUFFA, 1979, p. 81). Esse grupo, mais socialista, considerava, em suma, as relações dialéticas com a sociedade, colocando o homem em relação recíproca com o meio, não sendo

ausente nem apenas agente transformador, como queriam os primeiros, mas atuando e recebendo transformações e impactos sociais, podendo ser pelo meio modificado e modificar.

Mas, durante esses trâmites para a implantação da lei n. 4.024/61, as leis orgânicas do ensino estavam em vigor, efetivadas pelo ministro Gustavo Capanema durante o primeiro governo Vargas e o governo transitório. Assim, poderemos observar sua efetivação no interior do Educandário Ituiutabano, tanto na instalação da escola quanto após, em seu funcionamento.

### 3.4 ESTADO, EDUCANDÁRIO E ESPIRITISMO

Vamos acompanhar, durante o período de funcionamento do Educandário, o impacto que as reformas educacionais causaram em seu interior, sob regência das quais essa escola estabeleceu-se e firmou-se no cenário educacional de Ituiutaba. Ao ser inaugurada a instituição, em 1958, o ensino ginásial no Brasil funcionava obedecendo à organização das leis orgânicas do ensino secundário, instituídas por Gustavo Capanema, em 1942. Acompanharemos o impacto dessa lei no desenvolvimento histórico educacional da escola não para constatar sua real implementação, mas com o propósito de analisar o verdadeiro impacto que ela obteve sobre a realidade escolar ou como foi incorporada no contexto do Educandário. Para isso, verificaremos a conjuntura nacional das leis de ensino e a observância dessas leis no interior da instituição, tanto em sua globalidade quanto em sua particularidade, a fim de levantarmos a historicidade da proposta.

As origens das leis orgânicas do ensino secundário se remetem ao resultado da Constituição Federal de 1934 e da de 1937. Na primeira Carta, a de 1934, foi apresentada, primeiramente, a competência privativa da União de traçar as diretrizes do ensino. Essa lei já pretendia implantar um sistema nacional de educação, pois já previa normas e plano nacionais, coordenação e fiscalização, também, em âmbito nacional para formação de um colegiado destinado à elaboração do plano e encaminhamento de solução dos problemas educacionais do Brasil. Houve um plano nacional de educação formulado nesse período, mas que foi inviabilizado por ter saído às vésperas do golpe que instituiu o Estado Novo.

Na Constituição outorgada em 1937, já no Estado Novo, as diretrizes educacionais continuaram garantindo a competência privativa da União, pelo Artigo XV, inciso IX, onde outorgava *fixar as bases e determinar os quadros da educação nacional, traçando as diretrizes a que deve obedecer a formação física, intelectual e moral da infância e da juventude*. E foi assim que as leis orgânicas de ensino, denominadas Reforma Capanema, foram instituídas por uma série de decretos-leis baixados entre 1942 e 1946 (SAVIANI, 1999).

Como o primeiro mandato de Getúlio Vargas compreendeu os anos de 1930 a 1945, parte das leis orgânicas do ensino foram instituídas no governo provisório, pelo ministro Raul Leitão da Cunha. Por meio do decreto-lei n. 4.244, de 9 de abril de 1942, implantou-se a Lei Orgânica do Ensino Secundário, o que regularizou o ensino no país. Essa lei obedeceu aos princípios fundamentais propostos por Capanema, pois os alunos, além de adquirirem uma boa cultura geral, deveriam conquistar consciência patriótica e humanística elevadas, adquirindo acesso aos cursos superiores. O ensino secundário foi reestruturado e subdividido da seguinte maneira:

(...) um primeiro ciclo, que se chamava ginásial, e um segundo ciclo, subdividido em clássico e científico. Assim, pois, este último ciclo, que na reforma Francisco Campos, estivera subdividido em três, passava agora a constituir-se de dois cursos apenas, os quais não apresentavam pelo currículo nenhum caráter de especialização (ROMANELLI, 2005, p. 157).

Com essa nova organização do ensino, o currículo adotado para o ensino ginásial (secundário) auxiliava a consolidação do capitalismo sob a ditadura de Getúlio Vargas, pois fora desenvolvido para a elite, *formando assim as individualidades dirigentes, esclarecidas de sua missão social e patriótica, sendo eles os responsáveis pela missão ideológica desses princípios ao povo* (ZOTTI, 2004, p. 108), ao contrário do ensino profissionalizante, que permitiria a ascensão dos menos favorecidos.

Poderemos observar como essa lei educacional chegou às escolas brasileiras, mas concordando que as especificidades só emergem na integração entre o todo e o particular, sabendo que essa mistura em cada escola deriva de uma interpretação diferenciada, por motivos vários como a própria visão educacional de seus atores, além do contexto regional envolvido. Assim, o curso ginásial do Educandário Ituiutabano, iniciado em 1958, obedeceu ao currículo proposto pelas leis orgânicas do ensino secundário, desde sua instalação até o ano de 1961, enquanto estas estiveram em vigor. E quanto à implantação do curso ginásial pela UMEI, fica subentendido que houve uma escolha quanto à formação social e científica do aluno ituiutabano, pois a escolha desse currículo em detrimento de um profissional destinado às massas carentes aponta uma ruptura com o pensamento político dominante.

Os integrantes da UMEI, com a implantação do curso ginásial do Educandário, fizeram o caminho contrário aos princípios norteadores da educação do Brasil propostos pelo governo Vargas, uma vez que o curso ginásial e seu prosseguimento no secundário eram destinados ao ingresso dos alunos no ensino superior, ou seja, à elite brasileira. Os integrantes da UMEI, principalmente os membros de sua diretoria, eram profissionais liberais, industriais e maçons, dentre outros, e queriam que os alunos continuassem os estudos num nível

superior. Assim, poderemos comparar, conforme a *ata de provas parciais do “Ginásio do Educandário Ituiutabano”*, o currículo proposto por Capanema e o que foi efetivado na instituição de ensino, na opção feita pelos integrantes da UMEI por um curso ginásial:

| Currículo instituído pelas Leis Orgânicas             |             | Currículo adotado no Educandário Ituiutabano          |             |
|-------------------------------------------------------|-------------|-------------------------------------------------------|-------------|
| 1º ciclo do ensino secundário – Ginásial com 4 séries |             | 1º ciclo do ensino secundário – Ginásial com 4 séries |             |
| Disciplinas                                           | Séries      | Disciplinas                                           | Séries      |
| Português                                             | I II III IV | Português                                             | I II III IV |
| Latim                                                 | I II III IV | Latim                                                 | I II III IV |
| Francês                                               | I II III IV | Francês                                               | I II III IV |
| Inglês                                                | II III IV   | Inglês                                                | II III IV   |
| Matemática                                            | I II III IV | Matemática                                            | I II III IV |
| Ciências Naturais                                     | III IV      | Ciências Naturais                                     | III IV      |
| História Geral                                        | I II        | História Geral                                        | III IV      |
| História do Brasil                                    | III IV      | História do Brasil                                    | I IV        |
| Geografia Geral                                       | I II        | Geografia Geral                                       | I II III IV |
| Geografia do Brasil                                   | III IV      | -                                                     | I II III IV |
| Desenho                                               | I II III IV | Desenho                                               | I II        |
| Trabalhos Manuais                                     | I II        | Trabalhos Manuais                                     | I II III IV |
| Canto Orfeônico                                       | I II III IV | Canto Orfeônico                                       | II          |
| -                                                     |             | História da América                                   | III         |
| -                                                     |             | Economia Doméstica                                    |             |

**Quadro 20** - Currículo do ginásio do Educandário Ituiutabano, de 1958 até 1961

Fonte: BRASIL. Leis orgânicas do ensino secundário, 1942. Ata de provas parciais do “ginásio do Educandário Ituiutabano” de 1958 até 1961. Arquivo da 16ª SRE de Ituiutaba/MG.

Observamos que esse currículo, considerado como elitista e de formação geral, foi implantado com pouca diferenciação nas séries, mas com o acréscimo de duas disciplinas oferecidas a mais que o currículo comum propunha: História da América e Economia Doméstica. Como poderemos constatar no item 3.6 deste capítulo, a disciplina Economia Doméstica, mesmo sendo retirada do currículo do Educandário, com a implantação da lei 4.024/61, continuou orientando não só os alunos, como também a comunidade escolar, pois foram ministrados vários cursos extracurriculares aos alunos e seus familiares.

Fizemos uma análise da documentação de abertura do ginásio do Educandário por meio do processo 59.619/58, enviado ao Ministério de Educação e Cultura em 1958, por intermédio da diretoria do ensino secundário, com o objetivo de compreendermos a filosofia e os princípios que norteavam a UMEI e, conseqüentemente, sua influência na origem do Educandário. Os trechos selecionados seguiram uma categoria de tratamento que facilitou a observação, sendo encontrados pontos que integram as questões: 1) educação e Espiritismo: onde se destacam princípios norteadores de uma filosofia espírita cristã, com pontos teóricos e ideológicos mais amplos, capazes de fundamentar a prática educativa na instituição escolar

em questão; e 2) Estado e educação: constatados na intenção e efetivação das leis orgânicas no âmbito interno do Educandário, havendo pontos em comum com as diretrizes da UMEI, como o patriotismo e o nacionalismo. Para montagem desses quadros quanto à questão dos trechos selecionados, é necessário observarmos que, para um mesmo trecho, podemos encontrar mais de uma especificidade que poderia levá-lo a ser classificado num ou noutro aspecto de análise, pois os assuntos estão inter-relacionados, tornando-se difícil sua separação. Assim, consideramos os textos mais significativos para o que pretendemos analisar:

| TEXTO                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               | DESTAQUE                                                                                                                                                                                                                                                      | INDICAÇÃO                                                                                                         |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| “(…) vem indicar como Diretor Responsável pelo funcionamento do Educandário Ituiutabano, o nome do Sr. Ângelo Tibúrcio de Ávila, (…) apresentando-o junto à documentação exigida”.<br>“(…) vem indicar o nome da professora Nair Gomes Muniz, para exercer as funções de secretária no Ginásio do Educandário Ituiutabano (...)”                                                                                                                    | Os cargos de diretor e secretaria da escola, só poderiam ser indicados pelo Conselho Diretor do Educandário, formado por membros da UMEI ou por espíritas.                                                                                                    | Indicação do diretor em 27/3/57 (p. 3)<br>Indicação de secretária em 30/6/57 (p. 6)                               |
| “O Educandário Ituiutabano, como estabelecimento de ensino que é, tem por finalidade precípua o ministrar ensino gratuito às crianças sem recursos (pobres), sem distinções de raça, credo religioso ou político, e sem visar lucros, tudo dentro das normas legais vigentes.”                                                                                                                                                                      | As finalidades sociais e filantrópicas estão explícitas, tanto demonstrando a necessidade educacional da comunidade quanto vigorando os pressupostos espíritas de caridade. Mas também garantem o caráter leigo e democrático da instituição, aberta a todos. | Regimento Interno do Educandário Ituiutabano.<br>II – das finalidades e da manutenção (p. 23)                     |
| “O Educandário Ituiutabano será mantido e dirigido pela União da Mocidade Espírita de Ituiutaba, por meio de um ‘Conselho Diretor’ que será designado e empossado pela Diretoria da União da Mocidade Espírita de Ituiutaba (...)”.                                                                                                                                                                                                                 | O conselho garantiria a vigilância e o contato com as necessidades da escola pela UMEI.                                                                                                                                                                       | Regimento Interno do Educandário Ituiutabano.<br>III – Da administração<br>Art. 3 (p. 23)                         |
| “Só poderão pertencer ao Conselho Diretor pessoas maiores de 21 anos, que gozem de boa reputação social, que tenham no mínimo quarto ano primário e que declararem que aceitam os princípios espiritualistas kardecianos.”                                                                                                                                                                                                                          | Fica demonstrado que os dirigentes do Educandário deveriam ser espíritas, enfatizando a questão conservadora da entidade mantenedora (UMEI).                                                                                                                  | Regimento Interno do Educandário Ituiutabano.<br>III – Da administração.<br>Art. 3 § 6 (p. 24)                    |
| “O Educandário Ituiutabano tem seus fundamentos educacionais erigidos nos fundamentos cristãos e de fraternidade humanas, embora seja leigo quanto a qualquer aspecto de sectarismo.”                                                                                                                                                                                                                                                               | A educação liberal empregada não permite proselitismos no interior da escola, e sim propõe um caráter cristão maior a ser adotado e seguido.                                                                                                                  | Regimento Interno do Educandário Ituiutabano.<br>VII – Da organização (p. 25)                                     |
| “g) Nomear, contratar e demitir Diretor, todo o corpo da Administração, tesouraria, auxiliares, orientador educacional e o corpo docente;<br>h) Discutir os relatórios anuais e balancetes mensais, antes de apresentá-los à aprovação da Diretoria da União da Mocidade Espírita de Ituiutaba;<br>i) As deliberações do Conselho-Diretor serão legais e terão força de execução, quando tomadas pela maioria de seus membros presentes à reunião;” | A autonomia do Conselho Diretor, formado por espíritas e integrantes da UMEI, está definida com atribuições que vão da administração escolar à análise e ao acompanhamento da proposta educacional.                                                           | Regimento Interno do Educandário Ituiutabano.<br>Das atribuições do conselho Diretor.<br>Art. 4º) g ao i. (p. 24) |

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |                                                                                         |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>“O Educandário Ituiutabano manterá, sob regime de externato, para ambos os sexos, os seguintes cursos: a) primário; b) admissão do ginásio; c) ginásio; d) <i>curso de Inglês infantil e superior</i>; e) <i>curso de esperanto</i>; f) <i>curso de datilografia</i>; g) <i>curso de corte e costura</i> [grifo nosso]; regidos cada um pela legislação inerente, quanto a seriação; programa e demais aspectos de sua atividade educacional.”</p> | <p>A formação do caráter cristão espírita está implícita nos cursos extracurriculares que envolveram toda comunidade escolar, principalmente com o ensino do esperanto, língua divulgada pela religião espírita e que também é um dos pressupostos das reuniões para jovens espíritas, presente no estatuto da UMEI.</p> | <p>Regimento Interno do Educandário Ituiutabano.<br/>Da organização (p. 25)</p>         |
| <p>“Art. 28º) Aos alunos é expressamente proibido: (...) j) praticar, dentro ou fora do educandário, ato ofensivo à moral ou aos bons costumes.”</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                  | <p>Os princípios cristãos de boa moral estão presentes como fundamentação de uma boa educação e formação social.</p>                                                                                                                                                                                                     | <p>Regimento Interno do Educandário Ituiutabano.<br/>Do corpo discente (p. 29 e 30)</p> |

#### **Quadro 21 - Relação entre educação e Espiritismo**

Fonte: Documentos que compõem o processo de abertura do curso ginásio do Educandário Ituiutabano, encontrados no Arquivo da 16ª Superintendência Regional de Ensino de Ituiutaba, Minas Gerais. 1957.

Os apontamentos desse quadro encontrarão significação à medida que forem analisados numa perspectiva maior, levando em consideração o que representam os princípios espíritas cristãos presentes no Estatuto da UMEI e que foram transferidos para o Regimento Interno da escola. Assim, a prática educativa da instituição será compreendida em sua totalidade a partir do instante em que for levada em consideração a influência da sociedade que a edificou, da qual é parte. A dialética está presente em toda a documentação disponível, pois os fundamentos espíritas cristãos seguidos pela UMEI foram bem delineados e transferidos ao Regimento Interno do Educandário, reforçando o conceito de que uma filosofia religiosa não é adotada por meio exclusivo de uma disciplina escolar, e sim por todo um referencial de comandos que garantirão o funcionamento da instituição.

Os princípios espíritas estiveram incutidos na documentação de abertura do Educandário mesmo não havendo uma imposição religiosa aos professores e aos alunos. A conjugação dos princípios liberais de educação para todos foi respeitada e mantida como primordial a esse estabelecimento ao oferecer vagas à população carente e a ambos os sexos sem observância de seita. Quesitos estes que reforçam os fundamentos espíritas no interior da escola. A maneira com que alguns princípios espíritas foram incutidos nessa fase de instalação está presente em seu caráter assistencial, que se manteve da construção à manutenção da instituição. Os princípios de caridade difundidos pelo Espiritismo proporcionaram à UMEI um estatuto que lhe garantia a possibilidade da construção de escolas, abrigos e orfanatos, desde que realizados por intermédio de doações e campanhas, o que prosseguiu em seu caráter assistencial na própria manutenção da escola, onde apenas pequenas contribuições da parte de seus alunos poderiam ser cobradas caso houvesse



possibilidade. Esse caráter assistencial estava acima de qualquer norma, pois assegurava uma convivência cristã harmoniosa entre direção, docência e discentes.

Seus pressupostos cristãos são mais realçados na documentação de abertura, mesmo evitado o proselitismo, uma vez que o Espiritismo pretendeu sanar a carência educacional da cidade, acolhendo não só os alunos, mas também a família, com cursos oferecidos à comunidade escolar, como o de corte e costura, garantindo a participação das mães e dos irmãos dos alunos em períodos extraturnos, como veremos no item 3.6 deste capítulo. Os fundamentos assistenciais do Espiritismo fundem-se aqui com um caráter mais liberal, de respeito à liberdade religiosa, política, de crítica e de discussão. Salvo a lei educacional apresentar um caráter mais ditador, o Educandário foi a primeira escola em Ituiutaba a diferenciar-se no sentido de não haver o ensino religioso propriamente instituído como disciplina curricular. Conta um ex-aluno<sup>52</sup> do Educandário que havia estudado antes no Grupo Escolar João Pinheiro:

Sempre fui de família espírita. Era a maior dificuldade na hora de fazer a matrícula na escola, tanto minha como de meus outros 18 irmãos. Na escola João Pinheiro, a professora chegava na sala toda segunda-feira, dia das aulas de Religião, e perguntava: “Quem foi à missa ontem? Fique de pé por favor...” Ai de quem não se levantava, aí começava a sabatina: “Por que você não foi?... Ah, então você não é católico?...” Era uma perseguição que não tinha fim. Os evangélicos e os espíritas, em menor parte, eram perseguidos o tempo todo pela professora de Religião. Dizer que era espírita era sacrilégio e motivo de perseguição para ela. Da mesma forma ela nos argüia sempre querendo saber quem freqüentava o catecismo na igreja e quem tinha feito primeira comunhão. Era uma perseguição aquilo (PASSES, 2008).

Essa fala é importante para compreendermos o que significava uma escola sem ensino religioso em meados dos anos de 1950, com liberdade para toda expressão. Embora a direção da escola fosse formada por representantes da UMEI e do Espiritismo, seu caráter leigo era assegurado nesse sentido, garantindo os princípios liberais para o ensino ministrado. Aqui encontramos uma permuta de ideais com o próprio Espiritismo, que se preocupa fundamentalmente com a formação do espírito imortal e com necessidades de formar um ser integral, dando mais importância a questões como altruísmo, respeito, assistência, criticidade e outras, em vez de proselitismos e da pura instrução escolar. A educação está no indivíduo e em suas conquistas, como fundamenta o Espiritismo, e não na simples aceitação de crenças.

---

<sup>52</sup> PASSES, Éden Luz (2008), reside na Rua 16, nº491, em Ituiutaba, Minas Gerais. É produtor rural, mais voltado à pecuária, e esteve ligado ao Educandário Ituiutabano, nos anos de 1970 até 1972, como aluno, tendo passado pelo Curso de Madureza em anos anteriores. Sua presença foi igualmente ativa em vários outros períodos, por fazer parte da UMEI e estar sempre em contato com a instituição.

Por isso, a importância do trabalho nos pressupostos espíritas, trabalho que transcende o homem em sua libertação puramente material, contribuindo para sua formação e seu crescimento morais, implicando subjetivamente seu crescimento social. Os outros aspectos dessa documentação, como as que mostram a autoridade do Conselho Diretor da UMEI, estarão expressos mais adiante, neste mesmo item.

Continuando a análise, encontramos alguns apontamentos do mesmo processo de abertura que efetivavam as leis orgânicas do ensino secundário em âmbito escolar e que, também, comungavam do ideal da UMEI de valorização da pátria. Vamos dar início a essa análise apresentando, inicialmente, o quadro de apontamentos:

| TEXTO                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    | DESTAQUE e trechos das leis orgânicas                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          | INDICAÇÃO                                                                       |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------|
| “Conforme parágrafo 2 do artigo n. 125 da Lei Orgânica do Ensino Secundário e Legislação Complementar, a União da Mocidade Espírita de Ituiutaba, aqui representada pelo seu Presidente, vem indicar como Diretor responsável pelo funcionamento do ‘Educandário Ituiutabano’, o nome do Sr. Ângelo Tibúrcio de Ávila, professor, farmacêutico, químico, oficial R/2 do Exército Nacional, apresentando-o junto à documentação exigida.” | Aqui há a efetivação do trabalho do diretor e confirmação de sua autoridade, conforme a lei educacional: “CAPÍTULO IV - DA ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR - Art. 77. A administração de cada estabelecimento de ensino secundário estará enfeixada na autoridade do diretor, que presidirá ao funcionamento dos serviços escolares, ao trabalho dos professores, às atividades dos alunos e às relações da comunidade escolar com a vida exterior, velando por que regularmente se cumpra, no âmbito de sua ação, a ordem educacional vigente no país”.                                                                 | Indicação de diretor (p. 3)                                                     |
| “Art. 24º): - É vedado ao professor: (...) e):- servir-se da cátedra para pregar doutrinas contrárias aos interesses nacionais ou para insuflar nos alunos, clara ou disfarçadamente, atitudes de indisciplina ou agitação.”                                                                                                                                                                                                             | De um lado, as leis orgânicas garantiam uma abertura à educação moral e cívica, principalmente quanto à aprendizagem da história e da geografia para a formação patriótica do jovem. Mas conferimos aqui o cuidado com <i>doutrinas contrárias</i> no âmbito escolar, não permitindo um regime educativo livre quanto ao conhecimento.                                                                                                                                                                                                                                                                         | Regimento Interno do Educandário Ituiutabano. Do corpo docente (p. 28)          |
| “Art. 25º): - Compete ao Orientador educacional: (...) j):- promover, com o Diretor, comemorações cívicas e solenidades escolares, como parte integrante do processo educativo geral;” (Figura 09 abaixo)                                                                                                                                                                                                                                | O discurso patriótico está implícito em vários artigos da lei, como em várias partes e atribuições de funcionários, no processo de abertura: “TÍTULO I - DAS BASES DE ORGANIZAÇÃO DO ENSINO SECUNDÁRIO - CAPÍTULO I - DAS FINALIDADES DO ENSINO SECUNDÁRIO: 2. Acentuar a elevar, na formação espiritual dos adolescentes, a consciência patriótica e a consciência humanística”. E, no Educandário, o orientador era responsável pelo grêmio estudantil, que até 1960 cumpria bem esse artigo, elevando a consciência patriótica por meio das comemorações cívicas, do canto do hino e dos “vivas” ao Brasil. | Regimento Interno do Educandário Ituiutabano. Da orientação educacional (p. 29) |

|                                                                                                                                                                                               |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |                                                                         |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------|
| “Art. 26º): - o corpo discente (...) i) levantar-se, em classe, à entrada e à saída do professor, do Diretor, de autoridades do ensino ou visitantes; j) comparecer às comemorações cívicas;” | Tentativa, na lei, de se formar uma juventude brasileira, como a juventude hitlerista, na Alemanha, assegurando princípios comuns de fascismo no Brasil: “CAPÍTULO VII DA EDUCAÇÃO MORAL E CÍVICA: Art. 24) § 3º Formar-se-á a consciência patriótica de modo especial pela fiel execução do serviço cívico próprio do Juventude Brasileira, na conformidade de suas prescrições”.                                                                                                                                                                                                 | Regimento Interno do Educandário Ituiutabano. Do corpo discente (p. 29) |
| “Art. 1º) d) – Promover a educação cívica de seus associados ou afeiçoados, inspirada num sadio patriotismo.” (Figura 10 abaixo)                                                              | Os pressupostos patrióticos e cívicos realçados nas leis orgânicas, também, garantiam alguns princípios espíritas de nacionalismo e amor à pátria.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 | Estatuto da UMEI Da União e seus fins (p. 19)                           |
| “Art. 1º) e) – Construir educandários, asilos, Escolas e outras organizações de caráter benemérito (...).”                                                                                    | A UMEI encontrou nas, leis orgânicas, respaldo e liberdade para fundar um curso ginásial: “TÍTULO V - DA ORGANIZAÇÃO ESCOLAR CAPÍTULO I - DO ENSINO OFICIAL E DO ENSINO LIVRE: Art. 69. O ensino secundário será ministrado pelos poderes públicos, e é livre à iniciativa particular. Art. 70. As pessoas naturais e as pessoas jurídicas de direito privado, que mantenham estabelecimento de ensino secundário, são consideradas como no desempenho de função de caráter público. Cabem-lhes em matéria educativa os deveres e responsabilidades inerentes ao serviço público”. | Estatuto da UMEI Da União e seus fins (p. 19)                           |
| Elaboração de um regimento interno do Educandário Ituiutabano para o curso Ginásial.                                                                                                          | Obedeceu ao disposto na lei: “CAPÍTULO VIII - DO REGIMENTO: Art. 85. Cada estabelecimento de ensino secundário terá um regimento destinado a definir de modo especial a sua organização e a sua vida escolar, e bem assim o seu regime disciplinar”.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               | Regimento interno (p. 23 até 32)                                        |
| A própria implantação do curso ginásial em detrimento de um profissionalizante pela UMEI demonstrava um caráter mais propedêutico, visando a novos horizontes ao aluno pobre da cidade.       | “TÍTULO I - DAS BASES DE ORGANIZAÇÃO DO ENSINO SECUNDÁRIO - CAPÍTULO I - DAS FINALIDADES DO ENSINO SECUNDÁRIO: 3. Dar preparação intelectual geral que possa servir de base a estudos mais elevados de formação especial.”                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |                                                                         |
| Os exames de admissão obedeciam integralmente às leis orgânicas.                                                                                                                              | Estavam fundamentados em: “CAPÍTULO VI DOS EXAMES DE ADMISSÃO: Art. 34. Os exames de admissão poderão ser realizados em duas épocas, uma em dezembro e outra em fevereiro”.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |                                                                         |

#### **Quadro 22 - Relação entre Estado e educação**

Fonte: Documentos que compõem o processo de abertura do curso ginásial do Educandário Ituiutabano, encontrados no Arquivo da 16ª Superintendência Regional de Ensino de Ituiutaba, Minas Gerais. 1957. BRASIL. Leis Orgânicas do Ensino Secundário, 1942.



**Figura 9** - A bandeira, um dos símbolos do nacionalismo e do patriotismo que as leis orgânicas do ensino enfocavam, já nasceu com o Educandário. Foi desenhada por Ângelo Tibúrcio D'avila, primeiro diretor do Educandário Ituiutabano, em ata da UMEI, 1957.  
Fonte: Acervo particular de Maria Gertrudes Coelho Maluf.



**Figura 10** - Nas comemorações solenes do Educandário, tais quais as formaturas, a bandeira da escola estampava sempre o ambiente, no Auditório. Mostra da Influência da tradição patriótica herdada do Estado Novo. 1964.

Fonte: coleção particular de Sônia Laterza Muniz.

Numa perspectiva mais abrangente, conseguimos unir nesse quadro alguns elementos componentes da documentação de abertura da escola e trechos das leis orgânicas do ensino secundário com algumas anotações. O caráter patriótico e nacionalista dessas leis permeia a documentação de abertura do Educandário, principalmente os documentos relacionados com as disciplinas História e Geografia, mas também estão incutidos no trabalho pedagógico efetuado pela equipe docente e discente. Ela destaca, ainda, o caráter específico dessas leis, a formação geral e humanística dos alunos na compreensão dos problemas e das missões de sua pátria, “garantindo a sua independência, a sua ordem e destino”, como mencionou Gustavo Capanema no ato de sua promulgação (apud ROMANELLI, 2005), onde vemos destacados esses princípios logo no início da Carta.

As leis orgânicas, segundo Romanelli, não fizeram mais que reforçar a tradição do caráter acadêmico, propedêutico e aristocrático do ensino brasileiro, pois, conforme o Quadro 20, de disciplinas oferecidas, verificamos que essa modalidade de ensino garantia acesso apenas aos cursos de graduação. O que confere com o perfil liberal da UMEI, que procurava oferecer uma oportunidade de acesso aos alunos carentes da cidade, formando os profissionais do futuro. Os objetivos do ensino secundário sofreram grande pressão das camadas mais populares, não só em Ituiutaba, mas em todo o país:

(...) pela pressão dessa demanda que compeliu o sistema a abrir um pouco mais suas portas, tanto à classe média emergente quanto às parcelas das camadas populares que começavam a ver no ensino secundário uma forma de ascensão social ou uma forma de acrescentar prestígio ao seu *status*. Foi esse detalhe que acabou criando, posteriormente, os “impasses” na educação e obrigando o Governo a várias tentativas de reformulação do ensino, quase sempre infrutíferas, devido ao jogo antagônico dos interesses representados no poder (ROMANELLI, 2005, p. 158 e 159).

Por esse motivo, o caráter fascista da lei educacional, expressamente incluso nessa tentativa de ensino propedêutico e garantindo a continuidade das lideranças por meio desses princípios norteadores de civismo e nacionalismo, não atingiu grande alcance. A tentativa de transferência do serviço militar para dentro da escola, com normas fixadas pelo Ministério da Guerra, a formação da juventude brasileira (como as juventudes nazista e fascista, da Alemanha e da Itália) e o reforço dentro da educação moral e cívica tentaram definir, claramente, um modelo fascista de educação na tentativa de se formarem novos líderes. Mas, com as pressões das camadas mais carentes e emergentes, o ensino secundário não pôde cumprir sua função de atender apenas à elite, garantindo outras funções e reformas.

Mas, no próprio Estatuto da UMEI, há preocupação com a formação cívica de seus *integrantes* ou *afeiçoados*, o que denota uma preocupação nacionalista de seus fundadores e revela um novo caráter, que encontrou apoio nas leis orgânicas para parte de seu desenvolvimento.



**Figura 11** - Formatura do Educandário no Cine Ituiutaba, em 1967. A Bandeira Nacional e a fanfarra mostram os valores na exteriorização da escola.

Fonte:Acervo da Creche Espírita Josefina de Magalhães.

Também o Espiritismo, em sua continuação no Brasil, principalmente com a obra de Francisco Cândido Xavier, revela uma missão específica para o país; não a de formar líderes elitistas, como salientavam as leis orgânicas, mas uma missão de condução espiritual. Escreveu Chico Xavier, em 1938:

Humboldt, visitando o vale extenso do Amazonas, exclamou, extasiado, que ali se encontrava o celeiro do mundo. O grande cientista asseverou uma grande verdade: precisamos, porém, desdobrá-la, estendendo-a do seu sentido econômico à sua significação espiritual. O Brasil não está somente destinado a suprir as necessidades materiais dos povos mais pobres do

planeta, mas, também, a facultar ao mundo inteiro uma expressão consoladora de crença e de fé raciocinada e a ser o maior celeiro de claridades espirituais do orbe inteiro (XAVIER, 1999, p. 14).

Baseados nesse livro, chamado *Brasil, coração do mundo, pátria do Evangelho*, os espíritas consideram o Brasil com a missão de evangelizar. Como poderemos constatar abaixo, esses ideais patrióticos e mais nacionalistas estavam incutidos no Estatuto da UMEI, mas seu sentido para os espíritas estava muito mais em evangelizar o Brasil do que formar líderes políticos e econômicos, como propunha Vargas. A UMEI, ao fundar o Educandário, cumpria com seu papel social e religioso, pois cumpria, no desenvolvimento de seu projeto educacional, com todos esses pressupostos. O que denota uma singularidade que ia ao encontro do projeto do governo para a educação.

### 3.5 A PRESENÇA DA UMEI NO EDUCANDÁRIO

A UMEI foi fundada em 5 de maio de 1947, por um grupo de jovens cuja idade variava de 15 a 20 anos. Seu primeiro presidente, Germano Laterza, contava então com 15 anos. Os jovens que compunham o grupo freqüentavam alguns dos centros espíritas já espalhados por Ituiutaba, mas necessitavam de um espaço próprio a fim de desenvolverem os projetos assistenciais e educacionais a que se pretendiam desde a formação. O Centro Espírita Eurípedes Barsanulfo, primeiro centro fundado na cidade, em 1938, abriu as portas para receber as reuniões entusiásticas dos jovens da UMEI. Apesar de esta possuir diretoria própria, ficava subordinada à diretoria do Centro Espírita Eurípedes Barsanulfo e às orientações do senhor Vergílio Pereira de Almeida, membro representante da União Espírita Mineira, de Belo Horizonte, que se encontrava em Ituiutaba por ser inspetor do Banco do Brasil.

Ao que parece, o caráter das reuniões da UMEI era inovador, pois, além dos estudos sobre o Espiritismo, estudavam esperanto, dedicavam-se às práticas assistenciais nos bairros carentes da cidade e, sobretudo, a apresentações teatrais, à recitação de poemas espíritas da lavra de Francisco Cândido Xavier e ao canto. O objetivo principal das apresentações artísticas, além do entretenimento e da própria evangelização por meio da arte, era contagiar os amigos que não freqüentavam as reuniões e conquistar novos jovens que pudessem vir acrescentar ao grupo. Como vemos:

Procuravam atrair as pessoas para o Centro Espírita, através do teatro amador. Por exemplo, Odemério Pedro da Silva escreveu uma peça teatral intitulada “O porquê dos acontecimentos” – história de um brilhante advogado que, após sua ascensão pela vida, decaiu, quando começou a usar mal a sua inteligência, tornando-se presa fácil de hábeis obsessores, perdendo o mérito de sua encarnação. Eram temas simples de cunho espiritualista e evangelizador (MALUF, 1992, p. 151).

Os jovens da UMEI não se limitavam aos trabalhos no centro; promoviam saraus literários, festas comemorativas na casa dos integrantes, pequenas excursões a fazendas próximas, onde realizavam gincanas, jogos, piqueniques, estudos doutrinários, e visitas mais distantes, como ao médium Francisco Cândido Xavier, mesmo que em grupos menores. Mas esses jovens inovaram dentro do próprio movimento espírita ituiutabano, enfrentando problemas com a direção do Centro Espírita Eurípedes Barsanulfo ao desejarem prosseguir com as peças teatrais e o desejo de comprar um alto-falante, necessário para o teatro e as palestras, pois o salão do centro espírita ficava lotado. O desagrado do presidente do centro ficou claro, e os jovens decidiram se mudar. Foram convidados, pela diretoria do Centro Espírita Amor Fraterno, a continuarem seu trabalho nessa outra instituição<sup>53</sup>.

O estatuto da UMEI só foi registrado em 1955, e nele encontramos, em seus fins, tanto uma compilação das ações que vinham desenvolvendo quanto alguns fatores novos, tais como:

- a) – Promover a propaganda e difusão da doutrina espírita, pela palavra falada, escrita, imprensa, rádio, etc.
- b) – Promover estudos teóricos, práticos e científicos da doutrina espírita e o estudo comparativo das doutrinas análogas.
- c) – Organizar reuniões sociais e recreativas.
- d) – Promover a educação cívica de seus associados ou afeiçoados, inspirada num sadio patriotismo.
- e) – Construir Educandários, asilos, Escolas e outras organizações de caráter benemérito educacional, que tenham por normas os princípios puramente cristãos, e isto através de campanhas filantrópicas, doações angariadas ou qualquer meio de renda lícita (ESTATUTO DA UNIÃO DA MOCIDADE ESPÍRITA DE ITUIUTABA, 1955, p. 2).

Esses fins, contidos no Estatuto da UMEI, fundamentaram o trabalho de fundação e orientação do Educandário Ituiutabano desde a instituição de seu Regimento Interno. Como podemos constatar, com relação aos itens “a” e “b”, mesmo a escola não promovendo a propaganda e o estudo do Espiritismo, os princípios espíritas direcionavam a instituição,

---

<sup>53</sup> Todas as atas da UMEI foram descartadas, ficando apenas uma análise feita pela espírita e memorialista Maluf (1992).



principalmente no tocante aos aspectos do Conselho Diretor, enfocado pelo Regimento Interno; aqui também podemos observar o item “e” que diz que serão transferidos os princípios “puramente cristãos” às instituições fundadas e não os princípios espíritas. O conselho do Educandário Ituiutabano estava acima da própria diretoria da instituição; só poderia ser composto por membros pertencentes à UMEI e espíritas, de onde viria a indicação para o cargo de diretor e secretário da escola. Aqui, também o item “e” estava em vigor. A ação do conselho, no âmbito interno da instituição, garantia um caráter mais conservador e segregacionista a ela, pois fazia cumprir o Regimento Interno para ocupação dos cargos de diretor e secretário; dessa forma, garantia que fossem ocupados só por espíritas. Foi a forma encontrada para não permitir a entrada de líderes contrários à identidade religiosa dos fundadores da instituição, assegurando que o projeto da UMEI continuasse a ser executado.

Encontramos, nas entrevistas com ex-membros do conselho, que no início das atividades do colégio, padres católicos estiveram por algum tempo vislumbrando a idéia de se ministrar a catequese católica; e que outros líderes educacionais e políticos da cidade desejaram a direção da instituição, na tentativa de transferirem o prédio para o estado, distribuindo cargos que seriam nomeados, acabando com o corpo docente voluntariado e, conseqüentemente, com a ideologia difundida. Assim, a direção da instituição iniciava-se no Conselho Diretor, ou “olho” da UMEI, que possuía total poder administrativo e pedagógico. O conselho indicava os cargos de diretor escolar e secretária, ficando a direção da escola composta só por espíritas. A intenção com esse ato era manter a escola sem o ensino religioso instituído como disciplina curricular.

Mas constatamos que não interferissem no projeto da UMEI poderiam colaborar junto ao Conselho. O farmacêutico e maçom João Damasceno<sup>54</sup> foi tesoureiro da UMEI no período de construção do Educandário, entre 1954 e 1958, sem nunca freqüentar as reuniões dos jovens da UMEI. Foi respeitado e juntou-se ao grupo por amizade aos irmãos de maçonaria, principalmente Germano Laterza, presidente da UMEI. Após a inauguração, continuou, durante os 20 anos de funcionamento do Educandário, fazendo parte do Conselho Diretor, que, segundo ele, influenciava fortemente e estava muito presente nas decisões, principalmente nas questões de ordem administrativa, como as campanhas para término da escola, reformas e manutenções diversas (DAMACENO, 2006), ficando as questões pedagógicas nas mãos de Paulo dos Santos, o

---

<sup>54</sup> DAMACENO, João Batista (2006) nasceu em Frutal, Minas Gerais, em 18 de dezembro de 1914. Fez o curso de Farmácia na faculdade que originou a UFMG, em Belo Horizonte, e trabalhou em várias cidades do país até se instalar em Ituiutaba. Católico por formação e maçom, foi tesoureiro da diretoria da UMEI que construiu o Educandário Ituiutabano, sendo convidado pelo presidente Germano Laterza. Também fez parte do Conselho Diretor que permaneceu na instituição. Reside atualmente na rua 24, 1.377, em Ituiutaba, e é farmacêutico aposentado (2006)

diretor. Este membro do conselho só foi aceito por ser favorável a causa espírita e por não ameaçar o projeto da UMEI, principalmente quanto ao ensino religioso.

Nessa intenção do Conselho Diretor, encontramos a coerência em garantir liberdade de religião dentro da escola permeando o projeto da UMEI com mais um princípio de sua filosofia interna. Muito mais que assegurar a implantação de uma escola confessional espírita, mantendo o próprio conservadorismo, o conselho garantiu um caráter mais livre para a instituição, acolhendo jovens de todas as religiões. Naturalmente, essa abertura também garantiu mais liberdade a outros caracteres, como o político, o de crítica e o de discussão, garantindo uma educação de vanguarda na escola em alguns pontos e contrastando com a educação confessional destinada a outras instituições de ensino locais. Esse senso mais democrático possuiu seu alicerce nesses princípios igualmente. Veremos que, a partir da ação do Conselho Diretor, a questão da liberdade e democracia no ensino permeou as práticas e a condução do Educandário.

Esse aspecto, fundamentado pelo conselho, não permitiu sequer a adoção da disciplina Religião no curso Ginásial, não estando esta registrada em seu currículo. O Conselho Diretor do Educandário foi contra o capítulo III das leis orgânicas do ensino secundário, que afirmava, no Art. 21, que o ensino de religião constitui parte integrante da educação da adolescência, sendo lícito aos estabelecimentos de ensino secundário incluí-lo nos estudos do primeiro e do segundo ciclo (BRASIL, 1942) e, em parágrafo único, explicitava que os programas de ensino de religião e o seu regime didático seriam fixados pela autoridade eclesiástica (BRASIL, 1942). A promessa feita, nos jornais locais, foi cumprida, e nenhuma forma de ensino religioso foi ministrada naquela escola.

Mas é necessário levarmos em consideração que o Conselho Diretor esteve amparado pela Constituição de 1946, que já não enfatizava mais o ensino religioso, que deixou de ser obrigatório. A Constituição já expressava certa liberdade na possibilidade de ministrá-lo ou não. O texto redigido no Artigo 168, V, apresentou o seguinte tópico: *o ensino religioso constitui disciplina dos horários das escolas oficiais, de matrícula facultativa e será ministrado de acordo com a confissão religiosa do aluno, manifestada por ele, se for capaz, ou pelo seu representante legal ou responsável* (BRASIL, 1946). Pelas entrevistas com ex-professores, ex-funcionários e ex-alunos do Educandário, concluímos que nunca houve aulas de ensino religioso durante os anos de funcionamento do Educandário<sup>55</sup>.

---

<sup>55</sup> O ponto mais polêmico no debate educacional da Constituição de 1946 foi a questão do ensino religioso: “A liga eleitoral católica (LEC), como em 1934, formulou um programa cuja aceitação era condição para o apoio católico aos candidatos. De seus dez pontos, quatro eram prioritários, o ensino religioso nas escolas públicas, a

Quanto ao item “c” dos fins da UMEI, que tratavam do *aspecto social e recreativo* da instituição, vemos que esses fins orientaram muitas práticas educativas no Educandário no tocante às artes e às aulas-passeio, práticas muito difundidas pelo professor Paulo dos Santos. Começaram com a fundamentação do Grêmio Littero-musical Bernardo de Guimarães. Mesmo tendo suas reuniões transformadas (de um grêmio de caráter mais nacionalista, em voga no momento de sua implantação, em 1958, passou a um grêmio mais atuante nos problemas da escola e da comunidade, já sob a influência de Paulo dos Santos, a partir de 1960), o grêmio recebeu influência dos jovens da UMEI quanto à arte e recreação: declamações, formação de coral, montagem de peças teatrais de autoria dos próprios alunos, tudo isso continuou a existir no interior do Educandário, principalmente pelo fato de o orientador do grêmio ser Germano Laterza, fundador da UMEI, seu presidente e principal fundador do Educandário.

O anfiteatro ou auditório era o ponto central para o desenvolvimento das atividades do grêmio e de todas as atividades festivas e extracurriculares do Educandário. Criou-se, no imaginário dos alunos, grande respeito pela importância que aquele lugar representava, tornando-se o coração da instituição. Podemos ver isso nas memórias de uma ex-aluna:

Final de semana, ele [professor Paulo dos Santos] deixava a gente fazer brincadeiras dançantes no anfiteatro. (...) Era legal demais, o povo da cidade ia para dançar, e nós alunos preparávamos o “auditório” com declamação de poesias, cantos e outros, fazíamos um “auditório” muito bom. Também havia muita palestra lá. O anfiteatro era aproveitado para eventos como as formaturas. Na época que o Chico Xavier esteve aqui em Ituiutaba, a sua palestra foi lá. O anfiteatro era muito grande, possuía muitas cadeiras, um palco elevado... Eram muito bonitas as cortinas. O auditório era muito importante; era o auditório! (CLAUDINO, 2008).

---

equiparação do casamento civil ao religioso, a indissociabilidade do matrimônio e a assistência religiosa em quartéis, presídios e hospitais”. No âmbito educacional, o debate católico foi vencido, e os alunos puderam escolher qual ensino religioso gostariam que lhes fosse ministrado, e isso além do horário (OLIVEIRA, 2005).



**Figura 12** - Auditório lotado durante a visita de Francisco Cândido Xavier à COMMETRIM (Confraternização das Mocidades e Madurezas Espíritas do Triângulo Mineiro), realizada no Educandário, em Ituiutaba. 1973.

Fonte: Acervo particular de Jerônima Alves dos Santos Machado.



**Figura 13** - No detalhe do Auditório foto da Inspetora Federal do Ensino Izabel Bueno. 1973.

Fonte: Acervo particular de Jerônima Alves dos Santos Machado.

O auditório era o centro das festividades do Educandário: reuniões, palestras, shows e festejos. Era o lugar que acolhia todas as manifestações. Aliás, a cidade não oferecia um espaço para manifestações de estudantes; havia apenas um clube que possuía salão de festas. Na ocasião das figuras 12 e 13 a única visita do médium Francisco Cândido Xavier a

Ituiutaba, durante a realização da COMMETRIM. A Inspetora Federal Izabel Bueno, espírita, veio participar e conhecer a escola. O Auditório era usado pelos alunos mas também utilizado pela comunidade, fosse ela espírita ou não, pois pela falta de espaços na cidade era um salão que oferecia recurso para a época.

O desenvolvimento do projeto da UMEI para o Educandário foi efetivado na parte pedagógica, como vimos no capítulo 2, pelo professor Paulo dos Santos. E encontramos, na tentativa de reconstrução desse projeto, muitas semelhanças com o método intuitivo de ensino já previsto em Minas Gerais desde 1911, por meio do decreto n. 3.191. Sobre o projeto educacional da UMEI e Paulo dos Santos, vejamos:

O Paulo era atuante demais da conta e se dedicava inteiramente à direção da escola, não descuidava da disciplina, da parte didática, da parte dos conhecimentos gerais, da música – a escola possuía fanfarra e até um coral. O coral ficava por conta da professora de Canto Orfeônico e o teatro, por conta do grêmio. Havia sempre um grupo de teatro fazendo algumas montagens. Eu estava um pouco afastado do grêmio, mas me lembro de algumas peças, peças pequenas que envolviam ecologia, meio ambiente, sentimentos morais, sobre a história; eles participavam intensamente. Essas comemorações eram na escola mesmo, nos dias das comemorações e festas. Tudo funcionava no auditório, que foi construído para isso, até show de rock foi apresentado em fim de semana, muitas pessoas foram participar desse festival de rock. Uma coisa bem montada, já aperfeiçoada para a época, na década de [19]60. E a diversão era pequena em Ituiutaba e na região: tirando o cinema, não tinha aonde ir, então tinha que aproveitar a escola para ser o meio de comunicação, o meio de instrução, o meio de informações para os jovens daquela época (FRATARI, 2007).

A fala do ex-professor evidencia que a integração promovida no Educandário, além de reforçar a filosofia da UMEI, era utilizada por Paulo dos Santos para educar, socializar, despertar nos alunos sentimentos de integração e, sobretudo, apontar a escola como lugar/espço de convivências e vivências. A escola passou a ser referência para os alunos, a maioria carentes, incluídos nela, que lá encontravam a oportunidade de desenvolvimento cognitivo e social, haja vista que a pequena Ituiutaba não oferecia recursos nas áreas da cultura, do esporte nem na educação. Continua o ex-professor:

Os alunos ficavam os três períodos na escola. Iam para lá para praticar esportes, formação do time de futebol de salão campeão da cidade. Também para o ensaio da banda marcial, que era concorridíssima, porque todo mundo queria fazer parte da banda, para sair da cidade, nas viagens para os concursos e apresentações, para tocar os hinos marciais. A professora de música, Ana Rosa, vinda de Uberaba, influenciava demais na ornamentação, nos cartazes, nas acrobacias que se faziam e treinavam na escola, enfocando o verde, que era a cor predominante, a capa verde da fanfarra era colocada pelos alunos ao sair para o desfile. As bicicletas todas

com aros enfeitados, colocados previamente ali para fazer o desfile. A população gostava demais das apresentações do Educandário, porque eram coisas assim, que lembravam o circo [risos], chamavam a atenção e era mais bonito que as escolas particulares (FRATARI, 2007).



**Figura 14** - A fanfarra com sua capa verde era símbolo de representação da escola na cidade e nas regiões, juntamente com os malabarismos realizados pelos alunos nos desfiles. 1962.  
Fonte: Acervo particular de Maria Gertrudes Coelho Maluf.



**Figura 15** - Para mostrar a inovação na fanfarra, este é apenas o bloco das flautistas que a compunha, pois, a partir desse ano, o Educandário foi a primeira escola a introduzir músicas em lugar dos tradicionais repiques, sendo a fanfarra campeã no desfile. 1960.  
Fonte: Acervo de Regina Marques.



**Figura 16** - Aqui, outra inovação na fanfarra: a vinda de alunos do Colégio Diocesano de Uberaba, que vinham num intercâmbio estudantil, desfilar junto com o Educandário. 1964.  
Fonte: Acervo de Regina Marques.

Mesmo com o saudosismo do entrevistado, comum a alunos e professores ao se recordarem, na fala e nas fotos podemos observar outros traços do cotidiano daquela instituição escolar, que, em períodos extraturno, funcionava com variadas atividades implementadas pelo professor Paulo, sempre auxiliado pela professora de Canto Orfeônico Ana Rosa e pelos alunos que lideravam cada frente de trabalho. Havia ali formação de times de futebol de salão e a fanfarra, projetos concorridos, principalmente pelas viagens que faziam nos torneios e apresentações na região, Uberaba/MG e Goiânia/GO. E também o recebimento de alunos de outras cidades em dias festivos, como nas paradas de Sete de Setembro. Os alunos que estudavam no período diurno faziam essa movimentação durante a semana, pois os alunos do noturno estavam empregados durante o dia. Mas esses últimos, também, participavam dos jogos, da fanfarra, dos desfiles, das festas e dos grupos de arte durante fins de semana, não permitindo que a escola fechasse. O Educandário era referência, também, no lazer.

Além dessas atividades, funcionou, em sua sede, um minizoológico, como foi chamado por uma de suas ex-alunas, que assim o descreve:

Ah, o minijardim zoológico era um sucesso, era o nosso xodozinho! O jardim zoológico era pequeno, tinha um tanque de água no meio, e o resto era todo cercado de grama verdinha. Lá ficava o macaco Chico, que era o encanto de todo mundo. Ficava uma garça, um dia essa garça bateu asas e voou. Tinha muito coelhinho, começou com dois casais, e eles foram reproduzindo e viraram muitos coelhos. Tinha também duas lebres de orelha comprida. E tinha um aquário muito bonito e dentro desse aquário tinha muita pirâmide do Egito, com busto dos faraós, era muito bonito. Um aquário bem grande. Os animais eram levados pelos próprios alunos também (ALECRIM, 2007).

Conta-nos, a ex-aluna, que o professor Paulo aproveitava para fazer breves explicações, levando sua sala para observar aqueles animais, que não tardaram a ser devolvidos para a natureza. Também recorda as aulas-passeio que o professor Paulo promovia, para conhecer os pontos mais bonitos da mata que cercava a cidade, as cachoeiras e as serras. As aulas-passeio ou piqueniques, como eram chamadas, não eram apenas visitas aleatórias, mas faziam parte das aulas, e tudo era muito bem explicado. Assim se recorda:

Quando era para estudar os vegetais, a água, ele [o professor Paulo] fazia piquenique conosco. Uma vez, nós fomos, saímos de manhã e caminhamos em direção ao Estande, que é aquela serra muito utilizada pelo Tiro de Guerra e ainda em mais duas para frente. Chegamos em casa já estava escurecendo, pois fizemos um percurso muito grande. A gente levava lanche. Os piqueniques eram para estudar o meio ambiente. A gente observava o cerrado e as nascentes de água. E comparando o que a gente



observou naquela época com o que a gente vê hoje, dá vontade de chorar. Esses tempos eu saí com uma excursão da escola e eu corri às margens do São Lourenço, que também foi um dos lugares onde ele fez piquenique com a gente. As cachoeirinhas não existem mais. Os córregos onde a gente andava de canoa, faziam umas canoas de tronco de árvore; hoje a água não molha o tornozelo. Então, assim, a destruição está muito grande, comparando com o que nós observamos. O que mais a gente colheu e comeu nesses piqueniques era o veludinho vermelho e branco, que dava assim, que você não sabia qual é que pegava primeiro. Hoje, nesse percurso que eu fiz com dois ônibus de excursão, nós não achamos mais nenhum pé de veludo branco, nenhum pé de veludo vermelho... e as nascentes de água também não têm mais... secou tudo... e o desmatamento... acabou com muita coisa (ALECRIM, 2007).



**Figura 17** - Prática influenciada pela UMEI, aqui um grupo de alunos se preparando para um piquenique. Pelos chapéus, maleta com alimentação e brinquedos, constata-se que as caminhadas eram longas até os recantos e as serras. Apesar da alegria no rosto, um clima disciplinado na foto dos adolescentes. 1962.

Fonte: Coleção particular de Nauri Sônia Melo Claudino.

Aqui, encontramos aspectos importantes da prática dos passeios ou dos piqueniques, como ficaram conhecidos. A relevância ecológica era tratada de forma enfática nessas visitas, com observação das nascentes de água, do cerrado do Pontal do Triângulo Mineiro e das espécies nativas de plantas. A mesma prática foi ainda utilizada na atualidade pela ex-aluna, que se tornou professora. Mas com o diferencial de que hoje se vê pouco do muito que se viu um dia. A comparação da ex-aluna tornou-se uma reflexão sobre o cerrado do Pontal do

Triângulo Mineiro, que está entrando em extinção na atualidade, principalmente pelo acelerado plantio de cana-de-açúcar.



**Figura 18** - Aqui, um grupo maior se prepara no interior da escola para aula-passeio ou piquenique. Os mesmos cuidados com chapéu, lanches e brinquedos. Também o mesmo clima disciplinado entre os alunos. 1964.

Fonte: Coleção particular de Nauri Sônia Melo Claudino.

Outros entrevistados ressaltaram a aprendizagem realizada nesses piqueniques com relação ao cuidado com o corpo. Por caminharem muitos quilômetros por estradas e dentro da mata, para chegarem a rios, nascentes e serras, o professor Paulo fazia um aquecimento corporal antes da caminhada, verificando com cuidado se todos estavam fisicamente preparados. Ao chegar, após breve exploração do ambiente, todos se assentavam, e o professor Paulo passava à aula de botânica, também às explanações práticas sobre insetos, animais e solos. Os alunos apreendiam os conhecimentos na prática, na observação e na coleta de espécies, pois, ao chegarem, apresentavam seus trabalhos em forma de exposições. Sobre a preparação dessas aulas-passeio, encontramos de outra ex-aluna:

Os piqueniques não eram com tanta frequência, não! Era mais quando tinha um motivo. Por exemplo, uma vez se falava muito sobre o “corpo seco”, então o professor Paulo falou assim: “Quem topa ir lá, ver se acha mesmo esse corpo seco?”. Porque era tudo mentira, não tinha nada lá em cima, era só imaginação. E aí a gente ia. Íamos a fazendas dos outros, e às vezes também ele ia com muita gente num passeio. Igual quando eu morei na

fazenda Santa Rita, assim que me casei. Um dia, ele chegou lá com uma perua cheia de gente e disse: “Viemos te visitar!”. Isso foi muitos anos depois que eu me formei. Ele gostava muito desse convívio social (CLAUDINO, 2008).



**Figura 19** - Grupo de alunos no topo da serra do Corpo Seco, município de Ituiutaba, no processo de investigação do cerrado e da cultura local. 1964.

Fonte: Coleção particular de Nauri Sônia Melo Claudino.

Nesse trecho, percebemos que essas aulas não possuíam freqüência justamente porque eram realizadas para esclarecer dúvidas ou matar a curiosidade dos alunos sobre determinado tema; ou seja, os piqueniques funcionavam como investigação. Demonstravam também um caráter social, baseados numa filosofia de integração proposta pelo professor Paulo quando fazia, dos ex-alunos, colaboradores para o funcionamento da escola, como no caso narrado acima. Compreendemos pela fala da ex-aluna o clima familiar criado pelo Professor Paulo, integrando a comunidade escolar às aulas diferenciadas e também ao convívio com ex-alunos. Essas visitas permitiam uma troca de experiências e oportunidade de novas colaborações, por parte dos ex-discentes, que doavam gêneros alimentícios à escola, sempre que o Professor Paulo surgia com sua perua Combi cheia de jovens.



**Figura 20** - Investigação e piquenique na Usina Hidrelétrica “Salto do Moraes”, no município de Ituiutaba. 1966.

Fonte: Coleção particular de Nauri Sônia Melo Claudino.

As aulas-passeio também possuíam seu caráter informal, onde o professor Paulo aproveitava para realçar outros valores e utilizar outras estratégias de aprendizagem, como vemos:

Ah!... Os piqueniques eram muito divertidos. Cada um levava sua merenda. Chegava lá, tinha o momento da tertúlia, a tertúlia era assim um “auditório” que a gente fazia: cada um falava uma poesia, o professor Paulo incentivava muito. Teve um dia que eu fui recitar e me deu uma tremedeira, mas o professor Paulo, ao falar em público, também se emocionava. Aí eu não fiquei chateada com aquilo não. (...) Ele gostava daqueles passeios mais para desinibir a turma. Era mais ou menos assim: “Fulano! Fala uma poesia!”, “Fulano! Canta uma música!... Ah, ele tem que cantar, se não paga uma prenda!”... Era aquela coisa gostosa. Nesse piquenique da foto, nós fomos lá na Serra do Corpo Seco procurar o tal corpo seco (CLAUDINO, 2008).

O momento da tertúlia durante o piquenique era o momento artístico e das brincadeiras, mas com o duplo objetivo de desinibir aqueles alunos mais acanhados. Também aqui era o momento das aulas de botânica, como pudemos observar. Os alunos recebiam aulas sobre o cerrado, plantas e animais e, depois tinham, que apresentar trabalhos na escola sobre aquilo que estudaram no campo. Muito ao gosto de Eurípedes Barsanulfo no Colégio Allan Kardec, que acreditava nessa metodologia utilizada no método intuitivo.

As atividades extracurriculares promovidas pelo professor Paulo possuíam uma temática específica para a aprendizagem, pois também a ex-aluna remete-se ao coral da escola da mesma maneira. De acordo com Lisboa e Kerr (2005), o canto orfeônico foi desenvolvido por Villa-Lobos (1887-1959) e implantado oficialmente no Brasil a partir de 1931, pelo decreto federal 19.890, sendo inserido como disciplina obrigatória nas escolas. Essa disciplina caminhou pelo século XX:

Contudo, o projeto proposto por Villa-Lobos marcou-se por sua abrangência nacional, tendo tornado o canto orfeônico modelo de educação musical que norteou as atividades ligadas a essa área no país, durante três décadas (1930, 1940 e 1950). Embora o canto orfeônico desenvolvido por Villa-Lobos posteriormente tenha sido substituído, nas escolas de primeiro e segundo graus, pela disciplina Educação Musical, por meio da Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 4.024 de 1961, a influência desse modelo ainda perdurou mesmo depois de sua extinção oficial: além de os professores que passaram a ministrar a disciplina Educação Musical serem os mesmos que anteriormente trabalharam com o canto orfeônico, utilizando os mesmos procedimentos de ensino (...) (LISBOA E KERR, 2005, p. 417).

No Educandário, a disciplina Canto Orfeônico esteve no currículo, com formação de um coral da escola, que se apresentou em ocasiões festivas e pela cidade e região. De acordo com uma ex-aluna:

A gente apresentava até na rádio. Quem ensaiava era a professora Ana Rosa, professora de Canto Orfeônico, e ela ficava naquela tensão. Chegava perto de um para ver se estava afinado, chegava perto de outro... Cantávamos o “Peixe vivo”, outro que é muito bonito, uma turma fazia assim: “Negro clama, liberdade! Negro clama, liberdade!” e todo mundo cantava: “Negro não sabe o que é dor/ Negro não tem alma não/ Assim dizia o feitor/ Com o chicote na mão/ Malvado banzo me mata/ Quero à pátria voltar/ Na minha terra sou livre/ Como avezinha no ar/ Negro! Negro!” [cantando] Sempre eram músicas temáticas, não era qualquer música, não! Era todo mundo bem ensaiado, e aquilo tinha que dar harmonia. Apresentávamos na rádio, na escola, e tinha nota no Canto Orfeônico. Então tinha que cantar direitinho (CLAUDINO, 2008).

As práticas artísticas e as aulas-passeio estavam fundamentadas no trabalho que a UMEI já desenvolvia com seus integrantes desde 1947, mas com a finalidade apenas da socialização dos jovens dentro dela. Na incorporação dessas práticas, no dia-a-dia do Educandário, pela palavra dos ex-professores e ex-alunos, entendemos que elas tornaram o ensino diferenciado, não tão preso à sala de aula e ao currículo, além de aproveitarem o respaldo da lei de ensino, que já previa o método intuitivo desde a instalação dos grupos escolares na Primeira República. Essas práticas realçavam o interesse dos alunos pela escola e

auxiliavam na formação de líderes, fomentando o engajamento dos estudantes a favor da manutenção da instituição.

Vemos que essas práticas estavam de acordo com o método intuitivo de ensino, já descrito em lei, mas é necessário ressaltar que esse método possui um sentido especial para os espíritas. Relatamos, *grosso modo*, que Allan Kardec, o codificador do Espiritismo, foi aluno do Colégio de Yverdon, na Suíça, instituído pelo professor Pestalozzi, tornando-se seu monitor e que, ao se diplomar, trabalhou como professor por 35 anos na França, divulgando o método no qual acreditava. Também Eurípedes Barsanulfo, no Colégio Allan Kardec, foi divulgador do método intuitivo, empregando-o em sua escola em Sacramento, Minas Gerais, conforme alude Bigheto (2006).

### **3.6 SOCIEDADE, FILANTROPIA E EDUCANDÁRIO**

Procuramos apresentar parte da movimentação dos alunos que passaram pela instituição enfocada. Segundo Buffa (2005), o acompanhamento de uma instituição escolar requer mais que a verificação do material empírico, tais como documentos, fotografias, livros, cadernos e plantas. Faz-se necessário acompanhar a trajetória de alunos e docentes, bem como *a análise dos conteúdos e das metodologias utilizadas na instituição estudada* (BUFFA, 2005, p. 365). Faz-se necessário, então, conhecer a trajetória dos alunos: sua origem social e seu destino profissional; assim como analisar o currículo instituído para se compreender sua formação.

Na apresentação desta pesquisa, buscamos enfocar um pouco de cada uma dessas categorias. Mesmo sabendo que não houve aprofundamento em algumas singularidades, procuramos demonstrar que a perspectiva confessional esteve como referencial, orientando métodos e práticas educativas que direcionaram o currículo e a formação dos alunos. Vejamos, em algumas categorias, numa orientação mais generalizada, a dialética entre a sociedade e o Educandário, tendo em trânsito a filantropia. Buscaremos destacar a trajetória dos atores que partiram, em sua maioria, do âmbito da miséria, visualizando algumas ações no interior da escola que corroboraram uma mudança de percurso social e moral.

## ***O BAIRRO DOS POBRES***

Nos processos de desenvolvimento das cidades, por que Ituiutaba passava naquele momento, acompanhando o ritmo de crescimento que o desenvolvimentismo impunha ao país, é natural que se formassem, à margem, os bairros dos mais empobrecidos. Embora já esteja delineada na pesquisa a realidade social do alunado que freqüentava o Educandário, vamos observar mais um pouco da origem espacial dessa comunidade escolar.

Os terrenos para a construção do Educandário Ituiutabano foram doados pela prefeitura de Ituiutaba (ATA DA CÂMARA DOS VEREADORES, 1955, p. 22 até 25) e por Anísio Demétrio Jorge, Jorge Miguel e Carlos Dias Leite — estes doaram os lotes de números 3 a 15 da quadra 19, com área total de 6.720 metros quadrados, no bairro Independência, fazenda Córrego Sujo, ao preço de Cr\$ 13.000,00 (treze mil cruzeiros)<sup>56</sup> (REGISTRO GERAL DE IMÓVEIS. 1955).

A cidade de Ituiutaba, na década de 1950, era apenas desenvolvida em sua região central e nos bairros Platina e Progresso, que ficavam na parte baixa. Aí habitavam as famílias de classe média e os fazendeiros produtores de grãos e gado. Na parte alta da cidade, expandia-se, cada vez mais, o bairro Natal, onde estavam instaladas as famílias pobres, como alguns trabalhadores do comércio e os bóias-frias ou trabalhadores rurais. A zona boêmia da cidade, ou casas de prostituição, tinha início na avenida 25, demarcando as diferenças ao meio. Eram muitas nesse momento da “capital do arroz”. As casas da parte alta, em sua maioria localizadas no bairro Natal, eram divididas entre os prostíbulos, que possuíam uma luz vermelha na entrada, e as residências, que possuíam seus muros escritos com a palavra FAMÍLIA. Então, o bairro Natal era considerado zona específica de prostíbulos e, conseqüentemente, dos esfaqueamentos, dos roubos, dos assassinatos e das tragédias da cidade.

O bairro Independência, onde foi construído o Educandário, estava ligado ao bairro Natal, porém era praticamente desabitado e servido apenas por uma avenida de terra que levava à caixa d’água da cidade, um pouco acima, e também à recém-inaugurada parte esportiva do Ituiutaba Clube. O bairro Independência não era provido de luz elétrica, água encanada nem asfalto, sendo necessário furar um poço ou cisterna para servir nos primórdios

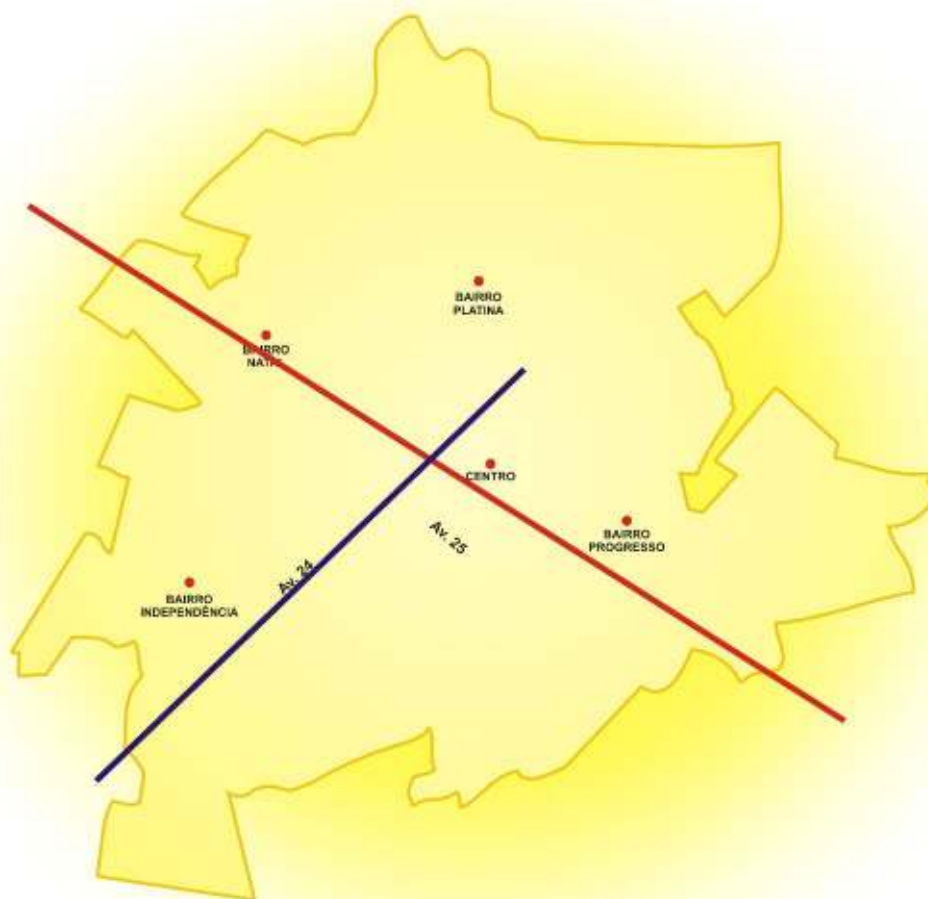
---

<sup>56</sup> É interessante compararmos o valor dos lotes, pois encontramos nas atas da Câmara dos Vereadores que, quatro anos mais tarde, em 1959, a prefeitura encasclhou a rua que liga o Ituiutaba Clube, apenas quatro quadras acima do Educandário, ao centro da cidade, gastando Cr\$ 17.850,00; o preço dos lotes naquela região desabitada estava muito baixo.



da instituição<sup>57</sup>. A energia elétrica, embora precária, chegou um pouco antes da instalação hidráulica. E a rua 24, única via de acesso ao centro da cidade e aos outros bairros, continuou sem asfalto por mais de uma década, sendo apenas encascalhada em 1959<sup>58</sup>.

### **Ituiutaba - MG / Principais Bairros**



**Mapa 2** - Cidade de Ituiutaba com delimitação dos principais bairros existentes em 1958.  
Arte de Robson Lopes de Assis Filho, Ituiutaba. 2009.

Por sua localização, a instituição atenderia as classes empobrecidas da vila Natal, das adjacências e da parte baixa da cidade; viriam alunos que não possuíam condições de

<sup>57</sup> A rede de esgotos foi instalada no local até a abertura da instituição, como vemos: “(...) concede auxílio ao Ituiutaba Clube e ao Educandário Ituiutabano, para construção de uma rede de esgotos, abre crédito e dá outras providências” (ATA DA CÂMARA DOS VEREADORES. N. 6, 31/07/1957. p. 165)

<sup>58</sup> De acordo com a ata da Câmara dos Vereadores: “Requerimento CM/2/59, dos mesmos vereadores do PTB, solicitando seja consignado em ata um voto de louvor ao Sr. Prefeito Municipal, pela sua iniciativa em reparar e encascalhar a Rua 24, no trecho que liga a Praça de Esportes do Ituiutaba Clube ao centro da cidade” (N. 2, 13/2/1959, p. 38). A rua 24 era a mesma do Educandário.



freqüentar as escolas mais centrais e pagas. O Educandário foi edificado numa região de conflitos econômicos, sociais e morais, uma vez que os conflitos políticos e religiosos despertados em sua construção fizeram parte da divergência com a elite conservadora local, que agora estava fora de seu campo de extensão, com seu funcionamento. Dessa maneira, os ataques de que o Educandário fora alvo em sua construção, relatados no capítulo 1, cederam lugar a novos preconceitos, pela sua localização e por sua clientela, formada quase exclusivamente por alunos carentes oriundos daquela região de incertezas. Um ex-professor, ao falar sobre a relação do Educandário com as outras escolas, comentou:

A escola só não era mais apreciada porque as escolas particulares faziam um certo pouco caso do Educandário, sempre fizeram. Achavam que a escola pertencia a alunos pobres, que não tinham muito caráter... Tinha essa coisa sim! E faziam pouco caso. Havia um preconceito gratuito, mas aquilo não era verdade. Era o contrário. Tudo muito bem organizado (FRATARI, 2007).

Para outros ex-alunos e ex-professores, o preconceito existia, mas era algo longe dos alunos, não chegava a afetar a escola, principalmente porque os alunos encontravam, no Educandário e, principalmente, na figura do professor Paulo dos Santos, o respaldo que necessitavam para sua formação educacional, moral e ética, tendo ali uma oportunidade de estudar, conseguir um bom emprego no comércio da cidade e prosseguir os estudos num curso superior. Assim, o trabalho educacional aprofundou-se em outros parâmetros, pois os alunos encontravam na escola o respaldo que não possuíam, por sua origem, e também encontravam, na figura de Paulo, um novo encontro com a família.



**Figura 21** - Educandário Ituiutabano construído e pronto para inauguração. O local inabitado e distante dos bairros e do centro da cidade não intimidou a comunidade carente necessitada de escolarização. 1958.

Fonte: Coleção particular de Ângelo Tibúrcio D'Avila.

### ***ECONOMIA DOMÉSTICA***

Como vimos, a escola surgiu de uma necessidade educacional, foi edificada numa zona de conflitos sociais e permaneceu cumprindo um papel de formadora não só de alunos, mas também com o compromisso de edificar homens de bem, com sentimentos elaborados, buscando um crescimento material e moral. Na voz dos entrevistados, percebemos que uma significativa parcela de alunos tornou-se profissionais de destaque na cidade. Acreditamos, em tese, que os alunos passavam por certo amadurecimento em contato com as lutas a favor da manutenção da escola. O aluno não pagava mensalidade, mas sabia que ali tudo tinha um preço e que nada surgia de forma fácil. Sem um mantenedor, tudo era sinônimo de nova campanha. Talvez por isso a escola fosse mais valorizada e as conquistas fossem mais comemoradas. A alegria dos alunos, que aproveitavam suas diversas atividades num cotidiano escolar permeado por várias outras práticas que os envolviam numa formação cidadã, muitas delas a serviço da própria manutenção da escola, trouxe os pais para dentro do Educandário.

Pelas notícias do Jornal, além da costumeira reafirmação de que era uma escola para os pobres, a oferta dos cursos de Datilografia e Costura, oferecidos à comunidade escolar, eram sempre divulgados. A todo o momento, a família esteve presente, quer nas comemorações, nas festas de formatura, nos eventos artísticos e esportivos, nos desfiles, nos cursos oferecidos, nos mutirões ou na limpeza. Os cursos objetivavam dar uma profissão a alunas e familiares. Relatou-nos Marques (2008) que, aos 13 anos de idade, já era costureira, fazendo até “vestidos de noiva” para suas clientes, o que garantia o sustento da família e o seu, após o casamento mais tarde. Não que os cursos tivessem a função de formar moças para casamento, mas, tendo em vista a situação empobrecida das alunas, era um meio para atenuar as dificuldades, proporcionando-lhes as profissões de costureira, bordadeira, cozinheira e datilógrafa.



**Figura 22** - Formatura do curso de Bordado no Educandário, com mostra de peças produzidas. 1960.  
Fonte: Acervo de Regina Marques.



**Figura 23** - Amostra feita no curso de Bordado do Educandário, em que as meninas aprendiam a pregar botões, fazer remendos, pontos de bordado, pregar fitas e colchetes, crochê, entre outros. 1960.  
Fonte: Acervo de Regina Marques.



**Figura 24** - Pelotão do curso de Corte e Costura no desfile de Sete de Setembro do Educandário. A exteriorização da escola apresentava toda sua produção. 1962.  
Fonte: Acervo de Regina Marques.

Além das aulas destinadas às meninas os rapazes também receberam uma pequena formação para o trabalho. No interior do Educandário o professor Paulo instalou, junto com os alunos, uma torrefação de café, na tentativa de gerar empregos e conseguir manter a escola. Os alunos passavam o dia na instituição, entre as várias atividades, revezando-se nos turnos da torrefação até de madrugada. Segundo Lima (2008), a torrefação deve ter funcionado, mais para o fim da década de 1960, por aproximadamente uns três anos. Não encontramos nenhum registro documental dessa experiência, que apenas está circunscrita às entrevistas. Mas pela dificuldade de se estabelecer cursos profissionalizantes, os alunos eram direcionados para o mercado de trabalho no comércio local, principalmente por meio do empenho de Paulo dos Santos.

### ***A SOPA E A CRECHE***

Outro fato curioso e que demonstra as necessidades daquela comunidade próxima à escola ficou expresso no momento da distribuição da sopa aos alunos do curso primário, oferecido pelo Grupo Escolar Ituiutaba, conjugado com o Educandário. No fim da década de 1960, o bairro Independência estava formado, e o cheiro da sopa se alastrava pela redondeza. Aos poucos, os irmãos menores dos alunos que ainda não tinham idade para matrícula e até outros garotos da comunidade começaram a ficar na rua da escola, pedindo um prato de sopa no portão na hora do recreio. Atento, o professor Paulo tratou de passar as crianças para dentro da escola e iniciou uma campanha na cidade para ampliar a quantidade da sopa. Saía com os alunos em sua perua Kombi recolhendo verduras e mantimentos.

Mas a necessidade era urgente, e ele percebeu que aquelas crianças fora da faixa escolar não poderiam crescer na rua. Assim, visitou, com amigos, algumas creches espíritas em funcionamento em Franca, São Paulo, e fundou, nas dependências do Educandário e com o auxílio dos próprios alunos, em 1967, a primeira creche da cidade<sup>59</sup>. O próprio nome foi motivo de trabalho escolar, segundo a ex-aluna Serra<sup>60</sup>, principal responsável pela creche:

---

<sup>59</sup> Histórico da Creche Espírita Josefina de Magalhães, 2008. Arquivo da Creche Espírita Josefina de Magalhães.

<sup>60</sup> SERRA, Rute Ceverina (2008) nasceu em 29 de dezembro de 1929, em Ituiutaba, Minas Gerais. É professora primária aposentada e fez o Curso Ginásial e Normal no Educandário Ituiutabano. Auxiliou na escola desde o lançamento da pedra fundamental, fazendo matrículas nas residências dos alunos. Mais tarde, em 1967, assumiu a direção da creche dentro da instituição.

O professor Paulo estava dando aula e falou para nós: “Olha, vocês vão escrever uma redação dando o nome para a creche, aquela que for a melhor, a gente adota”. Aí, eu dei uma investigada e descobri o nome da mãe dele. Fiz uma redação e coloquei o nome Josefina Maria de Magalhães. Eu acho que eles até não puseram esse nome completo, ficou só Josefina de Magalhães. Isso foi quando a creche funcionou dentro do Educandário Ituiutabano, funcionou lá durante alguns anos... Tinha muita criança, muita pobreza, a gente dava a sopa para as mães sofredoras também (SERRA, 2008).

A sopa era servida para os alunos do primário, da creche e para pessoas da comunidade, que, se desejassem, poderiam tomar e levar para casa. As crianças até 10 anos de idade ficavam na creche de 7h as 18h, horário em que as mães estavam trabalhando. Seu funcionamento baseava-se em voluntariado, como os outros professores da escola, e o trabalho era distribuído da seguinte maneira:

Os maiores ajudavam a cuidar dos menores. A Cotinha tomava conta da limpeza da creche, da roupinha, fazia a comida e eu, tomava conta de outras coisas como remédio, levar ao médico, vacinas, essas coisas todas. Os maiorzinhos iam para a escola, no Educandário mesmo. E os menorzinhos almoçavam e iam dormir, depois do almoço. Então eles falavam assim para mim: “Mamãe! Canta nós!” para eu cantar para eles, para eles dormirem. E a creche era tão pobre que não tinha berço, eram só camas de solteiro. Então eu colocava os meninos às camadinhas e deitava no meio deles. Ai eu começava a cantar, eles dormiam em cinco, dez minutos. A creche era separada, não era nas salas de aula não, era um cantinho mais no final da escola. Banho e comida a gente mesmo é quem dava, ai era eu e a Cotinha. Às vezes aparecia também um estudante, uma mocinha ou duas do magistério. Ajudavam na alimentação, davam banhozinho... Agora os maiorzinhos faziam mais era brincar com as crianças e entretê-las, mas de tomar conta, não. Eram mais uma companhia, uma companhia vale muito meu filho (SERRA, 2008).

Pelo que pudemos perceber, o cotidiano da creche não se baseava em nenhum método pedagógico de educação infantil, uma vez que aqueles que ainda não estudavam no Grupo Escolar Ituiutaba, dentro do próprio Educandário, passavam o dia entre a alimentação, o momento de dormir e brincando com as crianças maiores. A necessidade estava expressa na alimentação, na medicação recebida e em se tirar a criança pequena da rua. Em torno dessas necessidades, o trabalho foi efetivado, de 1967 até 1973, num caráter mais filantrópico. Com a saída do professor Paulo do Educandário, por motivo de ampliação das turmas, a nova direção requereu as salas onde funcionava a creche, deixando as crianças na rua<sup>61</sup>.

---

<sup>61</sup> Em 1974, um grupo de espíritas apoiou o projeto da Creche Josefina de Magalhães, que foi construída em sede própria, com doação de um terreno pertencente ao Centro Espírita João Batista. Foi a primeira creche da cidade de Ituiutaba e funciona ainda hoje.

## ***ALFABETIZAÇÃO DA MADUREZA***

Se trazer a criança pequena e os irmãos dos alunos para a escola foi uma necessidade, trazer os pais para completarem seus estudos foi outra experiência, marcante e expressiva. Ao assumir o Educandário Ituiutabano, Paulo dos Santos instalou o chamado curso de Madureza, que permitia o acesso dos adultos à alfabetização e, depois, ao prosseguimento nos cursos ginásial e técnico. Embora a experiência seja mal documentada, pois não há vestígios de documentação em nenhum dos arquivos visitados, conseguimos encontrar, nas falas de alguns depoentes, expressão do que foi aquele trabalho com a madureza.

Este trabalho funcionou durante a década de 1960 e início dos anos de 1970. Os alunos faziam um curso mais resumido no próprio Educandário, nos fins de semana, e também uma sala do Grupo Escolar João Pinheiro foi emprestada por causa da superlotação de turmas. Após o curso, as provas eram feitas em Uberaba, e os alunos podiam prosseguir para o primário ou ginásial. De acordo com Buffa,

(...) no final da década de 50 e início da de 60, surgem outros movimentos sócio-educacionais fora do espaço do Congresso e da própria instituição escolar, como, por exemplo, o Centro Popular de Cultura (CPC), o Movimento de Educação de Base (MEB), o Movimento de Cultura Popular (MCP). Eram movimentos de educação popular numa perspectiva fundamentalmente político-cultural que envolviam a Igreja, os partidos políticos de esquerda, estudantes e outros setores (...) (BUFFA, 1991, p. 117).

O Educandário fez parte deste movimento, formando muitos alunos para prosseguirem seus estudos, sendo responsável por boa parte da volta dos adultos à escola em Ituiutaba. Como foi o caso de Coelho (2008), que, já adulto, após fazer o curso de Madureza, concluiu o Ginásial, o Técnico em Contabilidade, foi professor voluntário na escola e prestou vestibular para Odontologia, em Uberaba, em 1967. Assim, o Educandário instruía e cedia lugar, em horários extraturno, ao acolhimento da criança pequena, das mães que vinham para o bordado e a costura e dos adultos que vinham para a alfabetização.

## **ESCOLA-CASA**

Muitos alunos, professores e zeladores moraram no Educandário Ituiutabano, que possuía uma casinha no fundo da escola, próxima ao campo de futebol, justamente para eventualidades. A primeira família que ali residiu foi a da viúva do pedreiro José da Cruz com seus filhos. José da Cruz era um espírita militante na cidade que auxiliou a construção de algumas obras espíritas e trabalhou como pedreiro no primeiro ano de construção do Educandário, em 1954, momento em que veio a falecer. A família foi recolhida ali pela própria penúria. José da Cruz era muito bem visto pelos espíritas e pela sociedade<sup>62</sup>. A viúva começou a trabalhar na escola nos serviços gerais; com a entrada do professor Paulo dos Santos, este a levou, com os filhos, para Uberaba, Minas Gerais, auxiliando-a a se empregar, pois no Educandário ela só recebia moradia. Um de seus filhos, Eurípedes Higino, foi adotado por Francisco Cândido Xavier, naquela cidade, formando-se mais tarde em Odontologia e acompanhando Chico Xavier como seu único filho. Outras famílias passaram pela casa dos fundos, onde podiam residir e trabalhar na escola, nos serviços gerais, cuidando da limpeza, dos jardins e da vigilância. O professor Paulo residiu na escola por muitos anos, e o senhor Carlos Borges, professor de Português do Educandário, portador de deficiência visual, também.

Muitos alunos moraram na escola durante o período em que o professor Paulo dos Santos esteve na direção, entre 1960 e 1973. Alguns, por virem da zona rural ou da região e necessitarem de um tempo para se encaixar na cidade; outros, por não possuírem condições, eram logo ajudados por Paulo, que os auxiliava com um emprego no comércio da cidade para se estabelecerem. Eram moradias provisórias. Alguns alunos em conflito com a família também acorriam à escola, onde eram recebidos e passavam a residir ali por um período curto, auxiliando na limpeza e nos serviços gerais. Na verdade, como contam os entrevistados, era um serviço de auxílio mútuo, pois os alunos trabalhavam na escola, e os que residiam nas fazendas faziam doações de alimentação para a sopa. Um fato curioso ocorreu com um aluno que residiu no Educandário no período militar:

Havia um estudante lá de Campo Florido, Sérgio Danilo, que já estava no segundo grau. Ele montou um jornalzinho na escola, jornalzinho de notícias das escolas de Ituiutaba (...) simples, mas bom, todo mundo queria ler.

---

<sup>62</sup> Como José da Cruz era o pedreiro responsável pela obra, no primeiro ano de construção do Educandário Ituiutabano, também era o primeiro a receber o pagamento da semana. Certa vez, o dinheiro conseguido pela UMEI não deu para pagar os outros auxiliares, ao que José da Cruz repartiu o próprio salário com os amigos, aguardando a próxima semana (DAMACENO, 2006).



Falava: “Fulano fez aniversário em tal dia”, aquelas coisas... Eu só sei que ele andou atacando muito a ditadura, naquela época em 1964, e teve que ficar escondido dois dias no forro da escola, porque a polícia foi lá por causa do jornal dele. Atacou muito e realmente ele era contra aquele regime. E o Danilo ficou escondido. Daí nós o pegamos, colocamos no carro e levamos de volta pra Campo Florido, de madrugada. De lá ele foi pro Pará pra não ser preso pelos militares (LIMA, 2008).

Outras histórias se passaram por lá, demonstrando o caráter filantrópico que a escola assumiu, como a de um pai que, após ficar viúvo, pela confiança que tinha no professor Paulo, entregou a filha recém-nascida a ele; disse que daria conta de cuidar e sustentar só os filhos mais velhos, que lá estudavam, e que o professor Paulo arranjasse uma família para criar a filha, de poucos meses. A criança foi cuidada por algumas famílias de alunos, adotada logo depois em Uberlândia, mas permaneceu pouco tempo nessa cidade, pois o casal não pôde acolhê-la. O professor Paulo a entregou aos cuidados de seu irmão, que a adotou.

Vários casos de auxílio que iam além da instrução escolar nos foram narrados, completando o perfil de Paulo dos Santos, como o caso do aluno Heliguerio:

Certa época, o professor Paulo me convidou, eu e o Idelvone, o Idelvone era um policial na época, hoje é professor, para levar um rapazinho que estava com uma perna quebrada. Nós tínhamos que levá-lo até São Paulo, no Hospital das Clínicas, para ele colocar uma prótese, alguma coisa assim. E nós fomos. Chegou em São Paulo, não deu certo, os médicos não podiam atendê-lo. E nós fomos trilhando dentro de São Paulo até descobrir onde é que morava uma tia dele. Aí nós deixamos aquele menino lá, tiramos retrato com ele lá na Estação da Luz. Ele tinha um complexo danado, porque lhe faltava a perna. Ele era aluno do Educandário. Aí ele andava de muleta, né?, e o professor Paulo resolveu ajudá-lo. Aí, deixamos ele em São Paulo, na casa da tia dele. Aquele menino ficou em São Paulo uns 20 dias depois ligou. Falou: “Já estou indo colocar o aparelho na perna”. Passado uns meses, uns dois meses mais ou menos, ele ligou novamente: “Já estou adaptando, querendo andar, mas estou trabalhando aqui, de camelô”. Passado um ano ou mais, ele levou a família para São Paulo e não voltou mais nunca para Ituiutaba. Passado uns tantos anos, o professor Paulo me falou assim: “João, sabe o Heliguerio? Comprou a esquina onde ele trabalhava de camelô. Ficou rico!” E aquilo era a felicidade dele e nossa também. Isso é uma das coisas que eu lembro de um ex-aluno que ele se prontificou a ajudar e foi bem-sucedido (LIMA, 2008).

Esses fatos denotam não só o caráter assistencial de Paulo dos Santos, mas também uma postura do Educandário, pois alunos, funcionários e professores eram envolvidos nessas ações. Nos depoimentos, verificamos que vários alunos foram encaminhados, conseguindo melhor destaque social após passarem pela escola. E embora o Educandário não oferecesse internato como os Colégios Santa Tereza, São José e Marden, acabou cumprindo um papel

mais acolhedor nesse sentido, garantindo moradia em momentos de necessidade à professores, funcionários e alunos.

### ***OS “NOVOS” EXCLUÍDOS***

A extensão do trabalho social do Educandário atingia os alunos, a família e toda a sociedade, pois, como relatamos no capítulo 2, Paulo dos Santos fez do projeto da UMEI sua própria existência, integrando, a todo o momento, sua ação educacional à ação social. Assim, assistia as famílias carentes dos alunos com cestas básicas, auxiliava, com sua influência de maçom, a empregar pais e alunos no comércio ou mesmo em serviços mais simplórios e não descuidava em aconselhar, conversar e tentar sempre mostrar, ao educando e à sua família, os caminhos da moral, da ética e do bom viver, princípios muito arraigados aos ideais do homem de bem difundidos pelo Espiritismo.

No capítulo 1, ressaltamos os embates e conflitos religiosos e políticos sofridos pelos membros da UMEI ao instalarem essa instituição. No desenvolvimento da pesquisa, nos capítulos 2 e 3, encontramos que o Educandário foi alvo de crítica das escolas particulares e confessionais católicas, quer por seu ensino voluntário deficitário, quer por sua localização, pois estava instalada entre a miséria e a delinquência. Mas um fato curioso e relevante foi que, com o passar do tempo, o Educandário também foi acolhendo aqueles alunos indisciplinados vindos das escolas particulares e confessionais, que eram expulsos ou impedidos de renovarem suas matrículas. Os relatórios anuais da escola e o livro de transferências apontam um bom índice de alunos que chegavam durante o transcorrer do ano letivo, provenientes de outras cidades, mas em sua maioria vindos do Instituto Marden ou do Colégio São José. Os jovens eram sempre acolhidos, e, às vezes, os pais ouviam uma ressalva do professor Paulo: *“Se quer matricular seu filho aqui, só precisa trazer uma carteira para ele estudar, a escola está superlotada, mas ele será bem acolhido”* (LIMA, 2008). Os pais ficavam tão gratos, que passavam inclusive a contribuir com a escola, principalmente fazendo doações financeiras ou em alimentos. Um fato curioso contado por uma ex-aluna com relação a seu colega é bem característico:

O H. havia sido expulso do Instituto Marden por mau comportamento. E escola particular nenhuma mais o pegava. No Educandário, ele foi acolhido, porque o professor Paulo nunca negou um lugar para ninguém, não importando quem fosse. Então como ele era muito bagunceiro nas outras escolas, logo no primeiro dia ele foi chamado na direção. Ele levou muito

susto, virou pra mim e disse: “Lazara, eu não fiz nada, acabei de chegar aqui”. Todo mundo já ficou esperando o problemão que ia ser. Quando ele chegou à direção, o susto foi ainda maior, porque o professor Paulo estava convidando ele para ser da diretoria do grêmio. Deu a ele uma responsabilidade na escola. Esse meu colega passou a ser um exemplo, estava engajado em tudo o que a escola promovesse, era um exemplo de disciplina, apesar de passar com nota baixa, porque esse realmente não era o seu forte [risos] (ALECRIM, 2007).

A “escola dos pobres” ou “escola dos espíritas”, como era chamada preconceituosamente, acabava por ampliar sua função social: acolher não só os carentes, mas ainda os marginalizados e excluídos dessa mesma sociedade, que já vivia numa “capital do arroz” em declínio no início dos anos de 1970.

Mas, pelo que percebemos nos depoimentos, a visão do que representava o Educandário foi se transformando, principalmente aos olhos da sociedade que o discriminava, pois os alunos foram se formando na instituição, prosseguindo seus estudos e alguns se tornaram pessoas influentes em vários meios profissionais. Uma ex-aluna relatou: *os que estavam nas escolas particulares iam fazer faculdade fora, os internos voltavam para suas cidades, quem ficou trabalhando na cidade foi quem estudou no Educandário* (MARQUES, 2009).

Pela análise dessas práticas e influências sobre o Educandário Ituiutabano, compreendemos, em parte, que a escola – como já foi constatado –, apesar de não oferecer o ensino religioso como disciplina, permitia, em seu interior, uma filosofia espírita que estava disposta desde sua estruturação fundamental até o regimento interno. Aspectos esses garantidos pelo Conselho Diretor para uma educação moral, disciplinadora, voltada ao desabrochar das potencialidades dos alunos e do cultivo de hábitos de assistência e fraternidade, direcionados, sobretudo, à família.

### 3.7 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Este capítulo contribui para compreendermos o debate educacional que havia no país, perante a implantação da primeira LDB brasileira, que só viria a público em 1961. Esse debate dividia opiniões, colocando qualquer ação em prol de um ensino público, gratuito e leigo, contrário aos ideais da igreja católica, havendo certa tensão no país. Por outro lado, as leis orgânicas do ensino estavam dentro da escola. Essas leis, criadas no governo Vargas na

tentativa de se formar apenas a elite, auxiliando na consolidação do capitalismo no Brasil, não atingiram tais objetivos, pois a pressão das classes média e baixa pelo ensino público ocasionou uma luta pela abertura de um número maior de escolas que oferecessem o ensino secundário. Embora as leis orgânicas visassem formar uma cultura mais nacionalista e patriótica, a ação do professor Paulo dos Santos deu a elas novo sentido no interior do Educandário, voltando as atenções para necessidades mais próximas da instituição. E, nas práticas desenvolvidas por ele, vemos o método intuitivo servindo de base para uma metodologia diferenciada, tornando os alunos mais aptos a exercerem a cidadania. Também aqui encontramos uma inovação, pois o método intuitivo foi empregado diferentemente da proposta do governo para a escola republicana, que visava à formação de alunos disciplinados, trabalhando em ordem para atingir o progresso. A questão conservadora e segregacionista do Conselho Diretor também possui relevância neste capítulo, pois demonstra que demais lideranças religiosas foram conservadas distantes da instituição para que se pudesse manter seu caráter confessional espírita, sem influências religiosas ou políticas, principalmente da ação dos padres católicos. Seu conservadorismo pode ser (re)interpretado como um foco de resistência à força do poder disciplinador e catequista católico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pausa na pesquisa torna-se relevante à medida que for utilizada para refletir sobre o objeto, para a busca de novos apontamentos e imersão no mundo no próprio universo do objeto, do que foi encontrado ou conhecido ou as particularidades do espaço escolar. Por isso, toda proposta de conclusão do estudo não é fácil, pois sabemos que não esgotamos o tema, mas apenas podemos chegar a alguns apontamentos preliminares sobre o caminho percorrido e o que podemos constatar (ou reter) dessa caminhada.

Assim, mesmo o trabalho não estando acabado, percebemos ao relê-lo, que percorremos as trilhas demarcadas pelas fontes, as quais direcionaram nosso olhar de pesquisador. Nosso percurso se ateve à (re)interpretação das *vozes* e dos *silêncios*, porém com a atenção redobrada, como bem lembra Buffa (2005) de que o trabalho com instituições educativas pode nos remeter a uma armadilha, considerando as lembranças, as fotografias e os monumentos, pois (...) *estudos e pesquisas que retratem, de forma curiosa, aspectos singulares da instituição escolar, em tempos diversos, são fascinantes e até sedutores* (2005, p.355). Ainda ressalta que *a dificuldade principal reside exatamente aí: conseguir evidenciar, de forma conveniente, o movimento real da sociedade* (2005, p. 355). Nesse sentido, torna-se difícil demarcar esse equilíbrio, ou seja, não nos direcionando para a supervalorização do objeto nem para a diminuição de sua relevância histórica.

No caso do Educandário Ituiutabano, o que nos moveu foram as notícias encontradas nos jornais locais: uma escola construída por uma associação espírita e declarada laica numa pequena cidade do interior mineiro. À época, Ituiutaba começava a despontar no cenário econômico como a “capital do arroz” do Triângulo Mineiro, indo na contramão dos caminhos da industrialização “pavimentados” por Juscelino Kubitschek. Nesse contexto é que emerge as polêmicas em torno da criação da escola espírita. Ela se apresentava como portadora inovadora, podendo ser considerada como de vanguarda social, já que tinha como proposta atender aos setores mais carentes do município, pois até então a predominância era de escolas particulares ligadas, em sua maioria, à igreja católica. Além do mais, o Educandário foi implantado em via inversa, pois nasceu para preencher a lacuna do ensino público da cidade, estando aberto à população de forma gratuita, como ação filantrópica, visando atender a população sem escola, que somava 57% de analfabetos.

Mas o que nos parece contraditório é que, para garantir a própria inovação, houve a necessidade de se formar um Conselho Diretor, que garantiu um caráter conservador à instituição. O Conselho Diretor era composto por membros da UMEI e espíritas locais e esteve presente dentro da instituição nas campanhas para sua manutenção, na contratação da diretoria da escola e, também, apontando soluções para problemas administrativos e educacionais. Acima dessas funções, garantiu que não houvesse infiltração religiosa nem política na escola, assegurando que o projeto educacional dessa união espírita fosse implantado sem proselitismo na tentativa de se manter uma escola aberta a toda população, independentemente de religião, gênero ou etnia.

Não encontramos, na documentação da escola, vestígio da aplicação de um ensino religioso, seja no *currículo* ou nos *relatórios anuais*. Mas, pelas entrevistas, percebemos uma educação espírita implantada que já estava na raiz do projeto. Pela documentação de abertura, ficou demonstrado que a UMEI transferiu seus princípios à instituição, princípios estes que comungavam, em parte, com o desenvolvimento nacional no que tange ao nacionalismo evidenciado pelas leis orgânicas do ensino secundário; mas também transmitiu ao Educandário seus ideais de juventude espírita na continuação de práticas que, no interior da escola, foram utilizadas para a aprendizagem apoiadas nas leis orgânicas e no método intuitivo, previsto em lei desde a Primeira República e muito desenvolvido na 1ª escola espírita do Brasil, em Sacramento, Minas Gerais.

Essa metodologia permitiu que o projeto da UMEI fosse desenvolvido, principalmente porque encontrava na figura de Paulo dos Santos um diretor e professor capaz de compreender as necessidades da escola e da comunidade escolar. Ficou evidenciado que, com a chegada desse professor, o Educandário tomou o impulso para o que foi criado, conseguindo uma movimentação social, garantindo a muitos jovens a oportunidade do estudo e, mais além, da formação técnica, pois os cursos Normal e Técnico em Contabilidade, também, foram implantados mais adiante. O Educandário ainda auxiliou na sedimentação do Espiritismo na cidade, pois, com sua ação, aos poucos a comunidade escolar volumosa – principalmente pela atuação do professor Paulo – passou a respeitar mais os princípios espíritas, deixando de ver essa religião como *obra do demônio*, conforme pregava a Igreja, mesmo que não passassem a frequentá-lo de forma maciça.

Percebemos que os espíritas em Ituiutaba colaboraram para a higienização da cidade, refletindo o que se passava no país, principalmente com a proposta de desenvolvimentismo instalada por Kubitschek. Enquanto a cidade crescia e enriquecia, tornando-se um dos pólos mineiros da produção de grãos, os espíritas cuidaram da parcela escondida de delinquentes,

órfãos, idosos e doentes mentais, com a construção de instituições filantrópicas nas décadas de 1950 e 1960. Fato esse verificado em inúmeras cidades brasileiras com a construção de asilos, creches, orfanatos, lares e escolas. Outro fato relevante foi o acompanhamento do crescimento populacional do país nessas mesmas décadas e o acompanhamento do êxodo rural, tornando-se um dos motivos do inchaço da rede escolar da cidade, com superlotação de turmas e pressão pela abertura de escolas, principalmente as que oferecessem o ensino secundário gratuito.

Os princípios espíritas de filantropia não objetivaram formar mão-de-obra qualificada na abertura do Educandário; mesmo porque, Ituiutaba voltava-se ao trabalho agrícola, necessitando, em sua maioria, de trabalhadores braçais sem qualificação. Fato esse considerado, principalmente, pela escolha de um curso ginasial em detrimento de um curso profissionalizante e por a escola não possuir fábricas ou meios outros que sustentassem a própria manutenção. A escola contribuiu, assim, para a pressão nacional havida, para a vulgarização do ensino ginasial no país, uma vez que as leis orgânicas do ensino secundário foram criadas por Capanema no governo Vargas, em 1942, com o propósito de formar apenas uma elite brasileira. Dessa forma, o Educandário foi instalado para reverter os índices de analfabetismo da cidade e colaborar para a formação secundária dos alunos, bem ao modo dos liberais que lutavam por uma lei educacional mais voltada a um ensino público e laico.

Mas, ao mesmo tempo, pelos princípios confessionais implantados, destinou-se a garantir uma formação para a ascensão social dos alunos, preocupando-se com uma formação moral diferenciada do civismo, implantado no sistema educacional nacional, apresentando singularidades quanto ao ensino que se assemelharam a outras experiências educativas espíritas no Brasil. O Educandário inovou o sistema educacional local, tendo em vista essas considerações. Tanto ao ser instalado quanto ao instalar os cursos de formação ginasial e técnica; ao oportunizar cursos extracurriculares, não mais pensados na educação feminina como simples formação para o casamento, mas na profissionalização da mulher; ao instalar a primeira creche da cidade em suas dependências; e ao dar uma formação moral de acordo com a proposta espírita de formação integral do ser. A UMEI garantiu um modo de ascender à comunidade escolar para que se revertissem os quadros de criminalidade e prostituição onde foi instalado o Educandário. Mesmo enfrentando problemas graves de superlotação de turmas, falta de docentes qualificados, desprezo da ação política municipal e não-valorização da experiência educativa por certa parcela social e educacional da cidade, a escola manteve-se apoiada numa proposta filantrópica, bem ao gosto dos trabalhos espíritas desenvolvidos pelo Brasil.

Quanto às questões demarcadas na introdução da pesquisa, nós as dividimos na sequência dos capítulos, unindo-as por proximidade de tema. No capítulo 1, buscamos apresentar aquelas mais voltadas ao Espiritismo e ao âmbito externo do Educandário, as questões voltadas à política, economia e educação, tanto na visão global quanto na regional. No capítulo 2, procuramos observar o meio interno da instituição, principalmente pela figura central de seu projeto educacional: o professor Paulo dos Santos, apresentando as questões relativas a suas práticas. No capítulo 3, continuamos a apresentar as questões mais relevantes ao contexto interno do Educandário, visando responder ao que nos propomos com relação à parte legal e institucional.

Tendo em vista estas considerações, encontradas durante a pesquisa, o mergulho nas fontes não nos possibilitou todas as respostas e também ocasionou a formação de outras questões relevantes, que nos permitiram novas reflexões, entre hipóteses e lacunas. Dentre elas, perguntamo-nos sobre o porquê da luta da UMEI ao instalar e manter um curso ginásial gratuito, tendo o cuidado de não doá-lo ao Estado, sendo que o curso primário instalado em suas dependências era estadual, sendo sua diretora nomeada pelo governador Magalhães Pinto, em 1958. Seria pela necessidade de se experienciar a proposta educativa, tornando a escola mais livre para a assimilação ou não dos pressupostos confessionais a que a UMEI se orientava? E se haviam professores voluntários não espíritas na instituição, qual mecanismo os movia ao trabalho? Seria o voluntariado uma expressão já tão significativa entre as décadas de 1950 e 1960? Por que o professor Paulo dos Santos, contabilista já instalado na cidade de Uberaba com firma própria, desenvolvendo trabalhos de instalação de escolas naquela região, ocorreu ao pedido da inspetora seccional do ensino federal e mudou-se para Ituiutaba, assumindo uma escola onde trabalhou como voluntário por 13 anos? Seria pela possibilidade que a cidade poderia oferecer a ele em outros aspectos? Pois Ituiutaba, naquele momento, era considerada o *el dorado* dos investimentos financeiros da região. Ou seria para expressar, em sentido de contribuição, a religião a que se ligava? O Conselho Diretor e o professor Paulo dos Santos possuíam contato com outras instituições educativas espíritas? Quais as influências educativas mais diretas que a instituição recebeu além da direção de Paulo dos Santos e dos fundamentos espíritas?

Fazendo também outras análises ao término da pesquisa, verificamos a dificuldade que encontramos em meio às variadas fontes para mantermos o distanciamento necessário a fim de perceber a movimentação social havida na instituição escolar investigada. A proximidade do objeto pode ofuscar a visão do pesquisador. E, nesse caso, quer por residir na mesma cidade, quer por encontrar vestígios e atores inseridos, em sua maioria, em seguimentos



sociais de destaque, ainda levando os resultados dessa experiência em sua prática, (re)significando-os no presente, uma postura sedutora poderá surgir. Também percebemos que uma investigação maior, quanto aos docentes, poderia ter respondido a outras questões. Na tentativa de compreender a formação e a formação continuada desses professores, aumentaríamos o campo para visualização da experiência educativa desenvolvida no Educandário. Também a destinação dos alunos, após sua formação, poderia ter sido motivo de outras investigações, explorando novas singularidades e oportunizando um aprofundamento mais abrangente quanto à função social da escola e suas possibilidades.

Mas, como lançamos a tese no início dessas considerações, a pesquisa não está acabada, havendo ainda inúmeras possibilidades de investigações outras, cabendo novas entradas nessa experiência educativa. Assim, julgamos relevante a pesquisa realizada, principalmente, por ter sido a primeira, com relação ao objeto, pois este nem sequer figurou nas outras quatro dissertações encontradas sobre as instituições educativas de Ituiutaba. Torna-se uma contribuição à história da educação local, quer por apresentar uma experiência inédita, quer por contribuir com resultados importantes quanto à escolarização de Ituiutaba entre as décadas 1950 e 1970, quando a cidade era intitulada “capital do arroz”.

Na globalidade, além do fato já apresentado, de que a instalação dessa escola contribuiu para a vulgarização de um ensino mais propedêutico no país, acompanhando um movimento nacional de pressão pela implantação da escola pública, a pesquisa apresenta o funcionamento de uma instituição escolar confessional espírita, objeto raro em meio à predominância de instituições católicas pesquisadas na atualidade, e poderá contribuir para diversas análises sobre estas mesmas instituições na busca da (re)construção historiográfica dessas experiências.



## REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução Alfredo Bosi e Ivone Castilho Benedetti. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ARANTES, Hércio Marcos Cintra (Org.). **Notáveis reportagens com Chico Xavier**. Rio de Janeiro: IDE, 2002.

ARÓSTEGUI, Julio. **A pesquisa histórica: teoria e método**. Tradução de Andréa Dore. Bauru: EDUSC, 2006.

BIGHETO, Alessandro César. **Eurípedes Barsanulfo. Um educador de vanguarda na Primeira República**. Bragança Paulista: Ed. Comenius, 2006.

BRANT, Celso (org.). **Revista Acaíaca**. Rio de Janeiro: Ed. Pernambuco; Belo Horizonte: Ed. Acaíca. 1953. p. 174 e 175.

BRASIL. Decreto-Lei nº 4.244, de 9 de abril de 1942. Lei Orgânica do Ensino Secundário. [www.soleis.adv.br](http://www.soleis.adv.br), acesso em 20 de mar. 2008.

BRASIL. Constituição (1946). Constituição dos Estados Unidos do Brasil. Promulgada a 18 de setembro de 1946. In: Fávero Osmar (org). **A educação nas constituintes brasileiras 1823-1988**. 3ª ed. São Paulo: Autores Associados, 2005.

BRETTAS, Anderson Cleyton Ferreira. **Eurípedes Barsanulfo e o Colégio Allan Kardec: capítulos de história da educação e a gênese do Espiritismo nas terras do Alto Paranaíba e Triângulo Mineiro (1907/1918)**. Dissertação (Mestrado em Educação). Uberlândia, UFU, 2006.

BUENO, Isabel; XAVIER, Francisco Cândido. **Uma vida de amor e caridade**. Belo Horizonte: Fonte Viva, 1992.

BUFFA, Ester. Práticas e fontes de pesquisa em história da educação. In: GATTI JR., Décio, INÁCIO FILHO, Geraldo (orgs.). **História da Educação em perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações**. Campinas: Autores Associados; Uberlândia: Minas Gerais. EDUFU, 2005.

\_\_\_\_\_. **Ideologias em conflito: escola pública e escola privada.** São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

BUFFA, Ester; NOSELLA, Paolo. **A educação negada: introdução ao estudo da educação brasileira contemporânea.** Coleção biblioteca da educação. Série I. Escola; v. 17. São Paulo: Cortez Editora, 1991. p. 105 – 116.

\_\_\_\_\_. As pesquisas sobre instituições escolares: o método dialético marxista de investigação. **EccoS – Revista Científica**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 351 – 368, jul./dez. 2005.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia.** Tradução de Álvaro Lorencini. 3ª ed. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

CANDIDO, Antonio. A estrutura da escola. In PEREIRA, Luiz & FORACCHI, Marialice M. (orgs.) **Educação e sociedade (leituras de sociologia da educação).** 9ª ed. São Paulo: Editora Nacional, 1978, p. 107-128.

CARDOSO, Rogério Ribeiro. **Filosofia Espírita da educação na formação de educadores: desafios e contribuições.** Monografia. UFU, 2006.

CARVALHO, Carlos Henrique de. A História Local e Regional: dimensões possíveis para os estudos históricos-educacionais. **Cadernos de História da Educação**, Uberlândia, n.6, p. 51-70, jan. a dez. 2007.

CHAVES, Petrônio Rodrigues. **O vale da fartura.** Ituiutaba: Edição do autor, 1985.

CHAVES, Eduardo O. C; O liberalismo na política, economia e sociedade e suas implicações para a educação: uma defesa. In: LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luís (orgs.) **Liberalismo e educação em debate.** Coleção Educação Contemporânea. Campinas: Autores Associados, HISTEDBR, 2007. p. 1 a 60.

COSTA, Maurício A. **A ação dos Estigmatários em Ituiutaba, MG.** Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). UCG. Goiânia, 2003.

DICIONÁRIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS. SILVA, Benedicto. Rio de Janeiro: Ed. Da Fundação Getúlio Vargas (FGV), 1986.

DICIONÁRIO DE ÉTICA E FILOSOFIA MORAL. SPERDER, Monique Canto. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.

ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS, XXV volume, Rio de Janeiro, 1959.

FÁVERO, Osmar (org) **A educação nas Constituições Brasileiras: 1823-1988**. Coleção Memória da Educação. 3ª ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

FEITAL, Renata; SIMÕES, Pedro. A ‘questão social’ e suas alternativas. In: NUNES, Beatriz Helena P. Costa (Org.). **Em torno de Rivail: o mundo em que viveu Allan Kardec**. Bragança Paulista: Lachâtre, 2004, p. 163 a 192.

FELIPPE, Gil; MACEDO, Maria do Carmo Duarte. **Amaro Macedo o Solitário do Cerrado: um naturalista dos nossos dias**. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.

FERREIRA, Ana Emília Cordeiro Souto. **Da centralidade da infância na modernidade à sua escolarização: a Escola Estadual João Pinheiro, Ituiutaba (MG)**. Dissertação de Mestrado em Educação. 209 p. Uberlândia, UFU, 2007.

FONSECA, Thaís Nívia de Lima e. **A exteriorização da escola e a formação do cidadão no Brasil (1930-1960)**. Educação em Revista, Belo Horizonte, n. 41, p. 43-57, jun. 2005.

FRATTARI NETO, Nicola José. **A construção do Educandário Ituiutabano (1954-1958)**. Monografia. UEMG. 2006.

GATTI JR., Décio; PESSANHA, Eurize Caldas. História da Educação, instituições e cultura escolar: conceitos, categorias e materiais históricos. In: GATTI JUNIOR, D; INÁCIO FILHO, G. **História da Educação em perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações**. Campinas: Autores Associados; Uberlândia: EDUFU, 2005. p. 71 – 90.

HOBBSAWM. Eric J. **A era do capital 1848-1875**. 11ª ed. São Paulo: Ed. Paz e Terra S/A, 2005.

IBGE. Censo Demográfico, 1940.

IBGE. Censo Demográfico, 1950.

IBGE. Censo Demográfico, 1960.

INCONTRI, Dora. **Pedagogia Espírita: um projeto brasileiro e suas raízes**. Bragança Paulista: Editora Comenius, 2004.

JORGE, Marcial Reges. **Gurinhata, a história de um tempo**. Birigui: Cartonagem Jofer Ltda, 1989.

KARDEC, Allan. **Obras Póstumas**. Tradução de Sylvia Mele Pereira da Silva. São Paulo. Editora LAKE, 1978.

\_\_\_\_\_. **O Livro dos Espíritos**. Tradução Salvador Gentile. 152ª ed. Araras: IDE, 2004.

\_\_\_\_\_. **O que é o Espiritismo**. Edição Especial. São Paulo: Livraria Allan Kardec Editora. 1966.

\_\_\_\_\_. **Caracteres da revelação espírita**. Tradução Dafne R. Nascimento. São Paulo: Edições FEESP, 1979.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. O óbvio e o contraditório da roda. In: DEL PRIORE, Mary (Org.) **História da criança no Brasil**. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 1996. p. 98 – 111.

LEWGOY, Bernardo. O sincretismo invisível: um olhar sobre as relações entre catolicismo e espiritismo no Brasil. In: ISAIA, Artur César (org.) **Orixás e espíritos: o debate interdisciplinar na pesquisa contemporânea**. Uberlândia: EDUFU. 2006. p. 209 – 224.

LISBOA, Alessandra C; Kerr, Dorotéia M. Villa-Lobos e o canto orfeônico: análise de discursos nas canções e cantos cívicos. **Anais do Décimo Quinto Congresso da ANPPOM**, Porto Alegre, p. 415 – 422. Trabalho apresentado no XV Congresso da ANPPOM, Porto Alegre, 2005.

LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luís (orgs.) **Liberalismo e educação em debate**. Coleção Educação Contemporânea. Campinas: Autores Associados, HISTEDBR, 2007.

LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. **A Igreja Católica no Brasil República: cem anos de compromisso (1889-1989)**. São Paulo: Edições Paulinas. 1991.

MAGALHÃES, Justino. Um apontamento metodológico sobre a história das instituições educativas. In: SOUSA, Cynthia Pereira de & CATANI, Denice Bárbara (orgs.) **Práticas educativas, culturas escolares, profissão docente**. São Paulo, Escrituras. 1998. p. 51 – 69.

MALUF, Maria Gertrudes Coelho. **Foi assim...** Ituiutaba: S/E, 1992.

MENEZES, Bethânia Alves de. **O mito de Chico Xavier: usos, apropriações e sedução do simbólico em Uberaba/MG**. Dissertação de Mestrado em Geografia, UFU, Uberlândia, 2006.

MONTEIRO, Eduardo Carvalho. **Anália Franco: a grande dama da educação brasileira**. São Paulo: Madras, 2004.

MORAES, Vera Cruz de Oliveira. **Tudo pela pátria: a história do “Instituto Marden” (1933-1942)**. Dissertação de Mestrado em Educação, UFU. Uberlândia. 2004.

NISBET, Robert A. **História da idéia de progresso**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1985.

NOVELINO, Corina. **Eurípedes, o homem e a missão**. 18ª ed. Araras: IDE, 2007.

OLIVEIRA, Lúcia Helena Moreira de Medeiros. **História e memória educacional: o papel do Colégio Santa Teresa no processo escolar de Ituiutaba, Triângulo Mineiro, MG (1939-1942)**. 149 p. Dissertação de Mestrado em Educação. UFU. Uberlândia. 2003.

OLIVEIRA, Romualdo Portela de. A educação na Assembléia Constituinte de 1946. In: Fávero, Osmar (Org.) **A educação nas constituintes brasileiras 1823-1988**. 3ª ed. Campinas: Autores Associados, 2005. p. 153 – 190.

PALHANO JÚNIOR, L. **Dicionário de Filosofia Espírita**. 2ª ed. Rio de Janeiro: CELD, 2004.

PIRES, Herculano. **Arigó: vida, mediunidade e martírio**. 4ª ed. Capivari: Editora EME, 1998.

\_\_\_\_\_. **Curso dinâmico de Espiritismo: o grande desconhecido**. 2ª ed. São Paulo: Ed. Paidéia, 1982.

RÉMOND, René. **O século XIX – 1815-1914**. Coleção Introdução à história de nosso tempo. V. 2. São Paulo: Ed. Cultrix, 1974.

RIBEIRO, Maria Luiza Santos. **História da Educação Brasileira: a organização escolar**. 12ª ed. São Paulo: Cortez; Campinas: Autores Associados, 1992.

RIBEIRO, Betânia de Oliveira Laterza; SILVA, Elizabeth Farias da. **Primórdios da escola pública republicana no Triângulo Mineiro**. Ituiutaba: EGIL, 2003.

RIVAIL, Hippolyte Leon Denizard. **Textos pedagógicos**. Coleção Clássicos da Educação. Tradução Dora Incontri. 2ª ed. Jundiaí: Editora Comenius, 1999.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil (1930/1973)**. 29ª ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo: uma religião brasileira**. Coleção Polêmica. São Paulo: Moderna, 1997.

SAVIANI, Dermeval. Instituições escolares: conceito, história, historiografia e práticas. **Cadernos de História da Educação**, Uberlândia, n. 4, p. 27-34, jan. a dez. 2005.

\_\_\_\_\_. **A nova lei na educação: LDB, trajetória, limites e perspectivas**. 5ª ed. Campinas: Editora Autores Associados, 1999.

SILVA, Raquel Marta da. Chico Xavier: um bem simbólico nacional? Uma análise sobre a construção do imaginário espírita uberabense. In: ISAIA, Artur César (Org.) **Orixás e espíritos: o debate interdisciplinar na pesquisa contemporânea**. Uberlândia: EDUFU, 2006, p. 241 – 262.

SILVA, Fábio Luiz da. **Espiritismo: história e poder (1938-1949)**. Londrina: EDUEL, 2005.

SILVA, Ângela Maria; PINHEIRO, Maria Salete de Freitas; FRANÇA, Maira Nani. **Guia para normalização de trabalhos técnico-científicos: projetos de pesquisa, trabalhos acadêmicos, dissertações e teses**. 5ª Ed. Uberlândia: EDUFU, 2005.

SOUZA, Hebe Laghi de. **Darwin e Kardec: um diálogo possível**. Campinas: CEAK Dep. Editorial, 2002.



TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Tradução Francisco Pereira. 6ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

VICENTINI, Paula Perín. A profissão docente no Brasil: sindicalização e movimentos. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara (orgs). **Histórias e memórias da educação no Brasil**. Vol. III – Século XX. Petrópolis: Editora Vozes, 2005, p. 336.

XAVIER, Francisco Cândido. **Brasil coração do mundo, pátria do evangelho**. 24ª ed. Brasília: FEB, 1999.

XAVIER, Maria Elizabete; RIBEIRO, Maria Luiza; NORONHA, Olinda Maria. **História da Educação: a escola no Brasil**. São Paulo: FTD, 1994.

ZOTTI, Solange Aparecida. **Sociedade, educação e currículo no Brasil: dos jesuítas aos anos de 1980**. Campinas: Autores Associados; Brasília: Editora Plano, 2004.

#### SITE

[http://www.uniube.br/memorial/quem\\_foi.php](http://www.uniube.br/memorial/quem_foi.php) acesso em 29 set 2006.



## FONTES DOCUMENTAIS

ABRAÃO, Antonio, resposta aos mascarados da União Espírita de Ituiutaba. **Jornal Folha de Ituiutaba**, Ituiutaba, 5 fev. 1958. p. 2.

AQUINHOADO o município com um ginásio gratuito. **Jornal Folha de Ituiutaba**, Ituiutaba, 3 mai. 1953. p. 1.

CÂMARA DOS VEREADORES. **Ata da reunião realizada no dia 15 de fev. de 1967**. Ituiutaba, 1967. Livro entre 25-06-65 até 04-09-67, p. 122.

CÂMARA DOS VEREADORES. **Ata da reunião realizada no dia 13 fev. de 1959**. Ituiutaba, 1959. Livro entre 24-01-58 até 02-06-60, p. 38.

CÂMARA DOS VEREADORES. **Ata da reunião realizada no dia 18 fev. de 1959**. Ituiutaba, 1959. Livro entre 24-01-58 até 02-06-60, p. 40.

CÂMARA DOS VEREADORES. **Ata da reunião realizada no dia 26 mai. de 1955**. Ituiutaba, 1955. Livro de 31-01-55 até 20-12-57, p. 22.

CÂMARA DOS VEREADORES. **Ata da reunião realizada no dia 31 jul. de 1957**. Ituiutaba, 1957. Livro de 31-01-55 até 20-12-57, p. 165.

CÂMARA DOS VEREADORES. **Ata da reunião realizada no dia 31 mai. de 1955**. Ituiutaba, 1955. Livro de 31-01-55 até 20-12-57, p. 24 e 25.

CRECHE ESPÍRITA JOSEFINA DE MAGALHÃES. **Histórico**. Ituiutaba, 200?. Arquivo da Creche Espírita Josefina de Magalhães.

EDUCANDÁRIO ITUIUTABANO. **Atas de provas parciais do Ginásio do Educandário Ituiutabano entre 1958 e 1961**. Ituiutaba, 1958. Livro 1, p. 01 até 18.

EDUCANDÁRIO ITUIUTABANO. **Processo de abertura do Ginásio do Educandário Ituiutabano**. Ituiutaba, 1957. Arquivo da Superintendência Regional de Ensino de Ituiutaba.

EDUCANDÁRIO ITUIUTABANO. **Registro geral de imóveis: escritura de compra e venda**. Ituiutaba, 1955. Arquivo da Superintendência Regional de Ensino de Ituiutaba.

EDUCANDÁRIO ITUIUTABANO. **Relatórios anuais do Ginásio do Educandário Ituiutabano**, 1958 até 1974. Arquivo: Superintendência Regional de Ensino de Ituiutaba, Minas Gerais.

ESCOLA ESTADUAL ISRAEL PINHEIRO. **Projeto Político Pedagógico**. Ituiutaba, 2007. Arquivo da Escola Estadual Israel Pinheiro.

ESCOLA MUNICIPAL DE 1º E 2º GRAUS MACHADO DE ASSIS. **Projeto Político Pedagógico**. Ituiutaba, 2007. Arquivo da Escola Municipal de 1º e 2º Graus Machado de Assis.

GRÊMIO ESTUDANTIL BERNARDO GUIMARÃES. **Ata da reunião do dia 15 mar. de 1958**. Ituiutaba, 1958. Livro 1.

ITUIUTABA reivindica um colégio estadual. **Jornal Folha de Ituiutaba**, Ituiutaba, 12 mai. 1956, p. 1.

ITUIUTABA reivindica um colégio estadual. Uma carta da União da Mocidade Espírita local. **Jornal Folha de Ituiutaba**, Ituiutaba, 26 mai. 1956. p. 1.

NO PRÓXIMO dia 9 a inauguração do Educandário Ituiutabano. **Jornal Folha de Ituiutaba**, Ituiutaba, 1 fev. 1958, p. 1.

SANTOS, Paulo, ainda o Educandário Ituiutabano em foco. **Jornal Cidade de Ituiutaba**, Ituiutaba, 10 fev. 1974, p. 8.

SANTOS, Paulo, instrução e educação 1ª parte. **Jornal Folha de Ituiutaba**, Ituiutaba, 2 set. 1967, p. 5.

SANTOS, Paulo, instrução e educação 2ª parte. **Jornal Folha de Ituiutaba**, Ituiutaba, 16 out. 1967, p. 11.

SANTOS, Paulo. **Quando eu morrer...** (mímio) Belo Horizonte, Minas Gerais. 1979.

UNIÃO DA MOCIDADE ESPÍRITA DE ITUIUABA. **Estatuto**. Ituiutaba, 1955. Arquivo da Superintendência Regional de Ensino de Ituiutaba.

## **ENTREVISTAS**

ALECRIM, Lazara Nunes. Ituiutaba/MG, 16/09/2007, 1 fita cassete (60 min). Entrevista concedida ao pesquisador.

CLAUDINO, Nauri Sônia Melo. Ituiutaba/MG, 17/04/2008, 1 fita cassete (60 min). Entrevista concedida ao pesquisador.

COELHO, Sebastião Benedito Faria. Ituiutaba/MG, 23/01/2008, 1 fita cassete (60 min). Entrevista concedida ao pesquisador.

D'AVILA, Ângelo Tibúrcio. Brasília/DF, 21/11/2006, 1 fita cassete (60 min). Entrevista concedida ao pesquisador.

DAMACENO, João Batista. Ituiutaba/MG, 27/08/2006, 1 fita cassete (60 min). Entrevista concedida ao pesquisador.

FRATARI, Eurípedes Luiz. Ituiutaba/MG, 11/10/2007, 1 fita cassete (60 min). Entrevista concedida ao pesquisador.

JORGE, Marcial Reges. Gurinhatã/MG, 18/01/2008, 1 fita cassete (60 min). Entrevista concedida ao pesquisador.

LIMA, João Raimundo. Gurinhatã/MG, 18/01/2008, 1 fita cassete (60 min). Entrevista concedida ao pesquisador.

MACHADO, Jerônima Alves dos Santos. Ituiutaba/MG, 22/04/2008, 1 fita cassete (60 min). Entrevista concedida ao pesquisador.

MELO, Ana Maria Pereira dos Santos. Ituiutaba/MG, 29/09/2008, 1 fita cassete (60 min). Entrevista concedida ao pesquisador.

PASSES, Édén Luz. Ituiutaba/MG, 12/04/2008, 1 fita cassete (60 min). Entrevista concedida ao pesquisador.

SANTOS, Júlio Pereira dos. Uberaba/MG, 13/11/2007, 1 fita cassete (60 min). Entrevista concedida ao pesquisador.

SANTOS, Dionísio Pereira dos. Franca/SP, 23/06/2008, 1 fita cassete (60 min). Entrevista concedida ao pesquisador.

SERRA, Rute Ceverina. Uberlândia/MG, 05/01/2008, 1 fita cassete (60 min). Entrevista concedida ao pesquisador.

### **INFORMAÇÃO VERBAL**

Gonçalves, Ivone. Ituiutaba, 2008.

Marques, Regina. Ituiutaba, 2009.

Senhora X. Ituiutaba, 2007.

Senhora Z. Ituiutaba, 2008.

# APÊNDICE

## ROTEIROS PARA ENTREVISTAS

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>1. EX-ALUNOS DO EDUCANDÁRIO ITUIUTABANO</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| <b>IDENTIFICAÇÃO</b><br>Nome<br>Data e local de nascimento<br>Endereço completo<br>Formação acadêmica<br>Profissão atual<br>Orientação religiosa                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| <b>BLOCO 1</b><br>Qual o período em que você se manteve ligado (matriculado ou não) ao Educandário Ituiutabano?<br>Qual ou quais os cursos que fez lá?<br>Quais as lembranças mais marcantes daquele período?<br>Como era o funcionamento da escola?<br>Como eram as aulas? Havia aulas diferentes das demais escolas?<br>Participou de projetos ou ações extrassala de aula?<br>O que poderia nos contar sobre os professores e suas práticas?<br>O que havia no Educandário que se diferenciava das outras escolas?<br>O que poderia nos relatar sobre o grêmio estudantil?<br>E sobre a família? A direção da escola se empenhava em manter a família lá?<br>Como os alunos de outras escolas viam o Educandário? Já sentiu preconceito por estudar lá?<br>Você sabia da existência de um conselho diretor na escola? E sobre seus fundadores, a UMEI?<br>Como era a atuação de Paulo dos Santos na escola como diretor? E como professor? O que Paulo dos Santos representava para os alunos? Como era a atuação de Paulo dos Santos com relação às famílias fora da escola?<br>Dentro da escola havia alguma disciplina ministrada sobre religião? Havia alguma forma de pregação religiosa? Havia discriminação religiosa? |

|                                                                       |
|-----------------------------------------------------------------------|
| <b>2. EX-FUNCIONÁRIOS E EX-PROFESSORES DO EDUCANDÁRIO ITUIUTABANO</b> |
|-----------------------------------------------------------------------|

|                      |
|----------------------|
| <b>IDENTIFICAÇÃO</b> |
|----------------------|

Nome

Data e local de nascimento

Endereço completo

Formação acadêmica

Profissão atual

Orientação religiosa

|                |
|----------------|
| <b>BLOCO 1</b> |
|----------------|

Qual o período em que se manteve ligado ao Educandário Ituiutabano?

Qual a função que desempenhou enquanto esteve por lá? Se professor, qual a disciplina lecionada?

Qual a forma de contrato legal que havia? E sobre o pagamento dos salários?

Como eram desenvolvidas as aulas? Estavam sobre a orientação de um projeto maior da escola?

Como era o apoio recebido da escola para desenvolver seu trabalho?

Como era a organização escolar?

O que poderia nos relatar sobre as práticas educativas desenvolvidas na escola?

Qual sua relação com Paulo dos Santos? Como era Paulo dos Santos com os professores e funcionários da escola?

Como era a atuação de Paulo dos Santos dentro e fora da instituição, com os alunos e as famílias?

Você sabia da existência de um conselho diretor na escola? Como era a atuação desse conselho no Educandário?

O que um professor deveria possuir para ministrar aulas no Educandário Ituiutabano?

Dentro da escola havia alguma disciplina ministrada sobre religião? Havia alguma forma de pregação religiosa? Havia discriminação religiosa?

Os professores ou funcionários necessitavam declarar sua crença religiosa? Havia necessidade de se tornarem espíritas?



### 3. FAMILIARES E AMIGOS DE PAULO DOS SANTOS

#### IDENTIFICAÇÃO

Nome

Data e local de nascimento

Endereço completo

Formação acadêmica

Profissão atual

Orientação religiosa

#### BLOCO 1

Se familiar, qual o grau de parentesco com Paulo dos Santos?

Qual o período em que conviveu com ele?

Quais as localidades onde conviveu com Paulo dos Santos?

O que poderia nos dizer sobre a trajetória desse professor? Quais os fatos que poderia nos relatar sobre sua vida?

Como era sua personalidade?

O que poderia nos relatar sobre a formação educacional de Paulo dos Santos?

Quais eram suas preocupações com relação à educação?

Quando foi que Paulo dos Santos veio para Ituiutaba?

Ele mantinha ligação com partidos políticos, maçonaria ou outras ordens, políticas ou religiosas?

Sabe se apoiava deputados, vereadores e ou prefeitos?

Qual era sua religião?

Como era sua atuação perante a sociedade, fora do Educandário? E dentro da instituição?

Como Paulo dos Santos percebia os alunos e as famílias?

Como Paulo dos Santos sobrevivia financeiramente? Recebia pagamento do Educandário?

Como a sociedade via Paulo dos Santos?

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>4. MEMBROS DA UMEI E FUNDADORES DO EDUCANDÁRIO</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| <p><b>IDENTIFICAÇÃO</b></p> <p>Nome</p> <p>Data e local de nascimento</p> <p>Endereço completo</p> <p>Formação acadêmica</p> <p>Profissão atual</p> <p>Orientação religiosa</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| <p><b>BLOCO 1 – SOBRE A UNIÃO DA MOCIDADE ESPÍRITA DE ITUIUTABA (UMEI)</b></p> <p>O que representava a UMEI para sociedade ituiutabana no período?</p> <p>Como era a organização desta entidade?</p> <p>Com que finalidade foi criada?</p> <p>Como se tornou um integrante da UMEI? Qual sua função na diretoria?</p> <p>Como a UMEI decidiu criar o Educandário Ituiutabano?</p> <p>Quem foram os integrantes que tomaram a frente deste projeto?</p> <p>Onde os jovens da UMEI se reuniam? Como eram organizadas estas reuniões e com qual objetivo?</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| <p><b>BLOCO 2 – PROCESSO DE CRIAÇÃO E CONSTRUÇÃO DO EDUCANDÁRIO ITUIUTABANO</b></p> <p>Como foi a organização da documentação para abertura da escola?</p> <p>Como estava o sistema educacional de Ituiutaba, no momento da criação do Educandário?</p> <p>Como foram as campanhas desenvolvidas em prol da construção do Educandário?</p> <p>A escola sofreu preconceito religioso no período de sua construção? Como a sociedade tijucana aceitou a movimentação em torno da construção de uma escola idealizada pelos espíritas?</p> <p>Houve ajuda federal, estadual ou municipal?</p> <p>A quem a escola estava destinada a atender?</p> <p>Somente os espíritas ajudaram na construção?</p> <p>Como foi feita a solenidade de Lançamento da Pedra Fundamental? Como foi feita a solenidade de Inauguração do prédio da escola? Como foi feita a Aula Inaugural?</p> <p>Como foi feita a seleção e a matrícula dos primeiros alunos? Todas as famílias podiam matricular seus filhos livremente?</p> <p>Como foi feita a contratação dos primeiros professores e funcionários? Como era feita a remuneração dos professores? Como conseguiam material descartável e permanente para o funcionamento e manutenção da escola?</p> |